Dr. Laurence B. Brown

DESVIADOS?

UM ROTEIRO DE ORIENTAÇÃO E DE DESORIENTAÇÃO DENTRO DAS RELIGIÕES ABRAÂMICAS

Todas as citações bíblicas, salvo indicação em contrário, são retiradas da Versão Nova de King James. Direitos reservados © 1982 por Thomas Nelson, Inc.

Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Citações bíblicas marcadas com "JFAA" neste documento são da Bíblia de João Ferreira de Almeida Atualizada, Direitos reservados © 2009.

Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Tradução: Cláudia Sofia Simões
Revisão: Letícia Gouvêa

Direitos reservados © 2007 Dr. Laurence B. Brown

Todos os direitos reservados.

ISBN: 1-4196-8148-6

ISBN-13: 978-1419681486

PARA

OS AMANTES DA VERDADE,

OS

AMIGOS DO QUESTIONAMENTO LIVRE;

PARA AQUELES QUE SE ATREVEM,

À FACE DE ESTABELECIMENTOS DE IGREJA,

DE

DENÚNCIAS ORTODOXAS,

E DE

CRISTÃOS INDIFERENTES E CUMPRIDORES,

A PROFESSAR ABERTAMENTE

O QUE CRÊEM SER VERDADEIRO:

ESTE VOLUME LHES FOI INSCRITO.

Dedicação pelo editor de:

Um Inquérito sobre os Pareceres dos Escritores Cristãos dos Primeiros Três Séculos sobre a Pessoa de Jesus Cristo.

por Gilbert Wakefield, B. A., 1824

- A Oração da Paz de São Francisco –

Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz;

Onde houver ódio, que eu leve o amor;

Onde houver discórdia, que eu leve a união;

Onde houver dúvidas, que eu leve a fé;

Onde houver erros, que eu leve a verdade;

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;

Onde houver desespero, que eu leve a esperança;

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar, que ser consolado;

Compreender, que ser compreendido;

Amar, que ser amado;

Pois é dando que se recebe;

É perdoando, que se é perdoado;

E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Índice

- Notas sobre Fontes Bíblicas e Traduções - 5
- Introdução - 7

PARTE I: MONOTEÍSMO 13
1 – Judaísmo 14
2 – Cristianismo 16
3 – Islam: Parte 1 21
4 – Islam: Parte 2 28

PARTE II: ENTENDENDO E ABORDANDO DEUS 39
1 – O Nome de Deus 40
2 – O Nome de Deus e o Plural Majestático 47
3 – Entendendo Deus 50

PARTE III: DIFERENÇAS DOUTRINAIS 55
1 – Unitários vs. Trinitários 57
2 – Jesus Cristo 66
3 – Palavra de Deus 70
4 – Messias (Cristo) 73
5 – Conceção Virginal 79
6 – Jesus Gerado? 81
7 – Jesus Cristo: Filho de Deus? 88
8 – A Trindade 107
9 – Divindade de Jesus? Uma Investigação 131
10 – Divindade de Jesus? As "Evidências" 150
11 – Espírito Santo 170
12 – Crucificação 177
13 – Cordeiro de Deus 191
14 – Pecado Original 194
15 – Expiação 197
16 – O Regresso de Jesus 205

Parte IV: LIVROS DE ESCRITURA 210
1 – O Antigo Testamento 213
2 – O Novo Testamento 227
3 – Inconsistências Dentro do Novo Testamento: Parte 1 239
4 – Inconsistências Dentro do Novo Testamento: Parte 2 254
5 – Problemas com o Cânone do Novo Testamento 261
6 – O Antigo Testamento apoia o Novo Testamento que apoia o Alcorão Sagrado 270
Conclusão 279
Apêndice: A Metodologia de *Ahadith* 281
Bibliografia 285

Notas Finais 293

- Notas sobre Fontes Bíblicas e Traduções -

As citações bíblicas no trabalho seguinte, salvo indicação em contrário, são retiradas da Versão Nova de King James. A razão para a seleção desta versão da Bíblia não diz respeito ao grau de fidelidade bíblica, o que é discutível, mas sim à popularidade do texto. Em países de língua inglesa, a edição de 1611 da Versão King James é a tradução mais lida da Bíblia. A *Nova* Versão do King James (NVKJ) cresceu de um esforço para tornar a tradução de 1611 mais acessível aos leitores modernos, deixando o*sois* e o*vós* de lado. Infelizmente, pouco esforço tem sido feito para reconciliar as diferenças entre a versão de 1611 do King James e os códices Sinaiticus e Vaticanus, que foram descobertos em 1800 e contêm os manuscritos mais antigos e de maior autoridade do Novo Testamento encontrados até a este momento. Além disso, "a maioria dos exemplares importantes dos evangelhos gregos foram 'descobertos' - a maioria em museus, mosteiros e arquivos da Igreja - nos séculos XIX e XX."[1] Agora que estes textos estão disponíveis, podia-se, razoavelmente, esperar para ver a sua influência sobre as traduções mais modernas da Bíblia. Este não é o caso na Versão Nova de King James, que mantém versos e passagens em conflito com os manuscritos mais antigos e respeitados do Novo Testamento. Consequentemente, embora este livro cite predominantemente a Versão Nova de King James, no interesse de satisfazer a maioria protestante do Cristianismo ocidental, uma versão complementar é utilizada quando é necessária maior precisão escolástica.

A Nova Versão Padrão Revisada (NVPR) preenche esta lacuna. Como a sua antecessora, a Versão Padrão Revisada (VPR), a NVPR é uma colaboração ecuménica, que se reflete nas suas três edições protestantes, católicas romanas e ortodoxas orientais separadas. Mais importante, a NVPR reflete erudição bíblica moderna, até então indisponível. Na verdade, a poeira mal tinha

sido soprada dos Manuscritos do Mar Morto quando a tradução VPR do Antigo Testamento foi publicada em 1946. Por estas razões, a NVPR efetivamente substituiu a Versão Padrão Revisada e goza da mais ampla aceitação de todas as traduções da Bíblia.

Citações da *Bibliografia Mundial de Traduções dos Significados do Alcorão Sagrado* (daqui para frente OSA), salvo indicação em contrário, são retiradas de *O Nobre Alcorão*, tradução do Dr. Helmi Nasr, tendo em conta que algumas explicações de outras traduções (como a de Sahih International e a de Muhammad Al-Hilali e Muhammad Khan) podem ser utilizadas, para chegar a um texto mais preciso.

Para aqueles que questionam o uso de várias traduções, deve-se dizer que nenhuma língua, e mais especialmente uma tão complexa como a árabe, pode ser traduzida com precisão absoluta. Como o orientalista e tradutor Alfred Guillaume afirmou: "O Alcorão é um dos clássicos do mundo que não pode ser traduzido sem perda severa."[2] Esta opinião é ecoada por A. J. Arberry, tradutor e autor de *O Alcorão Interpretado*: "Eu admito a relevância da visão muçulmana ortodoxa... de que o Corão é intraduzível."[3]

Daí a necessidade de múltiplas traduções do Alcorão, pois nenhuma tradução única, e alguns diriam nenhuma coleção de traduções, poderá transmitir adequadamente o significado do original.

- Introdução -

"Onde devo começar, por favor, Vossa Majestade?", perguntou ele.

"Comece pelo começo", disse o rei, gravemente, *"e vá em frente até chegar ao fim: depois pare."*

- Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas

Nas últimas décadas, assistimos a uma ampla mudança na sociedade no que diz respeito aos valores pelo qual a verdade e qualidade são medidas. Nas suas casas e locais de trabalho para centros comunitários e prefeituras, os nossos antepassados discutiam temas de profundidade e importância, as questões vitais como a ética política, costumes sociais e os limites práticos da ciência, leis e religião. Indo mais à frente para o mundo moderno, as conversas geralmente concentram-se em relacionamentos, dinheiro, desporto e entretenimento. Considerando que as gerações anteriores passavam noites em fóruns de discurso, análise e intercâmbio intelectual, a maioria dos cidadãos de hoje estão sujeitos a horas vazias de lavagem cerebral da mídia por esse mestre da hipnose, a televisão.

Os resultados podem ser observados em todos os aspetos da vida moderna. A arte de vender tem vindo a depender menos da análise factual do que da forma estilizada. Cargos

políticos não são vencidos e perdidos com base em qualidades de liderança, consciência social e exemplo moral, mas em tirar fotos e frases de efeito. Notícias, tanto locais como internacionais, são "giradas" para satisfazer as agendas sociais e políticas, mais do que transmitir eventos como eles realmente ocorreram.

Hoje em dia o público em geral é menos dependente de fatos e muito mais influenciado por manobras emocionais, mesmo quando falsas. Em nenhum lugar isso é mais evidente do que na religião, onde as crenças de bilhões foram mais influenciadas pela mídia do que pela sua própria escritura. A imagem de Moisés retratado no filme de animação, *O Príncipe do Egito*, substitui a imagem mental de gerações anteriores de Charlton Heston em *Os Dez Mandamentos* de Cecil B. DeMille. No entanto, ambos os filmes apresentam um Moisés Hollywoodizado com habilidades oratórias dinâmicas, ignorando a avaliação do próprio profeta a esse respeito: "Perdão, ó meu Senhor! Todavia eu *não* tenho facilidade para expressar-me, nem no passado nem agora que falaste a teu servo. *Não* consigo falar bem, pesada *é* minha língua!" (Êxodo 4:10). Representações recentes de Jesus Cristo têm igualmente corrompido a imaginação, com imagens que abrangem o espectro da ópera de rock *Jesus Cristo Superstar* até contos sobre este grande mensageiro de Deus se ter casado com Maria Madalena.

Girando fora deste redemoinho das tendências das gerações, muitas religiões surgiram com um novo foco – o de estilo e apelo emocional. Análise racional e discussão teológica têm sido enterradas sob uma avalanche de slogans popularizados e dogmas de designer. Desta forma, corações e almas estão a ser seduzidos pela arte de vender mais do que pela verdade.

Mas este livro não é sobre isso.

Ao longo do tempo, sempre houveram pessoas honradas que se recusaram a basear as crenças religiosas sobre tais fundamentos frágeis como os caprichos de outrem, os modismos de

seus pares, as tradições de família, ou mesmo as convicções do clero aparentemente sincero e piedoso. Estes indivíduos, com uma verdadeira fome pela verdade, corajosamente atravessaram as correntes da convenção cultural. Eles exigem respostas a perguntas bem consideradas, e buscam a compreensão da história da revelação e do Homem. E é sobre *isso* este livro– as perguntas, a história, a revelação, e acima de tudo, as respostas.

Este é o primeiro de dois livros destinados a analisar o fundamento bíblico das três religiões abraâmicas, do Judaísmo, Cristianismo e Islam. Ao fazê-lo, espero ajudar os leitores a identificar as ligações válidas na cadeia de revelação e a diferenciar a verdade da orientação de Deus das falsidades da corrupção humana.

A metodologia e as conclusões aqui desenhadas são baseadas em pesquisa escolar respeitada – também como em senso comum. No que diz respeito à metodologia, não há substituto para agitar as árvores das quais diferentes religiões afirmam colher frutos de conhecimento sagrado, e ver o que cai delas. A análise da fundação das doutrinas cristãs tornou-se muito popular recentemente, e muitos estudiosos respeitados descobriram que grande parte do cânone cristão deriva de fontes não bíblicas. O choque real é que muitas destas fontes não bíblicas*contradizem* os ensinamentos de Jesus Cristo. Por exemplo, em nenhum lugar nos manuscritos fundamentais do Novo Testamento está que Jesus Cristo se refere a si mesmo como um Filho literal de Deus. Ele identifica-se como o Filho do Homem oitenta e oito vezes, mas nenhuma vez como um Filho de Deus num sentido literal, gerado e não criado.

Jesus Cristo também não defende a Trindade. Na verdade, em três passagens separadas ele ensina exatamente o oposto, definindo Deus como Um Só – nunca como uma Trindade.

Aqui temos dois elementos críticos da fé cristã. O primeiro diz respeito à natureza de Jesus, e o segundo à natureza do Criador. Em ambos os casos, o dogma trinitário foi derivado

não do registro do que Jesus disse ou ensinou, mas a partir do que outros disseram ouensinaram. Jesus foi citado como tendo chamado a si mesmo de Filho do Homem; outros afirmaram que ele era o Filho de Deus. Jesus ensinou que Deus é Um; outros propuseram Deus é três-em-um. Poderiam os ensinamentos serem mais opostos? E deveríamos nos preocupar? Afinal, Jesus morreu pelos nossos pecados. Ou assim alguém disse. Alguém, isto é, mas, mais uma vez, não Jesus. Ele nunca disse tal coisa.

Então, haverá um problema aqui? E deveremos investigá-lo?

Apenas se levarmos em conta o propósito da revelação que é *revelar*, esclarecer. Porque, se for esse o objetivo, temos de assumir que Deus revelou a verdade, Jesus transmitiu a revelação, mas em algum lugar na cadeia de transmissão, a mensagem foi truncada. De que outra forma podemos explicar o fato de que muitas doutrinas básicas do Cristianismo moderno deixam de encontrar apoio nos ensinamentos bíblicos de Jesus ou, pior ainda, na verdade, contradizem-nos?

Hmm. Talvez *valha* a pena investigar a questão.

Talvez os cristãos não se surpreendam ao descobrir que Moisés e Jesus ensinaram as mesmas coisas. Afinal, os cristãos afirmam que ambos receberam revelação da mesma fonte. Agora, a ideia de que Deus mudou da noite para o dia de um Deus irado do Antigo Testamento para o Deus perdoador do Novo Testamento, convenientemente descarta as incoerências entre as duas revelações. Mas nem toda a gente aceita essa explicação. Aqueles cristãos que consideram que Deus é perfeito e imutável devem ficar ainda mais surpresos ao descobrir diferenças, em vez de pontos comuns, nos ensinamentos de Moisés e Jesus. Afinal, Jesus era um rabino que viveu e ensinou a mesma Lei do Antigo Testamento que Moisés serviu para transmitir. “Não penseis que vim destruir a Lei ou os Profetas.” Jesus diz em Mateus 5:17. “Eu não vim para anular, mas para

cumprir."

E assim, surge uma pergunta importante. Se os ensinamentos das escrituras comuns a Moisés e Jesus sugerem a continuidade da revelação do Antigo para o Novo Testamento, então o que deveríamos pensar de ensinamentos de escrituras comuns a Moisés, Jesus e Muhammad, o profeta do Islam? Se não por revelação, como é que Muhammad transmitiu com tanta precisão os verdadeiros ensinamentos de Moisés e de Jesus?

Não surpreendentemente, os cristãos afirmam plágio. No entanto, como discutido no segundo livro desta série, a evidência histórica parece negar essa possibilidade. O Novo Testamento não foi traduzido para o árabe até séculos após a morte de Muhammad, e as tradições orais que circulavam entre os cristãos árabes durante a sua vida eram consideradas heréticas pela ortodoxia cristã. E, no entanto, o Alcorão Sagrado não transmite as ideias heréticas sobre Jesus dos cristãos árabes de então, mas sim a verdade como registrada na Bíblia.

Portanto, a questão permanece: se não por meio de revelação, como é que Muhammad transmitiu os verdadeiros ensinamentos de Moisés e Jesus? Esta questão exige uma análise, e é esta análise que constitui a substância da sequela a este livro, *Guiados?*.

O filósofo do século XI e teólogo São Anselmo de Canterbury propôs no seu *Proslogium*: "Eu não procuro entender para que eu possa crer, mas eu creio, a fim de entender." A proposta *deste* autor é que tal afirmação faz tanto sentido quanto disser: "Eu tive de provar a sandes antes que a pudesse pegar." A verdadeira ordem de prioridades deve ser exatamente o oposto. Crença segue logicamente a compreensão – não o contrário. A maioria das pessoas exige explicação suficiente para nutrir o embrião de uma proposta para uma conclusão formada antes de aceitá-la.

A humanidade está dividida. Algumas pessoas são escravas das suas emoções, em linha com comentário irónico de Benjamin Franklin, "A maneira de ver pela Fé é fechar o Olho da

Razão.” Outros exigem explicações lógicas e conclusões racionais, e ficam do lado do comentário de William Adams, “Fé é a continuação da razão.” Tais indivíduos esperamencontrar a verdade de Deus na união do senso comum, da análise da escritura, e da compreensão inata do Criador.

Eu incluo-me entre o último grupo, e essa é a minha abordagem.

Por último, o problema com obras fortemente referenciadas como esta é que o leitor nem sempre sabe se valerá a pena folhear as páginas para ler as notas finais. Para resolver este problema, as notas contendo o texto explicativo são denotadas pelo número da nota final seguido de (NE), assim, [36 (NE)], que significa “número 36 das notas finais: Nota Explicativa”. Números de notas de rodapé sem a denotação ([NE]) contêm só informação bibliográfica.

PARTE I: MONOTEÍSMO

Os homens detestam a religião. Odeiam-na e temem que esta possa ser verdade.

- Blaise Pascal, *Pensées*

O Judaísmo, o Cristianismo e o Islam constituem as três religiões abraâmicas. Embora familiares pelo nome, o Judaísmo e o Cristianismo provam-se surpreendentemente difíceis de definir. Mas defini-las é preciso, se quisermos exercer qualquer análise significativa. O Islam é a menos compreendida e a mais caluniada das religiões abraâmicas na civilização ocidental, mas é relativamente fácil de definir, uma vez despojada da sua imagem mística e negativa. As páginas que se seguem estabelecem as bases para uma posterior discussão, esclarecendo a essência destas três religiões abraâmicas.

1 – Judaísmo

A Fundação de todas as fundações, o pilar que apoia toda a sabedoria, é o reconhecimento da realidade de Deus.

- Maimonides

O termo *judeu* surgiu como uma definição étnica dos descendentes da tribo de Judá, com o Judaísmo sendo uma contração de *Judá-ismo*. O Judaísmo ortodoxo define um judeu como alguém nascido de mãe judia ou alguém, independente da linhagem, convertido à fé judaica. Mais movimentos liberais do judaísmo (por exemplo, a Reforma) negam a necessidade da linhagem materna, e propõem que uma criança nascida de um pai judeu é igualmente considerada judia, se criada como judia. Embora as definições modernas variem, a maioria inclui, implícita ou explicitamente, a adesão à Lei Mosaica como expressa na Torá e no Talmude. Historicamente, no entanto, mesmo isto não havia ficado de acordo, pois os saduceus acreditavam que apenas a lei escrita e os profetas eram obrigatórios, e rejeitaram o Talmude.

Diferenças ideológicas dividem os movimentos ortodoxos dos conservadores, a reforma, e os movimentos reconstruístas, todos os quais possuem subdivisões sectárias menores. Origens geográficas distinguem os sefarditas (de Espanha) dos asquenazes (da Europa Central e Oriental); diferenças religiosas/políticas dividem sionistas de não sionistas (como os judeus *Neturei Karta*); e os judeus hassídicos são dissociados dos não hassídicos (também conhecidos

como *Misnagdim*, ou “oponentes”), com base nas suas práticas, zelo religioso extremo, e devoção a um líder dinástico (conhecido como um *rebbe*).

Apesar de se considerarem uma nação, hoje em dia os judeus não estão unidos pela cultura ou etnia, não são uma raça, no sentido genético do termo, e não concordam, por unanimidade, quanto a um credo. No entanto, os princípios mais amplamente aceites da fé judaica são provavelmente aqueles definidos pelo rabino do século XII Moshe ben Maimon (Maimonides), conhecido como os seus Treze Princípios da Fé Judaica:

1. Deus é o Criador e Governador de todas as coisas.
2. Deus é Único e exclusivo.
3. Deus é incorpóreo, e não há nada semelhante a Ele.
4. Deus é eterno.
5. A oração deve ser dirigida somente a Deus.
6. As palavras dos profetas são verdadeiras.
7. Moisés foi o maior dos profetas.
8. A Torá Escrita (ou seja, o Pentateuco, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento) e a Torá Oral (ensinamentos agora codificados no Mishná e no Talmude) foram dadas a Moisés.
9. A Torá nunca será mudada, e nunca haverá outra dada por Deus.
10. Deus conhece os pensamentos e ações dos homens.
11. Deus irá premiar os bons e punir os ímpios.
12. O Messias virá.
13. Os mortos serão ressuscitados.

Outras definições da crença judaica existem, mas em geral, as variações são menores, e para os propósitos deste livro, a lista acima é considerada o modelo mais representativo.

2 – Cristianismo

Mesmo se estiveres no caminho certo, serás atropelado se apenas ficares aí sentado.

- Will Rogers

Se o termo *judeu* é difícil de definir, o termo *cristão* é ainda mais repleto de problemas.

Um obstáculo é que os primeiros cristãos se consideravam judeus, tal como foi reconhecido no seguinte: "Os cristãos inicialmente não pensavam ser eles mesmos separados do povo judeu, mesmo que Jesus tenha tido coisas graves a dizer sobre os fariseus. (mas também tem o Talmude.)"[4] Inicialmente, os judeus entraram em confronto sobre a aceitação de Jesus Cristo como um profeta. Posteriormente, um fluxo constante de evolução doutrinária corroeu uma fenda gigante entre os judeus arraigados e a nova seita dos cristãos-judeus. No entanto, ambos os grupos se consideravam judeus.

Notavelmente, Jesus nunca se identificou como um cristão e nunca alegou ter estabelecido o Cristianismo na Terra. De fato, enquanto a palavra *cristão* é encontrada três vezes na Bíblia (Atos 11:26; Atos 26:28; Pedro 4:16), nenhum destes versos usam a etiqueta *cristão* num contexto que tenha a autoridade de Jesus ou de Deus.[5]

Mais significativamente, não há registro da palavra *cristão* ter sido emitida dos lábios de Jesus. Lemos em Atos 11:26 que "Em Antioquia, os discípulos foram, pela primeira vez,

chamados cristãos." – o que significa que o termo *cristão* foi aplicado pela primeira vez aos discípulos por não-crentes em torno de 43 EC.[6] (Nota Explicativa NE, ao contrário de uma referência bibliográfica.)

Não era um termo educado.

Ao contrário da crença popular, o termo *cristão* parece ter sido concebido em desprezo. *Cristão* é o que descrentes chamavam aos seguidores de Cristo – um nome de mau gosto aos crentes que se conheciam como judeus, seguindo o mais recente na linha dos profetas judeus. E, no entanto, esse mesmo rótulo é agora vestido com orgulho, apesar do fato de que, "Não é a designação habitual da NT, que mais comumente usa termos como irmãos (Atos 1.16), crentes (Atos 2.44), santos (Atos 9.32), e discípulos (Atos 11.26)."[7] Além disso, no que diz respeito ao termo *cristão* "Parece ter sido mais amplamente usado pelos pagãos, e de acordo com Tácito era de uso comum na época da perseguição de Nero (Anais, 15.44)."[8] Noutras palavras, o termo *cristão* era um rótulo pejorativo imposto sobre os crentes pelos seus inimigos. E, no entanto, o termo ficou e com a humildade cristã típica, acabou por ser aceite.

A segunda dificuldade com a palavra *cristão* é a de definição. Se aplicarmos o termo àqueles que afirmam a missão profética de Jesus Cristo, então os muçulmanos exigem inclusão, pois a religião islâmica requer a crença em Jesus Cristo como um artigo de fé. Concedido, o entendimento islâmico de Jesus difere daquele da maioria trinitária dos que se identificam como cristãos. No entanto, muitas crenças islâmicas são notavelmente consistentes com as do clássico Cristianismo Unitário.[9(NE)]

Se aplicarmos o rótulo *cristão* àqueles que seguem os ensinamentos de Jesus, enfrentamos uma dificuldade semelhante, pois os muçulmanos dizem seguir os ensinamentos de Jesus com mais fidelidade do que os cristãos. Essa alegação lança um grande desafio na cara do Cristianismo, mas é feito com sinceridade e compromisso, e merece um exame.

Devemos associar o rótulo do Cristianismo com as doutrinas do pecado original, a divindade de Jesus, à Trindade, crucificação e expiação? Faz sentido, mas aqui está o problema: Embora essas doutrinas definam diferenças de credo trinitário entre o Cristianismo e o Islam, elas também definem as diferenças de credo entre várias seitas do Cristianismo. Nem todos os cristãos aceitam a Trindade, e muitos negam a suposta divindade de Jesus. Nem mesmo as doutrinas do pecado original, crucificação e expiação alcançam a aceitação universal dentro do mundo fraturado do Cristianismo. Subgrupos do Cristianismo têm canonizado credos amplamente variantes, mas nenhuma definição ganhou aceitação unânime.

Assim, o mundo do Cristianismo ficou dividido desde o tempo de Jesus. A História narra uns duzentos primeiros anos, durante os quais os discípulos e seus seguidores se dissociaram de Paulo e sua teologia divergente. Este período precoce é fundamental para a compreensão do Cristianismo, pois pode-se razoavelmente esperar que a pureza da Cristologia (doutrinas de Cristo) e o credo cristão tivessem sido melhor representados entre os mais próximos dos ensinamentos de Jesus. No entanto, o nosso conhecimento deste período é vago, com decepcionante pouca informação verificável sobrevivendo até aos dias atuais. O que está claro é que as opiniões divergiam descontroladamente. Alguns dos primeiros cristãos acreditavam que Deus manifestou a Sua mensagem na Terra por meio de inspiração, outros por meio da encarnação. Alguns acreditavam que a mensagem foi transmitida através de transmissão e interpretação direta pelo próprio profeta, outros falaram de iluminação espiritual, como alegado por Paulo. Alguns seguiam a Lei do Antigo Testamento ensinada por Jesus; outros negavam as leis em favor da "Justificação pela Fé" de Paulo. Alguns (como os discípulos) acreditavam que a lei de Deus era para ser interpretada literalmente. Outros (como Paulo) sentiam que a lei deveria ser interpretada alegoricamente.

Se os apóstolos sequer estiveram de acordo num credo, não está claro. O que é comumente conhecido como o Credo dos Apóstolos *não é*, de fato, o credo dos apóstolos, mas sim uma fórmula batismal que evoluiu ao longo de um período indefinido. A *Encyclopaedia Britannica* afirma que o Credo dos Apóstolos "não alcançou a sua forma presente até bastante tarde; quão tarde é uma questão de controvérsia."[10] Então o quão tarde é "bastante tarde"? De acordo com Ehrman, o Credo dos Apóstolos foi derivado de fórmulas de crença concebidas no quarto século.[11] Isso data a sua origem, no mínimo, trezentos anos desde o tempo dos apóstolos, e muitos diriam consideravelmente mais tarde.

Assim como diferentes entendimentos sobre Cristologia evoluíram ao longo dos séculos, também tem o credo do Cristianismo que permaneceu em debate até aos dias atuais. Alguns procuram respostas nos documentos cristãos primitivos do Novo Testamento; outros questionam a integridade do Novo Testamento antes de tudo - um debate adiado para os capítulos finais deste livro.

A partir destas origens obscuras, o terceiro século viu as muitas e variadas escolas unitárias deixadas em conflito com a fórmula trinitária recém-concebida. Isso veio à tona quando o Imperador Constantino procurou unificar o seu império sob uma teologia cristã, e imperialmente convocou o Conselho de Niceia, o Primeiro Conselho Ecuménico, em325 EC. Convocado para abordar a teologia unitária de Ário, um padre proeminente da Alexandria, sete conselhos ecuménicos seguidos numa sequência bem espaçada ao longo dos seguintes seis séculos. Mais treze conselhos (considerados ecuménicos pela Igreja Católica Romana, mas não pela ortodoxa) seguiram, sendo o mais recente o Segundo Conselho do Vaticano de 1962-1965, para perfazer um total de vinte e um. E, no entanto, o debate continua a abordar questões que falharam alcançar uma aceitação unânime.

Assim, a teologia trinitária tem estado não só em desacordo com a teologia unitária nos últimos dois milénios, mas também despertou um debate contencioso entre os seus *próprios* constituintes.

Historicamente, os maiores levantes vieram na forma da teosofia gnóstica, o cisma entre a Igreja Ortodoxa Oriental e a Igreja Católica Romana e, mais tarde ainda, a erupção da Reforma Protestante no século XVI. A partir das sementes metafísicas plantadas por Martinho Lutero, João Calvino, os anabatistas e os reformadores anglicanos, uma miríade de teologias cresceu, persistindo até aos dias atuais em tal pletora de seitas que enciclopédias religiosas seriam exigidas para catalogar as variantes.

Com tal diversidade tremenda, como deve o termo *Cristianismo* ser definido? Se usado para identificar aqueles que pretendem aderir aos ensinamentos de Jesus Cristo, então os muçulmanos merecem inclusão. Se usado para definir qualquer sistema específico de crenças no Cristianismo ideologicamente separadas do Islam, esses mesmos princípios da fé dividem o mundo do próprio Cristianismo.

Assim, qualquer tentativa em definir um termo de tal origem e significado incertos, e que tem desafiado a definição por bilhões de pessoas por mais de dois mil anos, pareceria inútil neste momento. Consequentemente, para os propósitos do presente livro, o termo *cristão* é aplicado no sentido coloquial do termo, a todos os que se identificam com o rótulo, o que quer que as crenças da sua seita cristã particular possam ser.

3 – Islam: Parte 1

A mente do Homem, uma vez esticada por uma nova ideia, nunca readquire a sua dimensão original.

- Oliver Wendell Holmes

Como Margaret Nydell afirma em *Entendendo os Árabes*, "O Deus que os muçulmanos adoram é o mesmo Deus que os judeus e cristãos adoram (*Allah* é simplesmente a palavra árabe para Deus; os cristãos árabes oram a Allah)."[12]

A palavra *Islam* é o infinitivo do verbo árabe *aslama*, e é traduzido como "submeter-se totalmente a Deus."[13] Além disso, "O particípio deste verbo é *muslim* (ou seja, aquele que se submete completamente a Deus), pelo qual os seguidores do Islam se chamam."[14] A palavra *Islam* também tem a conotação de paz (sendo da mesma raiz que a palavra árabe *salaam*), com o entendimento de que a paz vem através da submissão a Deus. Ao contrário dos termos *Judaísmo* e *Cristianismo*, ambos os quais não são mencionados nas suas próprias bíblias, *Islam* e *muslim* (*muçulmano*) são mencionados várias vezes ao longo do Alcorão Sagrado. Assim, aqueles que consideram o Alcorão Sagrado a palavra de Deus revelada, encontram autoridade divina para os termos *Islam* e *muslim* dentro da sua própria escritura.

A descrição acima é a definição literal de *muslim* – uma pessoa que se submete à vontade de Deus. Qual é, então, a definição de acordo com a ideologia islâmica? O entendimento

islâmico é que os verdadeiros crentes, desde a criação da humanidade, sempre aceitaram a crença em Deus como um só Deus e os ensinamentos do mensageiro do seu tempo. Por exemplo, os muçulmanos – significando aqueles que se submeteram à vontade de Deus – durante o tempo de Moisés teriam testemunhado que não há Deus senão Allah, e Moisés era o mensageiro de Allah. Os muçulmanos durante o tempo de Jesus teriam testemunhado que não há Deus senão Allah, e que Jesus era o profeta de Allah. Durante os últimos 1.400 anos, os muçulmanos reconheceram Muhammad ibn (filho de) Abdullah como o último e final mensageiro de Deus. Até este dia, uma pessoa entra no Islam e torna-se muçulmana afirmando "Eu testemunho que não há deus senão Allah, e eu testemunho que Muhammad é o Mensageiro de Allah."

O Islam reconhece o testemunho de fé como válido se for feito por adultos, sincera e voluntariamente, que entendem o significado e as implicações do que eles estão a dizer. Apesar da suposição errónea de que o Islam se espalhou pela espada, a religião proíbe a coerção, de acordo com o mandamento "Não há compulsão na religião…" (OSA 2:256). Além disso, um capítulo inteiro no Alcorão Sagrado (OSA, capítulo 109) ensina o seguinte:

> Em nome de Deus, o Misericordioso, o Misericordiador,
> Dize: Ó renegadores da Fé!
> Não adoro o que adorais.
> Nem estais adorando o que adoro.
> Nem adorarei o que adorastes.
> Nem adorareis o que adoro.
> A vós, vossa religião, e, a mim, minha religião.

O filósofo inglês do século XVII, John Locke, embora classificado na história como um

cristão unitário, deu o mais belo argumento, que poderá servir o propósito de todos (incluindo muçulmanos) que procurem explicar a futilidade da conversão forçada:

> De maneira alguma, se andar contra os ditames da minha consciência, isso me trará às mansões dos bem-aventurados. Eu poderei ficar rico pela arte na qual não encontro prazer; Poderei ser curado de alguma doença por remédios nos quais não tenho fé; mas não poderei ser salvo por uma religião da qual desconfie, e por um culto que eu deteste... Só a fé, sinceridade íntima, são as coisas que adquirem a aceitação perante Deus... Em vão, portanto, príncipes obrigam os seus súditos a entrarem na sua comunhão de igreja, sob o pretexto de salvar as suas almas. Se eles creem, eles virão por conta própria; se eles não creem, a sua vinda ser-lhes-á inútil...[15]

É notável que a difamação de que o Islam tenha sido espalhado pela espada foi em grande parte perpetuada por instituições religiosas que são, elas próprias, notórias por quase dois milénios de conversão forçada, muitas vezes pelos meios mais sádicos. Claramente, o testemunho de fé não pode ser coagido quando uma religião exige sinceridade em primeiro lugar. Quase trezentos anos atrás, o seguinte comentário foi oferecido por George Sale, um dos primeiros a traduzir o Alcorão para o inglês, um antagonista auto professado do homem, Muhammad, e um inimigo da religião islâmica:

> Não vou aqui investigar as razões pelas quais a lei de Mohammed foi encontrada com tal receção inaudita no mundo (pois está muito enganado quem imagina que esta tenha sido propagada pela espada

> somente), ou por quais meios ela veio a ser abraçada por nações que nunca sentiram a força das armas maometanas, e até mesmo por aqueles que privaram os árabes das suas conquistas, e puseram fim à soberania e à própria existência dos seus califas: no entanto, parece que há algo mais do que aquilo que vulgarmente se imagina, numa religião que fez um progresso tão surpreendente.[16]

São apenas tais sentimentos que levaram os estudiosos modernos a deixar de lado a calúnia popularizada da coerção. Hans Küng, considerado por muitos estudiosos cristãos como sendo, nas palavras do ex-arcebispo de Canterbury Lord George Carey, "o nosso maior teólogo vivo"[17], escreve,

> Foram aldeias inteiras, cidades, regiões e províncias convertidas à força ao Islam? A historiografia muçulmana não tem qualquer evidência sobre isso e não teria nenhuma razão para manter silêncio sobre o assunto. A pesquisa histórica ocidental, também, compreensivelmente, não foi capaz de dar algum esclarecimento aqui também. Na realidade, tudo aconteceu de forma bastante diferente…[18]

E sinceramente, como podem alegações de conversões forçadas serem levadas a sério quando a Indonésia, o país com a maior população muçulmana do mundo, "nunca sentiu a força das armas maometanas"[19], tendo assimilado a religião islâmica de nada mais do que os ensinamentos e exemplo de alguns comerciantes do Iémen? Tais forças de progresso islâmico são testemunhadas até hoje. O Islam tem crescido dentro das fronteiras de países e culturas que não foram conquistados, mas sim os conquistadores de muitas das terras muçulmanas. Além

disso, o Islam continua a crescer e a prosperar dentro de populações que expressam desprezo pela religião. Nenhuma dificuldade deve ser encontrada, então, ao aceitar o seguinte comentário:

> Nenhuma outra religião na história se espalhou tão rapidamente quanto o Islam. Na época da morte de Muhammad (632 AD) o Islam já controlava uma grande parte da Arábia. Logo triunfou na Síria, Pérsia, Egito, as fronteiras inferiores da presente Rússia e todo o Norte de África até aos portões da Espanha. No século seguinte, o seu progresso foi ainda mais espetacular.
>
> O Ocidente acredita geralmente que essa onda de religião foi possível graças à espada. Mas nenhum estudioso moderno aceita essa ideia, e o Alcorão é explícito quanto ao apoio da liberdade de consciência.[20]

Vale a pena notar que o Islam não diferencia entre crentes de diferentes períodos. A crença islâmica é que todos os mensageiros, desde Adão, transmitiram a revelação de Deus. Os crentes submeteram-se e seguiram, os descrentes não o fizeram. Por isso, desde Caim e Abel, a humanidade foi dividida entre o piedoso e o ímpio, entre o bem e o mal.

O Islam professa uma consistência no credo desde o tempo de Adão, e afirma que os princípios da fé declarada em cada etapa da cadeia de revelação foram os mesmos – sem evolução ou alteração. Como o Criador se manteve perfeito e inalterado ao longo do tempo, assim se manteve o seu credo. A alegação cristã de que Deus mudou do Deus irado do Antigo Testamento para o Deus benevolente do Novo Testamento não é honrada pela religião islâmica, pois isso implica que Deus seria imperfeito para começar e precisaria de um ajuste espiritual, para um estado impecável superior.

Por causa dos ensinamentos do Islam se terem mantido constantes, não existem inconsistências de credo. É verdade que o homem primitivo viveu por um credo e um conjunto de regras, os judeus por outro, e os cristãos por ainda outro? Que somente os cristãos são salvos pelo sacrifício expiatório de Jesus Cristo? O Islam responde "não" às duas perguntas. O Islam ensina que desde a criação do homem, até ao fim dos tempos, a salvação depende da aceitação do mesmo credo eterno, e a adesão aos ensinamentos dos profetas de Deus.

Nesta linha de pensamento, uma pessoa pode questionar como é que diferentes religiões visualizam o destino de Abraão, assim como o de outros profetas iniciais. Estava Abraão sujeito às leis do Judaísmo? Aparentemente não. Se o judaísmo se refere aos descendentes de Judá, em seguida, Abraão, sendo o bisavô de Judá, não era, certamente, um descendente. Gênesis 11:31 define Abraão como sendo de uma área na Baixa Mesopotâmia chamada de Ur dos Caldeus, no que hoje é o atual Iraque. Geograficamente falando, e aplicando a terminologia de hoje, Abraão era um árabe. Gênesis 12:4-5 descreve a sua mudança para Canaã (ou seja, Palestina) com a idade de setenta e cinco, e Gênesis 17:8 confirma que ele era um estranho naquela terra. Gênesis 14:13 identifica o homem como "Abraão, o hebreu" – "hebreu" significando:

> Qualquer membro de um povo antigo semita do norte que eram os ancestrais dos judeus. Os historiadores usam o termo *Hebreus* para designar os descendentes dos patriarcas do Antigo Testamento (ou seja, Abraão, Isaque, e assim por diante) a partir desse período até à sua conquista de Canaã (Palestina) no final do segundo milénio aC. A partir daí essas pessoas são referidas como Israel até o seu retorno do Exílio babilónico, no final do sexto século aC, a partir deste tempo ficaram conhecidos como judeus.[21]

Então Abraão era um hebreu, num momento em que o termo *judeu* nem sequer existia. Os descendentes de Jacó foram as Doze Tribos dos israelitas, e só Judá e a sua linhagem vieram a ser conhecidos como judeus. Até Moisés, apesar da opinião popular, não era judeu. Êxodo 6:16-20 identifica Moisés como um descendente de Levi e não de Judá, e, portanto, um levita. Ele era um legislador para os judeus, certamente, mas não um judeu pela definição daquele tempo na história. Isto não é para diminuir quem ele era e o que ele fez, certamente, mas apenas para reafirmar o argumento.

Então, se Abraão não era judeu – e certamente não era cristão – a que leis de salvação estava ele sujeito? E o que dizer de outros profetas anteriores a Moisés? Enquanto o clero judaico e cristão luta sobre este ponto, o Islam ensina que "Abraão não era nem judeu nem cristão, mas monoteísta sincero, submetendo a sua vontade à de Allah (ou seja, o Islam). E não era dos idólatras." (OSA 3:67). Além de afirmar que a religião de Abraão era a de "submissão a Deus" (ou seja, o Islam), esta passagem do Alcorão ensina que a fé e submissão de um indivíduo é mais importante do que o rótulo pelo qual essa pessoa é conhecida.

4 – Islam: Parte 2

O conhecimento é o único instrumento de produção que não está sujeito a rendimentos decrescentes.

- J. M. Clark, Journal of Political Economy [Jornal de Economia Política], Out. 1927

Já notámos a crença islâmica de que o mundo está salpicado com aqueles que são muçulmanos por definição literal, mas não por definição ideológica. Estes indivíduos podem chamar-se de agnósticos, judeus ou cristãos, mas eles submetem-se à vontade do Criador da melhor forma possível e, se devidamente expostos aos ensinamentos do Islam, aceitam-nos prontamente. Estes são aqueles que, quando eles aprendem os ensinamentos do Islam, afirmam, "Cremos nele: por certo, é a Verdade de nosso Senhor; por certo, éramos, antes dele, *muslims* (curvando-nos perante a vontade de Allah)." (OSA 28:53), pois antes de se tornarem muçulmanos, eles submetiam-se às verdades evidentes de Deus, seja do seu agrado ou não, e viviam pelo Seu decreto como eles o compreendiam. E isso fê-los muçulmanos em tudo, exceto no juramento.

Ironicamente, o arquétipo histórico de tais indivíduos pode muito bem ser Thomas H. Huxley, o pai do agnosticismo. Huxley escreveu uma das declarações mais fluentes de vontade, de até mesmo desejo, em submeter a sua vontade à do Criador: "Eu vos declaro que, se algum

grande Poder concordasse em fazer-me sempre pensar sobre o que é a verdade e a fazer o que é certo, com a condição de ser transformado numa espécie de relógio e enrolado todas as manhãs antes de sair da cama, eu imediatamente aceitaria a oferta."[22]

Muitos professam uma vontade semelhante ou desejo de viver em submissão a Deus, mas o grande teste é a aceitação das verdades divinas quando feitas evidentes. Saltando para antes de T. H. Huxley para a Bíblia, muçulmanos e cristãos igualmente citam a história de Lázaro (João 11:1-44) a título de exemplo. Pelo poder de Deus, Jesus teria ressuscitado Lázaro dentre os mortos "para que creiam que Tu me enviaste" (João 11:42). Por força deste milagre, alguns judeus reconheceram a missão profética de Jesus, enquanto outros o condenaram.

A principal lição a ser aprendida, do ponto de vista islâmico, é que quando lhes são apresentadas provas claras de uma missão profética, os sinceros (muçulmanos por definição literal) seguem (e tornam-se muçulmanos no sentido pleno da palavra). Enquanto isso, os insinceros favorecem considerações mundanas acima da direção de Deus.

As lições não param por aí. Há uma moral na história de Lázaro sobre o propósito por trás da revelação. Uma pessoa pode questionar, por que outro motivo Deus enviaria mensageiros, se não para guiar a humanidade ao caminho reto da Sua determinação? Quem colherá os frutos de seguir as instruções de Deus, senão aqueles que se submetem à Sua evidência? E quem será mais merecedor de punição do que aqueles que negam a verdade quando esta se tornou óbvia?

Os muçulmanos afirmam que todos os profetas transmitiram revelação para corrigir os desvios dos seus povos. Afinal, por que Deus enviaria um profeta a um povo que estivesse a fazer tudo certo? Assim como Jesus foi enviado para as "ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mateus 15:24) com evidência divina de missão profética e uma revelação corretiva, assim foi Muhammad apresentado a todos os povos, desde o seu tempo até ao Dia do Juízo, com evidência

de missão profética e uma revelação final. Esta revelação final corrige os desvios que rastejaram subtilmente para dentro das várias religiões do mundo, o Judaísmo e o Cristianismo incluídos. Os muçulmanos afirmam que aqueles que vivem em submissão a Deus e à Sua evidência irão reconhecer e aceitar Muhammad como um profeta, assim como os judeus piedosos reconheceram e aceitaram Jesus. Por outro lado, aqueles que vivem em submissão a qualquer outra coisa para além de Deus – seja ela dinheiro, poder, prazer mundano, tradição cultural ou familiar, preconceitos pessoais infundados, ou qualquer religião mais autocentrada do que em Deus – seria esperado deles que rejeitassem Muhammad, apenas como os judeus ímpios rejeitaram Jesus.

Um ponto interessante é que o Islam exige submissão a Deus, enquanto que o Judaísmo e o Cristianismo exigem submissão à doutrina eclesiástica. Os muçulmanos não aderem à doutrina eclesiástica, pela simples razão de que, no Islam, *não há* doutrina eclesiástica. Na verdade, não há clero sequer. Citando o *Dicionário Enciclopédico da Religião* "Não há nenhuma autoridade religiosa organizada centralmente ou magistério no Islam, e por essa razão, o seu carácter, por vezes, varia muito de normas tradicionais..."[23] e a *Nova Enciclopédia Católica*, "O Islam não tem nenhuma igreja, nenhum sacerdócio, nenhum sistema sacramental, e quase nenhuma liturgia."[24]

O que o Islam tem são estudiosos, que servem para responder a perguntas religiosamente desafiadoras. No entanto, escolaridade não implica necessariamente uma maior proximidade a Deus do que a de um simples e piedoso, embora ignorante, muçulmano. Mais notavelmente, não há equivalente papal, e não há intercessores entre o homem e Deus. Uma vez que uma pessoa aceita o Alcorão Sagrado como a palavra de Deus, e Muhammad como o Seu profeta final, todos os ensinamentos seguem a partir destas fontes fundamentais. Apenas nas seitas desviadas é que

uma pessoa encontra o que poderia ser chamado de clero. Os xiitas têm os seus imams, os sufis os seus santos, e a Nação do Islam os seus pregadores. Não é assim no Islam ortodoxo (ou seja, Sunita), onde *imam* significa nada mais do que "alguém que fica à frente." Noutras palavras, um líder da oração. O imam não é condecorado e não administra sacramentos. A sua função não é nada mais do que sincronizar a oração, fornecendo a liderança desta. Esta posição não requer nenhum escritório ou compromisso particular, e pode ser cumprida por qualquer membro maduro da congregação.

A religião islâmica é construída sobre o fundamento da sua fé. Uma pessoa entra no Islam professando a crença num só Deus, no Alcorão Sagrado como a Sua revelação final, e em Muhammad como o Seu último profeta. Posteriormente, a resposta a qualquer questão em particular, quer em relação a credo, leis, costumes, espiritualidade, etc., deve se remeter à revelação de Deus e aos ensinamentos do Profeta para ser considerada válida.

Não é assim com instituições judaico-cristãs, que, como veremos mais adiante neste livro, exigem fé em doutrinas que frequentemente substituem os mandamentos de Deus com as interpretações dos homens. Os exemplos de Jesus nunca ter se intitulado de Filho de Deus ou ter ensinado a Trindade foram discutidos na introdução deste livro. Estes são apenas dois de uma longa lista de elementos do credo que Jesus nunca ensinou. Por isso, o cristão poderá entrar na fé, acreditando num Deus (como Jesus ensinou), na Bíblia como revelação, e Jesus como um profeta de Deus. No entanto, aqueles que questionam a fundação do credo cristão encontram muitos elementos do credo fundados não pelos ensinamentos de Deus ou Jesus, mas por fontes não bíblicas, como os escritos dos padres apostólicos, teólogos paulinos, ou mesmo clero contemporâneo. Que essas fontes não são nem de Jesus Cristo, nem de Deus é óbvia, embora elas geralmente afirmem falar em nome de Jesus Cristo ou de Deus. Assim, os cristãos têm razão

em questionar o seu cânone, pois muitas destas fontes não bíblicas francamente contradizem os ensinamentos de Jesus.

A situação não é muito diferente no judaísmo, onde a maioria dos judeus são judeus reformistas, seguindo os ensinamentos daqueles que "reformaram" as leis de Deus da ortodoxia dura para uma construção mais flexível.

Para grande frustração dos seus vizinhos abraâmicos, os muçulmanos desafiam os judeus e os cristãos a provar como os ensinamentos de Moisés ou Jesus estão em conflito com o entendimento islâmico de Deus e da revelação. Afinal, o Alcorão Sagrado ordena os muçulmanos a dizer: "Cremos em Allah e no que foi revelado para nós, e no que fora revelado para Abraão e Ismael e Isaque e Jacó e para as tribos; e no que fora concedido a Moisés e a Jesus, e no que fora concedido aos profetas, por seu Senhor. Não fazemos distinção entre nenhum deles. E, para Ele, somos *muslims* (em submissão a Allah através do Islam)." (OSA 2:136). Por esta *ayah* (ou seja, versículo), os muçulmanos têm o dever de seguir a revelação dada a Moisés e a Jesus. É aí que reside o desafio. Se algum destes profetas tivessem ensinado algo contrário ao credo[25 (NE)] do Islam, os muçulmanos teriam o dever de enfrentar o significado dessa contradição. Por outro lado, se os judeus e cristãos falhassem em provar uma contradição, eles teriam o dever de enfrentar a unanimidade destes três profetas.

Mil e quatrocentos anos passaram desde a revelação do Alcorão Sagrado, e até hoje, este desafio não foi cumprido. Ninguém nunca provou que a realidade de Deus fosse diferente do entendimento islâmico. Além disso, ninguém provou que os ensinamentos de Moisés, Jesus e Muhammad entram em conflito. Na verdade, muitos têm sugerido exatamente o oposto – que estes três profetas se apoiam uns aos outros firmemente.

Como resultado, muitas freiras, padres, ministros e rabinos sinceros – membros

académicos do clero que conhecem melhor as suas respetivas religiões – entraram no Islam. Durante a vida de Muhammad, um monge cristão da Síria chamado Bahira alegou tê-lo reconhecido como o último profeta quando este ainda era um menino pequeno, décadas antes da sua primeira revelação.[26] Waraqah ibn Nawfal, o velho e cego primo cristão de Khadijah (a primeira esposa de Muhammad) jurou, "Por Aquele em cuja mão está a alma de Waraqah, tu (Muhammad) és o profeta desta nação e o grande *Namus* (o anjo da revelação – ou seja, o anjo Gabriel) veio a ti – o mesmo que veio a Moisés. E serás negado (pelo teu povo) e eles prejudicar-te-ão, e eles expulsar-te-ão, e eles lutarão contra ti, e se eu vivesse para ver esse dia, eu ajudaria a religião de Allah com grande esforço."[27]

Nos primeiros dias do Islam, quando os muçulmanos eram fracos e oprimidos, a religião foi abraçada por esses buscadores da verdade como Salman Farsi, um cristão persa que foi ordenado pelo seu mentor, um monge cristão, a buscar a chegada do último profeta no "país das tamareiras."[28] O Negus, o governante cristão da Abissínia, aceitou o Islam, sem nunca ter conhecido Muhammad, enquanto os muçulmanos ainda eram um pequeno grupo, amplamente desprezados e frequentemente lutando pelas suas vidas.[29]

Uma pessoa pensa, se estudiosos cristãos e cristãos de posição de destaque aceitaram o Islam durante um tempo em que os muçulmanos eram uma minoria perseguida com escassez de riqueza, força e posição política que os atraíssem, muito menos proteção para os novos muçulmanos, o que atraiu estes cristãos ao Islam, senão a crença sincera? A História registra que, mesmo Heráclio, o imperador cristão de Roma, considerou aceitar o Islam, mas renunciou a sua determinação quando viu que a conversão lhe custaria o apoio do seu povo, bem como o seu império.[30]

Uma das primeiras conversões mais marcantes foi a de Abdallah ibn Salam, o rabino a

quem os judeus de Medina chamavam de “nosso mestre e filho do nosso mestre.”[31]

A *Enciclopédia Judaica* explica que, quando os seus correligionários foram convidados a aceitar o Islam também, “Os judeus recusaram, e só a sua família imediata, nomeadamente a sua tia Khalida, abraçou o Islam. De acordo com outras versões, a conversão de Abdallah ocorreu por causa da força das respostas de Muhammad às suas perguntas.”[32]

Assim, as conversões começaram, e assim elas continuaram até aos dias atuais. Convertidos ao Islam consideram tipicamente a sua conversão como sendo condizente, se não ditada, pela sua própria escritura. Noutras palavras, eles descobrem que o Islam é a realização de, em vez do conflito com, os ensinamentos da Bíblia. Isto, naturalmente, leva à questão: estão os judeus e cristãos, à face da revelação do Alcorão Sagrado, a desafiar Deus e a Sua cadeia de revelação? Este problema corta na própria raiz do debate teológico. Os muçulmanos acreditam que, como aqueles que negaram a missão profética de Jesus Cristo, aqueles que negam o mesmo de Muhammad podem continuar a ser aceites pelo seu povo e altamente considerados pelos seus pares, mas à custa da desgraça com Deus. Se for verdade, essa alegação merece ser ouvida. Se não, o erro desta convicção exige exposição. Em ambos os casos, não há substituto para uma análise das evidências.

Embora sempre tenha havido um número significativo de judeus e cristãos instruídos e praticantes a converterem-se ao Islam, o inverso não é verdadeiro, nem tem sido verdadeiro em qualquer momento da história. Há casos daqueles que pertencem a seitas desviadas do Islam que se convertem a religiões diferentes, mas isso não é nada surpreendente. Ignorantes dos verdadeiros ensinamentos da religião islâmica, eles muitas vezes são seduzidos pela permissividade mundana de outras religiões. Exemplos destes grupos desviados incluem os baha'i, a Nação do Islam, os ahmadiyyah (também conhecidos como qadianis), os ansar, ordens

sufis extremas, e muitas, se não a maioria, das seitas xiitas. Estes grupos podem identificar-se com o rótulo de Islam, mas, como um homem que se identifica como uma árvore, não têm raízes na religião suficientes para fundamentar a alegação.

Mais importante ainda, as doutrinas ilegítimas destas seitas desviadas separam-nas do Islam ortodoxo (sunita), exigindo rejeição por todos os muçulmanos.

Quanto àqueles nascidos muçulmanos e criados em ignorância quanto à sua própria religião, a sua conversão a outras religiões não pode, razoavelmente, ser vista como rejeição ao Islam – uma vez que essas pessoas nunca realmente abraçaram o Islam em primeiro lugar. E, é claro, nem todas as pessoas nascidas numa religião são um exemplo de piedade, mesmo se conhecedoras da sua religião. Depois, há aqueles fracos de fé, que encontram a sua convicção religiosa deixada de lado por prioridades mundanas ou pelo fascínio de religiões mais permissivas. Mas a soma total destes apóstatas simplesmente não chega aos 1.400 anos de clero judaico e cristão convertidos na direção oposta. Conspicuamente ausente da equação está a conversão de muçulmanos sunitas sinceros e comprometidos, educados e praticantes, muito menos estudiosos (ao equivalente islâmico de rabinos e sacerdotes convertidos).

A questão permanece: por que é que alguns estudiosos judeus e cristãos abraçam o Islam sunita? Não há nenhuma pressão sobre eles para fazê-lo, e há razões mundanas significativas para não o fazer – coisas como a perda da sua congregação, posição e estatuto, amigos e familiares, emprego e pensão de reforma. E por que é que os estudiosos islâmicos não se voltam para outra coisa? Outras religiões são muito mais permissivas em termos de fé e moral, e não há execução de uma lei contra apostatar do Islam em países ocidentais.

Então, por que é que estudiosos judeus e cristãos abraçaram o Islam, enquanto os muçulmanos instruídos permanecem firmes na sua fé? Os muçulmanos sugerem que a resposta

reside na definição do Islam. A pessoa que se submete a Deus e não a um corpo eclesiástico especial reconhecerá um sentido divino quanto à revelação. O Islam representa uma continuidade do Judaísmo e do Cristianismo que, uma vez reconhecido, empurra o buscador sincero na estrada lisa da revelação. Assim que uma pessoa enxerga para além dos preconceitos e propaganda ocidentais, o muçulmano crê, portas de compreensão se abrem.

O ponto de vista islâmico é que, entre as missões de Jesus e Muhammad, aqueles que reconheceram Jesus como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento deram o testemunho do único Deus verdadeiro, e de Jesus como seu profeta. Por definição islâmica, esses primeiros "cristãos" eram muçulmanos para todos os intentos e propósitos. Os muçulmanos de hoje lembram-nos que Jesus não poderia ter ensinado coisas que não existiam no período do seu ministério, como o rótulo de "cristão" e a doutrina trinitária, que viera a evoluir ao longo dos primeiros séculos na Era pós-apostólica. O que Jesus *certamente* ensinou foi a simples verdade de Deus ser Único, e de Deus ter enviado de Si mesmo um profeta. O Evangelho de João diz da melhor maneira: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a Ti, o Único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3), e "Não permitais que o vosso coração se preocupe. Credes em Deus, crede também em mim." (João 14:1). Por isso, o ponto de vista islâmico é que, seja o que for que este grupo dos primeiros seguidores chamavam a si mesmos durante os quarenta anos depois de Jesus (antes da palavra cristão ter sido inventada), eles viveram em submissão à verdade de Deus como transmitida nos ensinamentos de Jesus. E, apesar de qualquer rótulo com que eles se identificavam naquela época, hoje o seu caráter seria definido por uma palavra atribuída àqueles que vivem em submissão a Deus através da mensagem da revelação, isto é *muslim (muçulmano)*.

Da mesma forma, judeus e cristãos estudiosos "convertidos" acreditavam que

Muhammad cumpriu as profecias de último profeta do Antigo e do Novo Testamento. Alguns leitores opor-se-iam com base em nunca terem encontrado o nome de Muhammad na Bíblia. Por outro lado, quantas vezes encontraram o nome de Jesus no Antigo Testamento, em referência ao messias prometido? A resposta é *nenhuma*. O Antigo Testamento contém numerosasprevisões de profetas para vir, mas nenhuma pelos seus nomes próprios. Algumas destas previsões são consideradas como sendo a descrição de João Batista, outras supostamente falam de Jesus, e outras ainda parecem estar por cumprir por qualquer personagem bíblico. A Bíblia informa-nos que os judeus esperavam três profetas a seguir, pois os fariseus são registrados como tendo questionado João Batista da seguinte forma:

> E este é o testemunho de João, quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para o interrogarem: "Quem és tu?" Ele confessou e não negou; mas declarou francamente: "Eu não sou o Cristo." E o questionaram: "Quem és, então? És tu Elias?" Ele disse: "Não o sou." "És tu o Profeta?" E João afirmou: "Não." (João 1: 19-21)

Depois de João Batista se identificar em termos evasivos, os fariseus persistiram perguntando: "Então, por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta?" (João 1:25).

Portanto, assim o temos – "Elias", "o Cristo", e "o Profeta". Não apenas uma vez, mas duas vezes. Essa era a curta lista de profetas que os judeus esperavam de acordo com a sua escritura.

Agora, apesar do fato de que João Batista negou ser Elias na citação acima, Jesus identificou-o como sendo Elias duas vezes (Mateus 11:13-14, 17:11-13). Inconsistências bíblicas de lado, vamos desenhar Elias pelas palavras de Jesus, não pensar muito profundamente sobre a

quem “o Cristo” se refere, e concentrar-nos no que resta. Quem é o terceiro e último da lista, no Antigo Testamento, dos profetas preditos? Quem é “o Profeta”?

Alguns cristãos esperam que este último profeta venha a ser Jesus retornado, mas outros esperam um profeta completamente diferente. Daí a razão pela qual todos os judeus e muitos cristãos estejam à espera de um último profeta, como previsto pela sua própria escritura.

O muçulmano acredita que este último profeta já veio, e o seu nome era Muhammad. Através dele, o Alcorão Sagrado foi revelado por Deus Todo-Poderoso (Allah). Aqueles que aderem ao Alcorão Sagrado como a palavra revelada de Allah, e aos ensinamentos do profeta final, Muhammad ibn Abdullah, são considerados muçulmanos em ambas: definição literal *e* ideologia.

PARTE II: ENTENDENDO E ABORDANDO DEUS

Estamos todos ligados ao trono do Ser Supremo por uma cadeia flexível que restringe sem nos escravizar. O aspeto mais maravilhoso do esquema universal das coisas é a ação de seres livres sob a orientação divina.

- Joseph de Maistre, Considerations on France
[Considerações sobre a França]

Enquanto religiões monoteístas partilham de uma crença fundamental num só Deus, a sua compreensão dos Seus atributos é muito diferente. Muitas destas diferenças, como fios individuais de uma teia de aranha, podem aparecer separadas e divergentes quando vistas muito de perto. No entanto, estes segmentos individuais unem-se num desenho maior, o pleno significado que é reconhecido só quando visto como um todo. Só a partir de uma perspetiva distanciada é que a complexidade do projeto se torna conhecida, e o fato de que cada vertente aponta para uma verdade central torna-se reconhecida.

1 – O Nome de Deus

A diferença entre a palavra quase certa e a palavra certa é realmente uma questão grandiosa – é a diferença entre o vaga-lume e o lume.

- Mark Twain, Carta a George Bainton

Um exemplo simples de como várias vertentes de provas tecem uma conclusão lógica é em relação ao nome de Deus. Evidências retiradas do Judaísmo, Cristianismo e Islam unem-se para apoiar uma conclusão que deve ser aceitável a todas as três religiões. Por exemplo, o reconhecimento de Deus como "o Criador" e "o Todo-Poderoso" é universal. De fato, Deus é universalmente reconhecido por muitos nomes belos e gloriosos atributos. Quando uma pessoa suplica ao Criador por qualquer um dos Seus muitos nomes belos ou atributos perfeitos, Ele certamente ouvirá a súplica. Então, o que mais é necessário?

Bem, para algumas pessoas, um nome. Um nome definitivo é necessário.

Que o nome de Deus no Islam é *Allah* não deve ser nenhuma surpresa para ninguém. Uma pessoa sugerir que o nome de Deus no Cristianismo também é *Allah* arrisca provocar consternação, senão protesto violento, da comunidade entrincheirada do Cristianismo ocidental. Mas um visitante à Terra Santa aprecia rapidamente que *Allah* é o nome pelo qual Deus é conhecido por todos os árabes, cristãos e muçulmanos. Os cristãos árabes traçam a sua herança

aos dias de revelação – na verdade, os seus antepassados distantes caminhavam na mesma terra que o profeta Jesus – e eles identificam o Criador como *Allah*. A sua linhagem prosperou por 2.000 anos numa terra conhecida pela tolerância religiosa, até à criação do estado sionista de Israel (um fato pouco conhecido, e extremamente distorcido pela mídia ocidental), praticando livremente as suas crenças até aos dias atuais. E eles identificam o Criador como *Allah*.

O Novo Dicionário Internacional da Igreja Cristã diz-nos que "o nome é usado também por cristãos árabes modernos que dizem a respeito de futuras contingências: 'In sha' Allah'."[33] Esta frase *In sha' Allah* é traduzida como "Pela vontade de Allah" ou "Se Allah quiser". A *Encyclopaedia Britannica* confirma o uso árabe partilhado do nome "Allah": "Allah é a palavra árabe padrão para 'Deus' e é usada por cristãos árabes, bem como por muçulmanos."[34]

Na verdade, desde os cristãos ortodoxos da terra natal de Abraão (agora o atual Iraque), até aos cristãos coptas do Egito de Moisés, aos cristãos palestinos da Terra Santa trilhada por Jesus Cristo, a todo o epicentro do Médio Oriente a partir do qual as ondas de choque da revelação irradiavam o mundo inteiro, *Allah* é reconhecido como o nome apropriado para o que as religiões ocidentais chamam de *Deus*. É conhecido que os árabes cristãos chamam Jesus de *Ibn Allah – ibn* significando "filho". Pegue qualquer cópia de uma Bíblia árabe e irá encontrar o Criador identificado como *Allah*. Então, *Allah* é reconhecido como o nome de Deus na terra da revelação do Antigo e Novo Testamentos, bem como na do Alcorão.

O que *não é* reconhecido pelos puristas cristãos e muçulmanos na Terra Santa é o ocidentalizado nome genérico, *Deus*. Esta palavra é completamente estranha às escrituras não traduzidas do Antigo e Novo Testamentos, bem como as do Alcorão - esta simplesmente não existe nos manuscritos fundamentais de qualquer uma das três religiões abraâmicas.

Assim, enquanto o *conceito* de Deus é prontamente reconhecido, um pouco de pesquisa

revela que a palavra *Deus* tem uma origem incerta. A palavra em inglês, *God*, pode ter surgido a partir da raiz indo-europeia, *ghut*-, que pode ter o significado subjacente de "aquilo que é invocado", e pode suportar o *guth*- germânico pré-histórico como um antepassado distante (do qual o alemão moderno *Gott*, o holandês *God*, e o sueco e dinamarquês *Gud* são derivados).[35] Muitas probabilidades, mas nada definitivo. Não importa como a origem da palavra é rastreada, o nome *Deus* é de derivação ocidental e não bíblica, e sua origem etimológica e significado foram perdidos na história.

Resumindo, nós não sabemos de onde a palavra *Deus* veio, mas *sabemos* de onde ela *não veio* – ela não veio de qualquer das escrituras bíblicas, seja Antigo ou Novo Testamentos.

No entanto, o fato de que cristãos do Médio Oriente equiparam *Deus* a *Allah* é uma afronta à sensibilidade daqueles que associam *Allah* com os pagãos. Seja como for, a questão relevante é saber se *Allah* pode ser justificado como o nome do nosso Criador. A maioria das pessoas gostaria de ter a certeza de que as suas crenças e práticas religiosas têm uma base na escritura e não apenas nos costumes locais, por isso pode-se, razoavelmente, questionar se o Antigo e Novo Testamentos apoiam o nome *Allah* no Judaísmo e/ou Cristianismo.

A resposta é *sim*.

Em textos judaicos, Deus é referido como *Yahweh, Elohim, Eloah*, e *El*. Em textos cristãos a terminologia é um pouco diferente, para os gregos, *theos* é nada mais do que atradução de *Elohim*. *Eloi* e *Eli* também são encontrados.

No Antigo Testamento, *Yahweh* é usado mais de 6.000 vezes como nome de Deus, e*Elohim* em excesso de 2.500 vezes como um nome genérico para Deus; *Eloah* é encontrado 57 vezes e El mais que 200.[36,37] Como é que estes nomes do Antigo Testamento se igualam ao nome *Allah*? Simples. *Elohim* é o plural Majestático (um plural de majestade, não números) de

Eloah.[38] A *Enciclopédia de Religião e Ética* confirma que a palavra árabe *ilah* (a palavra árabe genérica para "deus") é "idêntica ao *eloah* de Jó."[39] A explicação linguística da origem do nome "Allah" é que a contração do artigo definido árabe *al* (o) e *ilah* (deus), de acordo com as regras da gramática árabe, torna-se *Allah* (O Deus). Consequentemente, as mais de 2500 menções de *Elohim* e as 57 menções de *Eloah* no Antigo Testamento têm relação direta com o nome de Deus como *Allah*, pois *Elohim* é o plural de *Eloah*, que em si é idêntico ao *ilah* árabe, do qual *Allah* parece ser linguisticamente derivado.

Os estudiosos muçulmanos oferecem ainda outro pensamento tentador, pois, quando suplicam ao seu Criador, os muçulmanos rogam a *Allah* pela denominação de *Allahuma*, que significa "Ó Deus". A semelhança de gémeos siameses dos primos semitas *Allahuma* e *Elohim* não pode escapar o fácil reconhecimento.

Infelizmente, tais fatos não são reconhecidos por aqueles que abordam a análise bíblica mais como uma guerra religiosa do que como uma pesquisa objetiva pela verdade. Um exemplo da sensibilidade extrema sobre esta questão diz respeito à *Bíblia de Referência Scofield*, editada pelo teólogo americano e ministro, Cyrus I. Scofield, e publicada em 1909 pela Oxford University Press. A sua publicação original incitou censura cristã por invocar o nome "Alah" *(sic)*. Especificamente, uma nota de rodapé do Génesis 1:1 explicou que o nome *Elohim* éderivado da contração de *El* e *Alah*. O fato de que esta explicação se aproxima à explicação linguística acima mencionada que a origem do nome "Allah" pode derivar da contração do artigo definido árabe *al* (o) e *ilah* (deus) para *Allah* (o Deus) não escapou à observação de certos apologistas muçulmanos, o Ahmed Deedat sul-africano em particular. No entanto, as conclusões que podem ser extraídas da circunstância são especulativas, pois a *Bíblia de Referência Scofield* não identificou "Alah" como o próprio nome do Criador, mas sim ofereceu a definição: "*El* –

força, ou aquele que é forte, e *Alah*, jurar, vincular-se por um juramento, de modo a implicar fidelidade". Certamente, a alegação de que a *Bíblia de Referência Scofield,* de qualquer forma,indicou o nome próprio do Criador sendo "Allah" seria inapropriada. No entanto, o seu comentário tem relevância para o que eles queriam transmitir, e não parece, de alguma forma, desapropriado, incorreto ou polémico. No entanto, a menor sugestão de que o nome de Deus no Antigo Testamento corresponde ao do Alcorão Sagrado excitou as sensibilidades cristãs. Como resultado, esta nota de rodapé foi editada de todas as edições subsequentes.

Saindo do Antigo Testamento para o Novo Testamento, o leitor cristão pode, razoavelmente, perguntar: "Como é que o Novo Testamento se encaixa no esquema acima descrito?" Mais uma vez a resposta é bastante simples, sendo resumida para alguns pontos concretos. O primeiro é que a palavra mais utilizada para Deus (1.344 das 1.356 menções) no Novo Testamento grego é *theos*.[40] Esta palavra é encontrada na Septuaginta (a antiga tradução grega do Antigo Testamento) principalmente como a tradução de *Elohim*, o nome hebraico para Deus.[41] Os setenta e dois estudiosos judeus encarregados de traduzir a Septuaginta (seis de cada uma das doze tribos de Israel) mantiveram a tradição, traduzindo *Elohim* para *theos*. O Novo Testamento não é diferente. O *theos* do Novo Testamento grego é o mesmo que o *theos*do Antigo Testamento grego (ou seja, a Septuaginta), ambos derivados de *Elohim*.

Reconhecendo que a base do *theos* do Novo Testamento é o *Elohim* do Antigo Testamento, uma pessoa é levada de volta para a ligação acima descrita entre *Elohim* e *Allah*.

E, na verdade, uma pessoa não deveria estar surpreendida. O *Eli* e *Eloi* alegadamente encontrados nos lábios de Jesus no Novo Testamento (Mateus 27:46 e Marcos 15:34) são incomensuravelmente mais perto de "Allah" do que a palavra "Deus". Como é o caso com *Elohim* e *Eloah, Eloi* e *Eli* soam como "Allah" e se aproximam linguisticamente de "Allah" em

forma e significado. Todos estes quatro nomes bíblicos são hebraicos, uma língua irmã do árabe e do aramaico. As línguas normalmente reconhecidas pelos estudiosos como tendo sido faladas por Jesus são hebraico e aramaico. Por exemplo, na frase *"Eloi, Eloi, lama sabachthani"* (Marcos 15:34), as palavras *Eloi* e *lama* são transliteradas do hebraico, enquanto que *sabachthani* é transliterada do aramaico. Assim, sendo línguas irmãs, não é de estranhar que palavras hebraicas, aramaicas e árabes, tendo o mesmo significado ou semelhante, soem como primas fonéticas. Todas as três são línguas semíticas, com ligeiras diferenças de pronúncia para palavras do mesmo significado, como no cumprimento hebraico, *shalom*, e o cumprimento árabe, *salaam*, ambos significando paz. A suspeita de que o *Elohim, Eloah, Eloi*, e *Eli* hebraicos equivalem ao árabe *Allah*, da mesma forma que o *shalom* hebraico equivale ao árabe *salaam* parece bem fundada.

Apesar do exposto acima, há ainda aqueles que foram condicionados a propor que "Allah" é o nome de um deus pagão! Eles ignoram o fato de que os pagãos genericamente usam a palavra "deus", da mesma forma que os cristãos, judeus e muçulmanos a usam, e isso não muda o fato de que há apenas um Deus. Da mesma forma, a palavra *elohim* foi utilizada naSeptuaginta para se referir a deuses pagãos, bem como a deuses gregos e romanos, além do Único e Verdadeiro Deus do Antigo e do Novo Testamentos.[42] A *Encyclopaedia Judaica* esclarece este ponto: "A forma plural *elohim* é utilizada não só para 'deuses' pagãos (por exemplo, Ex. 12:12; 18:11; 20:3.), mas também para um 'deus' pagão individual (Jz. 11:24; 2 Reis 1:2ff.) e até mesmo para uma 'deusa' (1 Reis 11:5). Em referência ao "Deus" de Israel é bem mais usada – mais de 2.000 vezes..."[43] Lembrando que *Elohim* é a palavra da qual *theos,* do Novo Testamento, é principalmente derivada, descobre-se que a utilização deste termo bíblico para Deus fluiu dos lábios e das canetas dos pagãos, bem como dos judeus e cristãos. Quer isto

dizer que *Elohim* é um deus pagão, ou até mesmo um Deus exclusivamente judeu ou cristão? Obviamente, o fato de que diferentes religiões, as religiões pagãs incluídas, tenham utilizado "Deus", "Elohim" e "Allah" para identificar o seu conceito do Ser Supremo, não reflete nada mais do que a adoção de um nome geralmente reconhecido para Deus.

"Geralmente reconhecido? Soa-me estranho", dirão alguns. Tal é também provável que seja o caso com os nomes Shim'own Kipha, Yehowchanan, Iakobos, e Matthaios – mas o quão estranhos são esses nomes realmente? Desconhecidos para alguns, talvez, mas estranhos? Não. Estas são transliterações do hebraico e do grego a partir das quais os nomes bíblicos Simão Pedro, João, Santiago e Mateus são traduzidos para o português.

Então, o que é realmente mais estranho – inventar e popularizar novos nomes em preferência aos identificados na escritura, ou manter-se fiel ao que são considerados textos sagrados? A identificação do Criador pelo rótulo "Deus" originou da criatividade humana e incubou na cultura ocidental, ou o nome foi especificado pelo Todo-Poderoso, como Ele Se declara na Escritura?

Inegavelmente, aquele que fala de Yehowchanan, Iakobos, e Allah será recebidocom uma certa reserva no Ocidente, mas a preocupação dos verdadeiros crentes nunca foi a popularidade, mas a verdade do testemunho diante do Criador. Um Criador cujo nome próprio, de acordo com as fontes judaicas, cristãs, e muçulmanas, é "Allah".

2 – O Nome de Deus e o Plural Majestático

Vês coisas; e dizes "Porquê?" Mas eu sonho coisas que nunca existiram; e digo "Porque não?"

- George Bernard Shaw, *Back to Methuselah*
[De Volta a Methuselah]

Nenhuma discussão sobre o nome de Deus está completa sem explicar o plural majestático. Este é um conceito linguístico estranho para a maioria dos falantes nativos do português, mas não para o idioma português. O plural de realeza, como definido pelo dicionário da Real Academia da Língua Espanhola, também aplicável à língua portuguesa, é o plural do pronome pessoal da primeira pessoa, ou a flexão verbal correspondente, em vez do singular usado para expressar a autoridade e a dignidade dos reis, papas, etc. Portanto, o uso do plural para se referir ao singular é reconhecido e aceite, não só em línguas semíticas, mas também em espanhol, português e inglês.

Nas escrituras sagradas (incluindo o Antigo e o Novo Testamento, bem como o Alcorão Sagrado), Deus é, por vezes, referido como "Nós". Por exemplo, Génesis 1:26 e 11:7 registram Deus como tendo dito: "Façamos o ser humano..." e "Portanto, vinde! Desçamos!"

Na escritura islâmica, o nome *Allah*, ao contrário do hebraico *Elohim*, é singular e não pode ser feito plural.[44] Alguns termos árabes (por exemplo, pronomes e sufixos pronominais)

descrevem Allah no plural, mas no que é conhecido como o plural Majestático. Isto é um plural não de número, mas de respeito. O plural Majestático é um artifício literário das línguas orientais e semitas que denota majestade. Em ambos Antigo e Novo Testamentos, *Elohim* é a forma plural de *Eloah* (o nome mais próximo de "Allah" em transliteração e significado).[45] Da mesma forma que as expressões do plural majestático no Alcorão denotam a majestade de Deus, assim também *Elohim* no Antigo e no Novo Testamentos transmite o plural de respeito.[46,47] O *Dicionário Teológico do Novo Testamento* comenta, "*Elohim* é claramente um plural numérico apenas em muito poucos casos (cf. Ex. 15:11). Até mesmo um único deus pagão pode ser o significado da palavra (por exemplo, 1 Rs. 11:5). Geralmente, então, temos um plural de majestade."[48]

As pessoas podem arremessar opiniões sobre este assunto para trás e para a frente a partir da distância respeitosa das suas crenças individuais, mas é interessante notar a conclusão de, pelo menos, um erudito que passou um tempo em ambos os lados da cerca teológica. David Benjamin Keldani serviu por dezanove anos como um padre católico do Rito Caldeu na diocese de Uremia (no que foi, então, chamado de Pérsia), antes de se converter ao Islam no início do século XX. Conhecido pelo nome islâmico Abdul-Ahad Dawud, ele foi autor de um dos primeiros trabalhos académicos no idioma inglês sobre o tema dos correlatos bíblicos com o profeta do Islam, Muhammad. Neste trabalho, ele escreveu,

> Seria uma mera perda de tempo aqui refutar aqueles que, por ignorância ou maliciosamente, supõem que o Allah do Islam é diferente do verdadeiro Deus e só uma divindade fictícia da própria criação de Muhammad. Se os sacerdotes e teólogos cristãos soubessem as suas Escrituras no original hebraico, em vez de através de traduções, como os muçulmanos leem o seu Alcorão no seu texto árabe, veriam claramente que Allah é o mesmo antigo

> nome semita do Ser Supremo que revelou e falou a Adão e todos os profetas.[49]

Assim como os cristãos árabes identificam Deus como “Allah”, e assim como a Bíblia emprega o plural majestático tanto em pronomes, como no nome próprio *Elohim*, os cristãos ocidentais podem adotar a mesma prática sem comprometer o seu credo. Mas a fé não necessita depender de tais questões, quando ainda há um ponto mais relevante para se refletir: Independentemente do Seu nome, como é que Deus ordenou a humanidade a entendê-Lo?

3 – Entendendo Deus

Aqueles que concordam conosco podem não estar certos, mas admiramos a sua astúcia.

- Cullen Hightower

A compreensão judaica de Deus é relativamente concreta, apesar das grandes diferenças entre o Judaísmo ortodoxo, conservador, reformista e hassídico noutros assuntos. Em todo o Judaísmo, a Unicidade de Deus continua a ser o principal atributo do Criador, seguido por muitos outros, incluindo a justiça, o amor, a misericórdia, a omnisciência, a omnipresença, a omnipotência, a soberania, a verdade, a sabedoria, a auto-existência, a bondade, a santidade, a eternidade e um conceito ainda mais complicado do infinito. Além disso, os judeus consideram Deus como incompreensível, pois os atributos de Deus transcendem os da Sua criação.

Os atributos de Deus judaicos transitam para definições cristãs também, embora a Unicidade de Deus tenha sofrido na transformação do monoteísmo estrito da era apostólica ao misticismo da Trindade. Saindo de um canto está o entendimento trinitário de três entidades n'Uma só – um conceito repudiado por desafios unitários. Na verdade, como poderiam substâncias com polaridades opostas (ou seja, a mortalidade/imortalidade; com início/sem princípio; mutável/imutável, etc.) possivelmente existir numa entidade? Por que é queJesus Cristo atribuiu as suas obras milagrosas exclusivamente a Deus e não a qualquer divindade

própria, se ele era, de fato, um parceiro na divindade? E por que é que ele testemunhou ter recebido os seus dons de Deus se ele e o Criador são coiguais? (Para versículos relevantes, veja João 3:35, 5:19-23, 5:26-27, 10:25, 13:3, 14:10, Atos 2:33, 2 Pedro 1:17, Apo.2:26 -27.)

A doutrina de Deus ser três, no entanto, Um, isto é, três-em-Um, faz jus ao seu rótulo de mistério religioso. Embora muitos professem crença, ninguém consegue explicar em termos que um cético saudável possa entender. A luta para explicar como "a criatura" pode possivelmente comparar-se ao Criador é deveras antiga, assim como os outros mistérios da fé trinitária. Deixando tais questões de lado, a imagem cristã mais comum de Deus é o "homem grande no céu", muito parecida com a representação de idoso, de barba branca e vestes fluídas preservada no afresco de Michelangelo no teto da Capela Sistina. O fato de que esta imagem não é nada diferente da antiga representação grega de Zeus não passou despercebido, e muitos se opõem, e não apenas com base no segundo mandamento (que proíbe "*nada* que se assemelhe ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo na terra, ou mesmo nas águas que estão debaixo da terra." Êxodo 20: 4-5)

Então, se não com base no segundo mandamento, porque é que mais alguém se deveria opor? Bem, será que a passagem bíblica afirmando que Deus criou o homem "à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança" significa que Deus criou o homem para se *parecer* com Ele, ou para ter domínio sobre a criação mundana, semelhante à forma como Deus tem domínio sobre *toda* a criação, nós incluídos? O último é o contexto em que este versículo foi revelado, pois o versículo completo lê: "Então Deus determinou: 'Façamos o ser humano à Nossa imagem, de acordo com a Nossa semelhança. Dominem eles sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais e todas as feras da terra, e sobre todos os pequenos seres viventes que se movem rente ao chão!'" (Gênesis 1:26). Este versículo não lê, "à Nossa imagem, conforme a

nossa semelhança; deixe-o ter olhos e um nariz, uma boca e orelhas...” Não, ele fala do domínio, não da aparência física. Não uma, mas duas vezes, pois nos versículos seguintes Deus disse à humanidade, “Sede férteis e multiplicai-vos! Povoai e sujeitai toda a terra; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo o animal que rasteja sobre a terra!” (Génesis 1:28).

Então, como devemos retratar Deus? De acordo com ambos o segundo mandamento e os versículos acima, não o devemos fazer de todo. Pois, não só Deus nos ordena a não o fazer, mas não fazemos qualquer ideia de como Ele se parece em primeiro lugar.

Da mesma forma, a afirmação cristã de que o Deus do Antigo Testamento se arrependeu e mudou de um Deus severo e irado para o Deus amoroso e de perdão do Novo Testamento não é universalmente aceita. Na verdade, muitos consideram este conceito desmentido tanto pela escritura – “Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele dito, não o fará? ou, havendo falado, não o cumprirá?” (Números 23:19) – como pelo senso comum.

O entendimento islâmico de Deus é mais simples, e é semelhante à compreensão judaica em muitos aspetos. Os elementos críticos do credo islâmico descansam sobre a palavra *Tawhid*, que define a Unicidade de Deus, afirma os Seus muitos nomes e atributos exclusivos, e orienta as pessoas a falar e a agir de uma maneira agradável a Deus.

De acordo com a religião islâmica, Deus é Um em essência, eterno e absoluto. Ele vive, é autossuficiente, omnisciente, todo-poderoso. Ele não tem necessidade de nada, mas todos têm necessidade d’Ele. Ele não gera, e não é gerado. Ele é “o Primeiro”, sem começo, “o Último”, sem fim, e Ele não tem parceiros ou compartícipes na divindade.

Allah é “o Predominante”, acima de Quem não há ninguém. Ele é “o Omnisciente”,

perfeito em conhecimento, compreendendo todas as coisas grandes e pequenas, aparentes e ocultas, e “o infinitamente Sábio”, livre de erros de julgamento. Ele é “o Compassivo”, “o Misericordioso”, cuja misericórdia abrange toda a criação. No entanto, enquanto Deus ama e recompensa a crença e piedade, Ele odeia a impiedade e pune a transgressão. Sendo “o Onipotente”, o Seu poder é absoluto, e ninguém pode frustrar o Seu decreto.

Muitos outros nomes característicos são dados no Alcorão Sagrado, como Allah sendo o Senhor e Mestre da criação: a humanidade ter sido criada por meio da Sua vontade e viver, morrer, e voltar para Ele no Dia do Juízo de acordo com o Seu decreto. Os muçulmanos reconhecem ainda que Allah está para além da compreensão completa humana, pois não há nada na criação comparável a Ele. Talvez na vida após a morte seremos dotados de maior compreensão, mas nesta vida, a compreensão quanto ao nosso Criador está dentro dos limites da revelação.

Semelhante ao Judaísmo, mas ao contrário do Cristianismo, não há representações físicas de Allah no Islam. Consequentemente, as mentes dos crentes não estão confusas com imagens antropomórficas do “homem grande no céu”. Além disso, a religião islâmica não atribui género a Deus, porque Deus é entendido como sendo transcendentalmente acima de todas essas características. A atribuição de características sexuais é considerada especialmente ofensiva, blasfema até, para os muçulmanos. Assim, enquanto Ele é referido com o pronome masculino no Alcorão, isso nada mais é do que uma necessidade linguística, pois não há pronome neutro em termos de género na língua árabe. Embora Senhor, Deus, Criador e Mestre Ele seja, em nenhum lugar no Islam é Allah referido como “Pai”.

O entendimento islâmico de Deus encontra uma série de acusações no Ocidente predominantemente cristão. A primeira é que o Islam reconhece Jesus como um profeta, mas não

como um “filho de Deus”, e especialmente não num sentido “gerado, não feito”. A segunda é que o Islam ensina a Unicidade de Deus e condena o conceito da Trindade. A terceira objeção é que os muçulmanos não acreditam que a humanidade herdou o peso do pecado original, pois este conceito não é compatível com a justiça e misericórdia de Deus. A última é que os muçulmanos acreditam que Jesus foi ressuscitado e salvo da crucificação, o que invalida as doutrinas da expiação e ressurreição.

Estas diferenças de crença são significativas, pois elas constituem as principais linhas de falhas, onde as plataformas continentais do Cristianismo e do Islam colidem.

PARTE III: DIFERENÇAS DOUTRINAIS

O problema com as pessoas não é que elas não sabem, mas é que elas sabem muito do que não é verdade.

- Josh Billings, *Josh Billings' Encyclopedia of Wit and Wisdom [A Enciclopédia da Sagacidade e Sabedoria de Josh Billing]*

As diferenças entre o Judaísmo, o Cristianismo e o Islam podem ser abordadas num número de níveis, o mais básico dos quais é o de senso comum. Senso claro como *Alice no País das Maravilhas*, exemplificado por tais trocas sensíveis como:

"Isso não é uma regra normal: Você inventou isso agora mesmo."
"É a regra mais antiga no livro", disse o rei.
"Então deveria ser a Número um", disse Alice.[50]

Quando aplicada corretamente, esta forma de lógica não deixa espaço para mais argumentos. No entanto, uma maneira complementar de análise é contrastar os ensinamentos judaicos, cristãos e islâmicos, e deixar os leitores pesarem as provas contra as suas próprias crenças.

Vamos começar dando uma olhada na história do debate unitário/trinitário, como em *Alice no País das Maravilhas*.

1 – Unitários vs. Trinitários

Eles decidiram que todos os mentirosos fossem chicoteados.

E um homem veio e disse-lhes a verdade.

E eles enforcaram-no.

- T. W. H. Crosland, *Little Stories*
[Pequenas Histórias]

Muitas doutrinas da fé trinitária são consideradas como as "regras mais antigas no livro", mas, na verdade, são provenientes de fontes não bíblicas. Em vez de ser "a regra número um", como uma pessoa poderia logicamente esperar dada a sua primazia, estes dogmas de fé não são encontrados na Bíblia.

Alice opor-se-ia.

E, de fato, muitos grandes pensadores *realmente* se opuseram: pensadores como o Bispo Potino de Lyons (assassinado no final do século II, juntamente com *todos* os cristãos dissidentes que impetraram o Papa Eleutério para pôr um fim à perseguição); Leónidas (um seguidor do Cristianismo apostólico e expositor de inovações paulinas, assassinado em 208 EC); Orígenes (que morreu na prisão em 254 EC após tortura prolongada por pregar a Unidade de Deus e a rejeição da Trindade); Diodoro; Panfilo (torturado e assassinado, 309 CE); Luciano (torturado por causa dos seus pontos de vista e morto em 312 EC); Donato (escolhido para ser bispo de

Cartago, em 313 EC, e, posteriormente, o líder e inspiração de um movimento unitário que cresceu para dominar o Cristianismo na África do Norte até o imperador Constantino ordenar o seu massacre. Tão completa foi sua obliteração que pouco dos escritos sagrados, desta então enorme seita, permanecem); Ário (o presbítero de Alexandria, cujo lema era "seguir a Jesus como ele pregava", morto por envenenamento em 336 EC); Eusébio de Nicomedia; e para não mencionar os mais de milhões de cristãos mortos por se recusarem a aceitar a doutrina oficial da igreja no período imediatamente após o Conselho de Niceia.

Exemplos posteriores incluem Lewis Hetzer (decapitado a 4 de Fevereiro de 1529); Miguel Servetus (queimado na fogueira a 27 outubro de 1553, usando ramos verdes ainda em folha para produzir um fogo dolorosamente lento e latente);[51 (NE)] Francis Davidis (morreu na prisão em 1579); Faustus Socinus (morreu em 1604); John Biddle (que sofreu exílio para a Sicília e várias prisões, a última das quais apressou a sua morte). Biddle, que considerava a terminologia empregada pelos trinitários "mais apta para ilusionistas do que para cristãos"[52], estabeleceu um parapeito de argumentos contra o assalto da teologia trinitária com tal eficácia que, em pelo menos uma ocasião, os adversários em debate arranjaram a sua detenção para evitar enfrentá-lo em fórum público.[53] Ele deixou um legado de livres-pensadores afirmando a unidade divina, incluindo alguns dos principais intelectuais da época, como Sir Isaac Newton, John Locke e John Milton. Os dias de Biddle em exílio também deram origem a um dos comentários mais tocantes sobre a perseguição religiosa, escrito por um correspondente simpatizante d'*O Defensor do Evangelho*:

> O conclave encontrou, o juiz foi criado,
> o Homem montou-se no trono de Deus;

> E eles julgaram, sim, uma questão lá,
> Que descansa com Ele sozinho;
> Da fé de um irmão, eles fizeram crime,
> E dos pensamentos esmagados, direito nativo sublime.[54]

Durante a sua vida, o Parlamento tentou matar (literalmente) o movimento de Biddle, estabelecendo a pena de morte para aqueles que negavam a Trindade (2 de Maio de 1648). No ano da sua morte, o Parlamento aprovou o segundo ato da Uniformidade e baniu toda a adoração e clero não-episcopais.[55] Segundo esta lei, 2.257 sacerdotes foram expulsos do clero e mais de 8.000 pessoas morreram na prisão por se recusarem a aceitar a Trindade.

Há pelo menos um caso em que, na sabedoria seletiva da igreja, a população de um país inteiro foi condenada:

> No início do ano, a sentença de morte mais sublime alguma vez pronunciada desde a criação do mundo foi promulgada. O tirano romano desejou que as cabeças dos seus inimigos estivessem todas em cima de um único pescoço, para que pudesse atacá-los num só golpe; a inquisição assistiu Filipe a colocar as cabeças de todos os seus súditos dos Países Baixos sobre um único pescoço com a mesma finalidade. A 16 de fevereiro de 1568, uma sentença do Santo Ofício condenou todos os habitantes dos Países Baixos à morte como hereges. A partir desta condenação universal, apenas algumas pessoas, especialmente nomeadas, foram exceção. A proclamação do rei, datada dez dias mais tarde, confirmou este decreto da Inquisição, e ordenou que este fosse levado para execução imediata, sem levar em conta a idade, sexo ou condição. Esta é provavelmente a sentença de morte mais concisa alguma vez

registrada. Três milhões de pessoas, homens, mulheres e crianças, foram condenadas ao cadafalso em três linhas; e, como era sabido que estes não eram trovões inofensivos, como alguns touros do Vaticano, mas medidas sérias e concretas, que estavam a ser aplicadas, o horror que eles produziram pode ser facilmente imaginado. Não era o propósito do governo obrigar o cumprimento absoluto do plano de ataque em todo o seu comprimento e largura e, ainda assim, nos tempos horríveis nos quais eles se tinham encontrado, os holandeses podem ser desculpados por acreditarem que nenhuma medida era demasiado monstruosa para ser cumprida. De qualquer forma, era certo que quando *todos* foram condenados, *qualquer um* poderia num só aviso ser levado ao cadafalso, e este foi precisamente o curso adotado pelas autoridades. Ao abrigo deste decreto universal, a indústria do Conselho de Sangue pode agora parecer supérflua. Por que não deveriam estes processos simulados serem dispensados contra indivíduos, agora que uma sentença comum tinha engolido toda a população num vasto túmulo? No entanto, pode-se supor que, se os esforços dos comissários e conselheiros não serviram nenhum outro propósito, que, pelo menos, forneceram ao governo evidências valiosas quanto à riqueza relativa e outras circunstâncias das vítimas individuais. O pensamento líder do governo sendo que a perseguição, criteriosamente gerida, poderia frutificar numa colheita dourada, ainda era desejável perseverar na causa em que tinha sido feito já tal progresso sangrento.

E sob este novo decreto, as execuções certamente não afrouxaram. Os homens nas posições mais altas e nas mais humildes foram diariamente e a cada hora arrastados para a fogueira. Alva, numa única carta a Filipe, estimou friamente o número de execuções que teriam lugar imediatamente após a expiração da semana santa como “oitocentas cabeças”. Muitos cidadãos, condenados por cem

> mil florins e nenhum outro crime, viram-se de repente amarrados a um rabo de cavalo, com as mãos presas atrás deles, e assim arrastados para a forca. Mas embora a riqueza fosse um pecado imperdoável, a pobreza provou raramente uma proteção. Razões suficientes poderiam sempre ser encontradas para condenar o trabalhador faminto, bem como o burguês opulento. Para evitar as perturbações criadas nas ruas pelas arengas frequentes ou exortações dirigidas aos transeuntes pelas vítimas no caminho para o cadafalso, um novo truque foi inventado. A língua de cada prisioneiro foi aparafusada num anel de ferro, e em seguida, queimada com um ferro quente. O inchaço e a inflamação que foram o resultado imediato, impediam a língua de deslizar através do anel, e, claro, efetivamente excluía qualquer possibilidade de discurso.[56]

Apenas uma década antes, Charles V, o imperador do Sacro Império Romano e rei da Espanha, recomendou que "todos [os holandeses] que permanecessem obstinados nos seus erros fossem queimados vivos, e aqueles a que fosse admitida penitência fossem decapitados".[57] Assim, nem mesmo os penitentes deveriam ser poupados.

A lista acima cataloga indivíduos, uma vez considerados pela Igreja Católica como os mais notórios dos hereges e pelos cristãos unitários como os maiores dos mártires, para o renascimento dos ensinamentos de Jesus Cristo. Alguns dos unitários mencionados acima eram associados a movimentos de tal importância que até passaram por vários países mas, em todos os casos, a Igreja Trinitária, eventualmente, dominou-os por meio da combinação de força superior, tolerância inferior, e disposição a sacrificar companheiros homens e mulheres para a causa de purificação religiosa.

Embora eles usem o mesmo livro para orientação, o Cristianismo unitário e o trinitário

dificilmente poderiam diferir mais na sua metodologia. O Cristianismo trinitário condena qualquer coisa que entre em conflito com a doutrina derivada, enquanto que o Cristianismo unitário condena qualquer coisa que entre em conflito com a evidência bíblica. O conflito entre estes dois padrões está no coração do debate. A Igreja Católica conseguiu matar indivíduos dissidentes, mas não conseguiu reprimir os pensamentos e as paixões ferozes que estes exprimiam. Muito mais sucesso teria sido alcançado se a igreja fornecesse refutação racional e conclusiva aos desafios, e estabelecesse a sua autoridade através da superioridade intelectual, em vez da tirania. No entanto, a história da igreja documenta quase dois milénios de fracasso em deitar abaixo os argumentos dos unitários, para o descrédito dos trinitários.

Exemplos podem ser tomados a partir da vida de Ário, mas com a cautela que, com raras exceções, poucos livros sobre Ário permanecem, exceto aqueles escritos pelos seus inimigos. Consequentemente, as opiniões da maioria dos autores traem um preconceito cruel, e o único objetivo é examinar os seus ensinamentos puros.

Talvez um dos primeiros argumentos arianos é que, se Jesus era o "filho de Deus", então deve ter havido um tempo em que ele não existia. Se Jesus foi criado do Pai, então deve ter havido um momento em que o Pai Eterno precedeu o tardiamente criado Jesus. Assim, o Criador e a Sua criação não são os mesmos, e Jesus não pode ser considerado um parceiro na Supremacia.

Ário declarou que, se Jesus verdadeiramente disse: "o Pai é maior do que eu" (João 14:28), então, igualar Jesus a Deus é negar a Bíblia. Ário sugeriu que, se há algo mais evidente nos ensinamentos de Jesus, é que ele afirmou a sua própria humanidade e a inviolabilidade da unidade divina.

Quando o clero trinitário alegou que Jesus era "da essência de Deus", Ário e os cristãos

trinitários se opuseram igualmente, pois “da essência” e “de uma essência” são expressões materialistas, sabelianas[58 (NE)] na origem, não encontradas na escritura, e contrárias à autoridade da igreja (já que a expressão se originou num conselho em Antioquia, em 269 EC).[59] Quando a Igreja Católica, posteriormente, afirmou que Jesus era “de Deus”, os arianos responderam que a Bíblia descreve todas as pessoas como sendo “de Deus” no versículo, “Tudo isso *provém* de Deus…” (2 Coríntios 5:18 – veja também 1 Coríntios 8:6).[60] Forçados a corrigirem-se, a igreja, em seguida, afirmou que Jesus Cristo “não é uma criatura, mas o poder e a imagem eterna do Pai e verdadeiro Deus”.[61] A resposta ariana de que a Bíblia descreve *todos* os homens como “a imagem e a glória de Deus” (1 Coríntios 11:7) deixou a igreja confundida.[62] Nas palavras do teólogo britânico Henry Melvill Gwatkin, “Quanto mais tempo o debate prosseguiu, mais claro ficou que o sentido da Escritura não poderia ser definido sem ir fora da Escritura em busca de palavras para o definir”.[63] Adotar tal metodologia é propor que o homem pode explicar a revelação melhor do que A Própria Fonte de revelação.

Assim, os argumentos começaram e assim eles continuam até aos dias atuais. Depois de não conseguir vencer via argumentação racional, a Igreja da Trindade violentamente reprimiu a dissensão ao ponto em que populações inteiras foram aterrorizadas em nome da conformidade. No processo, a igreja não conseguiu resolver os problemas. Como Castillo, um dos seguidores do teólogo do século XVI Servetus, comentou: “Queimar um homem não é provar uma doutrina”. Ou seja, a igreja pode reduzir um homem a cinzas, mas só pode eliminar os seus argumentos através de refutação inteligente. Típico daqueles que não têm a capacidade para fundamentar as suas crenças, mas que possuem o poder de opressão, a resposta violenta tem sido o reflexo histórico contra aqueles que desafiam o credo trinitário. O fato de que esta opressão existia no vácuo da justificação razoável enfraquece, em vez de fortalecer, a instituição. Como John

Toland, comentou: “Esta conduta, pelo contrário, fará com que eles suspeitem tudo como sendo uma fraude e impostura, porque os homens naturalmente gritam quando são tocados numa parte dorida... nenhum homem se enraivecerá de uma questão que é capaz de responder...”[64] Nas palavras de H. G. Wells, “Eles eram intolerantes quanto a perguntas ou dissidências, não porque eles tinham certeza de fé, mas porque eles não a tinham. Eles queriam conformidade por razões de política. Por volta do século XIII, a igreja estava, evidentemente, já morbidamente ansiosa quanto às dúvidas roedoras que poderiam atualmente colocar toda a estrutura das suas pretensões em ruínas.”[65]

Pitágoras resumiu o risco de falar o que se pensa em tal circunstância: “Falar de Deus entre homens de opinião prejudicial não é seguro”. Os unitários, ao longo da história, notaram o que o próprio Jesus previu “Eles vos expulsarão das sinagogas; e mais: chegará o tempo quando quem vos matar pensará que está prestando um culto a Deus. Cometerão essas atrocidades porque não conhecem o Pai, tampouco a mim.” (João 16:2-3).

A criação da doutrina trinitária pela câmara do inquisidor, fogo, espada e machado do chefe não nos ameaça hoje. Em vez dos horrores do passado, nós somos agora confrontados com uma variedade de justificações emocionalmente provocativas, juntamente com a evasão sistemática de questões relevantes. Desarmados como são agora, muito do moderno mundo cristão segue o exemplo do Myser de Nicolau, um bispo no Conselho de Nicéia que encaixotou os seus próprios ouvidos sempre que Ário falava. Alguns poderiam sugerir que a resposta dos trinitários aos desafios unitários não é muito diferente hoje. O clero tende a evitar o debate e a encobrir a sua teologia num manto de carga emocional, oratória manipuladora, bordada com o brilho de puritanismo.

Alguns são seduzidos pela apresentação hipócrita e linhas sectárias palradas; outros não

são. Mais do que alguns tementes a Deus se cansam de tais estratagemas psicológicos e buscam reexaminar os princípios infundados do passado à luz do conhecimento moderno e análise de mente aberta.

Para este fim, vamos agora considerar as questões relevantes uma por uma.

2 – Jesus Cristo

E por que me chamais: "Senhor, Senhor", e não praticais o que Eu vos ensino? Eu vos revelarei com quem se compara àquela pessoa que vem a mim, ouve as minhas palavras e as pratica. É como se fosse um homem que, ao construir sua casa, cavou fundo e firmou os alicerces sobre a rocha. E sobrevindo grande enchente, o rio transbordou e as muitas águas avançaram sobre aquela casa, mas a casa não se abalou, por ter sido solidamente edificada. Entretanto, aquele que ouve as minhas palavras e não as pratica, é como um homem que construiu sua casa sobre a terra, sem alicerces. No momento em que as muitas águas chocaram-se contra ela, a casa caiu, e a sua destruição foi total.

- Jesus Cristo (Lucas 6:46-49)

Quem era o Jesus histórico? Ao longo da história, essa questão tem assombrado todos os que queriam conhecê-lo. Os judeus têm um conceito, os cristãos unitários outro, os trinitários ainda outro; e estes pontos de vista são bem conhecidos. O que não é tão amplamente entendido é a perspetiva islâmica.

A maioria dos cristãos fica agradavelmente surpreendida ao saber que os muçulmanos reconhecem Jesus como o Messias e uma Palavra de Deus. A maioria dos judeus ficam... bem... não tão positivamente impressionados.

A tradução do Alcorão Sagrado, *surah* (capítulo) 3, *ayat* (versículos) 45-47, lê,

> Lembra-lhes de quando os anjos disseram: "Ó Maria! Por certo, Allah te alvissara um Verbo, vindo d'Ele; seu nome é O Messias, Jesus, Filho de Maria, sendo honorável na vida terrena e na Derradeira Vida, e dos achegados a Allah.
>
> E falará aos homens, no berço, e na maturidade, e será dos íntegros."
>
> Ela disse: "Senhor meu! Como hei de ter um filho enquanto nenhum homem me tocou?"
>
> Ele disse: "Assim é! Allah cria o que quer. Quando decreta algo, apenas, diz-lhe: 'Sê' então, é."

Em resumo teológico, os muçulmanos creem que Jesus é ***uma*** Palavra de Allah (ao contrário dos cristãos, que o consideram como ***a*** Palavra), um Messias, nascido por parto virginal de Maria (Maryam) e fortalecido pelo Espírito Santo. Os muçulmanos creem que ele realizou milagres, desde o berço, transmitiu a revelação à humanidade em cumprimento da escritura anterior, curou os leprosos, curou os cegos e ressuscitou os mortos, tudo pela vontade de Allah. Eles também creem que Allah ascendeu Jesus no final do seu ministério para o poupar da perseguição do povo, e substituiu-o por outro para ser crucificado no seu lugar. Os muçulmanos creem que um tempo virá quando Jesus será reenviado para derrotar o Anticristo. Depois disso, ele erradicará as crenças e práticas desviantes em todas as religiões, que incluirá corrigir aqueles que se consideram seguidores dos seus ensinamentos como cristãos, mas que na verdade estão perdidos. Ele, então, estabelecerá a submissão à vontade de Deus (novamente, a definição do Islam) em todo o mundo, viverá uma vida exemplar, morrerá, e logo em seguida virá o Dia do

Juízo.

Dada a complexidade das questões, cada ponto requer uma discussão separadamente. Não há dúvida que o leitor espera que uma vez que a imagem do Jesus bíblico for repartida para exame, uma análise detalhada irá revelar um perfil consistente com as suas expectativas. No entanto, em busca da verdade, devemos estar preparados para encontrar um Jesus em desacordo com dois mil anos de falso preconceito e corrupção canónica, o *verdadeiro* Jesus em conflito com noções popularizadas, perfis de mídia e ensino cristão moderno. Poderia Jesus ser tão contrário a construções pessoais e sociais que ele se oporia abertamente às igrejas construídas à volta da sua existência? Se assim for, então papas e sacerdotes, párocos e pastores, bispos e cardeais, evangelistas e monges, ministros e pretendentes messiânicos podem todos encontrar Jesus a condená-los tal como ele condenou os fariseus na sua terra natal. Noutras palavras, um Jesus poderá vir à tona, um que renegaria aqueles que pretendem seguir em seu nome, *assim como ele disse que faria*, como registrado em Mateus 7: 21-23:

> Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor!' entrará no Reino dos céus, mas somente o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos dirão a mim naquele dia: 'Senhor, Senhor! Não temos nós profetizado em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios? E, em teu nome, não realizamos muitos milagres?' Então lhes declararei: 'Nunca os conheci. Afastai-vos da minha presença, vós que praticais o mal.'

Esta passagem prevê claramente um momento em que Jesus negará "seguidores" aparentemente piedosos, apesar das suas profecias impressionantes, maravilhas e exorcismos. Por que? Porque, como disse Jesus, eles praticavam "o mal". Estes são os seguidores que, apesar

dos seus milagres de ministério, não consideravam “a Lei”. Que lei? A lei de Deus, é claro – a Lei do Antigo Testamento que Jesus praticava. A mesma Lei do Antigo Testamento que Paulo negou. O mesmo Paulo de quem a teologia trinitária surgiu. A mesma teologia trinitária fundada maioritariamente em fontes não-bíblicas.

“Ei, espere um minuto”, o leitor poderá dizer. “Quem Jesus disse que negaria, e por que?”

Vamos dar uma olhada mais de perto.

3 – Palavra de Deus

> *Foi então que comecei a olhar para as costuras da sua doutrina. Eu só queria pegar num único nó; mas quando eu o desfiz, a coisa toda se desfez. E então eu entendi que era tudo costurado à máquina.*
>
> - Henrik Ibsen, *Ghosts [Espíritos]*, Ato II

Jesus é identificado no Alcorão como uma "Palavra" de Allah. A *Surah* 3:45 diz:

> Lembra-lhes de quando os anjos disseram:
>
> "Ó Maria! Por certo, Allah te alvissara um Verbo, vindo d'Ele; seu nome é O Messias, Jesus, Filho de Maria, sendo honorável na vida terrena e na Derradeira Vida, e dos achegados a Allah." (OSA 3:45)

Em contraste bíblico, João 1:1 diz: "No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus." A exegese cristã sobre este ponto é que Jesus é a Palavra de Deus, o que significa o *logos* - a palavra grega para "palavra", ou "dito". Esse raciocínio redundante satisfaz alguns, mas não aqueles que percebem que a explicação repete o afirmação. A pergunta

“O que significa isso?” foi deixada sem resposta.

O ponto é que uma declaração deve repousar sobre uma base de axiomas, ou verdades autoevidentes, se for para ser considerada factual. Os axiomas estabelecem uma base de conhecimento claro do qual conclusões válidas podem ser derivadas. Caso as conclusões violem os axiomas fundamentais, estas mesmas conclusões são consideradas como fora dos limites da razão. No campo da matemática, um axioma simples é que um mais um é igual a dois. Qualquer pessoa no mundo pode colocar uma maçã ao lado de uma maçã e ver que, por definição, agora existem duas maçãs. Adicione mais uma, e há três. Se um cientista depois derivar algum conceito novo e revolucionário, mas que viole o axioma de que um mais um é igual a dois, toda a teoria é invalidada. No caso do conceito cristão de Jesus ser “a Palavra”, a doutrina desfaz-se, pela simples razão de que *não há* axiomas – *não existem* verdades autoevidentes. Tudo o que existe é uma reorganização de palavras.

Por outro lado, o Islam ensina que a “Palavra de Deus” é a palavra pela qual Allah ordena as coisas à existência – a palavra árabe *kun*, que significa “sê”. O axioma fundamental a este respeito é que Deus dá existência às coisas, criando-as pela Sua vontade. E assim como Ele criou cada *coisa* grande e pequena, Ele criou Jesus através do Seu mandamento divino: “Sê”. A *Surah* 3:47 aponta: “Assim é! Allah cria o que quer. Quando decreta algo, apenas, diz-lhe: ‘Sê’ então, é.”

Na Bíblia encontramos o primeiro exemplo da “Palavra de Deus”, islamicamente falando, em Génesis 1:3, Deus disse “Haja...” – e houve! Voltando ao Alcorão Sagrado, a *surah* 3:59 diz: “...o exemplo de Jesus, perante Allah, é como o de Adão. Ele o criou de pó; em seguida, disse-lhe: 'Sê', então foi.”

Para aqueles que afirmam que a “Palavra” de João 1:1 (“No princípio era a Palavra, e a

Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus.”) implica a igualdade entre Jesus e Deus, 1 Coríntios 3:23 turva as águas doutrinárias. Este versículo afirma: “...e vós sois de Cristo, e Cristo de Deus!” Agora, de que forma é alguém “de Cristo”? Um seguidor dos seus ensinamentos? Mas então, de que forma é Cristo de Deus? E se Jesus fosse Deus, por que não é a passagem “Cristo é Deus” em vez de “Cristo é de Deus”?

Este versículo enfatiza o fato de que, assim como os discípulos eram subordinados ao profeta Jesus, assim também Jesus era subordinado a Deus. Certamente esta distinção vem como nenhuma surpresa para aqueles que respeitam a autoridade de Isaías 45:22 (“...porquanto Eu Sou Deus, e não há outro.”), Isaías 44:6 (“Assim diz *Yahweh*… ‘Eu Sou o primeiro e Eu Sou o último; além de mim não há Deus.’”), Deuteronómio 4:39 (“Yahweh é o Único Deus, tanto nos mais altos céus, como cá embaixo, na terra. Não há nenhum outro!”), e Deuteronómio 6:4 (“Ouve, ó Israel: *Yahweh*, o nosso SENHOR, é o único Deus!”). Face ao exposto, alegar que o texto de João 1:1 iguala Jesus a Deus, certamente, é um raciocínio seletivo na melhor das hipóteses. Tudo isso deixa uma pessoa razoável a perguntar-se se há algo de errado com o ponto de vista islâmico sobre esta questão, seja esta entendida no quadro do Cristianismo unitário ou Islam.

4 – Messias (Cristo)

O Antigo Testamento está repleto de profecias sobre o Messias, mas em nenhum lugar está implícito que o Messias é para ficar como um Deus a ser adorado. Ele é para trazer paz à terra, para construir os lugares devastados, para confortar os de coração partido, mas em nenhum lugar ele é falado como sendo uma divindade.

- Olympia Brown, primeira ministra mulher dos EUA, Sermão de 13 de Janeiro de 1895

O conceito de Jesus como o messias predito é tão bem conhecido no mundo do Cristianismo que se torna óbvia a necessidade de discussão. Mas Jesus, o Messias, no *Islam*? O fato de que os muçulmanos reconhecem Jesus como o Messias levou evangelistas cristãos a tentarem influenciar os muçulmanos a aceitarem crenças trinitárias.

"Foi Jesus o Messias?", questiona o evangelista, ao qual os muçulmanos respondem: "Sim." O evangelista pergunta: "Foi Muhammad o Messias?" Os muçulmanos respondem: "Não."

O evangelista, em seguida, procura guiar o muçulmano a concluir que Muhammad não era um messias, e, portanto, não um profeta, e que Jesus *era* o messias previsto, e, portanto, é parceiro na divindade.

É um argumento torturado, ao qual os muçulmanos respondem com algumas próprias perguntas:

1. Para além de Jesus, existem outros messias bíblicos? Resposta: Sim, bastantes – não menos do que trinta e oito.[66] (Para detalhes, veja abaixo.)
2. Eram todos messias bíblicos, como os reis davídicos e altos sacerdotes da antiga Palestina (agora chamada de Israel), profetas? Resposta: não.
3. Por outro lado, foram todos os profetas bíblicos, como Abraão, Noé, Moisés, etc., messias? Resposta: não.
4. Portanto, se nem todos os profetas bíblicos eram messias, como podemos desqualificar qualquer reivindicação de um homem quanto a uma missão profética com base neste não ser um messias? Pois, nesse caso, Abraão, Noé, Moisés e outros profetas bíblicos também seriam desqualificados pelo mesmo padrão.
5. Por último, se houveram messias bíblicos que nem eram profetas, como pode ser um messias igualado a divindade quando o rótulo nem sequer iguala a piedade?

O fato é que a palavra *Messias* significa simplesmente "o ungido", e não tem qualquer conotação de divindade. Assim, o muçulmano não tem nenhuma dificuldade em reconhecer Jesus como o Messias, ou na linguagem das traduções para o inglês, Jesus como Cristo, mas sem transgredir no erro de apoteose (igualar a divindade, ou seja, a deificação). De onde, então, vêm "messias" e "Cristo", em primeiro lugar?

O nome "Cristo" é derivado do grego *christos*, que foi posteriormente latinizado para "Cristo". O *Dicionário Teológico do Novo Testamento* define *christos* como "Cristo, o Messias, o Ungido."[67] Uma segunda opinião é a seguinte: "A palavra Messiah (às vezes Messias, após a transcrição Helenizada) representa o hebraico *mashiah*, ou *mashuah* 'ungido', a partir do verbo *mashah* 'ungir'. É exatamente traduzido para o *christos* grego 'ungido'."[68] Explicando em

português, se as pessoas lerem o Antigo Testamento em hebraico antigo lerão *mashiah*, *mashuah*, e *mashah*. Se o lerem em grego antigo, os três acima são "exatamente traduzidos" como *christos*.

O assunto torna-se interessante neste momento porque o aramaico, o hebraico e o grego antigo não têm letras maiúsculas, assim como os tradutores da Bíblia obtiveram "Cristo" com um C maiúsculo de *christos* com um C minúsculo é um mistério que só lhes é conhecido. Alegações de que o contexto requer capitalização no caso de Jesus Cristo não funcionam, pois *christos* é aplicado a uma grande variedade de temas em toda a Bíblia. O verbo *chrio*, que significa "ungir", é encontrado sessenta e nove vezes no Antigo Testamento, em referência a Saul, Davi, Salomão, Joás e Jeoacaz, entre outros. O substantivo *christos* (o mesmo *christos* traduzido para "Cristo", no caso de Jesus) ocorre trinta e oito vezes – em referência a reis[69 (NE)], seis em referência ao sumo sacerdote, e duas vezes em referência a patriarcas do Antigo Testamento.[70]

O argumento pode ser feito de que "Cristo" com um C maiúsculo era "ungido de Deus" em algum sentido especial, diferente de todos os outros "cristos" com um C minúsculo. Ou a diferença precisa de ser definida ou o argumento abandonado. De acordo com o *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, "Saul é geralmente chamado de 'o ungido do Senhor'. Para além de Saul, só os reis davídicos têm este título (exceto em Is. 45:1)."[71] Ao ler esta citação, poucas pessoas tendem a tomar conhecimento da exceção impercetível delimitada por parênteses – um dispositivo de camuflagem literária. Os poucos leitores que param e deitam abaixo essa pequena exceção irão achar que o que sai de Isaías 45:1 é Ciro, o persa – ou seja, Ciro, o rei dos zoroastristas adoradores do fogo.

Graham Stanton, o Professor de Divindade de Lady Margaret na Universidade de Cambridge, resume a informação acima da seguinte forma:

> A palavra hebraica "messiah" significa uma pessoa ou coisa ungida. É traduzida por "christos" (portanto, Cristo), na tradução grega do Antigo Testamento, a Septuaginta (LXX). Em numerosas passagens do Antigo Testamento "ungido" é aplicado ao Rei divinamente eleito. (Veja, por exemplo, 1 Sm. 12:3 (Saul) e 2 Sm 19:22 (Davi)). Em algumas passagens "ungido" é usado para profetas (mais notavelmente em Isaías 61:1) e para sacerdotes (Lev. 4:3, 5, 16), mas sem mais designação, o termo normalmente refere-se ao rei de Israel.[72]

Consequentemente, a lista de "Cristo do Senhor" (isto é, o "*Christos* do Senhor" – o "ungido do Senhor", ou o "messias do Senhor") inclui Saul o Cristo, Ciro o Cristo, e os muitos reis davídicos – todos "Cristos". Ou, pelo menos, é assim que a Bíblia seria lida se os títulos de todos fossem traduzidos da mesma forma.

Mas não são.

Na sabedoria seletiva dos tradutores da Bíblia, *christos* é traduzido como "ungido" em todos os casos, exceto no caso de Jesus Cristo. Quando a palavra "ungido" é encontrada em qualquer tradução para português da Bíblia, uma pessoa pode seguramente assumir que o grego subjacente é o mesmo *christos* a partir do qual Jesus recebe o seu rótulo exclusivo de "Cristo". Este título exclusivo de "Cristo" com um C maiúsculo, e "Messias" com M maiúsculo, é singularmente impressionante. Na verdade, este faz uma pessoa acreditar que o termo implica alguma ligação espiritual única, distinta do rebanho de leigos "messias" com Ms minúsculos e nenhum C de todo - o *christos* escondido na tradução alternativa de "ungido".

Tudo isto representa um ponto de embaraço a cristãos instruídos, pois sugere a ética

questionável da tradução doutrinariamente orientada da Bíblia. Aqueles que reconhecem a preocupação também poderão reconhecer que ainda outra diferença fundamental entre crenças unitárias/islâmicas e trinitárias existe num vácuo de apoio bíblico para o ponto de vista trinitário.

A religião islâmica confirma que Jesus era *um* "ungido" de Deus, mas não se esforça para o elevar além do nível de missão profética, ou para o fazer parecer mais único do que outros portadores de título semelhante ou ofício profético. As mais antigas escrituras bíblicas, como discutido acima, apoiam a crença islâmica de que, assim como todos os profetas e reis davídicos eram *christos*, assim era Jesus. A conclusão de que nenhum rei ou profeta particular deve ter um rótulo único, separado e distinto de outros que possuam títulos semelhantes, não é irracional.

Uma diretiva intrigante da religião islâmica é que a humanidade deve ser verdadeira e evitar os extremos. Neste caso, licença literária injustificada deve ser evitada. Tradução honesta deve evitar o viés de preconceito doutrinário. Um documento entendido como revelação de Deus não deve ser ajustado de acordo com os desejos pessoais ou sectários. Tal documento deverá ser tido em devida reverência, e traduzido fielmente. E o desafio para a humanidade sempre foi apenas isso – para os crentes moldarem as suas vidas com a verdade em vez do contrário. Este conceito, que engloba o reconhecimento de Jesus e adverte contra extremos na religião, é sucintamente expresso na *surah* 4:171 do Alcorão Sagrado:

> Ó seguidores do Livro! Não vos excedais em vossa religião, e não digais acerca de Allah senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria não é senão o Mensageiro de Allah e Seu Verbo, que Ele lançou a Maria, e espírito vindo d'Ele. Então, crede em Allah e em Seus Mensageiros, e não digais: "Trindade". Abstende-vos de dizê-lo: é-vos melhor. Apenas, Allah é Deus Único. Glorificado seja! Como teria Ele um filho?! D'Ele é o que há nos céus e o que há na

terra. E basta Allah por Patrono! (OSA 4:171)

5 – Conceção Virginal

Um bebé é a opinião de Deus de que a vida deve continuar.

- Carl Sandburg, *Remembrance Rock*
[Pedra da Lembrança]

E, no caso de Jesus, um bebé foi a determinação de Deus que a revelação deve continuar.

O fato de que judeus, bem como algumas igrejas "progressistas" cristãs, negam o nascimento virginal é surpreendente, pois o Antigo Testamento prediz: "Pois sabei que o Eterno, o Senhor, ele mesmo vos dará um sinal: Eis que a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o Nome dele será Emanuel…" (Isaías 7:14) Se esta passagem se refere a Jesus Cristo ou a outro da criação de Deus não é a questão. O fato é que o nascimento virginal é predito, e no contexto de um sinal divino. Assim, negar a legitimidade de um profeta segundo isso é puramente caprichoso.

O ponto de vista cristão geral é bem conhecido, e a religião islâmica é inteiramente solidária. O Islam ensina que, assim como Deus criou Adão de nada mais do que barro, Ele criou Jesus sem pai biológico como um sinal para o povo – a origem milagrosa pressagiando o estatuto messiânico. A *surah* 19:17-22 (OSA) descreve Maria a receber a boa notícia do seu filho como se segue:

> E colocou entre ela e eles um véu; então, enviamo-lhe Nosso Espírito, e ele apresentou-se-lhe como um homem perfeito.
>
> Ela disse: “Por certo, refugio-me n’O Misericordioso, contra ti. Se és piedoso, não te aproximes.”
>
> Ele disse: “Sou, apenas, o Mensageiro de teu Senhor, para te dadivar com um filho puro.”
>
> Ela disse: “Como hei de ter um filho enquanto nenhum homem me tocou, e nunca fui mundana?”
>
> Ele disse: “Assim teu Senhor disse: ‘Isso Me é fácil, e sê-lo-á para fazer de1e um sinal para os homens e misericórdia de Nossa parte.’ E foi uma ordem decretada.”
>
> Então, ela o concebeu, e insulou-se com ele, em lugar longínquo.

Os muçulmanos acreditam que através do nascimento milagroso de Jesus, Allah demonstra a abrangência dos Seus poderes criativos no que diz respeito à humanidade, tendo criado Adão sem pai ou mãe, Eva do homem sem mãe, e Jesus da mulher sem pai.

6 – Jesus Gerado?

Criar é divino, reproduzir é humano.

- Man Ray, Originals Graphic Multiples

Os leigos cristãos aceitaram as doutrinas de Jesus como sendo da filiação divina e "gerado, não criado" por tanto tempo que essas doutrinas têm evitado quase todo o escrutínio. Até há três séculos atrás, opiniões divergentes eram suprimidas por meios suficientemente horríveis tendo conduzido desafios intelectuais para o subsolo. Só nos últimos tempos as sociedades ocidentais foram libertadas da opressão religiosa, permitindo uma livre troca de opiniões. Não é assim em terras muçulmanas, onde estas doutrinas cristãs têm sido rejeitadas livremente desde a revelação do Alcorão Sagrado, há 1.400 anos.

O entendimento islâmico é que o "gerar", que é definido no *Dicionário Colegial de Merriam Webster* como "procriar como o pai", é um ato físico que implica o elemento carnal do sexo – um traço animal anos-luz abaixo da majestade do Criador. Então, o que "gerado, não criado" significa, afinal? Quase 1.700 anos de exegese não conseguiram fornecer uma explicação mais sensata do que a declaração original, como expresso no Credo Niceno. O que não quer dizer que o Credo Niceno é sensato, mas que todo o resto parece ainda menos. O credo diz: "Cremos num só Senhor, Jesus Cristo, o Filho único de Deus, eternamente gerado do Pai, Deus de Deus,

Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial com o Pai...."

A questão foi levantada antes, "Que língua é esta?" Se alguém puder explicar isto em termos que uma criança possa entender, e não apenas ser forçado a aceitar cegamente, então ele terá sucesso onde todos os outros falharam. O altamente recitado Credo Atanásio, que foi composto cerca de uma centena de anos após o Credo Niceno, tem essas circunvoluções notavelmente semelhantes que Gennadius, o patriarca de Constantinopla "estava tão surpreendido com esta composição extraordinária, que ele francamente declarou que teria sido o trabalho de um homem bêbedo."[73]

Desafios mais diretos surgem. Se Jesus é o "Filho unigénito de Deus", quem é Davi? Resposta: Salmos 2:7 – "Proclamarei o decreto do SENHOR. Ele me disse: "Tu és meu Filho; Eu hoje te gerei." Jesus o "Filho unigénito de Deus", com Davi "gerado" umas escassas quarenta gerações mais cedo? O rótulo de "mistério religioso" pode não satisfazer todos os livres-pensadores.

À face de tais conflitos, uma pessoa razoável poderia questionar se Deus não é confiável (uma impossibilidade), ou se a Bíblia contém erros (uma possibilidade séria, e em caso afirmativo, como é que uma pessoa sabe quais elementos são verdadeiros e quais são falsos?).[74(NE)] No entanto, vamos considerar uma terceira possibilidade – a de que um credo incorreto foi construído em torno de um núcleo de coloquialismos bíblicos.

Um desafio extremamente desconcertante gira em torno da palavra *monogenes*. Esta é a *única* palavra nos antigos textos bíblicos gregos que leva à tradução de "unigénito".[75] Este termo ocorre nove vezes no Novo Testamento, e a tradução deste termo no Evangelho e na Primeira Epístola de João forma a base da doutrina "gerado, não criado". Das nove ocorrências deste

termo, *monogenes* ocorre três vezes em Lucas (7:12, 8:42 e 9:38), mas sempre em referência a outros indivíduos e não Jesus, e em nenhum desses casos este é traduzido como "unigénito". Isto por si só é curioso. Uma pessoa racionalmente esperaria uma tradução imparcial para traduzir a mesma palavra grega para o português equivalente em todas as instâncias. É evidente que este não é o caso, mas mais uma vez, seria de esperar...

Apenas João se refere a Jesus como *monogenes*.[76] O termo é encontrado em cinco das seis restantes ocorrências no Novo Testamento, nomeadamente, João 1:14, 1:18, 3:16, 3:18, e a Primeira Epístola de João 4:9. João 3:16 diz: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito..." Um elemento tão crucial da doutrina da Igreja, e os outros três autores do evangelho negligenciaram o seu registro? O Evangelho de João por si só não exorciza exatamente o fantasma da dúvida, quando os outros três evangelhos são conspicuamente silenciosos sobre o assunto. Em comparação, todos os quatro autores dos evangelhos concordam que Jesus montou um burro (Mateus 21:7, Marcos 11:7, Lucas 19:35, e João 12:14) que está relativamente alto na lista de "quem se importa com isso?". Mas três dos autores do evangelho falharam em apoiar o crítico dogma de fé "gerado, não criado"? Dificilmente um equilíbrio sensato de prioridades, poder-se-ia pensar.

No caso de a doutrina ser verdadeira, isto é.

Assim, três das nove ocorrências no Novo Testamento do termo *monogenes* estão no Evangelho de Lucas, e estas referem-se a alguém que não é Jesus, e foram mal traduzidas seletivamente. Ocorrências de quatro a oito são encontradas no Evangelho e na Primeira Epístola de João, e são consideradas como descrição de Jesus. Mas é a nona ocorrência que é a causadora de problemas, pois "Isaque é *monogenes* em Heb. 11:17."[77]

Somos levados a questionar a precisão bíblica, neste ponto, pois Isaque nunca foi o único

filho de Abraão. Como poderia ele ter sido, quando Ismael nasceu catorze anos antes? Uma comparação de Génesis 16:16- "Abraão tinha oitenta e seis anos quando Hagar o fez pai de Ismael." – com Génesis 21:5 – "Abraão tinha cem anos quando lhe nasceu seu filho Isaque." – revela a diferença de idade. Isto é confirmado em Génesis 17:25, que nos diz que Ismael foi circuncisado com a idade de treze anos, um ano antes do nascimento de Isaque. Além disso, Ismael e Isaque, ambos sobreviveram o seu pai, Abraão, conforme documentado no Génesis 25:8-9. Então, como poderia Isaque alguma vez, em qualquer momento, ter sido "filho unigénito" de Abraão?

A defesa dos leigos é a afirmação de que Ismael foi o produto da união ilícita entre Abraão e Hagar, escrava de Sara. Portanto, ele era ilegítimo e não conta.

Nenhum estudioso sério concorda com essa defesa, e por boas razões. Para começar, Ismael era filho gerado de Abraão, independentemente da natureza da sua filiação. Validação mais concreta do seu estatuto como filho legítimo de Abraão é simplesmente que Deus o reconheceu como tal, como encontrado em Génesis 16:11, 16:15, 17:7, 17:23, 17:25 e 21:11. E se Deus reconheceu Ismael como filho de Abraão, que ser humano se atreveria a discordar?

Contudo, o homem é inclinado a argumentos, por isso, olhando por todos os ângulos, uma pessoa deve reconhecer que a poligamia era uma prática aceite de acordo com as leis do Antigo Testamento.[78] Exemplos incluem Raquel, Lia, e as suas servas (Gn. 29 e 30), Lameque (Gn 4:19), Gideão (Juízes 8:30), Davi (2 Samuel 5:13), e o arquétipo da pluralidade marital, Salomão (1 Reis 11:3). O *Dicionário Oxford da Religião Judaica* observa que a poligamia era permitida nas leis do Antigo Testamento, e era reconhecida como legalmente válida pelos rabinos.[79] A *Enciclopédia Judaica* reconhece a prática comum da poligamia entre as classes superiores em tempos bíblicos.[80] A poligamia foi banida entre os judeus asquenazes no século X,

mas a prática tem persistido entre judeus sefarditas.[81,82] Mesmo em Israel, os rabinos-chefes só proibiram oficialmente a prática tão recentemente como em 1950, e considerando os milhares de anos que levaram para reescrever a Lei Mosaica, nós temos boas razões para suspeitar que os acórdãos acima foram motivados mais por política do que por religião.[83]

Então, o que devemos entender quando Génesis 16:3 relata, "Sarah tomou Hagar, a egípcia, sua escrava, e a entregou como *esposa* a seu marido, Abraão." (itálico meu)? A poligamia pode ofender as sensibilidades ocidentais, seja como for. O ponto é que, de acordo com as leis do tempo de Abraão, Ismael era um filho legítimo.

Puramente por uma questão de argumento, vamos esquecer tudo isto (como muitos fazem) e dizer que Hagar era concubina de Abraão. Até mesmo essa alegação tem uma resposta. De acordo com a Lei do Antigo Testamento, as concubinas eram legalmente permitidas, e os seus filhos tinham direitos iguais. De acordo com o *Dicionário da Bíblia* de Hasting, "Não parece ter havido qualquer inferioridade na posição da concubina, em comparação com a da esposa, nem havia qualquer ideia de ilegitimidade, no nosso sentido da palavra, ligada aos seus filhos."[84] Jacob M. Myers, professor no Seminário Teológico Luterano e reconhecido estudioso do Antigo Testamento, comenta no seu *Convite ao Antigo Testamento*:

> As descobertas arqueológicas ajudam-nos a preencher os detalhes da narrativa bíblica e a explicar muitas das referências, de outro modo obscuras e costumes estranhos, que eram comuns no mundo e no tempo de Abraão. Por exemplo, toda a série de práticas relacionadas com o nascimento de Ismael e o tratamento posterior de Hagar, a sua mãe... todos são agora conhecidos como ocorrências diárias normais regulamentadas por lei.
>
> Um contrato de casamento nuzi dá o direito a uma mulher sem

> filhos buscar uma mulher em áreas rurais e casá-la com o seu marido para obter uma descendência. Mas ela não poderia expulsar a prole, mesmo que mais tarde ela tivesse os seus próprios filhos. A criança nascida da serva tem o mesmo estatuto que a nascida da esposa.[85]

Voltando à perspetiva da *Alice no País das Maravilhas* por um momento, o que faz mais sentido, afinal? Será que Deus designou um profeta para violar os mesmos mandamentos que ele carrega do Criador? Será que Deus enviaria um profeta com a mensagem "faça o que eu digo, não o que eu faço"? Não faz mais sentido que Abraão tenha agido dentro das leis do seu tempo ao envolver Hagar num relacionamento legal?

Dadas as evidências acima, a união entre os pais de Ismael era lícita, Deus aprovou Ismael como filho de Abraão e Ismael era o primogénito. Procure por *Ismael* na *Nova Enciclopédia Católica* (a referência de quem mais provavelmente se oporia, por razões ideológicas, à conclusão deste quebra-cabeça), e lá encontra-se o seguinte acordo: "Ismael (Ishmael), filho de Abraão, o primogénito de Abraão..."[86]

Então o que devemos concluir do livro de Hebreus que usa *monogenes* para descrever Isaque como o unigénito de Abraão? Uma metáfora, má tradução, ou erro? Se for uma metáfora, então a interpretação literal de *monogenes* em relação a Jesus é indefensável. Se for má tradução, então tanto a má tradução e a doutrina merecem correção. E se for um erro, então um desafio maior surge – conciliar um erro bíblico com a infalibilidade de Deus.

Este problema exige resolução, e as traduções modernas mais respeitadas da Bíblia (ou seja, a Versão Padrão Revisada, a Nova Versão Padrão Revisada, a Nova Versão Internacional, a Bíblia das Boas-Novas, a Nova Bíblia Inglesa, a Bíblia de Jerusalém e muitas outras) têm reconhecido "gerado" como uma interpolação e, já sem a menor cerimónia, têm expurgado a

palavra do texto. Ao fazer isso, elas estão a diminuir a distância entre as teologias cristã e islâmica, pois, como indicado no Alcorão Sagrado: “E não é concebível que O Misericordioso tome para Si um filho.” (OSA 19:92), e, “[Allah] Não gerou e não foi gerado.” (OSA 112:3)

7 – Jesus Cristo: Filho de Deus?

Uma das diferenças mais extraordinárias entre um gato e uma mentira é que um gato só tem nove vidas.

- Mark Twain, O Calendário de Pudd'nhead Wilson

Filho de Deus, Filho de Davi, ou o filho do Homem? Jesus é identificado como "filho de Davi" catorze vezes no Novo Testamento, começando com o primeiro versículo (Mateus 1:1). O Evangelho de Lucas documenta quarenta e uma gerações entre Jesus e Davi, enquanto Mateus lista vinte e seis. Jesus, um descendente distante, só pode usar o título de "filho de Davi" metaforicamente. Mas como, então, devemos entender o título "Filho de Deus"?

O "trilema", uma proposta comum dos missionários cristãos, afirma que, ou Jesus era um lunático, um mentiroso, ou o Filho de Deus – exatamente como ele disse ser. Por uma questão de argumento, vamos concordar que Jesus não era nem um louco, nem um mentiroso. Vamos também concordar que ele era *precisamente* o que ele disse ser. Mas o que, exatamente, era isso? Jesus chamou a si mesmo "Filho do Homem" com frequência, consistentemente, talvez até enfaticamente, mas onde é que ele se chamou de "Filho de Deus"?

Vamos recapitular. O que significa "Filho de Deus", em primeiro lugar? Nenhuma seita cristã legítima sugere que Deus tomou uma esposa e teve um filho, e certamente nenhuma concebe que Deus teve um filho com uma mãe humana *fora* do casamento. Além disso, sugerir

que Deus fisicamente acoplou com um elemento da Sua criação está muito além dos limites de tolerância religiosa, caindo assim do penhasco da blasfémia, perseguindo a mitologia dos gregos.

Com nenhuma explicação racional disponível dentro dos dogmas da doutrina cristã, a única alternativa para a conclusão é a alegação de mais um mistério doutrinário. Aqui é onde o muçulmano relembra a questão apresentada no Alcorão: "Como teria Ele um filho, enquanto não tem companheira?" (OSA 6:101) – enquanto outros gritam, "Mas Deus pode fazer qualquer coisa!" A posição islâmica, no entanto, é que Deus não faz coisas inapropriadas, apenas coisas *divinas*. No ponto de vista islâmico, o caráter de Deus é parte do Seu ser e consistente com a Sua majestade.

Então, novamente, o que significa "Filho de Deus"? E se Jesus Cristo tem direitos exclusivos ao termo, por que é que a Bíblia registra: "...porque sou *Abba*, Pai, para Israel, e Efraim é o meu primogénito." (Jeremias 31:9) e, "…o meu filho primogénito é Israel!" (Êxodo 4:22)? Tomando o contexto de Romanos 8:14, que diz, "Porquanto, todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus", muitos estudiosos concluem que "Filho de Deus" é metafórico e, como *christos*, não implica exclusividade. Afinal, o *Dicionário de Oxford da Religião Judaica* confirma que, a expressão judaica "Filho de Deus" é claramente metafórica. Citando, "Filho de Deus, termo ocasionalmente encontrado na literatura judaica, bíblica e pós-bíblica, mas nunca implicando descendência física da Divindade."[87] O *Dicionário Bíblico* de Hasting comenta:

> No uso semítico "filiação" é uma conceção um tanto vagamente empregada para designar moral em vez de uma relação física ou metafísica. Assim, "filhos de Belial" (Juízes 19:22, etc.) são homens perversos, não descendentes de Belial; e no NT as "crianças da câmara nupcial" são convidados de casamento. Assim, um "filho de Deus" é um homem, ou mesmo um povo, que

> reflete no caráter de Deus. Há pouca evidência de que o título teria sido usado nos círculos judaicos do Messias, e uma filiação que implicasse mais do que um relacionamento moral seria contrária ao monoteísmo judaico.[88]

E em qualquer caso, a lista de candidatos para "filho de Deus" começa com Adão, como por Lucas 3:38: "Adão, filho de Deus."

Aqueles que refutam citando Mateus 3:17 ("Em seguida, uma voz dos céus disse: 'Este é Meu Filho amado, em quem muito Me agrado.'") negligenciaram o ponto de que a Bíblia descreve muitas pessoas, Israel e Adão incluídos, como "filhos de Deus". Ambos 2 Samuel 7:13-14 e 1 Crónicas 22:10 mencionam: "É ele (Salomão) que vai edificar um templo em honra ao meu Nome. Eu serei seu *Abba*, Pai, e ele será *Haben*, o meu filho."

Nações inteiras são referidas como filhos, ou crianças de Deus. Exemplos incluem:

1. Génesis 6:2, "...os *filhos de Deus* viram que as filhas dos homens…"
2. Génesis 6:4, "...havia nefilins na terra, quando os *filhos de Deus* possuíram as filhas dos homens…"
3. Deuteronómio 14:1, "Sois *filhos* do SENHOR vosso Deus."
4. Jó 1:6, "Certo dia os anjos, isto é, os *filhos de Deus*, vieram apresentar-se perante *Yahweh*, o SENHOR…"
5. Jó 2:1, "Chegou outra vez o dia em que os *filhos de Deus* vieram apresentar-se perante o Senhor…"
6. Jó 38:7, "...enquanto os luzeiros matutinos, como a Alva, juntos cantavam e todos os anjos, *filhos de Deus*, bradavam de júbilo?"
7. Filipenses 2:15, "...para que vos torneis puros e irrepreensíveis, *filhos de Deus* inculpáveis, vivendo em um mundo corrompido e perverso…"
8. 1 João 3: 1-2, "Vede que imenso amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos tratados como *filhos de Deus*; (…) Amados, agora somos filhos de Deus…"

Em Mateus 5:9, Jesus diz: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.” Mais tarde, em Mateus 5:45, Jesus prescreveu aos seus seguidores o alcance de atributos nobres “para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus”. Não exclusivamente o *seu* Pai, mas o pai *deles* também. Além disso, João 1:12 diz, “Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus…” Se a Bíblia é para ser respeitada, qualquer pessoa de piedade poderia aspirar ao cargo de “filho de Deus”.

Graham Stanton comenta: “Nos heróis do mundo greco-romano, governantes, e filósofos eram chamados de filhos de Deus. No Antigo Testamento, ‘filho de Deus’ é usado para anjos ou seres celestiais (por exemplo, Gn. 6:2,4; Dt. 32:8; Jó 1:6-12), Israel ou israelitas (por exemplo, Ex. 4 :22; Oséias 11:1), e também para o rei (nomeadamente em 2 Sam. 7:14 e os Salmos 2:7).”[89] E Joel Carmichael elabora:

> O título de “filho de Deus” era, como é claro, inteiramente familiar aos judeus na vida de Jesus e de fato por séculos antes: *todos* os judeus eram filhos de Deus; isto era, na verdade, o que os distinguia das outras pessoas...
>
> Durante o período pós-exílico na história judaica, a palavra foi ainda aplicada a qualquer homem piedoso particular; em última análise, tornou-se comum em referência ao Homem Piedoso e o Príncipe.
>
> Em todos esses casos de uso judaico, a frase era claramente uma mera metáfora para enfatizar uma conexão particularmente estreita entre a virtude individual e a autoridade divina.[90]

Então, se a frase “filho de Deus” era “claramente uma mera metáfora”, por que é

que o Cristianismo eleva Jesus Cristo a "filho de Deus" no sentido literal da frase? A pergunta ecoa sem resposta, "Onde é que Jesus obteve exclusividade no título 'Filho de Deus'?"

Se isso não fosse confuso o suficiente, temos Hebreus 7:3, onde Melquisedeque, rei de Salém, é descrito como sendo "sem pai, sem mãe, sem origem nem antepassados, sem princípio de dias nem fim de vida; no entanto, por ser à semelhança do Filho de Deus, Ele permanece sacerdote perpetuamente." Um imortal, preexistente, sem origem e sem pais? Pensamento fantasioso, ou Jesus tem concorrência bíblica?

Surpreendentemente, Jesus se refere a si mesmo como "Filho do homem" na Bíblia, e não como "Filho de Deus". O *Dicionário Bíblico de Harper* sugere, "Jesus deve ter usado 'Filho do homem' como uma auto-designação simples, talvez como uma maneira discreta de referir a si mesmo simplesmente como um ser humano."[91] A *Nova Enciclopédia Católica* diz sobre "Filho do homem", "Este título é de especial interesse porque foi empregado por Jesus por preferência para designar a Si mesmo e a Sua missão."[92 (NE)]

Por uma questão de detalhe, Jesus descreveu a si mesmo como "filho do homem" oitenta e oito vezes no Novo Testamento. "Filho de Deus" ocorre quarenta e sete vezes no Novo Testamento, mas sempre da boca de outros. Como o *Dicionário Bíblico de Harper* menciona,

> Embora a tradição sinóptica contenha dois ditos em que Jesus refere a si mesmo como "filho" em relação a Deus como seu Pai (Marcos 13:32; Mateus 11:27 [Q]), a autenticidade destes ditos é amplamente questionada, e permanece incerto se Jesus realmente chamou a si mesmo "filho" em relação a Deus como Pai...
>
> Vale ressaltar, no entanto, que Jesus nunca reclama para si o título "Filho de Deus". Enquanto ele é representado como aceitando-o em Marcos 14:61-62, tanto Mateus (26:64) como Lucas (22:67)

> esforçaram-se em demonstrar o desgosto de Jesus na aceitação do título como se o que ele disse ao sumo sacerdote fosse, "Tu mesmo o declaraste. – o título 'messias'"[93]

O *Dicionário Bíblico de Hasting* concorda: "Se Jesus o usou ["Filho de Deus"] para si mesmo é duvidoso..."[94]

Poderia a frase "filho do homem" implicar singularidade? Aparentemente não – o livro de Ezequiel contém noventa e três referências a Ezequiel como "filho do homem".

Tudo isso deixa um investigador objetivo com as seguintes conclusões:

1. Jesus é assumido como sendo exatamente o que ele chamou a si mesmo.
2. Jesus chamou a si mesmo de "filho do homem" oitenta e oito vezes.
3. Em nenhum lugar na Bíblia Jesus chamou a si mesmo de "filho de Deus" literalmente. Nenhuma vez. Em nenhum lugar.[95]
4. E em qualquer caso, no idioma judaico, o termo "filho de Deus" era ou metafórico ou contrário ao monoteísmo.

Os clérigos cristãos reconhecem abertamente o que foi mencionado acima, mas afirmam que, embora Jesus nunca se tenha chamado de "filho de Deus", outros chamaram-no assim. Isso também tem uma resposta.

Ao investigar os manuscritos que compõem o Novo Testamento, descobre-se que a alegada "filiação" de Jesus é baseada na má tradução de duas palavras gregas – *pais* e *huios*, ambas as quais são traduzidas como "filho". No entanto, essa tradução parece enganadora. A palavra grega *pais* deriva do hebraico *ebed*, que carrega o significado primário de servo, ou escravo. Portanto, a tradução primária de *pais theou* é "servo de Deus", e "criança" ou "filho de Deus" é um embelezamento extravagante. De acordo com o *Dicionário Teológico do Novo*

Testamento, "O original hebraico de *pais* na frase *pais theou*, isto é, *ebed*, enfatiza a relação pessoal e tem o significado principal de 'servo.'"[96] Isto é ainda mais interessante porque se ajusta perfeitamente com a profecia de Isaías 42:1, confirmada em Mateus 12:18: "Eis o meu Servo [isto é, do grego *pais*], que escolhi, o meu amado, em quem tenho alegria…"

Se uma pessoa ler a Versão King James, a Nova Versão King James, a Nova Versão Padrão Revisada, ou a Nova Versão Internacional, a palavra é "servo" em todos os casos. Considerando que o propósito da revelação é fazer a verdade de Deus clara, pode-se pensar nessa passagem como uma verruga feia na face da doutrina da filiação divina. Afinal, que melhor lugar para Deus declarar Jesus como Seu filho? Que melhor lugar para ter dito: "Eis o meu filho que gerei..."? Mas Ele *não* disse isso. Na verdade, a doutrina carece de suporte bíblico nas palavras registradas tanto de Jesus como de Deus, e há boas razões para se pensar porquê. A não ser, isto é, que Jesus não era nada mais do que o servo de Deus que esta passagem descreve.

Em relação ao uso religioso da palavra *ebed*, "O termo serve como uma expressão de humildade usada pelos piedosos perante Deus."[97] Por outro lado, "Depois de 100 aC *pais theou* significa mais frequentemente 'servo de Deus', como quando aplicado a Moisés, aos profetas, ou às três crianças (Bar. 1:20; 2:20; Dan. 9:35)."[98] Uma pessoa pode facilmente entrar na areia movediça doutrinal sobre este ponto, pois das oito menções de *pais theou* no Novo Testamento, apenas cinco se referem a Jesus (Mateus 12:18; Atos 3:13, 26; 4:27,30) – as três restantes são divididas entre Israel (Lc. 1:54) e Davi (Lc. 1:69; Atos 4:25). Então Jesus não tinha direitos exclusivos a este termo, e os peritos concluem, "Nos poucos exemplos nos quais Jesus é chamado *pais theou,* obviamente, nós temos uma tradição anterior."[99]

Além disso, a tradução, se imparcial, deve ser a mesma – todos os indivíduos rotulados de *pais theou* no grego devem ser idênticos na tradução. Tal, no entanto, não foi o

caso. Embora *pais* tenha sido traduzido como "servo" em referência a Israel e Davi nos versos acima referenciados, é traduzido como "Filho" ou "filho sagrado" em referência a Jesus. Tal tratamento preferencial é consistente canonicamente, mas falho logicamente.

Por último, um interessante, se não fundamental, paralelo religioso é descoberto: "Assim, a palavra grega *pais tou theou*, 'servo de Deus', tem exatamente a mesma conotação que o nome islâmico Abdallah – o 'servo de Allah.'"[100]

A simetria é ainda mais chocante porque o Alcorão Sagrado relata Jesus como tendo se identificado assim mesmo – Abdallah (*abd* sendo árabe para servo ou escravo, Abd-Allah [também escrito "Abdullah"] significa escravo ou servo de Allah). Segundo a história, quando Maria voltou para a sua família com o recém-nascido Jesus, eles acusaram-na de não ser casta. Falando do berço num milagre que deu credibilidade às suas alegações, o bebé Jesus defendeu a virtude da sua mãe com as palavras, "*Inni Abdullah*...", que significam: "Eu sou o servo de Allah..." (OSA 19:30)

A tradução do grego do Novo Testamento *huios* para "filho" (no sentido literal da palavra) é igualmente errada. Na página 1210 do D*icionário Teológico do Novo Testamento* de Kittel e Friedrich, o significado de *huios* viaja de literal (Jesus filho de Maria), para ligeiramente metafórico (crentes como filhos do rei [Mateus 17:25-26.]), para comportadamente metafórico (os eleitos de Deus como filhos de Abraão [Lucas 19:9]), para coloquialmente metafórico (crentes como filhos de Deus [Mateus 7:9 e Hebreus 12:5]), para espiritualmente metafórico (alunos como filhos dos fariseus [Mat. 12:27, Atos 23:6]), para biologicamente metafórico (como em João 19:26, onde Jesus descreve o seu discípulo favorito a Maria como "filho dela"), para cegamente metafórico como "filhos do reino" (Mateus 8:12), "filhos da paz" (Lucas 10:6), "filhos da luz" (Lucas 16:8), e de tudo, desde "filhos deste mundo" (Lucas 16:8) até "filhos do

trovão" (Marcos 3:17). É como se esta palavra mal compreendida como sendo "filho" estivesse a acenar um grande sinal em que é pintada em letras maiúsculas: METÁFORA! Ou, como Stanton coloca eloquentemente, "A maioria dos estudiosos concorda que a palavra aramaica ou hebraica por trás de 'filho' é 'servo'. Assim como o Espírito desce sobre Jesus no seu batismo, Jesus é abordado pela voz do céu em termos de Isaías 42:1: "Eis o meu Servo… o meu eleito… Tenho nele o meu Espírito…" Assim, embora Marcos 1:11 e 9:7 afirme que Jesus é chamado por Deus para uma tarefa messiânica especial, a ênfase está no papel de Jesus como um servo ungido, em vez de como Filho de Deus."[101]

O pesquisador objetivo agora precisa de ampliar a lista de notas da seguinte forma:

1. Jesus é assumido como sendo exatamente o que ele chamou a si mesmo.
2. Jesus chamou a si mesmo de "filho do homem".
3. Em nenhum lugar na Bíblia Jesus alguma vez reivindica o título literal de "filho de Deus."
4. E em qualquer caso, no idioma judaico, o termo "filho de Deus" era, ou metafórico, ou contrário ao monoteísmo.
5. A tradução principal da frase *pais theou* é "servo de Deus", e não "filho de Deus".
6. A palavra *huios*, que é traduzida do grego do Novo Testamento para a palavra "filho" é usada metaforicamente com uma frequência que faz da tradução literal indefensável.
7. Assim, quando outros falavam de Jesus como "filho de Deus", o sentido metafórico pode ser assumido em consideração ao idioma judaico, em combinação com o rigor do monoteísmo judaico.

Então, como o mundo do Cristianismo justifica a alegação de filiação divina?

Alguns dizem que Jesus era o filho de Deus, porque ele chamou Deus de "Pai". Mas do que é que outras pessoas chamam a Deus? Na verdade, o que foi registrado como Jesus tendo ensinado na Bíblia, senão "Por essa razão, vós orareis: Pai nosso…" (Mateus 6:9)? Assim, não só

Jesus ensinou que qualquer pessoa pode alcançar o título de “filho de Deus”, ele ensinou aos seus seguidores a identificar Deus como “Pai”.

Alguns sugerem que Jesus era humano durante a vida, mas tornou-se sócio em divindade a seguir à crucificação. Mas em Marcos 14:62, quando Jesus fala do Dia do Juízo, ele diz que as pessoas irão vê-lo como “o Filho do homem assentado à direita do Poderoso e chegando com as nuvens do céu.” Então, se Jesus é o “Filho do homem” quando vier o Dia do Juízo, o que ele é entre agora e esse momento?

A questão repete-se, “De onde é que o conceito de filiação divina vem?”

Se olharmos para os estudiosos da igreja em busca de uma resposta, encontramos “Foi, no entanto, no Conselho de Niceia que a igreja foi constrangida pelas circunstâncias a introduzir categorias não-bíblicas na sua descrição autêntica da relação do Filho com o Pai. A controvérsia ariana ocasionou esta determinação.”[102]

Hmm... “constrangida pelas circunstâncias”... “constrangida pelas circunstâncias” – agora o que é, exatamente, o significado disso? Uma pessoa não pode evitar basear-se em paralelos familiares, tais como, “Eu fui constrangido pelas circunstâncias – eu não tinha dinheiro suficiente, então roubei”, ou, “A verdade não estava a funcionar, então eu menti.”

Quais, exatamente, foram as circunstâncias que restringiram a igreja? Foi porque Ário demonstrou que não podiam justificar a sua doutrina por meio da escritura, e eles responderam da única maneira que sabiam como salvar a sua posição? A Bíblia estava muito bem e sã até ela falhar em conseguir apoiar a sua teologia, e então eles lançaram o “livro de regras” sagrado para o lado e criaram o deles? Foi isso que aconteceu? Porque é isso que eles parecem dizer - que eles não conseguiram que a Bíblia trabalhasse para eles, então eles voltaram-se para fontes não bíblicas para apoio.

Ei! Isso é permitido?

Vamos olhar para o que aconteceu.

Ário alegou que a tríade divina foi composta por três realidades separadas e distintas, e que Jesus Cristo era de uma natureza criada, finita. Noutras palavras, um homem. A grande obra de Ário, *Thalia* (que significa "banquete"), foi publicada pela primeira vez em 323 EC e criou tal rebuliço que o Conselho de Nicéia foi convocado em 325 para enfrentar os desafios arianos. Por exemplo, o silogismo ariano propôs que, se Jesus era um homem, então não devemos dizer que ele era Deus, e se Jesus era Deus, não devemos dizer que ele morreu. Ário propôs que um conceito de Deus-homem não resiste a uma análise crítica, e desafia qualquer explicação.

Os desafios arianos à teologia trinitária inundariam e afundariam da superfície da história se alguém explicasse o conceito de Deus-homem. Mas 1.700 anos a peneirar a areia apologética não conseguiram produzir uma jóia da razão trinitária suficientemente brilhante para satisfazer os céticos. Questões desafiadoras ressurgem periodicamente e ecoam argumentos arianos. Por exemplo, podemos perguntar, "Quando Deus supostamente se tornou homem, Ele desistiu dos Seus poderes divinos?" Porque, se Ele o fez, então Ele já não era Deus, e se Ele não o fez, Ele não era homem. "Se o Deus-homem morreu na cruz, isso significa que Deus morreu?" Não, claro que não. Então, quem morreu? Apenas a parte "homem"? Mas, nesse caso, o sacrifício não foi bom o suficiente, pois a alegação é que só um sacrifício divino poderia expiar os pecados da humanidade. O problema é que a morte da parte-homem da proposta tri-unidade não contribuiria mais para a expiação dos pecados do que a morte de um homem sem pecado. O que deixa pouca opção para outra explicação senão reverter para a alegação de que algum elemento da divindade morreu. Judeus, cristãos unitários e muçulmanos estritamente monoteístas, sem dúvida, alegariam que, quanto àqueles que dizem que foi Deus que morreu, bem, eles só podem ir para o

inferno. (A expectativa é que Deus, que é vivo e eterno, iria concordar.)

Para continuar o pensamento, a doutrina trinitária afirma que Deus não só se fez homem, mas manteve-se Deus – um conceito que os unitários consideram o equivalente literário de um esboço de Escher "construção impossível". A declaração satisfaz as exigências gramaticais da língua portuguesa para uma frase, mas as contorções impossíveis nunca podem torná-la uma realidade. Uma árvore não pode ser convertida a mobília e ainda ser uma árvore, tal como carne assada não pode continuar a ser uma vaca. Uma vez transformadas, as qualidades do original são perdidas. E ainda assim, o Catolicismo produziu uma religião da transubstanciação, que reivindica o exato oposto – que duas substâncias diferentes são uma.

A declaração unitária é que Deus é Deus e homem é homem. Aqueles que confundem os dois não conseguem reconhecer que Deus não pode desistir da Sua Divindade, porque a Sua entidade é definida pelos Seus atributos divinos. Nem Deus precisa de experimentar a existência humana para compreender o sofrimento da humanidade. Ninguém sabe o sofrimento da humanidade melhor do que o Criador, pois Ele criou a humanidade com o conhecimento de tudo, desde termorreceptores a pensamentos, de cílios ao subconsciente. Deus *sabe* dos problemas, da angústia e do sofrimento da humanidade – Ele criou um universo cujas complexidades transcendem tais dimensões superficiais da existência humana.

A defesa "Mas Deus pode fazer qualquer coisa" leva à pergunta: "Bem, se Deus pode fazer qualquer coisa, então por que é que Ele não esclareceu a doutrina trinitária – assumindo que esta seja válida, isto é?" Se Deus pode fazer qualquer coisa, Ele poderia fornecer uma explicação sensata que não exigisse recorrer a "categorias não-bíblicas". Mas Ele não o fez. Porquê? Deus deixou os homens para descobrir por si mesmos, ou uma pessoa pode assumir seguramente que não há nenhuma base na realidade religiosa para algo que Deus não revelou?

O conceito de que Deus providenciou revelação sem esclarecer a Sua Própria natureza vai dolorosamente contra a nossa compreensão inata de Deus como todo-misericordioso, fornecendo orientações claras para toda a humanidade.

A resposta trinitária padrão? Que as pessoas acreditariam se elas apenas entendessem. A resposta unitária padrão? Ninguém entende a Trindade – ninguém. É por isso que este é um mistério religioso. Fale com o clero trinitário tempo suficiente, traga as objeções acima (e as que seguem), e, eventualmente, o trinitário confirmado admitirá: "É um mistério". A defesa só-tem-de-ter-fé não está muito atrás. O unitário normalmente aponta que, no entanto, momentos antes, os trinitários propuseram que as pessoas acreditariam, se apenas entendessem. No entanto, quando é feita uma tentativa legítima para compreender, por meio da busca de respostas para questões relevantes, a alegação transforma-se num mistério religioso (ou seja, ninguém entende!). A defesa final é a sugestão de que: "A única maneira de uma pessoa acreditar é ter fé" (ou seja, a única maneira de acreditar é acreditar). Mas se fé cega e irracional é a metodologia que Deus nos convida a seguir, por que é que Ele nos ordena a razoar ("Então, sim, vinde e arrazoemos..." Isaías 1:18)?[103 (NE)]

Então, o que é uma fonte não bíblica? Uma pessoa pode seguramente assumir que, se não é de escritura (isto é, não é de Deus), então deve ser das mentes dos homens (e o que isso equivale senão à imaginação humana?). Como mais seguro teria sido ter a doutrina da igreja modificada para que estivesse de acordo com argumentos racionais e, mais importante, com a escritura?

Sem dúvida que a aderência às noções trinitárias cimentou a segurança de emprego do clero trinitário, embora sob princípios de fé questionáveis cobertos pelo manto da aprovação da igreja. Da mesma forma, sem dúvida que confiança nos ensinamentos da igreja diminuiu nas

mentes dos pensadores como Ário – pensadores que continuaram a destacar o fato de que Jesus nunca afirmou filiação ou parceria na divindade, e nem os seus discípulos o fizeram. Além disso, as evidências sugerem também quem nem Paulo o fez.[104 (NE)]

Depois de admitir dependência de "categorias não-bíblicas" para definir a visão da Igreja da relação de Jesus Cristo com Deus, a *Nova Enciclopédia Católica* descreve algumas das doutrinas construídas, como a consubstancialidade, gerado e não criado, etc. Em seguida, eles fazem a inacreditável afirmação direta de que Agostinho procurou a ideologia mais compatível com a compreensão humana pura (isto é, "Agostinho procurou na psicologia humana, ou forma de saber, a analogia natural para a compreensão da geração eterna do Filho."[105]).

Ninguém pode ser criticado por ler essa declaração e murmurar: "Eles... estão... a brincar. Só pode." Afinal, não é esta a doutrina responsável pela Inquisição medieval e espanhola, as oito ondas das Cruzadas cristãs, e inúmeras conversões forçadas de nativos durante a era do colonialismo? A doutrina que faz tanto sentido que mais de doze milhões de pessoas morreram sob tortura em negação aos princípios da fé trinitária? *Doze milhões!* A doutrina que faz tanto sentido que, até hoje, os nativos africanos têm de ser coagidos à conversão através da isca de alimentos e medicamentos?

A pessoa comum na rua poderá concluir que, se a tortura e coerção são necessárias para refrescar memórias, alguém precisa de redefinir o significado de "compreensão inata".

E por que não? Um monte de valores foi redefinido.

O Papa Gregório IX instituiu a Inquisição Papal em 1231, mas não conseguia tolerar o pecado da tortura. Levou vinte anos para um papa assumir a responsabilidade e, no cúmulo da ironia, esse pontífice tomou o nome de Papa Inocêncio (tosse, tosse) IV. Em 1252, ele autorizou a tortura com o touro papal *Ad extirpanda*.[106] No entanto, alguns membros do clero devem ter

querido sujar as mãos, de perto e pessoalmente. Para acomodar tais nobres sentimentos cristãos, "em 1256, o Papa Alexandre IV deu-lhes o direito de absolver mutuamente uns aos outros e de dispensar os seus colegas. Com esta questão de lei e moral contornada, um inquisidor poderia torturar e o seu companheiro, em seguida, absolvê-lo."[107]

Então compreensão inata não teve exatamente uma grande participação no processo.

Simpatizantes podem, por um momento, imaginar uma pessoa ignorante, não-doutrinada, isolada da civilização. Imagine este indivíduo à procura da realidade de Deus através de uma vida tranquila de contemplação. Podemos imaginar os nativos estrangeiros de terras distantes, as massas iletradas, o indivíduo solitário numa ilha tropical. Quantos deles, se imagina, estalaram os dedos e bateram com as palmas das mãos nas suas testas num despertar espiritual e proclamaram Pai, Filho e Espírito Santo?

A probabilidade é quase nula de que o julgamento de Agostinho tenha sido baseado num estudo prospetivo, duplo-cego, controlado e aleatório. Se os milhões de "hereges" cristãos unitários que foram executados no julgamento trinitário intolerante fossem questionados, eles poderiam ter tido algumas objeções muito razoáveis. Hoje, alguns deles podem até mesmo fazer referência ao Alcorão: "Não há compulsão na religião!" (OSA 2:256)

Mas voltando à questão do "filho de Deus", mais uma dificuldade é encontrada pelas seguintes citações:

> No Evangelho de São João, por duas vezes o título de Filho de Deus não significa nada mais do que Messias. Assim, a confissão de fé de Natanael, "Mestre, Tu és o Filho de Deus! Tu és o Rei de Israel!" (Jo. 1:49) considera os dois como equivalentes.[108]
>
> Nem sempre é claro o que o termo [Filho de Deus] quer

> dizer quando falado pelos demónios; pode significar apenas um homem de Deus.[109] (NE)
>
> Usado pelo centurião na Crucificação, este (Filho de Deus) parece ter o significado apenas de um homem piedoso.[110] (NE)

As citações acima sugerem um de dois cenários possíveis. No primeiro, "filho de Deus"pode ser entendido como Messias, Rei de Israel, "homem de Deus", "santo de Deus", ou simplesmente um homem piedoso, pois evangelhos paralelos relacionam estes termos como se fossem sinónimos. Por exemplo, os demónios identificaram Jesus como "o santo de Deus" num relato e "Filho de Deus" noutro, e o centurião identificou Jesus como o "Filho de Deus" em Mateus e Marcos, mas como "um homem piedoso" em Lucas. Então, talvez esses termos signifiquem a mesma coisa.

No segundo cenário, o registro de relatos paralelos dos mesmos eventos em palavras diferentes poderia representar imprecisão bíblica. Em ambos os casos, há um problema. Se os termos diferentes são sinónimos e uma pessoa não pode confiar o suficiente na Bíblia para compreender o significado de "Filho de Deus" numa passagem, como poderá alguém interpretar a mesma frase com confiança noutra passagem? E se as divergências representam imprecisões bíblicas, no qual um autor do evangelho entendeu bem e o outro(s) entendeu mal, então a qual relato devemos confiar a nossa salvação?

Um exemplo menor é que dois dos evangelhos acima referenciados contam histórias diferentes, mas testemunhando o mesmo evento. Mateus 8:28-29 registra dois homens possuídos nos túmulos e Lucas 8:26-28 apenas um homem possuído. Mesmo se uma pessoa defenda a Bíblia como sendo a palavra inspirada de Deus – não a palavra real, mas a palavra inspirada – Deus inspira um erro? Mesmo se pequeno?

Alguns perguntam por que os cristãos suavizam discrepâncias bíblicas. Outros têm uma visão mais preconceituosa. O mundo cristão gostaria de acreditar que as autoridades da igreja são dedicadas à verdade e não à falsidade. Mas quantas pessoas manipulariam a verdade para ganhar 10% do rendimento bruto de uma congregação inteira? A suspeita pode ser bastante elevada que, nas palavras de George Bernard Shaw, "Um governo que roube Pedro para pagar a Paulo pode sempre contar com o apoio de Paulo."[111] Noutras palavras, uma igreja que dizime a congregação para financiar o salário e despesas de subsistência do clero pode sempre contar com o apoio do clero.

Uma questão que se segue é, "Quantos líderes de Bíblia em punho, professores de escola de domingo da igreja dobrariam a verdade sob pressão da riqueza?" A pessoa que concebe nenhum ou é tonta, ingénua ou mentirosa. Atualidades documentam inúmeros sacerdotes e ministros que não só manipulam a verdade, mas os jovens ministrantes também. Jesus advertiu sobre esses falsos "homens de Deus" em Mateus 7:15-16, quando disse "Acautelai-vos quanto aos falsos profetas. Eles se aproximam de vós disfarçados de ovelhas, mas no seu íntimo são como lobos devoradores. Pelos seus frutos os conhecereis."[112 (NE)]

No entanto, nós encontramo-nos a voltar mais uma vez para a pergunta sem resposta, nomeadamente, o que significa "Filho de Deus"? Será que o original hebraico traduz de *ebed* para "escravo", "servo" ou "filho"? Mesmo se a tradução correta for "filho", como é este diferente de todos os outros "filhos de Deus", que eram claramente nada mais do que indivíduos piedosos ou, no máximo, profetas? Comentando sobre a crítica histórica de R. Bultmann sobre o Novo Testamento, a *Nova Enciclopédia Católica* afirma: "Foi negado recentemente ao Filho de Deus um lugar na teologia, alegando que, como encontrado em escritos do NT, esta expressão faz parte do traje mitológico em que a Igreja primitiva cobriu a sua fé... O único problema que se

enfrenta ao construir uma ideia teológica adequada para o Filho de Deus é determinar o conteúdo que a ideia expressa."[113]

Dada a não conformidade no entendimento, uma pessoa começa a compreender a necessidade baseada na sobrevivência da igreja primitiva a fim de definir um sistema de crença, verdadeiro ou não. E isso é exatamente o que foi feito em 451 EC no Conselho de Calcedónia, que declarou a definição dogmática que tem dominado a Cristologia desde então: "Um e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigénito, conhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação."[114]

Qualquer pessoa que aceitar a evidência deste capítulo reconhece a citação acima como uma declaração, mas não uma verdade. Mesmo que os pais da Igreja tenham concebido a natureza de Jesus como "sem confusão", o mesmo não pode ser dito dos seus seguidores. Confusão, divisão e separação têm atormentado os que buscam a verdade no Cristianismo desde o tempo de Jesus.

Como Johannes Lehmann aponta em *O Relatório de Jesus*,

> Assim, o conceito de "filho de Deus" levou a um mal-entendido que teria consequências inimagináveis. Qualquer pessoa com um conhecimento apenas superficial do Oriente sabe que os orientais gostam de discurso pitoresco... Um simples mentiroso é um filho da mentira, e qualquer um que se saia melhor é um pai da mentira. A frase "filho de Deus" está no mesmo nível de expressão e de pensamento.
>
> Em uso linguístico semita esta descrição não transmite nada mais do que a existência de um vínculo entre um homem e Deus. Um judeu nunca sequer sonharia pensar que filho de Deus significaria uma verdadeira relação entre um pai e um filho. Um

> filho de Deus é um homem abençoado, um instrumento escolhido, um homem que faz o que Deus quer. Qualquer tentativa de tomar esta imagem literalmente, e assim deduzir a divindade do Filho, contradiz os fatos.[115]

Entender "filho de Deus" como metafórico em vez de literal permite a resolução de uma infinidade de dificuldades doutrinárias cristãs. Além disso, reconhecer "filho de Deus" como significando um profeta ou um indivíduo piedoso, e nada mais, desafia o cristão com os ensinamentos do Alcorão focalizados. Allah ensina especificamente, "E os cristãos dizem: 'O Messias é filho de Allah.' Esse é o dito de suas bocas. lmitam o dito dos que, antes, renegaram a Fé. Que Allah os aniquile! Como se distanciam da verdade!'" (OSA 9:30)

Mas, para que não haja mal-entendidos, a questão não é que um livro está certo e os outros errados. Não de todo. A questão é que todos os três livros – Antigo Testamento, Novo Testamento e Alcorão Sagrado – estão certos. Todos os três livros ensinam a Unicidade de Deus e a humanidade de Jesus, reforçando-se assim mutuamente. Então, todos os três estão certos. O que está errado não é os livros da Escritura, mas as doutrinas de tal origem ilegítima como sendo derivadas de "categorias não-bíblicas".

8 – A Trindade

Os Três em Um, o Um em Três? Não de todo!

Para o meu próprio Deus eu vou.

Pode ser que Ele me dê maior tranquilidade

Do que o vosso frio Cristo e Trindades emaranhadas.

- Capitulação Monoteísta de Rudyard Kipling
"Lispeth"

A Trindade: o fundamento de fé para alguns, o foco do ridículo para outros, mas um mistério para todos. E isso não deveria ser nenhuma surpresa. Para citar as autoridades: "A palavra não ocorre nas Escrituras..."[116] e, "A doutrina da Trindade, como tal, não é revelada nem no AT ou no NT..."[117]

Então, de onde é que ela veio? Talvez seja mais fácil responder de onde ela *não* veio – ela não veio de Jesus ou dos seus companheiros, pois os "judeus do tempo de Jesus não tinham conhecimento de nenhum Deus trino. Tal conceito teria sido uma inovação radical, chocante, e até blasfema."[118] Hmm. Voltando ao assunto de onde ela *veio*...

A palavra *trias* grega para "tríade" foi "uma palavra usada, pela primeira vez, para a Trindade na Divindade por Teófilo de Antioquia, que nomeia como a Tríade 'Deus e a Sua Palavra e a Sua Sabedoria'."[119] Isto, no mínimo, é uma tríade que faz algum sentido quando uma

pessoa aceita que as palavras de Deus são uma expressão da Sua sabedoria. O porquê de Teófilo se ter sentido obrigado a separar Deus dos Seus atributos é uma questão separada e geralmente irrelevante.

A história indica que a palavra latina *trinitas* foi proposta pela primeira vez em 220 EC por Tertuliano, escritor do século III e apologista cristão primitivo de Cartago, que teorizou a co-partilha da divindade entre Deus, Jesus e o Espírito Santo. O fato de que Tertuliano era um advogado faz cócegas à fantasia de quem já reparou que palavras incompreensíveis e discurso duplo originam frequentemente de advogados e políticos (muitos dos quais são advogados de qualquer maneira, mas com a exigência política adicional de falta até mesmo de ética mínima da profissão jurídica). Uma pessoa perguntar-se-ia sobre o que estava na clausula miúda de Tertuliano, e em que provas ele baseou a sua teoria. O que gerou a teoria que, de alguma forma, escapou das mentes dos escritores do evangelho, dos discípulos, e até mesmo o próprio Jesus? Uma pessoa não deve esperar encontrar referência bíblica definitiva, pois, "em todo o Novo Testamento, considerando que existe a crença em Deus, no Pai, em Jesus, no Filho e no Espírito Santo de Deus, não há nenhuma doutrina de um só Deus em três pessoas (modos de ser), nenhuma doutrina de um 'Deus tri-uno', uma 'trindade'."[120] Dizendo sem rodeios, "A doutrina formal da Trindade, como definida pelos grandes concílios da Igreja dos séculos IV e V não é encontrada no NT."[121]

O melhor que podemos esperar, então, são passagens que parecem sugerir a Trindade, senão em nome, em conceito.[122 (NE)] Mesmo assim, temos de esperar ficar frustrados, porque, "A fórmula trinitária foi moldada numa complexa, por vezes contraditória e, certamente, cansativa cadeia de pensamento."[123]

E isto é precisamente o que nós encontramos.

As doutrinas formais da Trindade e filiação divina ambas surgiram do Conselho de Niceia e foram incorporadas no Credo Niceno – "Uma profissão de fé acordada, embora com *algumas dúvidas* por causa da sua terminologia *não-bíblica*, entre os bispos em Niceia I (325 EC) para defender a verdadeira fé contra o Arianismo." (itálico meu).[124] Agora, pare. Rebobine, e reproduza novamente. Os bispos de Niceia derivaram a doutrina da Trindade baseando-se em terminologia não-bíblica, pronunciaram a fé deles de "verdadeira" e, em seguida, rotularam Ário, cujas doutrinas unitárias *foram* retiradas da Bíblia, um *herege*? Normalmente, numa discussão religiosa, prefere-se evitar o termo "estupidez absurda", mas neste caso...

Aham. Onde estava eu? Ah sim...

Então, imagine os pais da igreja, cerca de trezentos anos após o ministério de Jesus, sendo-lhes entregue a Trindade – a invenção mística que eles simplesmente não poderiam reconhecer como o fruto doutrinal concebido através dos ensinamentos de Jesus. Como é que a Igreja lidou com os bispos dissidentes? Ela exilou-os, juntamente com Ário, depois do qual nenhum outro se atreveu a negar a doutrina.[125]

Só depois de superar Ário e outros unitários proeminentes é que a Trindade e o Credo Niceno foram formalmente ratificados pelo Conselho de Constantinopla em 381 EC.[126]

Hmm. O Conselho de Niceia em 325, e depois o Conselho de Constantinopla em 381. Quantos anos separam os dois? Vamos ver, isso é oitenta e um menos vinte e cinco... tomando um dos oito, subtraindo cinco de onze, deixando sete menos dois na coluna de dezenas... Fico com cinquenta e seis anos. Agora, isso pode não parecer muito no espaço da história humana, mas que é *muuuito,* muito tempo para uma Igreja decidir, isso é. Tempo suficiente para a maioria, senão para todos, dos membros do conselho original ter morrido. Em comparação, a maioria dos estudiosos bíblicos concordam que a missão de Jesus foi quanto tempo – três anos?

Então, por que é que demorou cinquenta e seis anos para a Igreja finalizar a doutrina trinitária?

Não levou esse tempo.

Não era tanto uma questão de *tempo* que a Igreja necessitava para finalizar, mas uma questão de precisar de *pessoas* para finalizar... o seu termo de vida, isto é.

O que aconteceu é o seguinte: Durante o reinado do Imperador Constantino, o Império Romano foi enfraquecido por lutas internas religiosas, enquanto fazia guerras ao mesmo tempo em várias frentes. Como resultado, Constantino procurou reforçar o Império Romano internamente, unindo o seu reino sob uma fé cristã. Para este propósito, "O Imperador não só convocou o Conselho [de Niceia] e assumiu controlo sobre o seu procedimento, mas ele também exerceu uma influência considerável sobre as suas decisões. Ele ainda não era um membro oficial da Igreja, pois ele não recebeu o batismo até estar no seu leito de morte, mas na prática ele agiu como se fosse a autoridade da Igreja, e com isso estabeleceu um precedente que foi seguido pelos seus sucessores bizantinos."[127] E isso é, afinal, o que cada Igreja quer, não é (tosse, tosse) – um político que não só é ignorante na fé, mas nem é totalmente um membro, assumindo "controlo sobre o seu procedimento" e exercendo "uma influência considerável sobre as suas decisões"?

Como resultado, "Controvérsia sobre a doutrina deixou de ser uma preocupação particular da Igreja, mas foi afetada por necessidades políticas e tornou-se um elemento importante na política, bem como na vida eclesiástica. Além disso, os interesses seculares e eclesiásticos estavam longe de ser sempre idênticos, e cooperação entre as duas autoridades foi muitas vezes substituída por conflito. Tudo isto era óbvio, mesmo nos dias de Constantino, que viu a intervenção do Estado nas disputas da Igreja."[128] Ah. E pensar que algumas pessoas

endossam a separação de igreja e estado (quem sejam essas pessoas, elas certamente não são imperadores romanos). Mas o ponto é que não importa o quanto Constantino tentou, ele nunca resolveu a controvérsia unitária-trinitária.

Na verdade, ele até falhou em unir os seus filhos sobre o assunto.

Após a sua morte, um filho, Constâncio, "governou a metade oriental [do Império Romano] e declarou o seu Arianismo", enquanto o outro filho, Constanço, "controlou o Ocidente e reconheceu o Credo Niceno."[129] Os dois irmãos convocaram o Conselho de Sárdica em 343 para conciliar estes dois pontos de vista, mas falharam.

Constanço era o mais poderoso, e assim estabeleceu os bispos trinitários "ortodoxos" na sua autoridade, apesar das objeções de Constâncio. No entanto, Constanço morreu primeiro, após o qual Constâncio reverteu a política do seu irmão e proclamou o Arianismo como a religião do reino com os sínodos de Sírmio e Rimini em 359.

O imperador romano seguinte, Juliano (361-363), tentou ressuscitar os cultos pagãos, que ainda eram poderosos, tanto em números como riqueza. Ele foi substituído em pouco tempo pelo Imperador Joviano (363-64), um cristão, que foi substituído em tempo ainda mais curto pelos filhos, Valentiniano (364-75) e Valenso (364-78). Isso traz-nos de volta a um reino dividido, pois como os filhos de Constantino, Valentiniano governou o Império Romano do Ocidente e reconheceu o Credo Niceno, enquanto que Valenso governou o Oriente como um ariano. O seu sucessor, Teodósio o Grande (375-83), pôs fim a isso tudo.

O Imperador Teodósio escreveu uma série de decretos que estabeleceram o Cristianismo Trinitário como a única religião aprovada do Império Romano. O Conselho de Constantinopla afirmou o Credo Niceno e estabeleceu o Cristianismo Trinitário como ortodoxo. "Foi durante o seu [Teodósio] reinado que o Cristianismo se tornou a religião do Estado, assim ganhando uma

posição de monopólio, enquanto que a outras religiões e crenças foi negado o direito de existência."[130]

Então o que aconteceu entre o Conselho de Niceia em 325 e o Conselho de Constantinopla em 381? Muito. O Credo Niceno foi escrito sob Constantino, o reino foi dividido entre o Arianismo e o Cristianismo Trinitário sob os filhos de Constantino, confirmado pelo Arianismo por dois sínodos sob Constâncio, revertido ao paganismo sob Juliano, restaurado ao Cristianismo sob Joviano, dividido mais uma vez entre o Arianismo e o Trinitarismo sob Valentiniano e Valenso, e, em seguida, confirmado pelo Trinitarismo durante o reinado de Teodósio.

O Credo Niceno foi posteriormente feito como autoridade pelo Conselho da Calcedónia em 451. O resto, infelizmente, é história.

O processo de derivação da fórmula trinitária era tão atrasado, complicado e questionável que, "É difícil, na segunda metade do século XX, oferecer um relato claro, objetivo e direto da revelação, evolução doutrinária, e elaboração teológica do mistério da Santíssima Trindade. Discussão trinitária, Católica Romana, bem como outras, apresenta uma silhueta um tanto instável."[131]

"Instável", de fato: "A fórmula em si *não* reflete a consciência imediata do período de origens; foi o produto de 3 séculos de desenvolvimento doutrinário... *É este retorno contemporâneo para as fontes que é o responsável final pela silhueta instável*"(itálico meu).[132]

Noutras palavras, do ponto de vista da Igreja, o problema é que os leigos instruídos estão a começar a confiar na escritura mais do que nas mentes imaginativas e fontes não-bíblicas das quais a Igreja derivou o seu dogma. Conseguimos entender a sua preocupação. Afinal, é muito mais fácil dizer às pessoas o que devem acreditar (e quanto dar para o dízimo) do que ter de lidar

com as questões problemáticas que resultam da análise objetiva. Questões como, como, como... bem, como estas.

Em qualquer caso, como se a citação acima não bastasse, a NEC continua:

> A fórmula de "um Deus em três Pessoas" não foi solidamente estabelecida, e certamente não plenamente assimilada na vida cristã e na sua profissão de fé, antes do final do século IV. Mas é precisamente esta fórmula que tem a primeira reivindicação ao título do *dogma trinitário*.
>
> Entre os Padres Apostólicos, não havia nada que se aproximasse, nem mesmo de forma remota, a tal mentalidade ou perspetiva.[133]

Ok, vamos todos sentar, coçar as nossas cabeças, e dizer um coletivo "Hã?"

A Igreja admite que a Trindade era desconhecida aos Padres Apostólicos,[134] e que a doutrina foi derivada de fontes não-bíblicas, mas insiste que acreditemos mesmo assim? Não é de admirar que demorou tanto tempo para a moda pegar.

Uma vez aprovado pelos conselhos da Igreja, outros vários séculos passaram antes de este conceito estranho ganhar aceitação. A *Nova Enciclopédia Católica* observa que a devoção à Trindade não foi realizada até ao século VIII, altura em que começou a tomar posse em mosteiros em Aniane e Tours.[135]

No meio da crescente consciência das diferenças entre a doutrina trinitária e o período de origens, pode-se ficar surpreso ao encontrar um grupo que reivindique ser seguidor de Jesus Cristo (ou seja, os muçulmanos!) lendo o seguinte no seu livro de orientação (isto é, o Alcorão):

> Ó seguidores do Livro! Não vos excedais na vossa religião, e não

> digais acerca de Allah senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria não é senão o Mensageiro de Allah e o Seu Verbo, que Ele lançou a Maria, e espírito vindo d'Ele. Então, crede em Allah e nos Seus Mensageiros, e não digais: "Trindade". Abstende-vos de dizê-lo: é-vos melhor. Apenas, Allah é Deus Único. Glorificado seja! Como teria Ele um filho?! D'Ele é o que há nos céus e o que há na terra. E basta Allah por Patrono! (OSA 4:171)

E um alerta:

> Ó seguidores do Livro! Não vos excedais, inveridicamente, na vossa religião, e não sigais as paixões de um povo que, com efeito, se descaminhou, antes, e descaminhou a muitos, e se tem descaminhado do caminho certo. (OSA 5:77)

Pode-se perguntar o que é que, do Novo Testamento, separa estes dois grupos por uma tão vasta extensão de entendimento. Trinitários, unitários e muçulmanos todos alegam seguir os ensinamentos de Jesus. Mas quem realmente o faz, e quem não o faz?

Durante séculos, o argumento tem sido lançado de que os trinitários seguem a teologia paulina em preferência à de Jesus. Esta acusação é difícil de negar, pois Jesus ensinou a Lei do Antigo Testamento enquanto que Paulo a negou. Jesus pregou o credo ortodoxo judaico; Paulo pregou mistérios da fé. Jesus falou da prestação de contas; Paulo propôs a justificação pela fé. Jesus descreveu a si mesmo como um profeta étnico; Paulo definiu-o como um profeta universal.[136 (NE)] Em desrespeito a milhares de anos de revelação transmitida através de uma longa cadeia de profetas estimados, e contrário aos ensinamentos do rabino Jesus, Paulo não se focou na vida e nos ensinamentos de Jesus, mas sim na sua morte. Como Lehmann escreve, "A

única coisa que Paulo considera importante é a morte do Jesus judeu, que destruiu todas as esperanças quanto à libertação através de um Messias. Ele faz de um Cristo vitorioso um Messias judeu que fracassou, os vivos dos mortos, o filho de Deus do filho do homem."[137]

Mais do que alguns estudiosos consideram Paulo como o principal corruptor do Cristianismo Apostólico e dos ensinamentos de Jesus, e eles não estão sozinhos. Muitas das primeiras seitas cristãs também tinham este ponto de vista, incluindo a seita cristã do século II conhecida como Adocionismo. De acordo com Bart D. Ehrman, "Em particular, [os adocionistas] consideravam Paulo, um dos autores mais importantes do nosso Novo Testamento, como um arco-herege, em vez de um apóstolo."[138]

Talvez a contribuição mais conclusiva para este argumento seja encontrada nos Manuscritos do Mar Morto, que muitos estudiosos acreditam que condenem Paulo pelo seu abandono da Lei do Antigo Testamento e pela sua rebelião contra os ensinamentos de Jesus e da liderança cristã primitiva. O final do Documento de Damasco, em particular, parece documentar a maldição da comunidade cristã primitiva e a excomunhão de Paulo.[139]

Eisenman informa-nos que os ebionitas – os descendentes da Comunidade Cristã de Santiago em Jerusalém – consideravam Paulo "um apóstata da Lei."[140] Sobre os ebionitas, ele escreve:

> Eles são certamente a comunidade que manteve a memória de Santiago na mais alta consideração, enquanto que Paulo era considerado como "o Inimigo" ou Anticristo... Tal postura está em paralelo às passagens cruciais da carta em nome de Santiago no Novo Testamento. Já mostramos que esta carta, em resposta a algum adversário que acreditava que Abraão foi justificado somente pela fé, afirma que, fazendo-se "um amigo do homem",

> este adversário tornou-se "num inimigo de Deus". A terminologia de "Inimigo" é também conhecida em Mateus 13:25-40 na "parábola do joio", talvez a única parábola anti-paulina nos Evangelhos, onde um "Inimigo" semeia o "joio" entre a boa semente. Na "colheita" estes serão arrancados e atirados para "a queima".[141]

Johannes Lehmann escreve: "O que Paulo proclamava como 'Cristianismo' era pura heresia que não poderia ser baseada nas fés judaica ou essénia, ou no ensino do rabino Jesus. Mas, como diz Schonfield, 'A heresia paulina tornou-se a base da ortodoxia cristã e a Igreja legítima foi repudiada como sendo herética'."[142]

Ele continua: "Paulo fez algo que o rabino Jesus nunca fez e recusou-se a fazer. Ele estendeu a promessa de Deus de salvação aos gentios; ele aboliu a lei de Moisés, e ele impediu o acesso direto a Deus através da introdução de um intermediário."[143]

Bart D. Ehrman, autor de *O Novo Testamento: Uma introdução histórica aos Primeiros Escritos Cristãos* e talvez a voz contemporânea mais autorizada lembra-nos de que "a visão de Paulo não foi universalmente aceite ou, pode-se argumentar, até mesmo amplamente aceite" e que haviam líderes cristãos proeminentes, incluindo o discípulo de Jesus mais próximo, Pedro, "que discordavam veementemente dele a este respeito e consideravam as opiniões de Paulo como uma corrupção da verdadeira mensagem de Cristo."[144]

Comentando sobre os pontos de vista de alguns dos primeiros cristãos na literatura pseudo-clementina, Ehrman escreve, "Pedro, não Paulo, é a verdadeira autoridade para a compreensão da mensagem de Jesus. Paulo corrompeu a verdadeira fé com base numa breve visão, que ele, sem dúvida, interpretou mal. Paulo é, assim, o inimigo dos apóstolos, e não o chefe deles. Ele está fora da verdadeira fé, um herege a ser banido, não um apóstolo a ser

seguido."[145]

Outros elevam Paulo ao nível de santidade. Joel Carmichael claramente não é um deles:

> Nós estamos a um universo longe de Jesus. Se Jesus veio "só para cumprir" a Lei e os Profetas; Se ele pensava que nem "um só i ou um só til" passaria da Lei, que o mandamento cardeal era "Ouve, ó Israel; o Senhor nosso Deus é o único Senhor", e que "Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus!"... O que ele teria pensado da obra de Paulo!
>
> O triunfo de Paulo significou a obliteração final do Jesus histórico; ele vem até nós embalsamado no Cristianismo como uma mosca em âmbar.[146]

Enquanto muitos autores apontaram para a disparidade nos ensinamentos de Paulo e Jesus, o melhor deles evitou comentário opinativo e concentrou-se simplesmente na exposição de diferenças. Dr. Wrede comenta,

> Em Paulo, o ponto central é um ato divino, está na história, mas transcende a história, ou um complexo de tais atos, que conferem a toda a humanidade a salvação pronta. Quem crê em tais atos divinos – a encarnação, a morte e a ressurreição de um ser celestial, recebe a salvação.
>
> E isto, que para Paulo é a soma da religião – o esqueleto do tecido da sua piedade, sem o qual entraria em colapso – pode isto ser uma continuação ou uma reformação do evangelho de Jesus? Onde é que, no meio disto tudo, está o evangelho, que Paulo disse ter entendido?

> Daquilo que para Paulo é tudo, quanto disso Jesus sabe? Nada de todo.[147]

E o Dr. Johannes Weiss contribui, "Assim, a fé em Cristo como mantida pelas igrejas primitivas e por Paulo era algo novo em comparação com a pregação de Jesus; era um novo tipo de religião."[148]

Baigent e Leigh resumiram ordenadamente a situação da seguinte forma:

> Em todas as vicissitudes que se seguem, deve sublinhar-se que Paulo é, por certo, o primeiro herege "cristão", e que os seus ensinamentos – que se tornam mais tarde a base do Cristianismo – são um desvio flagrante da "original" ou "pura" forma exaltada pela liderança... Eisenman demonstrou que Santiago emerge como o guardião do corpo original de ensinamentos, o expoente da pureza doutrinal e rigorosa adesão à Lei. A última coisa que ele teria tido em mente era fundar uma "nova religião". Paulo está a fazer exatamente isso... À medida que as coisas transpareciam, no entanto, a maioria do novo movimento gradualmente se unira, durante os próximos três séculos, em torno de Paulo e dos seus ensinamentos. Assim, para o horror póstumo indubitável de Santiago e dos seus associados, uma religião inteiramente nova, de fato, nasceu – uma religião que tem tido cada vez menos a ver com o seu suposto fundador.[149]

Que teologia ganhou o dia – porquê e como – é uma questão melhor deixada para as análises dos autores acima. Se reconhecermos que os ensinamentos de Paulo e de Jesus se contradizem, somos forçados a tomar partido. Michael Hart teve o seguinte a dizer no seu tomo

escolar, *Os 100, um Ranking das Pessoas Mais Influentes da História*: "Embora Jesus tenha sido responsável pelos principais preceitos éticos e morais do Cristianismo (na medida em que diferiam do Judaísmo), São Paulo foi o principal desenvolvedor da teologia cristã, o seu principal proselitista, e autor de uma grande parte do Novo Testamento."[150]

"Uma grande parte" do Novo Testamento? Dos 27 livros e epístolas, Paulo escreveu 14 – mais do que metade. Isso representa um braço amplo de momento literário para alancavar a sua teologia até ao topo. Em relação à perspetiva de Paulo, "Ele não pergunta o que levou à morte de Jesus, ele só vê o que ela significa para ele pessoalmente. Ele torna um homem, que convocou as pessoas à reconciliação com Deus, num salvador. Ele transforma um movimento judaico ortodoxo numa religião universal que finalmente entrou em confronto com o Judaísmo."[151]

Na verdade, os ensinamentos de Paulo dividiram o Cristianismo Trinitário do tronco do monoteísmo revelado. Enquanto que os ensinamentos monoteístas transmitidos por Moisés, Jesus e Muhammad estão todos alinhados na suave continuidade, os ensinamentos de Paulo estão claramente fora do normal.

Para começar, Jesus ensinou a unicidade de Deus: "Esclareceu Jesus: 'O mais importante de todos os mandamentos é este: 'Ouve, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus é o único Senhor. Amarás, portanto, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força.'"" (Marcos 12:29-30). Não só Jesus deu ênfase à importância imprensando as suas palavras entre as repetidas frases "O mais importante de todos os mandamentos é este", mas a importância deste ensinamento é igualmente sublinhada em Mateus 22:37 e Lucas 10:27. Reconhecendo a continuidade do Judaísmo, Jesus manifestou o seu ensino do Deuteronómio 6:4-5 (tal como foi reconhecido em todos os comentários bíblicos de renome).

Hans Küng contribui, "Como um judeu piedoso, o próprio Jesus pregou um estrito

monoteísmo. Ele nunca chamou a si mesmo de Deus, pelo contrário: 'Por que me chamas bom? Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus!' [Marcos 10:18]... Não há nenhuma indicação no Novo Testamento de que Jesus se entendeu como a segunda pessoa em Deus e como estando presente na criação do mundo. No Novo Testamento, o Próprio Deus (ho theos', 'o Deus', 'Deus') é sempre o único Deus e Pai – não o Filho."[152]

E, no entanto, a teologia paulina de alguma forma chegou à Trindade. Mas como? Jesus referiu-se ao Antigo Testamento. Os teólogos paulinos referiram-se a quê?

Significativamente ausente do ensinamento de Jesus está a associação de si mesmo com Deus. Nunca houve melhor tempo ou lugar, em todo o Novo Testamento, para Jesus ter reivindicado parceria na divindade, se fosse verdade. Mas ele não o fez. Ele não disse: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é um – mas não é tão simples assim, então deixem-me explicar..."

Para recapitular as questões relevantes nesta discussão:

1. A fórmula trinitária foi concebida no século III e codificada no séc. IV, distante em termos de tempo e teologia do período da revelação.
2. A fórmula trinitária era completamente desconhecida pelos Padres Apostólicos.
3. A Trindade não é encontrada no Antigo ou no Novo Testamento, seja em nome ou em conceito.
4. A "conquista" da teologia paulina – a fórmula trinitária – foi concebida por homens, contando com os misticismos de Paulo, e está em conflito direto com o estrito monoteísmo transmitido tanto no Antigo Testamento como nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Assim, com todas estas evidências contra a Trindade, qual é a evidência *a favor* dela?

Depende de quem se questione.

Os leigos cristãos gostam de citar a Cláusula Joanina (Primeira Epístola de João,versículos 5:7-8), embora nenhum verdadeiro estudioso bíblico o faria. E há uma boa razão para não o fazer. Os versículos dizem, "Assim, há três que proclamam testemunho: o Espírito, a água e o sangue, e há plena concordância entre os três". Um problema – a frase "o Espírito, a água e o sangue, e há plena concordância entre os três" tem sido há algum tempo reconhecida como uma interpolação (uma inserção enganosa).

A *Interpreter's Bible* (Bíblia do Interpretador) comenta:

> Este versículo na VKJ deve ser rejeitado (com VPR). Ele não aparece em nenhum manuscrito grego antigo nem é citado por qualquer padre grego; de todas as versões, somente a de latim o continha, e mesmo esta não existia em nenhuma das suas fontes mais antigas. Os mais antigos manuscritos da Vulgata não o têm. Como Dodd (*Epístolas Joaninas*, p. 127n) nos lembra: "Este é citado pela primeira vez como parte de 1 João por Prisciliano, o herege espanhol, que morreu em 385, e gradualmente fez o seu caminho em manuscritos da Vulgata em latim, até que ser aceite como parte do texto em latim autorizado."[153]

O Dr. C.J. Scofield, D.D., apoiado por outros oito Doutorados da Divindade, afirma o mencionado acima ainda mais claramente na sua nota de rodapé deste versículo: "É geralmente aceite que este versículo não tem autoridade de manuscrito e que foi inserido."[154]

"Geralmente aceite"? Nas palavras dos Professores Kurt e Barbara Aland, "Um olhar sobre os dados no aparelho crítico de Nestle-Aland (que é exaustivo para esta passagem) deve fazer qualquer comentário adicional desnecessário para demonstrar a natureza secundária desta

adição e a impossibilidade de esta ser de todo relacionada com a forma original do texto de 1 João."[155]

O Professor Metzger, que também atribui esta passagem quer a Prisciliano ou ao seu seguidor, o Bispo Instantius, afirma: "Que estas palavras são falsas e não têm o direito de estar no Novo Testamento é absoluto..."[156] Noutro trabalho, ele acrescenta, "Estudiosos católicos romanos modernos, no entanto, reconhecem que as palavras não pertencem ao Testamento grego..."[157]

Como é que, então, 1 João 5:7 invadiu a Escritura? Este não é nenhum mistério para estudantes de divindade. Parece ter sido originalmente escrito na margem da escritura por um copiador de manuscrito mais recente. Aqueles que buscaram apoio para a ideologia trinitária transportaram a nota marginal para o texto e incorporaram-na na Antiga Bíblia em Latim em algum momento durante o século V.[158] Desta forma, eles adotaram o versículo, não porque era válido, mas porque era útil. Nas palavras de E. Gibbon:

> O texto memorável, que afirma a unidade dos *Três* que dão testemunho no céu, é condenado pelo silêncio universal dos padres ortodoxos, versões antigas e manuscritos autênticos... Uma interpretação alegórica, na forma, talvez, de uma nota marginal, invadiu o texto das Bíblias em latim, que foram renovadas e corrigidas num período negro de dez séculos. Após a invenção da imprensa, os editores do Testamento Grego cederam aos seus próprios preconceitos, ou aos da época, e à fraude piedosa, que foi abraçada com igual zelo em Roma e em Genebra, infinitamente multiplicada em cada país e em todas as línguas da Europa moderna.[159]

Ehrman, em *Citando Jesus Erradamente*, expõe brilhantemente como estes versículos se infiltraram na Grécia sob a forma de uma falsificação do século XVI.[160]

Tudo isso explica o porquê de os leigos amarem 1 João 5:7, e os estudiosos não.

Embora as versões King James e Douay-Rheims Católica retenham o versículo, estudiosos sem a menor cerimónia expurgaram 1 João 5:7 de traduções mais modernas e conceituadas, que incluem a Versão Padrão Revisada de 1952 e 1971, a Nova Versão Padrão Revisada de 1989, a Nova Bíblia Padrão Americana, a Nova Versão Internacional, a Bíblia das Boas-Novas, A Nova Bíblia Inglesa, A Bíblia de Jerusalém, a Tradução Nova de Darby, e outras. O mais impressionante, no entanto, não é o número de traduções que removeram este versículo, mas o número das que o mantiveram apesar da sua falta de autoridade de manuscrito. O que devemos concluir – que tal devoção é para a verdade, ou para a convenção doutrinária? A Nova Versão de King James, aparentemente relutante em corrigir a versão 1611 em risco de perder o público pagante, parece enquadrar-se na categoria de convenção doutrinária.

Até mesmo a Nova Bíblia de Referência Scofield mantém o versículo. E aqui está um excelente exemplo de falta de sinceridade na tradução da Bíblia. A Bíblia de Referência Scofield é feita para atender às necessidades dos académicos e estudantes de divindade, e, como tal, reconhece a ilegitimidade de 1 João 5:7 através da nota de rodapé acima transcrita. *A Bíblia de* ***Estudo*** *de Scofield*, no entanto, é feita para o olho menos crítico de leigos cristãos, e mantém o versículo sem sequer insinuar a sua ilegitimidade. Verdade na tradução, ao que parece, é ajustada de acordo com o público.

Então, *o que é* que estudiosos citam como prova bíblica para a Trindade?

Muito pouco. A *Nova Enciclopédia Católica* menciona, "Nos Evangelhos, evidência para a Trindade é encontrada explicitamente só na fórmula batismal de Mt. 28:19."[161] E o que é a

fórmula batismal de Mateus 28:19? Neste versículo, Jesus supostamente ordenou os seus discípulos: "Portanto, ide e fazei com que todos os povos da terra se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". Sendo este o único versículo do evangelho que menciona explicitamente o Pai, Filho e Espírito Santo juntos,[162] não devemos ficar surpresos ao descobrir que ecoou nos ensinamentos de Paulo – "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós!" (2 Coríntios 13:14).

No entanto, podemos repetir este benzimento mil vezes, e um abismo ainda permanecerá entre Mateus 28:19 e a parede inflexível da doutrina trinitária – um abismo que exige um salto de fé sem a proteção de uma rede de evidências sólidas. Ninguém lê, "Leões, tigres e ursos, ah!", e imagina uma besta trina. Por que é que, então, somos convidados a ler o benzimento acima e a imaginar um Deus trino?

Marcos 16:15-16 relata exatamente a mesma "Grande Comissão", como o faz Mateus 28:19, e ainda assim, a fórmula "Pai, Filho e Espírito Santo" está conspicuamente ausente. Porquê? Ambos os evangelhos descrevem o último mandamento de Jesus aos seus discípulos, mas enquanto os teólogos trinitários distorceram Mateus 28:19 (mais uma vez, o *único* versículo do evangelho que menciona explicitamente o Pai, Filho e Espírito Santo juntos) a seu serviço, Marcos 16:15-16 não fornece tal apoio. Então, qual autor do evangelho entendeu bem, qual entendeu mal, e como é que podemos decidir?

Uma maneira de decidir qual destas duas passagens está correta é examinar o que os discípulos de Jesus realmente fizeram. As cartas de Paulo revelam que o batismo na Igreja primitiva só era feito em nome de Jesus (exemplos incluem Atos 2:38, 8:16, 10:48, 19:5, e Romanos 6:3), e não "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". Assumindo que os

discípulos, na verdade, fizeram o que lhes foi dito, as suas ações endossam Marcos 16:15-16 e condenam tanto Mateus 28:19 como 2 Coríntios 13:14. Por outro lado, se os discípulosnão fizeram como lhes foi dito, então não temos nenhuma razão para confiar em qualquer coisa que registrada que eles tenham dito ou feito. E se os *discípulos* não devem ser confiados, quão menos confiável deve ser Paulo, que nunca sequer conheceu Jesus?

Há um problema óbvio ainda maior neste argumento trinitário frágil, e a maioria dos teólogos preferem não discutir sobre o assunto. O problema é este: Embora a Bíblia atribua a "Grande Comissão" em Marcos 16:15-16 e Mateus 28:19 a Jesus Cristo, os duzentos estudiosos do Seminário de Jesus opinam que ele não disse nenhuma das duas versões.[163] Então, como podemos razoavelmente considerar qualquer um destes versículos como prova para a Trindade?

Quando as justificações acima falham, clérigos e leigos recorrem a citações de uma litania de versos, cada um dos quais pode ser sumariamente refutado. Por exemplo, João 10:38 diz, "o Pai está em mim, e Eu estou no Pai." João 14:11 diz praticamente o mesmo. Mas o que é que isto significa? Se propomos que estes versículos apoiam a co-partilha da divindade, nós temos de levar João 14:20 para a equação, onde se lê, "E naquele dia, entendereis (isto é, os discípulos) que Eu estou no meu Pai, e vós, em mim, e Eu, em vós." Tendo em mente que o aramaico e hebraico possuem uma capacidade muito maior para a metáfora do que o português, a única conclusão lógica é que a linguagem é figurativa. Por isso nenhuma das citações acima pode ser usada para defender a doutrina trinitária. A única outra opção seria blasfema – que o Conselho de Niceia falhou em reconhecer uma dúzia de discípulos como parceiros tanto de Jesus como de Deus. Infinitamente mais razoável é admitir que coloquialismos de dois mil anos de idade são exatamente isso – frases floridas que, se interpretadas literalmente, distorcem a realidade. O antigo português de sete séculos atrás é incompreensível para todos, exceto

estudiosos. O que, então, fazer de traduções gregas do hebraico e aramaico antigos com 1.600 anos de idade, muito menos os seus coloquialismos?

Vejamos outro alegado elemento de prova.

João 14:9 relata Jesus como tendo dito, "Aquele que vê a mim, vê o Pai". Assumindo que a linguagem seja literal, que é uma suposição ousada, ainda temos de corrigir João 14:9 com João 5:37, onde se lê: "Jamais ouvistes a Sua voz, nem contemplastes a Sua face". João 1:18 é ainda mais enfático, afirmando: "Ninguém jamais viu a Deus". Desconsiderando o nosso amigo de "sem final de vida", Melquisedeque, em Hebreus 7:3, Paulo aparentemente concordou; "[Deus] o único que é imortal e habita em luz inacessível a quem ninguém viu, nem pode ver." (1 Timóteo 6:16). As descrições de "inacessível" e "ninguém viu, nem pode ver" certamente não se conformam com a pessoa acessível e visível de Jesus. O argumento de João 14:9, quando usado, revela-se inválido. O passo das escrituras para a frente desliza três passos para trás quando se descobre que Jesus estava corporal à frente dos olhos dos seus discípulos ao informá-los, "Jamais ouvistes a Sua voz, nem contemplastes a Sua face".

Quando tudo falha, João 10:30 relata Jesus como tendo dito, "Eu e o Pai somos um". Curto, sucinto, direto ao ponto, e terrivelmente falho. Neste versículo, o manuscrito grego para o "um" português é *heis*.[164] Esta palavra também ocorre em João 17:11 e 17:21-23. João 17:11 diz, "Pai santo, protege-os em Teu Nome, o Nome que me deste, para *que sejam um, assim como somos um*." (itálico meu). Literal ou metafórico? João 17:21 reforça a metáfora com as palavras, "para que [os crentes] *todos sejam um*, Pai, como Tu estás em mim e Eu em Ti. Que eles [os crentes] também *estejam em nós*, para que o mundo creia que Tu me enviaste." (itálico meu). Se uma pessoa for fiel à equação, a soma total acrescenta num conjunto muito mais do que três-em-um; uma pessoa, ou terá de pensar maior e de forma mais blasfema, ou terá de reescrever as

regras da matemática, se a Trindade for para ser preservada.

João 10:30, sendo um versículo muito mal aplicado, no entanto, merece uma análise mais minuciosa. O Cristianismo Trinitário argumenta que Jesus declarou: "Eu e o Pai somos um", em cujo momento os judeus se prepararam para o apedrejar por blasfémia de acordo com a acusação de que, "sendo tu um simples homem, te fazes passar por Deus." (João 10:33). O argumento é que os judeus reconheceram a reivindicação de Jesus como sendo Deus, e por isso todos devem compreender João 10:30 de forma semelhante. Isto pode parecer um argumento razoável, à primeira vista, mas só se a passagem for retirada fora do contexto.

Para analisar a passagem de forma adequada, podemos começar com o versículo anterior, João 10:29, que enfatiza as naturezas distintas e separadas de Deus e Jesus – Um o doador, o outro o recetor. Muitos dos que posteriormente leram João 10:30 ficam com a compreensão de que este versículo se refere a Jesus e Deus como estando de acordo, em entendimento, ou em propósito. E notemos a resposta aos judeus de Jesus sobre a acusação de reivindicar divindade. Será que ele se levantou com confiança divina e insistiu, "Ouvis-me bem, eu disse uma vez, e voltarei a dize-lo!"? Exatamente o oposto; ele disse que eles tinham entendido mal, e citou Salmos 82:6 para lembrar aos judeus que as frases "filho de Deus" e "sois deuses" são metáforas. Nas palavras da Bíblia,

> Jesus lhes contestou: "Não está escrito na vossa Lei: *'Eu (Deus) disse: sois deuses?'* [Salmos 82:6] Se Ele chamou 'deuses' àqueles a quem veio a Palavra de Deus, como vós dizeis daquele a quem o Pai santificou e enviou a este mundo: 'Tu blasfemas!', porque vos declarei: 'Eu Sou o Filho de Deus?'" (João 10:34-36)

Jesus incluiu-se com aqueles “a quem veio a Palavra de Deus [isto é, revelação]”, que foram identificados nos Salmos referenciados 82:6 como “deuses” com um D minúsculo ou “filhos de Deus”. Salmos 82:1 menciona uma metáfora ousada, identificando juízes como “deuses” - não como homens piedosos, não como profetas, não como filhos de Deus, mas como *deuses*. Além disso, Salmos 82:6-7 não deixa dúvidas de que “filhos de Deus” refere-se a seres humanos mortais: “Eu [Deus] declarei: vós, ó juízes, sois como os deuses; todos vós sois filhos do Altíssimo! No entanto, como seres humanos, morrereis e, como qualquer outro governante, caireis”. E, por último, não esqueçamos que o *huios* grego, traduzido como “filho” na citação acima, era “usado muito amplamente de parentesco imediato, remoto ou figurativo.”[165]

Assim, lendo João 10:30 em contexto, vemos que Jesus se identificou com os outros mortais piedosos, enfatizou o sentido figurado de “filho de Deus”, negou a divindade, e comportou-se como seria de esperar de um profeta de carne e sangue. Afinal, se Jesus fosse um parceiro na divindade, não teria ele defendido a sua posição com a confiança de omnipotência divina?

Da mesma forma, para cada versículo tido como prova da Trindade, há um ou mais que desacreditam ou desqualificam. Muito para a frustração do mundo cristão, a confirmação bíblica de Jesus a ensinar a Trindade não é apenas escassa, está ausente. Na verdade, o oposto é o caso. Jesus é registrado três vezes como tendo enfatizado o primeiro mandamento, dizendo, “o Senhor, o nosso Deus é o único Senhor” (Marcos 12:29; Mateus 22:37; e Lucas 10:27). Em nenhum destes três casos ele sequer sugeriu a Trindade. E quem tem mais autoridade bíblica do que Jesus?

Analogias vãs desmoronam semelhantemente.

O argumento Trinitário de que “Deus é um só, mas Um num ser trino, como um ovo é

um, mas uma em três camadas separadas e distintas" é cativante, mas não satisfatório.[166 (NE)] Era uma vez, um mundo que era plano, e no centro do universo. Metais comuns podiam ser transformados em ouro, e uma fonte de juventude prometia imortalidade para aqueles que a conseguissem encontrar. Ou assim acreditavam as pessoas. Mas boas explicações não se tornam realidade. A questão não é se uma analogia válida para o conceito da Trindade existe, mas sim se a doutrina é correta em primeiro lugar. E Jesus ensinou-a? As respostas, de acordo com as informações citadas acima, são "Não" e "Não".

Consequentemente, os defensores da doutrina trinitária têm ficado sem argumentos. Na falta de evidência bíblica, alguns foram tão longe a ponto de sugerir que Jesus ensinou a Trindade em segredo. Mesmo esta alegação tem uma resposta, pois a Bíblia relata Jesus como tendo dito, "Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei frequentemente nas sinagogas e no templo, onde todos os judeus se reúnem, e *nada* disse *em segredo*." (João 18:20 – itálico meu).

Portanto, temos Moisés a ensinar a unicidade de Deus, Jesus a ensinar a unicidade de Deus, mas as autoridades da Igreja a ensinar-nos a acreditar no que elas nos dizem, e não no que lemos na Bíblia com os nossos próprios olhos. Quem devemos acreditar, Jesus ou os teólogos paulinos? E no que devemos confiar, na escritura ou na doutrina? E numa doutrina baseada em fontes não-bíblicas, ainda por cima?

Vale a pena notar que o Alcorão Sagrado não só confirma a unicidade de Deus (Allah), mas também refuta a Trindade, estabelecendo assim uma linha monoteísta comum entre os ensinamentos de Moisés, Jesus e do Alcorão Sagrado:

1. "…não digais: 'Trindade'. Abstende-vos de dizê-lo…" (OSA 4:171)
2. "...são renegadores da Fé os que dizem: 'Por certo, Allah é o terceiro de três.' E não há deus senão um Deus Único." (OSA 5:73)

3. "...vosso Deus é Deus Único. Então, quem espera pelo deparar de seu Senhor, que faça boa ação e não associe ninguém à adoração de seu Senhor." (OSA 18:110)[167 (NE)]

Ora, estes são ensinamentos do Alcorão Sagrado, mas agrada a imaginação considerar o que Jesus Cristo poderia ter dito de forma diferente, se ele se juntasse a nós numa conversa num café local (nosso deleite, é claro). Nós podemos muito bem imaginá-lo sentado, debruçado sobre um latté descafeinado enquanto morosamente mistura um terceiro pacote de açúcar (ele toma o seu café doce, não tenho qualquer dúvida), balançando lentamente a sua cabeça abaixada enquanto murmura: "Eu *disse-lhes* que só há um Deus. Eu disse uma, duas, três vezes. O que é que eu poderia fazer mais – esculpi-lo em pedra? Isso não funcionou para Moisés, por que teria funcionado melhor para mim?"

É muito mais fácil imaginar Jesus a dizer: "…não digais: 'Trindade'. Abstende-vos de dizê-lo…" ou "...são renegadores da Fé os que dizem: 'Por certo, Allah é o terceiro de três.' E não há deus senão um Deus Único" do que imaginá-lo a dizer: "Bem, com certeza, eu disse que havia um só Deus, mas o que eu realmente queria dizer era..."

Compreensivelmente, alguns visualizam a clareza do monoteísmo islâmico, uma vez justaposta à rede emaranhada e indefensável da ideologia trinitária, e perguntam-se: "Bem, qual é o problema do Islam, então?" Outros continuam a opor-se, "Mas Jesus é Deus!"

Sobre o fundamento de tais pontos de vista opostos estão as linhas desenhadas de diferenças religiosas, guerras travadas, vidas e, mais importante ainda, almas perdidas.

9 – Divindade de Jesus? Uma Investigação

O homem é feito para adorar e obedecer, mas se não lhe der ordens, se não lhe der nada para adorar, ele fabricará as suas próprias divindades, e encontrará um chefe entre as suas próprias paixões.

- Benjamin Disraeli, *Coningsby*

A diferença fundamental entre os ensinamentos de Jesus e a fórmula trinitária encontra-se no ato de elevar Jesus ao estatuto divino – um estatuto que Jesus nega nos evangelhos:

> "Por que me chamas bom? Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus!" (Mateus 19:17, Marcos 10:18 e Lucas 18:19)
>
> "O Pai é maior do que eu" (João 14:28)
>
> "…nada faço de mim mesmo, mas transmito tudo conforme o meu Pai me ensinou." (João 8:28)
>
> "Em verdade, em verdade vos asseguro, que o Filho nada pode fazer de si mesmo…" (João 5:19)
>
> "Mas Eu O conheço, porque venho d'Ele e por Ele fui enviado." (João 7:29) e "…quem me rejeitar, rejeita Aquele que me enviou." (Lucas 10:16)
>
> "Agora, porém, Eu vou para junto d'Aquele que me enviou…"

(João 16:5)

"Respondeu-lhes Jesus: 'A minha doutrina não é minha, e sim, d'Aquele que me enviou.'" (João 7:16)

"Pois Eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me deu ordens sobre o que eu deveria dizer e o que proclamar." (João 12:49)[168 (NE)]

O que é que a teologia paulina diz? Que Jesus é um parceiro na divindade, Deus encarnado. Então, em quem deve uma pessoa acreditar? Se em Jesus, então vamos ouvir o que mais ele poderia dizer:

"O mais importante de todos os mandamentos é este: 'Ouve, ó Israel, o Senhor, o *nosso* Deus é o único Senhor'." (Marcos 12:29)

"Todavia, a respeito daquele dia ou hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, *nem o Filho do homem, senão* apenas o Pai." (Marcos 13:32)

"'Ao Senhor teu Deus adorarás e *só* a Ele darás culto.'" (Lucas 4:8)

"A minha comida consiste em fazer a vontade d'Aquele que me enviou…" (João 4:34)

"Por *mim mesmo*, nada posso fazer (…) não busco agradar a meu próprio desejo, mas satisfazer a vontade do Pai que me enviou." (João 5:30)

"Pois Eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, mas a vontade d'Aquele que me enviou." (João 6:38)

"A minha doutrina *não é minha*, e sim, d'Aquele que me enviou." (João 7:16)

> "...estou ascendendo ao *meu* Pai e vosso Pai, para *meu* Deus e vosso Deus." (João 20:17)

O meu itálico nos versículos acima não implica que Jesus falou com essa ênfase, embora ninguém possa afirmar com certeza que ele não o tenha feito. Em vez disso, o itálico salienta o fato de que Jesus não só nunca reivindicou divindade, mas seria o primeiro a negá-la. Nas palavras de Joel Carmichael, "A ideia desta nova religião, com ele mesmo como sua divindade, é algo que ele [Jesus Cristo] nunca poderia ter tido a menor ideia. Como Charles Guignebert coloca, 'Nunca sequer passou pela sua mente.'"[169]

Então, se Jesus nunca reivindicou divindade, o que era ele exatamente? Ele mesmo respondeu a essa pergunta:

> "Somente em sua própria terra, junto aos seus parentes e em sua própria casa, é que um *profeta* não é devidamente honrado." (Marcos 6:4)
>
> "Jesus lhes afirmou: 'Não há *profeta* sem honra, a não ser em sua própria terra, e em sua própria casa'". (Mateus 13:57)
>
> "Afinal, nenhum *profeta* deve morrer fora de Jerusalém!" (Lucas 13:33)

Aqueles que o conheciam reconheceram: "Este é o profeta Jesus, vindo de Nazaré da Galileia!" (Mateus 21:11), e "Grande profeta foi levantado entre nós..." (Lucas 7:16). Os discípulos reconheceram Jesus como "varão profeta, poderoso em obras…" (Lucas 24:19. Veja também Mateus 14:5, 21:46, e João 6:14). Se estas declarações foram imprecisas, porque é que Jesus não as corrigiu? Por que é que ele não definiu a sua divindade, se, isto é, ele realmente era

divino? Quando a mulher no poço declarou: "'Senhor, eu percebo que tu és um profeta!'" (João 4:19), por que é que ele não lhe agradeceu pela sua impressão humilde, explicando que havia mais na sua essência do que profecia?

Ou havia?

Jesus Cristo, um simples homem? Poderia ser? Uma boa parte do mundo religiosamente introspetivo pergunta, "Por que não?". Atos 2:22 registra Jesus como "Jesus de Nazaré, homem aprovado por Deus diante de vós por meio de milagres, feitos portentosos e muitos sinais, que Deus por meio dele realizou entre vós, como vós mesmos bem sabeis..." O próprio Jesus é registrado como tendo dito: "Mas, ao contrário, agora procurais matar a mim, um homem que vos tem declarado a verdade, a qual ouviu de Deus." (João 8:40). Surpreendentemente, uma citação semelhante é encontrada no Alcorão Sagrado: "O bebé [Jesus] disse: 'Por certo, sou o servo de Allah. Ele me concederá o Livro, e me fará Profeta…'" (OSA 19:30).

Então foi Jesus um "servo de Allah (isto é, servo de Deus)"? De acordo com a Bíblia, sim. Ou, pelo menos, isto é o que nós entendemos de Mateus 12:18: "Eis o meu Servo, que escolhi..." Além disso, Atos dos Apóstolos traça o crescimento da Igreja primitiva durante os primeiros trinta anos após o ministério de Jesus, mas em nenhum lugar nos Atos os discípulos de Jesus chamaram Jesus de "Deus". Em vez disso, eles referiram-se a Jesus como um homem e servo de Deus.[170]

Na verdade, o *único* versículo do Novo Testamento que apoia a doutrina da Encarnação é 1 Timóteo 3:16.[171 (NE)] No entanto, no que diz respeito a este versículo (que afirma que "Deus foi manifestado em carne"), Gibbon observa que "Esta forte expressão pode ser justificada pela linguagem de São Paulo (I Tim. iii. 16), mas nós somos iludidos pelas nossas bíblias modernas. A palavra (*que*) foi alterada para (*Deus*) em Constantinopla no começo do século VI: a

verdadeira leitura, que é visível nas versões em latim e siríaco, ainda existe no raciocínio do grego, bem como dos padres latinos; e esta fraude, com a das *três testemunhas de São João*, é admiravelmente detetada pelo senhor Isaac Newton."[172]

Fraude? Agora aí está uma palavra forte. Mas se olharmos para a escolaridade mais moderna, é uma palavra bem aplicada, pois "algumas passagens do Novo Testamento foram modificadas para dar uma ênfase mais precisa de que Jesus era, ele mesmo, divino."[173]

A Bíblia foi *modificada*? Por razões doutrinais? Difícil de encontrar uma palavra mais adequada do que "fraude", dadas as circunstâncias.

Num capítulo intitulado "Alterações do Texto Teologicamente Motivadas" no seu livro, *Citando Jesus Erradamente [Misquoting Jesus]*, o Professor Ehrman elabora sobre a corrupção de 1 Timóteo 3:16, que foi detetada não só pelo senhor Isaac Newton, mas também pelo erudito do século XVIII, Johann J. Wettstein. Nas palavras de Ehrman, "Um escriba mais recente alterou a leitura original, de modo que já não se lia "que", mas "Deus" (manifestado em carne). Noutras palavras, este corretor mais recente mudou o texto de tal forma para enfatizar a divindade de Cristo... O nossos manuscritos mais antigos e melhores, no entanto, falam de Cristo "que" foi manifestado em carne, sem chamar Jesus, explicitamente, de Deus."[174]

Ehrman salienta que esta corrupção é evidente em cinco manuscritos gregos. Mas mesmo assim foi corrompida, e não foram os "mais antigos e melhores" manuscritos bíblicos que vieram a dominar ambos os manuscritos medievais e as primeiras traduções para o inglês.[175] Consequentemente, desde os tempos medievais em diante, os dogmas da fé cristã sofreram a influência corruptora de uma Igreja dedicada mais à teologia do que à realidade.[176]

Ehrman acrescenta: "Ao continuar as suas investigações, Wettstein descobriu outras passagens tipicamente utilizadas para afirmar a doutrina da divindade de Cristo que, na verdade,

representavam problemas textuais; quando estes problemas são resolvidos por motivos de crítica de texto, na maioria dos casos, as referências à divindade de Jesus desaparecem."[177]

Face ao exposto acima, deve haver pouca surpresa que no século XX o Cristianismo se expandiu para incluir aqueles que negam a suposta divindade de Jesus. Um sinal significativo desta realização é o seguinte relatório do *Daily News* de Londres: "Mais de metade dos bispos anglicanos da Inglaterra dizem que os cristãos não são obrigados a acreditar que Jesus Cristo era Deus, de acordo com uma pesquisa publicada hoje."[178] É interessante notar que não foi o mero clero que foi consultado, mas sim *bispos*, sem dúvida deixando muitos paroquianos a coçar as suas cabeças e a perguntar em quem acreditar, se não nos seus bispos!

Independentemente da visão romântica de qualquer devoto quanto às origens religiosas, a dura realidade é que todos os profetas, exceto Adão, nasceram no banho de líquido amniótico que libera todas e cada criança do ventre – Jesus Cristo incluído. Sem dúvida, a mãe de Jesus amamentou-o pelo seu peito no ato natural de nutrir uma criança humana, mas no que seria um ato estranhamente incongruente para Deus, assim como a relação implicaria dependência de Deus da Sua própria criação. Uma pessoa suspeitaria que Jesus gatinhou num chão de terra e cresceu de forma humana, completa com o comer e beber mundano (certamente seguido pela viagem ocasional a uma casa-de-banho mundana). A sua fome, sede, raiva, dor, fadiga, tristeza, ansiedade, e frustração humanas estão todas bem descritas na Bíblia.

Deus é omnisciente, mas em Marcos 5:30, Jesus nem sequer sabia quem tinha tocado nas suas roupas. Deus é todo-poderoso, mas Marcos 6:5 diz-nos que Jesus não conseguia realizar nenhum milagre (ou, conforme algumas traduções, "nenhuma obra poderosa") no seu próprio país. Além disso, em Marcos 8:22-25 Jesus falhou ao curar um cego na sua primeira tentativa. Deus nunca enfraquece e ainda, quando Jesus precisava de reforço, os anjos serviram-no

(Marcos 1:13, Lucas 22:43).

Jesus dormia, mas Deus nunca dorme (Salmos 121:4). Jesus foi tentado por Satanás (Lucas 4:1-13), e ainda Tiago 1:13 diz à humanidade: "Deus não pode ser tentado pelo mal…" Jesus orou e deu graças (a quem?), jejuou (por quem?), carregou os ensinamentos de Deus, e, no final, sem poder fazer nada, sofreu humilhação e tortura nas mãos de tiranos desviados. Um homem oprimido por tiranos ou um deus oprimido pela própria criação que Ele próprio condenará no Dia do Juízo? Muitos (e não apenas os muçulmanos) argumentam que a visão islâmica é mais nobre e complementar a Deus como um ser supremo e transcendente, e é mais realista quanto a Jesus como um profeta e um homem.

A questão pede uma resposta, "Por que é que Jesus *deve* ser Deus? Porque é que ele não pode simplesmente ser humano?"

A maioria dos cristãos afirmam que a humanidade precisava de um sacrifício para a redimir dos seus pecados, mas um sacrifício humano comum não o faria; apenas um sacrifício divino seria suficiente. Monoteístas rigorosos – sejam eles judeus ortodoxos, cristãos unitários, ou muçulmanos - poderão opor-se, como neste intercâmbio típico:

> *Monoteísta*: Ó! Então acredita que Deus morreu?
>
> *Trinitário:* Não, não, pereça o pensamento. Só o homem morreu.
>
> *Monoteísta*: Nesse caso, o sacrifício não precisou de ser divino, se só a parte-homem morreu.
>
> *Trinitário:* Não, não, não. A parte-homem morreu, mas Jesus/Deus teve de sofrer na cruz para expiar os nossos pecados.
>
> *Monoteísta*: O que quer dizer "teve de"? Deus não "tem de" fazer nada.

Trinitário: Deus precisava de um sacrifício e um ser humano não bastaria. Deus precisava de um sacrifício grande o suficiente para expiar os pecados da humanidade, então Ele enviou o Seu Filho Unigénito.

Monoteísta: Então nós temos um conceito diferente de Deus. O Deus em que eu creio não tem necessidades. O meu Deus nunca quer fazer alguma coisa sem a poder fazer porque Ele precisa de algo para torná-la possível. O meu Deus nunca diz: "Aff, Eu quero fazer isto, mas não posso. Primeiro preciso desta certa coisa. Vamos ver, onde posso encontrá-la?" Nesse cenário, Deus seria dependente de qualquer entidade que pudesse satisfazer as Suas necessidades. Noutras palavras, Deus teria que ter um deus superior. Para um monoteísta estrito, isso simplesmente não é possível, pois Deus é Um, supremo, auto-suficiente, a fonte de toda a criação. A humanidade tem necessidades, Deus não. Nós precisamos da Sua orientação, misericórdia e perdão, mas Ele não *precisa* de nada em troca. Ele poderá desejar servidão e adoração, mas Ele não *precisa* dela.

Trinitário: Mas é isso mesmo; Deus diz-nos para O adorar, e fazemos isso através da oração. Mas Deus é puro e santo, e os homens são pecadores. Nós não podemos aproximar-nos de Deus diretamente por causa da impureza dos nossos pecados. Por isso, precisamos de um intercessor para orar através dele.

Monoteísta: Pergunta – Jesus pecou?

Trinitário: Não, ele não tinha pecado.

Monotheist: Quão puro era ele?

Trinitário: Jesus? 100% puro. Ele era Deus/Filho de Deus, então ele era 100% santo.

Monoteísta: Mas, então, não podemos aproximar-nos de Jesus mais

> do que a Deus, pelo seu critério. A sua premissa é que a humanidade não pode orar diretamente a Deus por causa da incompatibilidade do homem pecador e a pureza de qualquer ser/coisa 100% santo. Se Jesus era 100% santo, então ele não é mais acessível do que Deus. Por outro lado, se Jesus *não era* 100% santo, então ele próprio estava contaminado e não poderia aproximar-se de Deus diretamente, e muito menos ser Deus, o Filho de Deus, ou parceiro com Deus.

Uma analogia justa poderia ser a de ir ao encontro de um homem supremamente piedoso – a pessoa mais sagrada viva, a santidade a irradiar do seu ser, escorrendo dos seus poros. Então, nós vamos vê-lo, mas dizem-nos que o "santo" não concordará com o encontro. Na verdade, ele não consegue ficar na mesma sala com um mortal manchado pelo pecado. Podemos falar com a sua rececionista, mas o próprio santo? Sem hipótese alguma! Ele é santo demais para se sentar connosco, seres inferiores. Então, o que pensamos agora? Será que ele soa santo, ou louco?

O senso comum diz-nos que pessoas santas são acessíveis – quanto mais santo, mais acessível. Então, por que precisaríamos de um intermediário entre nós e Deus?

A frustração alcança um nível crítico para qualquer pessoa que tente argumentar tais questões, pois discussão racional dá lugar a justificações emocionalmente carregadas. Por exemplo, quando a evidência bíblica falha, aqueles que argumentam com base numa doutrina não-bíblica são forçados a fechar o livro a partir do qual eles afirmam derivar orientação (isto é, a Bíblia) e a trocar as marchas para o místico. Quem poderá argumentar com tais questões condescendentes como, "Nunca sentiu o poder de Jesus na sua vida?"

Se uma pessoa (incluindo a que perguntou) entende que a questão é um assunto separado.

Os monoteístas estritos podem ser rápidos em responder afirmativamente, mas com a alteração de que a verdade que Jesus ensinou é mais poderosa do que as blasfémias que, posteriormente, cresceram para dominar o Cristianismo. O monoteísta estrito, seja ele um judeu ortodoxo, cristão unitário ou muçulmano, também se pode questionar sobre como se sentiria no caso de um engano de Satanás. Muito escorregadio e persuasivo, poderíamos pensar, pois quantas almas poderia ganhar Satanás, se ele não aparecesse num manto de piedade?

Então, como podemos saber a diferença entre a verdade de Deus e o engano de Satanás? Se escolhermos religião baseando-nos em emoções e não no pensamento racional, como podemos ter a certeza de que estamos no caminho certo? A dádiva de Deus da faculdade de julgamento é baseada em razão cognitiva; pensar o contrário é supor que foi dada a uma criação racional uma lei irracional. Deus orienta a humanidade em Isaías 1:18, "Então, sim, vinde e arrazoemos..." Em nenhum lugar Deus ensina, "Sinta o seu caminho por aí". A porta de Satanás – fissuras da fraqueza humana através das quais ele ganha posse – consiste em emoções básicas, nos desejos mais baixos. Ninguém, alguma vez, se senta com uma chávena de chá quente no crepúsculo em desvanecimento de um pôr do sol cor pastel e tabula os prós e contras do adultério, roubo ou avareza. Ninguém alguma vez chega ao pecado através de raciocínio dedutivo - isso simplesmente não acontece. A humanidade chega ao pecado através do seguimento de desejos básicos em detrimento de melhor julgamento - isto é, raciocínio. Os pecados da carne são bastante perigosos, nas perspectivas tanto mundanas como pós-mundanas. Quão mais perigosos são os erros de religião com base no apelo emocional de propostas de exclusividade espiritual?

No passado, tais reivindicações de exclusividade espiritual eram maioritariamente limitadas ao domínio dos gnósticos, que foram queimados na fogueira como hereges até ao

tempo (ou pelo menos assim parece) em que a doutrina trinitária se encontrava nua e indefesa na floresta de debate teológico. A dependência das defesas religiosas místicas do "espírito santo" e da "luz guia", embora anteriormente considerada uma heresia gnóstica, tornou-se a marca registrada da ortodoxia cristã. E tem-lhes servido bem. A alegação de que uma pessoa não tem o "espírito santo" se não aceitar uma determinada ideologia serve como a última barreira na discussão religiosa, desviando o impulso do argumento racional longe daqueles que preferem o desaparecimento da evidência do que serem confrontados pela sua inconveniência. A alegação de que uma pessoa entenderá Jesus se apenas aceitasse o "Espírito Santo" nas suas vidas encontra a resistência daqueles que procuram evitar tal ideologia gnóstica – uma ideologia que implica uma natureza arbitrária de Deus, que concede compreensão mística a alguns enquanto a impede a outros.

Monoteístas estritos podem tentar redirecionar a discussão de volta para o ponto principal. Por exemplo, muitos grupos religiosos (muçulmanos incluídos) aceitam Jesus, mas como um profeta de Deus. Eles acreditam que ele ensinou, incluindo a sua declaração frequentemente repetida de si mesmo como sendo nada mais do que um profeta e um homem. Em contraste, muitos *não* acreditam no que os teólogos paulinos ensinaram, preferindo confiar na verdade clara dos profetas em preferência às contradições turbulentas daqueles que seguiram visões. Não importa quão sincero Paulo possa parecer ter sido, ele não era um discípulo, nunca conheceu Jesus, e de fato perseguiu, prendeu, e matou os seus seguidores (Atos 22:19 e 26:9-11), consentiu com o apedrejamento de Estevão (Atos 7:58-60 e 22:20), e assolou a Igreja (Atos 8:3).

Muitos admitem que Paulo pode ter tido uma visão ou sonho vívidos, mas que o engenheiro por trás da cortina-de-ilusão *nessa* estrada de tijolos amarelos para Damasco não poderia ser divino, visto que a alegada inspiração contradiz a revelação. No credo dos cristãos

unitários e dos muçulmanos, Deus não é nem inconstante, nem incoerente. Além disso, devemos lembrar-nos de que Jesus advertiu os seus discípulos, ""Cuidado, que ninguém vos seduza. Pois muitos são os que virão em meu nome, proclamando: 'Eu sou o Cristo!', e desencaminharão muitas pessoas." (Mateus 24:4-5. Veja também Lucas 21:8). Apesar desta cautela, Paulo baseou a sua inspiração numa voz etérea que lhe disse: "Eu sou Jesus." (Atos 9:5, 22:8, 26:15).

O ponto de vista "em poucas palavras" é que Jesus advertiu os seus discípulos a não se deixarem enganar por aqueles que afirmariam ser ele, mas Paulo tomou a sua inspiração de uma voz que reivindicou... não perca a cadeia de raciocínio... ser Jesus. Hmm.

Aqueles que negam a alegação de Paulo sobre a inspiração divina especulam que, na sequência da sua alegada visão, ele continuou a fazer estragos na Igreja, mas desta vez de dentro. Alguns chamariam isso de subterfúgio. Outros, aparentemente, consideram as suas ações suficientes para a santidade. E não apenas qualquer santidade vulgar, de pé de chinelo, mas santidade de primeira ordem.

Tal tipo de troca de ideias geralmente termina abruptamente, porque o desacordo entre emocionalismo ardente e racionalidade calma está condenado a frustrar ambas as partes. Um lado especula sobre um imaginado "OQJF" – "O que Jesus faria?" O outro concentra-se no documentado "OQFJ" – "O que *fez* Jesus?" A grande maioria dos cristãos alegam seguir Jesus, quando na realidade eles não seguem o que ele ensinou, mas o que os outros ensinaram sobre ele. Cristãos unitários e muçulmanos dizem seguir Jesus, e realmente o fazem. Os cristãos que afirmam derivar os seus ensinamentos de Jesus devem sentir-se humilhados quando encontram os seus ensinamentos melhor exemplificados nos costumes da comunidade islâmica do que naqueles dos próprios cristãos.[179 (NE)] Exemplos práticos incluem os seguintes:

Aparência

1. É comum reconhecer que Jesus tinha barba. Nós encontramos esta prática melhor mantida entre muçulmanos ou cristãos?
2. Jesus é conhecido como se tendo vestido modestamente. Ninguém imagina Jesus Cristo de calções e t-shirt. Se fecharmos os olhos e formarmos uma imagem mental, vemos vestes a fluir, dos pulsos aos tornozelos. Quando Jesus proferiu o Sermão do Monte, tinha ele uma pança? Nós gostamos de pensar que não, mas na verdade ninguém sabe, e as suas roupas soltas podem ser a razão. Então, quantos muçulmanos *praticantes* é que uma pessoa encontra vestidos com uma modéstia tipo-Cristo? Os *thobes* tradicionais árabes e o *shalwar kamiz* Indo-paquistanês são talvez os melhores exemplos, enquanto que roupas reveladoras ou sedutoras, tão omnipresentes nas culturas ocidentais, são talvez as piores.
3. A mãe de Jesus usava um lenço na cabeça, e as mulheres cristãs da Terra Santa mantiveram esta prática até a meio do século XX. Qualquer fotografia de um desfile ortodoxo judaico ou cristão palestino ou congregação de antes de 1950 mostram um monte de exemplos de lenços na cabeça. Mas que mulheres de piedade se cobrem agora – cristãs praticantes ou muçulmanas praticantes?

Comportamento

1. Jesus deu ênfase quanto ao próximo mundo, e era um homem preocupado com a busca da salvação. Quantos cristãos "piedosos" se encaixam neste perfil de "Não é só aos domingos"? Agora, quantos muçulmanos de "cinco orações por dia, todos os dias do ano"?
2. Jesus falava com humildade e bondade. Ele não se "exibia". Quando pensamos nos seus discursos, não imaginamos teatralidade. Ele era um homem simples, conhecido por qualidade e verdade. Quantos pregadores e evangelistas seguem este exemplo?
3. Jesus ensinou os seus discípulos a oferecer a saudação de "paz" (Lucas 10:5). Ele, então, deu o exemplo, oferecendo a saudação, "Paz seja convosco" (Lucas 24:36, João 20:19, João 20:21, João 20:26). Quem continua esta prática até hoje, cristãos ou muçulmanos?

"A paz esteja convosco" é o significado da saudação muçulmana, "*Assalam alaikum*". Curiosamente, encontramos esta saudação no Judaísmo também (Génesis 43:23, Números 6:26, Juízes 6:23, 1 Samuel 1:17 e 1 Samuel 25:6).

Práticas Religiosas

1. Jesus era circunciso (Lucas 2:21). Paulo ensinou que não era necessário (Rom. 4:11 e Gal. 5:2). Os muçulmanos creem que é. Que grupo religioso segue Jesus e que grupo segue Paulo?
2. Jesus não comia porco, mantendo-se à Lei do Antigo Testamento (Levítico 11:7 e Deuteronómio 14:8). Os muçulmanos também acreditam que o porco é proibido. Os cristãos... bem, já se sabe.
3. Jesus não dava nem recebia usura, de acordo com a proibição do Antigo Testamento (Êxodo 22:25). A usura é proibida no Antigo Testamento e no Alcorão, como era proibida na religião de Jesus. As economias da maioria dos países cristãos, no entanto, foram construídas sobre usura.
4. Jesus não fornicou, e absteve-se de contato extramarital com mulheres. Quantos cristãos aderem a este exemplo? Nota: a questão ultrapassa a fornicação, e estende-se até ao menor contato físico com o sexo oposto. Com a exceção da realização de rituais religiosos e de ajudar aqueles em necessidade, não há registro de Jesus alguma vez ter *tocado* uma mulher diferente da sua mãe. Judeus ortodoxos estritamente praticantes mantêm esta prática até hoje na observância da Lei do Antigo Testamento. Da mesma forma, os muçulmanos *praticantes* nem sequer apertam as mãos entre sexos opostos. Podem as congregações cristãs de "abrace o seu vizinho" e "beije a noiva" fazer a mesma afirmação?

Práticas de Adoração

1. Jesus purificou-se com a lavagem antes da oração, como era a prática dos profetas

piedosos que o precederam (veja Êxodo 40:31-32, em referência a Moisés e a Arão), e como é a prática dos muçulmanos.

2. Jesus orou em prostração (Mateus 26:39), como os outros profetas (veja Neemias 8:6 quanto a Esdras e o povo, Josué 5:14 quanto a Josué, Génesis 17:3 e 24:52 quanto a Abraão, Êxodo 34:8 e Números 20:6 quanto a Moisés e Arão). Quem reza assim, cristãos ou muçulmanos?
3. Jesus jejuou durante mais de um mês de uma só vez (Mateus 4:2 e Lucas 4:2), como fizeram os piedosos antes dele (Êxodo 34:28, 1 Reis 19:8). Então, quem segue o exemplo de Jesus, se não aqueles que anualmente jejuam o mês do Ramadan?
4. Jesus fez peregrinação com a finalidade de adoração, como todos os judeus ortodoxos aspiram fazer. Na sua época, a peregrinação era para Jerusalém (Atos 8:26-28). Os muçulmanos, se forem capazes, fazem a peregrinação a Makkah (mais familiar a muitos pela sua grafia alternativa, *Meca*) como orientado por Allah no Alcorão Sagrado. Se os cristãos tiverem dificuldade em aceitar a mudança de locais de peregrinação, os muçulmanos citam Mateus 21:42-43. Em Mateus 21:42, Jesus lembrou os seus seguidores de Salmos 118:22-23 da seguinte forma: "A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular, pois assim determinou o Eterno. Maravilhoso é isso para nós!"

Mateus 21:43, em seguida, registra Jesus como tendo previsto, "Por isso, Eu vos declaro que o Reino de Deus será retirado de vós para ser entregue a um povo que produza frutos dignos do Reino."

A primeira citação referencia "os rejeitados", que por dois mil anos foi entendida por judeus e cristãos como sendo os ismaelitas – a linhagem de Muhammad e da maioria dos árabes muçulmanos. Jesus prediz que o reino de Deus seria retirado dos judeus e dado a uma nação mais merecedora. Os muçulmanos afirmam que nenhum povo poderia ser mais merecedor do que aquele que abraça os ensinamentos e segue o exemplo de todos os profetas, Jesus e Muhammad incluídos.

Além disso, os muçulmanos apontam que Makkah não está sem menção na

Bíblia. Makkah é pronunciada "Bakka" num dos dialetos árabes. Assim, o Alcorão Sagrado menciona "Makkah" por nome numa passagem (48:24) e como "Bakka" noutro versículo, onde se lê: "Por certo, a primeira Casa de Allah, edificada para os homens, é a que está em Bakkah, é abençoada e serve de orientação para os mundos." (OSA 3:96). Os Salmos 84:5-6 fornecem a ligação notável entre o Antigo Testamento e o Alcorão: "*Felizes* os que em Ti *encontram* sua força, e todos aqueles que são *peregrinos* de *coração*! *Ao* atravessarem o vale de lágrimas de Baca, convertem-no num lugar de fontes…"

A "fonte" sagrada do poço de Zamzam em Bakka/Makkah é bem conhecida. Além disso, como foi observado na forma de comentário de um editor na obra de Edward Gibbon, "Meca não pode ser o Macoraba de Ptolomeu; as situações não estão de acordo, e até ao tempo de Mahomet, esta tinha o nome de Baca, ou a Casa, do seu templo célebre. É assim chamada até em algumas partes do Corão."[180]

Assuntos de Credo

1. Jesus ensinou a unicidade de Deus (Marcos 12:29-30, Mateus 22:37 e Lucas 10:27), conforme veiculado no primeiro mandamento (Êxodo 20:3).
2. Jesus declarou-se um homem e um profeta de Deus (veja acima), e em nenhum lugar alegou divindade ou filiação divina. Com qual credo estão os dois pontos acima mais consistentes – a fórmula trinitária ou o monoteísmo absoluto do Islam?

Considerações práticas surgem. Perguntas como, "Qual era a religião de Jesus?" e "Se Jesus viveu, pregou, e completou o seu ministério fiel às leis religiosas do seu tempo, porque é que aqueles que dizem seguir no seu nome não vivem pelo seu exemplo?" Afinal, os Atos dos

Apóstolos documentam o quão estritas eram as práticas entre os primeiros seguidores de Cristo. O ato de Pedro de evitar animais imundos está documentado em Atos 10:14, a ênfase quanto à circuncisão é encontrada em Atos 11:2-3, 15:1 e 15:5, a conversão dos sacerdotes e dos fariseus na fé é discutida em 6:7 e 15:5, e 21:20 enfatiza o zelo dos milhares de crentes "pela Lei". A este respeito, Carmichael observa, "As passagens acima são surpreendentes; elas indicam que, por toda uma geração após a morte de Jesus, os seus seguidores eram judeus piedosos e orgulhosos disso, e tinham atraído para o seu grupo membros de classes religiosas *profissionais*, e não se afastaram *até mesmo* das leis cerimoniais onerosas."[181]

Então essa foi a primeira geração de seguidores. Contudo, apesar da evidência bíblica, muitos cristãos preferem os ensinamentos de Paulo, do Papa, ou de certo clero acima dos ensinos registrados de Jesus. Como resultado, um terreno comum de discussão entre os verdadeiros seguidores de Jesus e os seguidores de algo-que-outros-disseram-sobre-Jesus não existe frequentemente. E, embora alguns pensem que este seja um desacordo relativamente recente, é, de fato, uma antiga divisão que Paulo observou na sua própria época: "Refiro-me ao fato de um de vós afirmar: 'Eu sou de Paulo'; enquanto o outro declara: 'Eu sou de Apolo'; e outro: 'Eu sou de Pedro'; e outro ainda: 'Eu sou de Cristo!'"(1 Coríntios 1:12).

Então Paulo, Apolo (um judeu Alexandrino), Pedro e Jesus Cristo tinham todos o seu próprio grupo de seguidores separado e distinto, cada um de acordo com os seus ensinamentos e exemplo. A História eliminou os dois grupos no meio, deixando uma separação clara entre aqueles que vivem "de Paulo" e aqueles que são "de Cristo". Enquanto que Jesus Cristo proclamou o Reino de Deus e Paulo proclamou os mistérios que se tornaram o alicerce da Igreja e Cristologia moderna.

Uma vez que Paulo teve tal influência formativa sobre a doutrina trinitária, uma

pessoa perguntaria o que é que o trouxe aos mistérios da sua crença. Supostamente uma luz dos céus, uma voz, uma mensagem convincente (Atos 9:3-9). Mas, em 2 Coríntios 11:14-15, até mesmo Paulo admite que "o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz. Portanto, não é surpresa alguma que seus serviçais finjam que são servos da justiça…" Então, a quem é que Paulo estava a falar? Um anjo de luz, um ministro da justiça, ou Satanás?

Ele não parecia questionar a sua visão, apesar do sábio conselho: "Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, porém, avaliai com cuidado se os espíritos procedem de Deus, porquanto muitos falsos profetas têm saído pelo mundo." (Primeira Epístola de João 4:1). Independentemente de quem estava por trás da visão de Paulo, ele tornou-se um homem diferente. E, embora muitas almas se tenham reformado através da observância religiosa, isso não é o que aconteceu com Paulo, por uma simples razão: Paulo não *observou* a religião, ele *transformou-a*. Tiago, o irmão mais novo de Jesus e chefe da nova Igreja, advertiu Paulo quanto aos seus ensinamentos blasfemos: "Porém, eles têm sido informados a teu respeito, de que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a se afastarem de Moisés, pregando que não circuncidem seus filhos nem tampouco andem segundo as tradições e costumes." (Atos 21:21). E ele então avisou Paulo do encontro da assembleia para decidir a sua punição: "Que faremos, portanto? Certamente todos saberão que chegaste." (Atos 21:22). Por isso, ele aconselhou-o a arrepender-se, a purificar-se do sacrilégio e, posteriormente, "andar sob absoluta obediência à Lei." (Atos 21:23-24).

Infelizmente, Paulo não continuou com o seu arrependimento, e voltou para os seus caminhos sacrílegos.

Uma pessoa perguntaria, OQJF – O que Jesus *faria*? Sem dúvida, ele não cederia a sua revelação às opiniões contrárias da teologia paulina. Assim, por que é que algumas pessoas

continuam a considerar Jesus divino?

Um breve resumo, então, destes pontos-chave:

1. Jesus diferenciou entre ele e Deus. Por um lado, ele exaltou a Deus, mas por outro lado, ele humilhou-se diante do seu Criador em adoração. Para os seus seguidores, Jesus definiu-se como nada mais do que um homem e um profeta.
2. Os discípulos concordavam, e reconheciam Jesus Cristo como um homem e um profeta.
3. O único versículo do Novo Testamento (1 Timóteo 3:16) tido como apoio para a doutrina da Encarnação é corrupto – até mais, se se pode imaginar, do que o amplamente desacreditado João 1:14 e Colossenses 2:9.
4. A Bíblia descreve a vida e a história de Jesus em termos que só podem ser associados com humanidade.
5. Argumentos racionais para a humanidade de Jesus sobrecarregam as defesas emocionais daqueles que procuram apoiar a Encarnação.
6. O exemplo de Jesus, na aparência, costumes, práticas religiosas, e credo, é melhor exemplificado na vida dos muçulmanos praticantes do que na vida dos cristãos praticantes.
7. A teologia paulina e a de Jesus Cristo são separadas e divergentes, tendo resultado em diferentes escolas de pensamento – tanto que, desde o tempo de Paulo, uma pessoa teria de escolher entre ser uma pessoa "de Paulo" ou "de Cristo".

Por falta de um versículo bíblico explícito para apoiar a doutrina da Encarnação, o mundo cristão é obrigado a justificar a teologia com base no que eles consideram ser evidências sugestivas. O que se segue, então, é uma lista dessas evidências, seguidas de refutação.

10 – Divindade de Jesus? As “Evidências”

A verdade que liberta os homens é, na maioria das vezes, a verdade que os homens preferem não ouvir.

- Herbert Agar

Exposição nº1 – Milagres

Alguns associam Jesus com divindade porque ele realizou milagres. Muitos cristãos unitários e todos os muçulmanos apontam que Jesus, de fato, realizou milagres, mas pela vontade de Deus, e não através de quaisquer poderes divinos da sua própria autoria. Repetindo a citação de Atos 2:22: “Jesus de Nazaré, *homem* aprovado por Deus diante de vós por meio de milagres, feitos portentosos e muitos sinais, que *Deus* por meio dele *realizou* entre vós, como vós mesmos bem sabeis” (itálico meu). Em conformidade com a Bíblia e com o Alcorão Sagrado, os muçulmanos afirmam que os milagres de Jesus foram realizados pelo poder de Deus. Como afirma o Alcorão Sagrado,

> Quando Allah dirá: “Ó Jesus, filho de Maria! Lembra-te de Minha graça para contigo e para com tua mãe, quando te amparei com o Espírito Sagrado: falaste aos homens, quando ainda no berço, e na maturidade. E quando te ensinei a Escritura e a Sabedoria e a Tora e o Evangelho. E quando criaste, do barro, a figura igual ao

> pássaro, com Minha permissão, e nela sopraste, e ela se tornou um pássaro, com Minha permissão. E curaste o cego de nascença e o leproso, com Minha permissão. E quando fizeste sair os mortos dos sepulcros, com Minha permissão. E quando detive os filhos de Israel, afastando-os de ti, quando lhes chegaste com as evidências; então, disseram os que, dentre eles, renegaram a Fé: "Isto não é senão evidente magia." (OSA 5:110)

A perspetiva islâmica é que milagres podem ser sinais de profecia dados por Deus, mas não implicam divindade. *Ahadith* (tradições islâmicas relativas a palavras, atos, aparência e aprovações de Muhammad) relatam numerosos milagres de Muhammad com maior autenticidade histórica do que a encontrada em manuscritos bíblicos. Enquanto a ciência da autenticação de *ahadith* é considerada como uma maravilha de manutenção de registros históricos, a Bíblia não satisfaz muitos dos padrões mais básicos de precisão.[182 (NE)] Por exemplo, os autores da maioria dos livros da Bíblia (evangelhos, incluído) são desconhecidos, o período de tempo em que foram escritos é mal definido, e a fonte de muita da informação é ambígua. Estas questões serão discutidas mais tarde com mais detalhes, mas como uma pequena provocação, vamos examinar a história da traição de Judas a Jesus quanto aos chefes sacerdotes. Quem foi o autor, e por que devemos acreditar nele? Estava ele presente no momento da traição? Se assim foi, então o que ele estava lá a fazer, e por que não alertou Jesus? E se não foi assim, então onde é que ele conseguiu esta informação, e por que devemos confiar nele?

Há outras cenas privadas registradas nas narrativas evangélicas. Mas se essas cenas eram privadas, como é que os autores do evangelho sabem dos detalhes? Quem testemunhou a tentação de Jesus no deserto? Quem estava ali a gravar as suas orações no Jardim do Getsémani?

Tendo em conta todas as questões não respondidas, porque deveria a humanidade confiar

a sua salvação aos evangelhos, considerando que eles são de origem e autoria desconhecidas?

O Seminário de Jesus é talvez uma das tentativas mais objetivas e sinceras de um concílio ecuménico de estudiosos cristãos para determinar a autenticidade dos atos registrados e ditos de Jesus. No entanto, a sua metodologia envolve emissão de votos! Dois mil anos depois do ministério de Jesus, quase duas centenas de estudiosos formulam uma opinião cristã coletiva em relação à confiabilidade das cotações e relatórios históricos de Jesus, lançando contas coloridas. Por exemplo, no que diz respeito às palavras de Jesus relatadas, as definições das cores das contas são como se segue:

> Vermelho – Jesus disse isso ou algo muito próximo a isso. Cor-de-rosa – Jesus provavelmente disse algo parecido, embora as suas palavras tenham sofrido na transmissão. Cinzento – estas não são as suas palavras, mas as ideias estão perto da sua autoria. Preto – Jesus não disse isso; as palavras representam a comunidade cristã ou um ponto de vista mais recente.[183]

Outras comissões cristãs tentaram autenticar textos bíblicos por metodologias semelhantes. Os editores d'*O Novo Testamento Grego: Segunda Edição* das *United Bible Societies* [*Sociedades Unidas da Bíblia*] foram atentos à ordem alfabética:

> Por meio das letras A, B, C, e D, fechadas dentro de "chaves" {}, no início de cada conjunto de variantes textuais, o Comité procurou indicar o grau relativo de certeza, chegado à base de considerações internas bem como de evidências externas, para a leitura adotada como o texto. A letra A significa que o texto é virtualmente certo, enquanto que B indica que há algum grau de

> dúvida. A letra C indica que existe um grau considerável de dúvida se o texto do aparelho contém a leitura superior, enquanto que D mostra que há um grau muito elevado de dúvida relativo à leitura selecionada para o texto.[184]

Bruce M. Metzger descreve ter utilizado uma metodologia semelhante no seu *Comentário Textual sobre o Novo Testamento Grego*. "Na verdade", escreve ele, "entre as decisões de {D}, por vezes, nenhuma das passagens variantes se recomendava como original, e, portanto, o único recurso seria imprimir a leitura menos insatisfatória."[185]

Não nos dá *isso* uma sensação de calor e segurança ao confiar à Bíblia a salvação da humanidade?

Mas estou a divagar. O ponto é que estes sistemas de classificação são, provavelmente, o melhor possível, dadas as limitações do registro bíblico, mas que triste comentário isso é! Comparado com o sistema primorosamente refinado de autenticação de *ahadith*, esses sistemas de classificação de cor de contas e A-B-C-D estão um pouco em falta, no mínimo.

A manutenção de registros histórica é relevante, pois quando uma pessoa ouve uma história – mesmo uma história crível – a primeira pergunta é geralmente, "Onde ouviu isso?" Qualquer conjunto razoável de padrões históricos inclui a identificação e verificação de fontes. O Alcorão Sagrado e muitas tradições de *ahadith* satisfazem os mais altos graus de autenticação. A maioria dos versículos da Bíblia não.[186 (NE)]

O que é que isso tem a ver com o assunto em questão? Simples. Os milagres que ocorreram por meio de Muhammad não são menos numerosos ou impressionantes do que os de Jesus, e são testemunhados por um registro histórico incontestável que envergonha todos os outros de um período de tempo semelhante. Assim como os milagres de Moisés, Eliseu, e

Muhammad não implicam divindade, os de Jesus também não.

Vejamos alguns exemplos:

Jesus alimentou milhares de pessoas com alguns peixes e pães. Mas Eliseu alimentou cem pessoas com vinte pães de cevada e algumas espigas de milho (2 Reis 4:44); concedeu a uma viúva tanto fluxo abundante de óleo de um frasco que ela foi capaz de pagar as suas dívidas, salvar os seus filhos da escravidão, e viver com os lucros (2 Reis 4:1-7); e deu aumento a um punhado de farinha e um pouco óleo de tal forma que ele, uma viúva e o seu filho tinham o suficiente para comer por vários dias, após os quais "A farinha da vasilha não se acabou e jamais faltou azeite puro na botija..." (1 Reis 17:10-16). Então, o que isso faz de Eliseu? Os registros históricos de Muhammad sobre a sua alimentação às massas com um punhado de tâmaras numa ocasião, um pote de leite noutra, e carne suficiente para uma pequena festa e ainda outra são igualmente milagrosos. Da mesma forma são as histórias de dar água às massas (1.500 pessoas numa ocasião) a partir de uma única bacia de água. No entanto, nenhum muçulmano alega divindade para Muhammad.

Jesus curou os leprosos. Da mesma forma, Eliseu curou Naaman (2 Reis 5:7-14). Na verdade, os discípulos foram convidados para esse serviço em Mateus 10:8. O que isso os torna?

Jesus curou um cego. Eliseu não só cegou os seus inimigos, mas restaurou a visão aos cegos através da oração (2 Reis 6:17- 20). É relatado que Muhammad curou a cegueira através da oração também.

Jesus ressuscitou os mortos. Mais uma vez, Eliseu chegou em primeiro lugar, tendo ressuscitado duas crianças (1 Reis 17:22 e 2

Reis 4:34). Além disso, os discípulos foram convidados a ressuscitar os mortos (Mateus 10:8). Então mais uma vez, o que isso faz deles?

Jesus caminhou sobre a água. Se ele estivesse presente no tempo de Moisés, não precisaria de o fazer.

Jesus expulsou demónios. Os seus discípulos também o fizeram (Mateus 10:8). Assim fizeram os filhos dos fariseus (Mateus 12:27 e Lucas 11:19). Assim, na verdade, fazem os seguidores rebeldes a quem Jesus supostamente renegará (veja Mateus 7:22) – um pensamento desconcertante considerando que tantos padres e ministros executam tais encenações, mesmo se reais.

Então, se nós procuramos evidências para a divindade de Jesus, somos forçados a olhar para além de milagres.

Exposição nº2 – Predições de Escritura

O Antigo Testamento previu a vinda de Jesus. Ele também previu a vinda de João Batista no livro de Malaquias. Mais importante ainda, muitas referências no Antigo e Novo Testamentos sobre um profeta final não correspondem ao perfil de João Batista ou de Jesus (veja "Mensageiros" na sequela a este livro, *Guiados?*).

Exposição nº 3 – Salvador

A Bíblia descreve Deus como "Salvador" e Jesus como "salvador". Conclusão? Deus é "Salvador", Jesus é "salvador", então, Jesus é Deus? O problema com esta proposta é que temos de convidar Otniel, Eúde, Sangar, Gideão, e outros "salvadores" anónimos para a festa. Por quê? A palavra hebraica pela qual o Antigo Testamento identifica Deus como salvador é *yasha*. *Yasha*

aparece 207 vezes no hebraico do Antigo Testamento, incluindo referências a Otniel (Juízes 3:9), Eúde (Juízes 3:15), Sangar (Juízes 3:31), Gideão (Juízes 8:22), e indivíduos anónimos (2 Reis 13:5, Nee. 9:27, Oba. 1:21). Por que é *yasha* traduzido de forma diferente para estes indivíduos do que para Jesus e para Deus? Só os tradutores saberão ao certo, mas as motivações parecem menos do que honrosas, pois o erro de tradução seletiva esconde o fato de que Jesus e Deus estão longe de terem direitos exclusivos ao termo.

Exposição nº 4 – "EU SOU"

João 8:58 relata Jesus como tendo dito: "...antes que Abraão existisse, EU SOU", e Êxodo 3:14 registra Deus como tendo informado Moisés: "EU SOU O QUE SOU". Primeiro de tudo, de acordo com as palavras de Jesus, uma pessoa concluiria que Jesus teve uma existência pré-humana? De acordo com Jeremias 1:5, Jeremias também a teve. De acordo com a religião islâmica, também todos nós tivemos. Em seguida, uma pessoa traçaria um paralelo entre o "EU SOU" atribuído a Jesus e o atribuído a Deus? Mais uma vez, o texto fundamental faz pouco da tradução. Jesus *não* é registrado como tendo dito "EU SOU" com letras maiúsculas "que me fazem parecer com Deus". Jesus foi *traduzido* como tendo dito "EU SOU" como num "parece com as palavras de Deus em Êxodo, acha que eles cairão nesta?" esforço de sincronização textual. O que Jesus *é* registrado como tendo dito é *eimi*, uma palavra grega de inicial minúscula, humilde, despretensiosa e não exclusiva (152 vezes no Novo Testamento) que não justifica maiúsculas *ou* comparação com as supostas palavras de Deus em Êxodo (que não são maiúsculas, quer no *hayah* hebraico ou no grego da Septuaginta *ho ohn*. Na verdade, nem o hebraico antigo nem o grego *sequer têm* letras maiúsculas). De maneira nenhuma pode o grego *eimi* do Novo Testamento, atribuído a Jesus, ser comparado com o grego *ho ohn* do Antigo

Testamento, atribuído a Deus, na Septuaginta. De maneira nenhuma honesta ou autêntica, isto é. Da mesma forma, nenhuma destas frases podem honestamente ser maiúsculas como "EU SOU", pois os 151 outros casos de *eimi* são traduzidos para as palavras de inicial minúscula: "eu sou". Por que é *eimi* em maiúsculas uma vez e não maiúsculas 151 vezes, senão devido ao preconceito doutrinal? Para o seu próprio crédito, bíblias mais respeitáveis evitam este jogo de palavras textual. A Nova Versão Internacional, a Versão Padrão Revisada, a Nova Versão Padrão Revisada, a Versão Padrão Americana, e muitas outras não colocam em maiúsculas o *eimi* de Jesus para "EU SOU".

Exposição nº 5 – O Homem à Direita

Marcos 16:19 e Lucas 22:69 relatam que Jesus foi recebido no céu, onde ele se sentou à direita de Deus. Vamos começar por salientar que Marcos 16:9-20 tem sido rejeitado de muitas bíblias por ser de autoridade bíblica duvidosa.[187] Bart Ehrman coloca de forma mais simples, afirmando: "Mas há um problema. Mais uma vez, esta passagem não estava originalmente no Evangelho de Marcos. Ela foi adicionada por um escriba mais tarde."[188]

Excluindo a consideração de que a passagem inteira possa ser ilegítima para começar, o argumento de que proximidade a Deus faz um igual a, parceiro de, ou parte de Deus viola claramente as águas da razão. A Bíblia diz que Jesus se sentou com Deus, o que, se Jesus *fosse* Deus, só poderia significar que Deus se sentou ao lado de Si Mesmo, ao seu próprio lado direito. Em conflito com este pensamento bizarro está Isaías 44:6, que diz com clareza ofuscante "Assim diz *Yahweh*… 'Eu Sou o primeiro e Eu Sou o último; além de mim não há Deus.'" Isaías 43:11 registra "Eu, eu mesmo, sou *Yahweh*, o SENHOR, e além de mim não há Salvador algum." Então, qual é o argumento mais uma vez? Que Jesus se sentou ao lado de Si Mesmo, Eles

Mesmos, Deus-mesmos, etc. – mas ele sentou-se ao lado de Deus *sem* se sentar ao lado de Deus, porque, "além de mim não há Deus", e "além de mim não há Salvador algum"? Um verdadeiro dilema surge – ou Jesus se sentou ao lado de Deus e, portanto, não é nem Deus *nem* salvador, ou ele não se sentou ao lado de Deus e a Bíblia não é confiável. No primeiro caso, a teologia falha, no segundo caso, a Bíblia falha, e em qualquer caso ficamos confusos, enquanto que o propósito da revelação é esclarecer. Além disso, a Bíblia diz, "Enoque *andou* com Deus…" (Gênesis 5:24). Então, o que é que isso faz dele?

Exposição nº 6 – Perdoar Pecados

Alguns atribuem divindade a Jesus porque acreditam que ele perdoou pecados. Lucas 5:20 diz, "Observando a fé que aqueles homens demonstravam, Jesus declarou: 'Homem! Os teus pecados estão perdoados'." Lucas 7:47-48 menciona, "Por isso te digo: Perdoados lhe são os pecados, que são muitos (…) E disse a ela: Perdoados são os teus pecados". A alegação é que, por estas palavras, Jesus perdoou os pecados. Outros sugerem que ele informou os indivíduos em causa que os seus pecados foram perdoados, mas por quem, ele não disse. Significativamente, Jesus não disse: "Eu perdoo os teus pecados". Se nós assumíssemos que Jesus transmitiu o perdão do Criador, do qual ele foi informado por meio de revelação, ficaríamos de acordo com Jesus em João 12:49- "Pois Eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me deu ordens sobre o que Eu deveria dizer e o que proclamar". Por outro lado, se assumíssemos que Jesus perdoou os pecados por sua própria iniciativa, contradiríamos a sua declaração: "Por mim mesmo, nada posso fazer…" (João 5:30).

Uma questão mais profunda não é se Jesus tinha o poder de perdoar pecados, mas se isso o faria igual a Deus. Os fariseus supostamente pensavam assim, mas Jesus corrigiu-os, como

Lucas 5:21 registra “Diante disto, os escribas e os fariseus começaram a cogitar: ‘Quem é este que profere blasfêmias? Quem tem poder para perdoar pecados, a não ser somente Deus?’” Mais uma vez, o argumento é que os fariseus acreditaram que Jesus afirmou ser Deus, por isso devemos acreditar como eles o fizeram. No entanto, é um argumento peculiar. Os fariseus odiavam Jesus, desafiaram-no e obstruíram a sua missão, mentiram contra ele no seu julgamento e tramaram a sua captura, humilhação, espancamento e assassinato. E, no entanto, nós deveríamos confiar na sua opinião? Vamos lembrar: são os fariseus desafiadores que ensinam, até hoje, que Jesus Cristo era um filho bastardo e a sua mãe, ou era uma fornicadora ou uma prostituta. E, no entanto, o cristão deveria aceitar a sua opinião? Jesus não o fez. No versículo seguinte, Lucas 5:22, ele repreendeu os fariseus com as palavras: “Que censurais em vossos corações?” - o equivalente bíblico geral de os chamar de bando de idiotas, pois permitiram que as suas emoções substituíssem o julgamento racional.

E, novamente, que melhor lugar para Jesus ter afirmado a sua divindade, se, isto é, ele fosse, de fato, divino? Que melhor lugar para ele se ter erguido com a confiança de omnipotência divina e dizer: “É isso mesmo, quem *pode* perdoar pecados senão Deus somente? *Finalmente*, vocês perceberam. Agora, deixem-me explicar...”

Mas ele não o fez, e nós temos de assumir que ele tinha uma boa razão para não o ter feito, pois na verdade ele declarou exatamente o oposto.

Exposição nº 7 – “Senhor”

Na Bíblia, Deus foi chamado de “Senhor” (*kurios* em grego) e Jesus também foi chamado de “senhor”. É isto evidência para a divindade de Jesus? Aparentemente não, pois um monte de outras pessoas também foram chamadas de “senhor” na Bíblia. No entanto, mais uma vez, a

utilização seletiva das maiúsculas, adequada à finalidade doutrinária dos tradutores, distorce a realidade. “Senhor” é um título bíblico de respeito, como evidenciado por inúmeras histórias ao longo da Bíblia (ex. Mateus 18:23-34 e Lucas 19:11-21). O título de “Senhor” não implica por si mesmo divindade, e nós vemos isso quando Sara chamou Abraão de “Senhor” (1 Pedro 3:6). No entanto, os cristãos apresentam João 20:28 como prova, no qual Tomás é citado como tendo identificado Jesus como “Meu Senhor e meu Deus!” Um problema. 1 Coríntios 8:6 diz, “todavia para nós há um só Deus, o Pai… e um só Senhor, Jesus Cristo…” “Senhor” e “Deus” estão separados e distintos num versículo, mas como sendo sinónimos noutro. Êxodo 4:16 agrava esta confusão, pois o grego traduz literalmente como Moisés sendo *Elohim* (Deus) de Aarão. A substituição da palavra “como” para distorcer a tradução para “como Deus” não tem autoridade de manuscrito, mas serve para lançar os leitores fora do cheiro inconfundível de uma teologia madura a deteriorar. Num livro onde deuses pagãos (por exemplo, Ex. 12:12; 18:11; 20:3), juízes (Salmos 82:1 e 6), anjos (Salmos 8:5), e profetas (Êxodo 4:16) são identificados com o mesmo *Elohim* que O Único Deus Verdadeiro, quem pode confiar numa doutrina baseada em interpretações humanas de coloquialismos antigos?

Exposição nº 8 – Adoração

Pessoas “adoravam” a Jesus, e ele não se opôs. Bem, isso não é bem verdade, não é? O registro dos manuscritos bíblicos é que as pessoas *proskuneo*'avam Jesus, e ele não se opôs. *Proskuneo* é seletivamente traduzido em algumas Bíblias como “adoração” ou “adorado”, mas isso não sugere a gama completa de significados:

> *proskuneo*, *pros-koo-neh'-o*; de G4314 e prob. der. de G2965 (sign. beijar, como um cachorro a lamber a mão do seu dono); fulvar ou

> inclinar-se em, ou seja, (lit. ou fig.) prostrar-se em homenagem (fazer reverência a, adorar): - adoração.[189]

É uma suposição justa que poucos concebem os fiéis como tendo beijado, muito menos lambido, a mão de Jesus. Assim, supondo que alguns dos fiéis se agacharam ou prostraram a Jesus, temos de saber que significado teria tal gesto.

Mateus 18:26 registra a história de um escravo que *proskuneo*'ava o seu mestre, implorando por perdão pelas suas dívidas. Marcos 15:16-20 registra a humilhação de Jesus antes da suposta crucificação como segue:

> Em seguida, os soldados agarraram Jesus e o conduziram para dentro do palácio, isto é, ao Pretório, e agruparam toda a tropa. Vestiram-no com um manto de cor púrpura real, depois teceram uma coroa de espinhos e a cravaram sobre sua cabeça. E começaram a saudá-lo: "Salve! Ó rei dos judeus!" Espancavam-lhe a cabeça com uma vara e cuspiam sobre ele. Ajoelhavam-se e lhe rendiam adoração [*proskuneo*'avam-no]. Depois de haverem zombado dele, despiram-lhe o manto de cor púrpura e o vestiram com suas próprias roupas. Então o levaram para fora, a fim de crucificá-lo.

Atos 10:25 registra isto: "Aconteceu que, quando Pedro ia caminhando para dentro da casa, Cornélio saiu ao seu encontro e, prostrando-se a seus pés, reverenciou-o [*proskuneo*'ou-o]." Referências do Antigo Testamento incluem 1 Samuel 25:23, em que Abigail "se prostrou com o rosto em terra diante de Davi." 2 Reis 4:37 fala de uma mulher sunamita que, depois de Deus reviver o seu filho através da oração de Eliseu, "prostrou-se a seus pés, curvando-se com o rosto

rente ao chão...” Génesis 50:18 e 2 Samuel 19:18 pesam na equação também.

Tomado no total, *proskuneo* só pode implicar divindade se Pedro, Davi, e Eliseu, entre outros, estão incluídos. Caso contrário, a tradução seletiva deve ser assumida, pois quando os soldados romanos *proskuneo'*aram a Jesus, eles não o adoraram, como a Bíblia traduz. Em vez disso, eles fizeram pouco dele com a saudação oferecida aos reis e líderes do seu tempo. Da mesma forma, quando os outros *proskuneo'*aram a Pedro, Davi, Eliseu, o escravo-mestre, *et al*. Eles mostraram o seu respeito, conforme o costume. Assim, também, com Jesus.

Este assunto pode ser resumido com a pergunta: “Quando as pessoas *proskuneo*'aram a Jesus, elas reverenciaram-no como Deus?” Se assim for, por que não rezam para ele? Vale a pena notar que a Bíblia nunca registra alguém a orar a Jesus, e os direitos devidos a Deus eram dirigidos somente a Ele. Tanto por Jesus como pelos seus seguidores. Lucas 4:8 registra Jesus como dizendo, “Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele darás culto”.

O que é realçado para nós neste versículo não é só que Jesus dirigiu adoração a Deus, mas o culto – ou em grego, *latreuo*, que é definido como “ministrar (a Deus), ou seja, prestar homenagem religiosa: - servir, prestar serviço, adorar (adorador).”[190] Ao contrário do *proskuneo* acima mencionado, *latreuo* significa prestar homenagem *religiosa*. E significativamente, dos vinte e dois usos no Novo Testamento, em nenhum lugar é *latreuo* aplicado a Jesus. Assim, enquanto algumas pessoas se podem ter agachado ou prostrado a Jesus, de acordo com o costume do seu tempo, elas não fizeram *latreuo*, ou prestaram homenagem religiosa, a ele. Elas reservavam essa honra para Deus somente. E por falar nisso, assim fez o próprio Jesus.

Exhibit # 9 - A Ressurreição

Alguns atribuem divindade a Jesus com base na sua suposta ressurreição. Este assunto é

crítico, pois o pilar fundamental do Cristianismo ortodoxo é a crença de que Jesus morreu pelos pecados da humanidade. Os conceitos da crucificação, ressurreição e expiação são discutidos mais tarde em profundidade. Por enquanto, o ponto importante é que muitos dos primeiros cristãos duvidavam da crucificação, pois nenhum dos evangelhos é uma testemunha ocular. Nas palavras de Joel Carmichael, autor de *A Morte de Jesus*: "Quem poderiam ter sido as testemunhas? ... Não só [os discípulos] 'todos abandonam' Jesus e fogem; eles não – ainda mais surpreendentemente – reaparecem durante o julgamento de Jesus, nem estão presentes na sua execução, nem são os que o enterram."[191] Nem, aliás, são eles os autores dos evangelhos, em primeiro lugar, mas nós vamos chegar a esse ponto mais tarde.

A maioria dos estudiosos concorda que os escritores do evangelho trabalharam com nada mais do que boatos ao registrar a suposta crucificação. Até mesmo a *Nova Enciclopédia Católica* admite, "Os quatro evangelistas diferem ligeiramente na redação da inscrição (no topo da cruz), o que mostra que eles citaram por evidência de memória e boatos."[192]

Este fato tem sido bem reconhecido desde o tempo de Jesus, mas completamente coberto por aqueles que fariam a humanidade acreditar que os autores dos evangelhos tinham assentos na primeira fila e memórias fotográficas. Na realidade, todos os discípulos abandonaram Jesus no Jardim de Getsémani, como registrado em Marcos 14:50: "Logo em seguida, todos fugiram e o abandonaram." Pedro pode ter seguido Jesus à distância, mas só de tão longe quanto o pátio do sumo sacerdote Caifás. Aqui, a "pedra" (em que Jesus prometeu construir a sua igreja – Mateus 16:18-19) negou três vezes ter conhecido Jesus. (Disse Jesus "pedra"? Talvez o que ele realmente quis dizer foi "Satanás" e "uma ofensa", como declarou uns escassos cinco versículos mais tarde.) De qualquer forma, Pedro não era um dos autores do evangelho. Então, onde estavam *eles*? Mateus 27:55 e Lucas 23:49 dizem-nos que os "observadores" não estavam

presentes na crucificação, por isso só podemos adivinhar.

Quanto à alegada ressurreição, os quatro evangelhos (Mateus 28, Marcos 16, Lucas 24, e João 20) não concordam com o que aconteceu após a crucificação. Por exemplo:

Quem foi ao túmulo?

Mateus: "Maria Madalena e a outra Maria"

Marcos: "Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé"

Lucas: "As mulheres que tinham vindo com ele da Galileia" e "certas outras mulheres"

João: "Maria Madalena"

Por que foram elas ao túmulo?

Mateus: "Para ver o túmulo"

Marcos: Elas "trouxeram especiarias, para que pudessem vir ungi-lo"

Lucas: Elas "trouxeram especiarias"

João: nenhuma razão dada

Houve um terremoto (algo que não seria fácil de passar despercebido)?

Mateus: Sim

Marcos: nenhuma menção

Lucas: nenhuma menção

João: nenhuma menção

Um anjo desceu (mais uma vez, será que qualquer autor do evangelho que se preze falharia em

mencionar isso)?

Mateus: Sim

Marcos: nenhuma menção

Lucas: nenhuma menção

João: nenhuma menção

Quem rolou a pedra do túmulo?

Mateus: O anjo

Marcos: desconhecido

Lucas: desconhecido

João: desconhecido

Quem estava no túmulo?

Mateus: "um anjo"

Marcos: "um jovem"

Lucas: "dois homens"

João: "dois anjos"

Onde estavam eles?

Mateus: O anjo estava sentado sobre a pedra, fora do túmulo.

Marcos: O jovem estava no túmulo, "sentado no lado direito".

Lucas: Os dois homens estavam dentro do túmulo, de pé ao lado deles.

João: Os dois anjos estavam "sentados, um à cabeceira e o outro aos pés, onde o corpo de

Jesus jazera."

Por quem e onde foi Jesus visto pela primeira vez?

Mateus: Maria Madalena e a "outra Maria", na estrada ao ir contar aos discípulos.

Marcos: Só Maria Madalena, não há menção de onde.

Lucas: Dois dos discípulos, a caminho de "uma aldeia chamada Emaús, que era cerca de sete milhas de Jerusalém."

João: Maria Madalena, fora do túmulo.

Há deprimentemente pouca ou nenhuma consistência nas histórias, o que leva a perguntar se a Bíblia é um livro de pontos de vista ou um livro de Deus. Ehrman conclui que a Bíblia é um livro muito humano, cheio de erros, dos quais o mais notório é adições e exclusões das escrituras (intencionais ou não).[193] Heinz Zahrnt concorda como se segue:

> Os dias da doutrina anti-histórica de inspiração verbal como detidos pela antiga teologia protestante acabaram. A partir de agora a Bíblia é entendida como um livro histórico, escrito e transmitido por homens e, portanto, sujeito às mesmas leis de tradição, os mesmos erros, omissões e alterações como qualquer outra fonte histórica. Os homens que produziram não eram autómatos, instrumentos de Deus, mas sim escritores individuais, homens de carne e sangue que tinham os seus próprios objetivos e tendências decididos na escrita, que viviam dentro dos horizontes limitados do seu tempo e eram moldados pelas ideias do seu ambiente.[194]

Muitos dos que examinam as provas com a mente aberta concordam. Afinal de contas,

Deus teria inspirado inconsistências, tais como as listadas acima? Mas se a Bíblia é um livro de pontos de vista humanos, então quem pode culpar as pessoas por qualquer parecer que estas construam a partir do quadro de ensinamentos contraditórios que aqui se encontram?

Pode-se afirmar que, apesar das diferenças, todos os quatro evangelhos ensinam a crucificação, e isto é verdade. Muitos satisfazem as suas crenças com tais pensamentos. Outros ainda se perguntam sobre que pontos de vista alternativos foram queimados a cinzas na destruição de um número estimado de 250 a 2.000 atos, epístolas e evangelhos que o Conselho de Niceia excluiu da canonização, e porque é que a suposta crucificação foi debatida entre os cristãos do primeiro século. Noutros palavras, o que sabiam eles que nós não sabemos?

No que diz respeito à suposta divindade de Jesus, nenhum destes pontos importa. Ainda que a crucificação fosse verdade, Jesus ressuscitado dos mortos não implicaria divindade mais do que implicaria para as crianças ressuscitadas por meio das orações de Eliseu, para o homem morto ressuscitado através do contato com os ossos de Eliseu, ou para Lázaro ressuscitado pelas mãos de Jesus. E, ainda por cima, Deus promete elevar toda a humanidade no Dia do Juízo – o que é que isso nos faria?

Exposição nº 10 – Presciência

Alguns atribuem divindade a Jesus, porque ele tinha conhecimento prévio de certos eventos. No entanto, não é isso que os profetas fazem – profetizar? E não é este o exemplo dos profetas anteriores, embora nenhum deles tenha sido divino? Significativamente, os profetas só têm conhecimento prévio do que lhes é revelado, enquanto que o conhecimento de Deus é absoluto. Se Jesus fosse divino, seria de esperar que o seu conhecimento fosse compreensivo. No entanto, encontramos ensinamentos que cancelam esta expectativa, como se segue:

> Particularmente difícil de explicar seria o palavreado [um dos ditos

> de Jesus] de Mc. 13:32 relativamente ao Último Dia: "Todavia, a respeito daquele dia ou hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho do homem, senão apenas o Pai." A autenticidade desta passagem pode dificilmente ser questionada, pois uma comunidade acostumada a exaltar o seu Senhor dificilmente construiria um dito em que Ele confessasse ignorância.[195]

Resumo das Evidências

Alguns sugerem que, apesar das objeções, a enorme quantidade de "evidências" sugere que Jesus era divino. Este poderia ser um argumento justo, se cada elemento de prova contribuísse algo para apoiar a conclusão. Não teria que ser muito, mas tem de haver alguma vivicidade para flutuar o argumento. Um par de grandes troncos cortados ou um milhão de galhos agrupados poderão carregar um homem rio abaixo. Cerca de 30 gramas de ouro podem ser extraídos a partir de uma pepita grande, ou da fundição de uma tonelada de minério bruto. Um processo judicial pode ser celebrado com uma foto perfeita ou uma centena de testemunhos sugestivos. Mas um milhão de depoimentos sem valor não poderão apoiar um veredito, e basear uma doutrina em dez, ou cem, ou mesmo mil peças de "evidência", cada uma das quais não trazendo nada para apoiar a conclusão, é tão inútil como tentar flutuar uma série de rochas, ou fundir sal para obter ouro. Adicione mais rochas, funda mais sal, e o resultado desejado permanecerá ilusório, assim como uma conclusão escapa de um milhão de "evidências" se cada uma não tem a menor validade.

Será que quaisquer outras "provas" para a presumida divindade de Jesus permanecem? Quando tudo falha, alguns clérigos afirmam que Jesus era cheio do Espírito Santo e, portanto, deve ser divino. Mas era Jesus cheio do Espírito Santo de forma diferente de Pedro (Atos 4:8), Estevão (Atos 6:5 e 7:55), Barnabé (Atos 11:24), Elizabete (Lucas 1:41), e Zacarias (Lucas 1:67)?

Alguns distinguem Jesus dos indivíduos acima, alegando que ele era cheio do Espírito Santo antes do seu nascimento. Outros apontam que João Batista não foi associado à divindade, embora Lucas 1:15 registre, "e [João Batista] será pleno do Espírito Santo desde antes do seu

nascimento.”

Alguns consideram o Espírito Santo como integrante com Deus. Outros esforçam-se em compreender o conceito, tendo como certo unicamente que o que quer que Espírito Santo seja, este é enviado a todos os piedosos, como está escrito: “Ora, nós somos testemunhas destes fatos, bem como o Espírito Santo, que Deus concedeu aos que são obedientes a Ele!” (Atos 5:32). A conclusão de que o Espírito Santo é dado a todos os que obedecem a Deus tem o anel claro da razão, e, pelo menos, este conceito vai até à escritura. Surge então a pergunta: “O que *é* este ‘espírito santo’”?

11 – Espírito Santo

Livre de desejo, reconheces o mistério.

Apanhado em desejo, só vês as manifestações.

- Lao-Tzu, Tao Te Ching

Toda a gente sabe o termo "Espírito Santo", mas poucos tentam defini-lo. Aqueles que o fazem geralmente produzem uma mistura de opinião pessoal e apologética ambígua, embora doutrinalmente sancionada. Nas mentes da maioria, esta teologia de "óleo e água" falha em tornar-se numa realidade homogénea. O entendimento islâmico, por outro lado, é extremamente concreto, ensinando que o "Espírito Santo" é Gabriel, o anjo da revelação. Quando chegamos ao *Ruh-ul-Qudus* no Alcorão Sagrado (veja o versículo 2:87), alguns (como Yusuf Ali) traduzem como "espírito santo", outros (como Muhammad Al-Hilali e Muhammad Khan) traduzem como "Gabriel" e outros ainda (como no Saheeh International) oferecem tanto "espírito santo" como "Gabriel" - refletindo que, no credo dos muçulmanos, os dois termos são sinónimos.

Enquanto que o Islam ensina que a Bíblia foi, a um certo nível, corrompida, muitos muçulmanos alegam que a verdade do Islam ainda pode ser encontrada *na Bíblia*. E já que os muçulmanos frequentemente argumentam a ideologia islâmica com base em ensinamentos bíblicos, podemos perguntar, "Como é que o Islam explica o uso de 'Espírito Santo' na Bíblia?" Pois "Anjo Gabriel" não pode ser substituído por "Espírito Santo" sem render muitas passagens bíblicas como implausíveis ou disparatadas.

O desafio, então, é os muçulmanos fazerem sentido desta discrepância, *a partir de uma perspetiva bíblica*, ou parar de discutir o Islam com base na Bíblia. Isto pareceria um desafio bem justo, pois, caso contrário, os muçulmanos poderiam ser acusados da mesma ingenuidade que eles cobram aos cristãos - nomeadamente, escolher e pegar apenas os versículos da Bíblia

que se adequam à sua finalidade, enquanto descartam sem desacreditar legitimamente versículos que se provam ideologicamente desconfortáveis. No entanto, pelo menos dois pontos devem ser considerados, a fim de compreender a perspetiva islâmica. O primeiro diz respeito à confiabilidade questionável da Bíblia, que será abordada nos próximos capítulos dedicados a esse assunto. O segundo ponto, que se encaixa com o primeiro, é que os muçulmanos não reivindicam que a Bíblia é a revelação de Deus não adulterada, apontando o caminho para o Alcorão Sagrado e o Islam. Em vez disso, os muçulmanos acreditam que a Bíblia contém verdades divinas e corrupções humanas. De fato, corrupções bíblicas executam a gama de erros de cópia para adições, exclusões, tradução adaptada e, em alguns casos, até mesmo fabricação, doutrinalmente motivadas.[196]

O impulso do argumento dos muçulmanos e cristãos unitários, então, não se concentra apenas em adesão fiel à verdade revelada, mas também no reconhecimento e recusa de corrupções bíblicas.

Tomemos, por exemplo, a palavra grega *pneúma*. Na Bíblia, *pneúma* é traduzida como "espírito". No entanto, o *Dicionário Teológico do Novo Testamento*de Kittel e Friedrich informa-nos que *pneúma* pode significar muito mais (bem como muito *menos*): vento, respiração, vida, alma, transferido (em sentido metafórico) senso de espírito, *pneúma*mântica (o espírito que mexe e inspira – "mântica"referente a profecia), *pneúma* divina (sobre a qual os autores comentam: "Mas não há nenhum sentido em grego de um espírito santo pessoal"), a *pneúma* do estoicismo (uma antiga filosofia grega à qual poucos hoje subscrevem) e o desenvolvimento não-grego de significado (o que quer dizer, inautêntico, pois até grego não era a língua de Jesus).[197]

Ao ler o acima, encontramos que os tradutores da Bíblia assumiram uma considerável licença literária, pois a tradução correta de *pneúma* não é nenhum "espírito santo". De acordo com o texto acima (que é amplamente considerado uma das referências mais eruditas sobre este assunto a nível mundial), a palavra *pneúma* traz diversas possibilidades para a tradução. Claro, "vento santo" ou "sopro santo" não suportam doutrina trinitária como o faz "espírito santo", mas o que poderá um tradutor fazer? Buscar a verdade da revelação de Deus ou manipular a tradução para apoiar um decreto institucional?

Vamos deixar Jason BeDuhn responder a essa pergunta. Na sua obra prima, *Truth in Translation* [*Verdade na Tradução*], ele escreveu:

> Na nossa pesquisa sobre o uso de "espírito" no Novo Testamento, nós não encontrámos nenhuma tradução que atenda à gramática, sintaxe, contexto literário, de cultura e de meio ambiente com total coerência. Os tradutores de todas as versões que estamos a comparar permitiram que o preconceito teológico interferisse na sua exatidão. De uma forma ou outra, todos eles importaram o "Espírito Santo" em passagens onde "espírito"é usado num sentido diferente... nenhuma tradução surgiu com um tratamento perfeitamente consistente e preciso dos muitos usos e nuances de "espírito" e "espírito santo".[198]

E depois há a "coincidência"surpreendente sobre o livro de "João" ser dramaticamente mais poético do que qualquer dos outros evangelhos e a utilização única "de João" da *pneúma* mântica, como descrito acima. Tão grande é a disparidade que os teólogos especialistas admitem surpresa quanto à menção pouco frequente do Espírito em "Marcos" e "Mateus" em comparação com "João".[199] Junte isso ao fato de que as doutrinas da Trindade e da Encarnação surgem principalmente de interpretações tensas dos poetismos de "João" com pouco, ou nenhum, apoio bíblico dos outros evangelhos, e o peso dessas doutrinas enfatizam demais a sua fundação de má qualidade.

Inegavelmente, há um espaço amplo para a interpretação da Escritura. Há aqueles que leem a Bíblia e entendem "Espírito Santo" como sendo um terceiro elemento um tanto indefinível da divindade, parecido com a *pneúma* do estoicismo ou o significado inautêntico desenvolvido após o período de revelação. Outros entendem que Deus é Um, sem parceiro ou subdivisão, e procuram o que é racional e justificado de acordo com a lógica. Para este último grupo, "Espírito Santo" não pode ser compreendido senão em referência a uma entidade tangível separada e distinta de Deus.

Um exemplo de como a Bíblia sofre na tradução, e porque conclusões variam como consequência, é o fato de que *paracleto* (do *parakletos* grego) pode significar "ajudante, defensor, mediador, consolador".[200] Noutro lugar este é traduzido como "defensor, auxiliador".[201] Harper concorda com "defensor".[202] Por que é isto importante? Porque "a palavra Paracleto ocorre apenas cinco vezes na Bíblia, e todas as cinco ocorrências estão nos supostos

escritos deSão João: 1ª Epístola de João 2:1; e o Evangelho de acordo com João 14:16, 14:26, 15:26, 16:7."[203]

Devemos assumir que esta palavra escapou das mentes dos outros autores do evangelho? Se assim for, nós suspeitaríamos que ela não tenha tido muito importância. Pelo contrário, estas cinco passagens são *cruciais*. Na verdade, a ênfase trinitária sobre a necessidade de aceitar o Espírito Santo depende destas poucas citações. Uma pessoa pode apreciar a peculiaridade dessa incongruência, pois se o conceito do Paracleto é tão crucial para o credo de que Deus quer que o homem beneficie da revelação, temos de nos perguntar por que algo não fez uma impressão suficiente nos outros três autores do evangelho para ser digno de menção. Pelo menos uma vez.

Quaisquer que sejam as razões, *paracleto* é mais uma palavra frequentemente mal traduzida para "Espírito Santo". Até mesmo quando a tradução moderna da Bíblia tende para uma maior integridade académica, *paracleto* ainda é muitas vezes mal traduzido para "conselheiro" ou "confortador". A tradução correta como "ajudante", "defensor", "mediador", "consolador", "advogado" ou "auxiliar" implicaria uma entidade física real, que seria consistente com o fato de que "alguns traçam a origem do uso de *parakletos* nas obras joaninas de volta ao conceito de ajudantes celestes."[204] E quem poderia ser maior "ajudante celestial" do que Gabriel, o próprio anjo da revelação?

Da mesma forma, no seu uso grego do primeiro século, "*Parakletos* era um termo jurídico usado principalmente para advogado, defensor ou intercessor. Fiel ao seu significado básico, uma pessoa 'chamaria para ficar ao lado, defender, aconselhar ou interceder', este era usado para advogados e também para testemunhas."[205]

Estas citações ajudam-nos a entender o que significava *paracleto* no período da revelação. Mas em algum lugar na passagem do tempo, certos teólogos alegaram saber melhor, e desenvolveram uma compreensão da palavra radicalmente diferente. A associação de *parakletos* com uma entidade física provou-se inconveniente para aqueles que tentavam reforçar o argumento trinitário, e parece ter sido evitada a todo custo.

Então, para resumir:

1. A definição de "espírito santo" é indescritível no Cristianismo, mas concreta no Islam, sendo sinónimo de Gabriel, o anjo da revelação.
2. Há muitas definições de *pneúma*, mas em nenhum lugar esta é "espírito santo" no seu sentido original grego.

3. Apenas de acordo com o "desenvolvimento não-grego do significado" derivado e inautêntico seria *pneúma* traduzida como "espírito santo".
4. A teologia cristã a respeito do Espírito Santo depende quase exclusivamente do Evangelho e da Primeira Epístola de "João".
5. O Paracleto não é mencionado em nenhum dos outros livros do Novo Testamento.
6. A tradução correta de *paracleto* parece implicar uma entidade material, que poderia ser humana ou angelical.

Com estes pontos firmes em mente, o que resta é investigar o significado de *Paracleto* nos cinco versículos do NT em que este aparece. Tomados em ordem:

1. A Primeira Epístola de João, 2:1 (I Jo. 2:1) identifica Jesus Cristo como um "paracleto" (aqui traduzido como "advogado": "Se, entretanto, alguém pecar, temos Advogado [isto é, paracleto] junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo." Então, o que quer que "paracleto" seja – advogado, auxiliador, confortador, *o que quer que seja* – Jesus era um, de acordo com este versículo.

2. João 14:16-17 diz, "E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Advogado [isto é, paracleto], a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque Ele vive convosco e estará dentro de vós."

Observe o adjetivo qualificativo "outro" na frase "outro advogado". A palavra grega usada neste versículo é *allos*, cujo significado é "'o outro', estritamente, onde há muitos, como distinto de *heteros*, onde há apenas dois..."[206] O palavreado é específico e não deixa margem para interpretação. Neste versículo, Jesus aconselhou os seus discípulos – e, por extensão, toda a humanidade – a antecipar outro paracleto (ou seja, ajudante) após o seu ministério. Não apenas outro ajudante, mas alguém caracterizado pela honestidade (ou seja, "o Espírito da verdade") e tendo uma eterna mensagem (ou seja, "a fim de que esteja para sempre convosco").

Poderemos concluir que este "outro" (isto é, "'o outro', estritamente, onde há muitos") é o último profeta na longa linha de profetas, tendo uma revelação final? Não é esta uma conclusão mais confortável do que a alegação tensa de que Jesus descreve algum místico "espírito santo", como derivado de um "desenvolvimento não-grego de significado" não autêntico? Por outro lado, a conclusão de que Jesus é único no sentido de "gerado, não criado, filho de Deus", se

existe outro, “estritamente, onde há muitos...”, todos os quais possuem a mesma descrição exata que Jesus (ou seja, a descrição do “paracleto”) não é apenas infundada, é contrária à Bíblia.

Para que não haja qualquer confusão sobre este ponto, o Novo Testamento confirma que o grego *pneúma* (traduzido abaixo como “espírito”) não se restringe aos seres místicos, mas pode referir-se a seres humanos de carne e osso, bons ou ruins. Por exemplo, a Primeira Epístola de João 4:1-3 afirma:

> Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, porém, avaliai com cuidado se os espíritos procedem de Deus, porquanto muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. Deste modo, podeis reconhecer o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne, é de Deus; mas todo espírito que não confessa Jesus, não provém de Deus. Ao contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que havia de vir e, presentemente, já está no mundo.

Este versículo não só esclarece a natureza humana de alguns “espíritos” (isto é, *pneúma*), mas os muçulmanos afirmam que este versículo admite Muhammad na companhia daqueles que são “de Deus”, pois todo o espírito que “confessa que Jesus Cristo veio em carne, é de Deus”. Muhammad disse isso, todos os muçulmanos afirmam isso, o Alcorão Sagrado documenta isso, e nas mentes de um bilhão de muçulmanos, o assunto é encerrado.

3. & 4. A terceira referência a “paracleto” está em João 14:26, que diz, “Mas o Advogado [isto é, paracleto], o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu Nome, esse vos ensinará todas as verdades e vos fará lembrar tudo o que Eu vos disse”.

A quarta referência, João 15:26, diz quase o mesmo. Mais uma vez, os trinitários poderão justificar os seus misticismos com este versículo. Outros percebem a referência a um profeta que irá relembrar o mundo sobre a verdadeira mensagem de Jesus, ao contrário da desorientação que se desenvolveu nas crenças e doutrinas de gerações posteriores. Mais uma vez, os muçulmanos sugerem que os cristãos deveriam considerar Muhammad e o Alcorão Sagrado. A união dos comentários, “Ele prestará testemunho da verdade do que Jesus fez e disse e foi”,[207] e “mesmo que este advogado divino seja o próprio “Espírito da verdade” (João 14:16; 15:26; 16:13), o

mundo não lhe dará ouvidos (14:17)”[208] faria todo o sentido se a missão profética de Muhammad fosse assumida como verdadeira. Como discutido acima, tanto Muhammad como o Alcorão Sagrado testemunharam a “verdade do que Jesus fez e disse e foi”. Além disso, Muhammad tinha a reputação de honestidade (ou seja, o “espírito da verdade”) – ao longo da sua vida, ele era conhecido, mesmo entre os seus inimigos, como *As-Sadiq Al-Amín*, que significa “o verdadeiro; o confiável”. E, no entanto, a maioria da humanidade nem“lhe dará ouvidos”, nem entreterá a sua mensagem.

5. A menção final de *paracleto* está em João 16:7: “Todavia, Eu vos asseguro que é para o vosso bem que Eu parta. Se Eu não for, o Advogado não poderá vir para vós; mas se Eu for, Eu o enviarei.”

Esta última referência ao Paracleto, como um projétil pequeno, mas de alta velocidade, devasta doutrinas circundantes muito além da ferida inocente de entrada. Os trinitários poderão continuar a afirmar que *paracleto* se refere ao Espírito Santo místico, mas João 16:7 nega essa possibilidade. Como? Jesus supostamente afirmou que, a menos que ele fosse embora, o “Paracleto” não viria; embora múltiplas, *múltiplas* passagens bíblicas falem da presença do “espírito santo” no, ou antes do, tempo de Jesus.[209]Ambos não podem ser verdade, e a conclusão mais lógica, se a Bíblia é para ser confiável, é que “espírito santo” e “paracleto” são tudo menos sinónimos.

Para agravar a confusão, Jesus parece ter-se contradito. Em João 14:17, o Paracleto é preexistente: “vós o conheceis [isto é, o Paracleto], porque Ele vive convosco e estará dentro de vós”, e isto faz sentido, considerando que o próprio Jesus foi identificado como Paracleto em 1 João 2:1. No entanto, em João 16:7, o Paracleto é profetizado: “Se Eu não for, o Advogado [isto é, o Paracleto] não poderá vir para vós; mas se Eu for, Eu o enviarei.” A conclusão da Igreja? “O Paracleto é outro Paracleto no qual Jesus virá, mas que não será Jesus (14:18, 16:7)”.[210]Alguns aceitam essa explicação. Outros acreditam que Jesus falou sobre si mesmo num caso, e de um profeta a seguir noutro. Bilhões de muçulmanos votaram em Muhammad como o cumprimento desta profecia, assim como alguns milhões de mórmons votam em John Smith, um punhado de ahmaditas em Mizra Ghulam Ahmad, os bahá'ís em Mirza Ali Muhammad e Mirza Husain Ali, e pequenos punhados em David Koresh, Jim Jones, Luc Jouret, Marshall Applewhite e cultistas semelhantes (e veja o que lhes aconteceu). A questão crucial, então, não pode ser se Jesus previu um profeta a seguir, mas sobre qual dos muitos pretendentes ao título cumpriram a profecia.

12 – Crucificação

O relato sobre a minha morte foi um exagero.

- Mark Twain, carta ao *Jornal de Nova Iorque*, em resposta a rumores sobre a sua morte enquanto estava na Europa

Se há uma peça fundamental para o Cristianismo ortodoxo, esta é a doutrina da crucificação. No entanto, se os cristãos esperam que os outros adotem a sua crença, eles têm de satisfazer a procura de provas apoiantes desta. Toda a gente conhece a história. Toda a gente sabe do registro bíblico. Mas toda a gente também sabe que outros mitos foram propagados durante longos períodos da história religiosa, e a duração e popularidade de uma decepção de nenhuma maneira a valida. Assim, enquanto muitos aceitam a crucificação inquestionavelmente, muitos outros não estão satisfeitos. Tais indivíduos leem, "que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15:3), e perguntam, "Humm, segundo *quais* Escrituras, exatamente?" Nas palavras de Carmichael, "Na verdade, toda a insistência, nos Evangelhos, bem como nas Epístolas de Paulo, de que tudo teria sido realizado em cumprimento das Escrituras parece intrigante. Nenhuma tal crença – na morte e na ressurreição do Messias – foi registrada entre os judeus de todo, e certamente não nas escrituras hebraicas."[211]

O próprio Paulo convidou à crítica do conceito da crucificação e dos seus mistérios relacionados, quando escreveu: "Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos procuram sabedoria; nós, entretanto, proclamamos a Cristo crucificado, que é motivo de escândalo para os judeus e loucura para os gentios." (1 Coríntios 1:22-23).

Noutras palavras, "Nós pregamos algo sem sinais e sem sabedoria – quem se junta a

nós?”

Não é nenhuma surpresa, então, que muitos consideram a crucificação incompatível com a misericórdia de Deus. Os muçulmanos, por exemplo, acreditam que Jesus foi salvo da crucificação, de acordo com o seguinte: “E por seu dito: ‘Por certo, matámos o Messias, Jesus, Filho de Maria, Mensageiro de Allah.’ Ora, eles não o mataram nem o crucificaram, mas isso foi-lhes simulado. E, por certo, os que discrepam a seu respeito estão em dúvida acerca disso. Eles não têm ciência alguma disso, senão conjeturas, que seguem. E não o mataram, seguramente; Mas, Allah ascendeu-o até Ele. E Allah é Todo-Poderoso, Sábio.” (OSA 4:157-158)

Para uma pessoa acreditar em Jesus como sendo Deus, tem de perguntar por que Deus teria permitido a Sua própria morte quando Ele tinha o poder de salvar a Si mesmo. Se uma pessoa acreditar em Jesus como sendo “Filho de Deus”, por que Deus não respondera à oração do Seu filho, quando Jesus é citado como dizendo: “Pedi, e vos será concedido; buscai, e encontrareis; batei, e a porta será aberta para vós. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, se lhe abrirá.” (Mateus 7:7-8). Jesus supostamente *fez* o pedido – a ponto de suar “gotas de sangue” em oração (Lucas 22:44) – e ele procurou claramente ser salvo. Mas em nenhum lugar Jesus é citado como tendo dito, “Todo o que pede recebe, exceto eu.” Mateus 7:9 diz, “Ou qual dentre vós é o homem que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra?” Perguntando de outra forma, quem imagina que Deus responderia ao rogo por salvamento de um profeta com um curto fim-de-semana numa cruz? Muito sol e todo o vinagre que uma pessoa possa saborear de uma esponja? Há um problema de incompatibilidade aqui; se as pessoas acreditam que Deus, ou o filho de Deus, nasceu num banho da sua própria urina (que é do que o líquido amniótico é feito), então elas não terão nenhum problema em acreditar que Deus cometeu suicídio (e o que mais seria chamado o ato de Se deixar morrer quando, sendo omnipotente, é capaz de salvar a Si mesmo?). Da mesma forma, essas pessoas não terão dificuldade em acreditar que Deus virou as costas ao seu filho no momento de maior necessidade. O resto do mundo pergunta-se: “Com o conceito de Deus a quem é isto compatível, exatamente?”

Bem, Tertuliano, o autor acima mencionado da fórmula trinitária, para começar. O comentário foi oferecido que, “Tertuliano gostava do paradoxo. Para ele, o caráter divino do Cristianismo foi justificado, não pela sua razoabilidade, mas pelo próprio fato de que era o tipo

de coisa que nenhuma mente comum poderia ter inventado. A crucificação do Filho de Deus soa ridícula e escandalosa: 'Eu acredito porque é ultrajante.'"[212]

Eu acredito porque é ultrajante. Se essa é a metodologia de Deus, não nos é justificado acreditar em cada teoria ultrajante de divindade – quanto mais "ridícula e escandalosa", melhor?

Em algum lugar, alguém é obrigado a dizer, "Mas Jesus teve de morrer pelos nossos pecados!" Uma pergunta, "Porquê? Porque Deus não pode perdoar-nos de outra forma? Porque Deus *precisa* de um sacrifício?" Isto não é o que a Bíblia ensina. Jesus supostamente ensinou a mensagem de Oseias 6:6: "…misericórdia quero, e não sacrifícios". E não apenas uma vez – a lição foi digna de duas menções, a primeira em Mateus 9:13, a segunda em Mateus 12:7. Por que, então, está o clero a ensinar que Jesus tinha de ser sacrificado? E se ele foi enviado para este fim, por que rezou para ser salvo?

Além disso, por que nós temos de acreditar para sermos salvos? Por um lado, o pecado original é tido como obrigatório, quer acreditemos nele ou não. Por outro lado, a salvação é tida como condicionada à aceitação (ou seja, a crença) da crucificação e expiação de Jesus. No primeiro caso, a crença é considerada irrelevante; no segundo, é exigida. Surge a pergunta: "Será que Jesus pagou o preço ou não?" Se ele pagou o preço, então os nossos pecados são perdoados, quer acreditemos ou não. Se ele não pagou o preço, não importa em qualquer caso. Por último, o perdão não *tem* um preço. Uma pessoa não pode perdoar a dívida de outra e ainda exigir o reembolso. O argumento de que Deus perdoa, mas apenas se for dado um sacrifício que Ele diz não querer em primeiro lugar (veja Oseias 6:6, Mateus 9:13 e 12:7), sai por completo da via de análise racional. De onde, então, vem a fórmula? De acordo com a escritura, não vem de Jesus. Então, será que as pessoas acreditam em ensinamentos *sobre* o profeta em preferência àqueles *do* profeta? A Bíblia condena tais prioridades invertidas, pois Mateus 10:24 registra Jesus como tendo declarado, "O pupilo não está acima do seu mentor, nem o escravo acima do seu amo."

O que, então, devemos entender a partir do versículo: "E lhes afirmou: 'Está escrito que o Cristo haveria de padecer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia..." (Lucas 24:46)? Dada a escolha entre a interpretação literal ou figurada, somente a metáfora faz sentido, se quisermos reconciliar Deus não desejar sacrifício com Jesus ter de "morrer" pelos pecados da humanidade. Além disso, a referência bíblica à morte é frequentemente metafórica, como na declaração de Paulo sobre o seu sofrimento, "morro todos os dias" (1 Coríntios 15:31).

Por isso, talvez "ressuscitar dos mortos" não signifique literalmente ressuscitar de um

estado de morte real, mas de uma morte metafórica, tal como:

1. Tendo estado inconsciente ou a dormir (como em "Ele dormiu como um homem morto").
2. Tendo sido vítima (como nas muitas analogias bíblicas entre sofrimento e morte).
3. Tendo sido incapaz (como em "Eu não consegui fazer nada a noite passada, eu estava morto [de cansaço]").
4. Ou tendo estado no sepulcro, tido por morto, mas na verdade estava vivo (como em "Ele recuperou milagrosamente – ele voltou dos mortos").

Em qualquer caso, Mateus 12:40 relata Jesus como tendo ensinado, "Portanto, assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra." Este verso simples abre as portas a um território relativamente desconhecido do pensamento. "Três dias e três noites" deve ser assumido como significando exatamente isso, pois de outro modo não teria sido afirmado com tanta clareza. No entanto, se nós acreditarmos na Bíblia, Jesus passou apenas um dia e duas noites – noite de sexta, dia de sábado e noite de sábado – no sepulcro depois da suposta crucificação. Será que isso representa uma dificuldade? Devemos pensar que sim, porque a citação acima é a resposta de Jesus ao pedido de um sinal, ao qual ele teria respondido, "Uma geração perversa e adúltera pede um sinal miraculoso! Todavia, nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal miraculoso do profeta Jonas. Portanto, assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra." (Mateus 12:38-40). O texto acima, "nenhum sinal lhe será dado, exceto...", declara, em termos inequívocos, que este é o *único sinal* que Jesus oferece. Não é a cura dos leprosos, e não é a cura dos cegos, não é a ressurreição dos mortos. Não é a alimentação das massas, não é andar na água, não é acalmar a tempestade. Não…*nenhum* sinal seria dado, exceto o sinal de Jonas.

Muitos cristãos baseiam a fé em algo que eles consideram ser um milagre, esteja isso escrito na Bíblia, atribuído a santos, ou nascido de experiência pessoal. E, no entanto, Jesus isola notavelmente o sinal de Jonas como o único sinal a ser dado. Não o choro das estátuas, não as visões de Maria, não a cura pela fé. Não o falar em línguas, não o exorcismo dos espíritos, não o recebimento do Espírito Santo. Apenas o sinal de Jonas. Só isso. Aqueles que adotam sinais diferentes devem perceber que, de acordo com a Bíblia, eles fazem isso contra o ensinamento de Jesus. E, considerando a ênfase que ele deu ao sinal de Jonas, devemos examiná-lo.

A Bíblia diz-nos que Jesus foi crucificado numa sexta-feira, o que explica por que os judeus estavam sob pressão para acelerar a sua morte, juntamente com a dos dois criminosos crucificados com ele. O pôr-do-sol de sexta-feira inicia o Sábado Judaico, pois o calendário hebraico é lunar, o que significa que o seu fim de dia é ao pôr-do-sol. Assim, o pôr-do-sol de sexta-feira anuncia o início de sábado, o Sábado Judaico. O problema dos judeus era que a lei judaica proibia deixar cadáveres pendurados durante a noite (seja numa cruz ou na forca – Deuteronómio 21:22-23), mas também proibia retirar os corpos e enterrá-los no Sábado. Um paradoxo do Antigo Testamento. Se qualquer um dos crucificados morresse no Sábado, os judeus não poderiam deixar o cadáver nem enterrá-lo. A única solução prática era acelerar a morte dos condenados, e é por isso que os soldados romanos foram enviados para quebrar as suas pernas.

A rapidez com a qual a crucificação mata não depende apenas da firmeza do indivíduo, que é imprevisível, mas também da sua força física. A maioria das cruzes eram construídas com um pequeno assento ou um bloco de madeira para os pés, para suportar parcialmente o peso da vítima, a fim de prolongar a tortura. No caso de Jesus, a tradição cristã dita que os seus pés foram pregados à cruz. A razão para esta brutalidade é que o condenado seria forçado a suportar o seu peso sobre os pés empalados, agravando consideravelmente a agonia. No entanto, os romanos muitas vezes aceleravam a morte quebrando as pernas das vítimas. Sem meios de apoiar o seu corpo, o crucificado ficaria pendurado com o peso do corpo suspenso sobre os braços estendidos, o que cansa os músculos respiratórios. Eventualmente, a vítima já não seria capaz de respirar. O mecanismo de morte, portanto, é asfixia lenta – ainda mais lenta em indivíduos com maior resistência e vontade de viver.

A Bíblia registra que os soldados romanos foram enviados para quebrar as pernas dos condenados, mas após a sua chegada, eles encontraram Jesus já morto. Posteriormente, ele foi retirado da cruz e colocado no sepulcro. Quando? No final da tarde de sexta-feira, antes do pôr-do-sol.

Domingo de manhã, *antes do sol nascer*, Maria Madalena voltou ao túmulo, tendo descansado no Sábado, em conformidade com a lei (Lucas 23:56 e João 20:1), e encontrou o túmulo vazio. É-lhe dito que Cristo ressuscitou (Mateus 28:6, Marcos 16:6, Lucas 24:6). A aritmética funciona para uma noite (pôr-do-sol de sexta-feira e nascer-do-sol de sábado), mais um dia (sábado,nascer ao pôr-do-sol), mais uma noite (pôr-do-sol de sábado até antes do nascer-

do-sol de domingo). Total? Duas noites e um dia – longe dos "três dias e três noites" referenciados pelo "sinal de Jonas" de Jesus. Mais uma vez, uma pessoa, ou tem de admitir que as evidências não cumprem, ou tem de reescrever as regras da matemática.

Mais uma peça deste quebra-cabeças das escrituras merece consideração. A citação, "Portanto, assim como esteve Jonas…" (Ou, de acordo com a versão de João Ferreira de Almeida Atualizada,"pois, como Jonas esteve...") compara o estado de Jesus com o de Jonas. Até mesmo crianças em idade escolar sabem que Jonas estava vivo desde o momento que os seus companheiros reduziram o lastro do navio à medida do seu peso, até ao momento um tanto difícil de regurgitação para a costa arenosa. Visto que Jonas estava vivo ao longo de todo o calvário, uma pessoa poderia especular que Jesus, "assim como esteve Jonas...", estava vivo durante todo o tempo também. É interessante notar que, quando o túmulo foi visitado na manhã de domingo, cada um dos evangelhos descreve Jesus como "ressuscitado", o que não é surpreendente, dado o fato de que lajes de pedra fria, ao contrário de camadas de água quente suprimidas por ondas, não convidam exatamente uma pessoa a carregar no botão de soneca e a dormir até tarde. O que está a faltar na Bíblia, no entanto, é a afirmação de que Jesus ressuscitou. Jesus teria dito, "Eu vim do Pai e entrei no mundo; agora deixo o mundo e volto para o Pai." (João 16:28). Mas como é isso diferente de qualquer um de nós? E onde é que Jesus disse que ele iria morrer e ser ressuscitado no processo? A palavra "ressuscitado" está longe de ser encontrada. "Ressuscitado dos mortos" é mencionado um punhado de vezes, mas nunca pelo próprio Jesus. E, notavelmente, muitos cristãos do século I e II acreditavam que Jesus não morreu.[213]

Isto poderá não mudar a maneira de pensar de ninguém, mas deverá, pelo menos, ilustrar os pontos de vista razoáveis que resultam da atribuição de prioridade às palavras registradas de Jesus acima das dos outros. O entendimento islâmico é este ponto de vista – o que afirma a missão profética de Jesus, sublinhando que os seus ensinamentos bíblicos não só desacreditam muitos elementos da doutrina estabelecida como "cristã", mas também reforçam a ideologia islâmica.

Nos últimos anos, muitos encontraram as suas dúvidas reforçadas por uma trilha de teorias envolventes em livros cristãos de desafio crítico. Um tal trabalho, *The Jesus Conspiracy*[*A Conspiração de Jesus*] por Holger Kersten e Elmar R. Gruber, é de particular interesse a respeito do assunto deste capítulo, pois os autores apresentam uma poderosa evidência de que quem estava envolvido na Mortalha de Turim não morreu. Kersten e Gruber

propuseram que a Igreja Católica percebia o impacto devastador que esta teoria, se verdadeira, poderia ter. Afinal, se as evidências sugerissem que Jesus tinha sido envolto na mortalha, mas não morrido, a Igreja ficaria sem morte, sem um sacrifício expiatório, sem a ressurreição e, resumindo, a Igreja ficaria sem uma igreja. Nas palavras de 1 Coríntios 15:14-15, "e, se Cristo não ressuscitou, *é* inútil a nossa pregação, como igualmente *é* improdutiva a vossa fé. Pior que isso, seremos considerados falsas testemunhas de Deus..."

Os autores afirmam que a Igreja respondeu desacreditando deliberadamente a mortalha, mesmo ao ponto de falsificar testes de datação por carbono.

Bem... talvez. A evidência dos autores é substancial, e... a sua lógica é convincente, e... eles podem estar errados. Mas, eles podem estar certos também. As possibilidades são que nunca saberemos. Talvez a única coisa que *sabemos* sobre a mortalha é que a Igreja Católica não tomou uma posição sobre a autenticidade da mortalha, e nós temos de perguntar por que é que ela se opõe a testes mais independentes. Se for inautêntica, a mortalha é pouco mais do que uma curiosidade, então por que não cortar alguns trechos insignificantes das bordas e passá-los? Mas não, os guardiões guardam a mortalha a sete chaves, e temos de nos perguntar porquê, senão por temerem os resultados.

Em qualquer caso, os muçulmanos acreditam que Jesus nunca foi crucificado em primeiro lugar, "mas isso foi-lhes simulado." (OSA 4:157). Se a proposta soa estranha para aqueles que têm sido doutrinados a pensar o contrário, a doutrina da crucificação soa ainda mais estranha quando colocada ao lado de Deuteronómio 21:23, que diz, "aquele que é pendurado [isto é, quer por uma forca ou por crucificação] é maldito de Deus." Reivindicações simultâneas à infalibilidade bíblica e à filiação divina de Jesus crucificado lança uma luz verdadeiramente peculiar sobre qualquer um que apoie tais crenças, pois a contradição é óbvia. Ou Jesus não foi crucificado, a Bíblia está errada, ou, de acordo com a escritura, Jesus foi maldito de Deus. O pensamento de que o profeta, filho ou parceiro de Deus (independentemente de como se considere Jesus) também é maldito de Deus, só pode conseguir a aceitação entre aqueles com esterilidade sináptica. As peças acima simplesmente não se encaixam no pacote. Algo tem de mudar – um ou mais dos elementos não-conformes precisam de ser reconhecidos pelo que são – uma farsa – e rejeitados. Caso contrário, o pacote como um todo carrega as qualidades impossíveis de faz de conta, ou talvez deveríamos dizer, "faz de crença".

Semelhantemente confusa é a passagem de Hebreus 5:7, que afirma que, porque Jesus era

um homem justo, Deus respondeu à sua oração de salvamento da morte: "O qual nos dias da sua carne, tendo oferecido, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que podia livrar da morte, e tendo sido ouvido por causa da sua reverência" (Hebreus 5:7, JFAA[214]). Agora, o que significa "tendo sido ouvido por Deus" – significa que Deus o ouviu em alto e bom som e o ignorou? Não, significa que Deus respondeu à sua oração. Não poderia significar, certamente, que Deus ouviu e se recusou a oração, pois então a frase "por causa da sua reverência" não faria sentido, ao longo das linhas de "Deus ouviu a sua oração e recusou-a porque ele era um homem justo."

Agora, enquanto os muçulmanos negam a crucificação de Jesus, eles não negam que *alguém* foi crucificado. Então quem é que os muçulmanos pensam ter sido crucificado no seu lugar? É um ponto discutível, e não terrivelmente importante. Alguns sugerem que Deus ascendeu Jesus e alterou as características de Judas para que se parecesse com Jesus, com o resultado final de Judas ter sido crucificado no seu lugar, enganando o público. Bem, talvez. Mas também, talvez não. Não há nenhuma evidência convincente para sustentar esta opinião, mesmo que ela esteja em conformidade com os princípios bíblicos e corânicos em que as pessoas colhem o que plantam.

Notavelmente, há aqueles que se opõem à sugestão de Judas ter sido crucificado com base em Mateus 27:5, segundo o qual, Judas atirou a prata ilícita de volta aos sacerdotes e "foi e enforcou-se". Então ele não estava por perto para ser crucificado. Por outro lado, Atos registra que Judas "adquiriu um campo com o salário da sua iniquidade; e precipitando-se, caiu prostrado e arrebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram" (Atos 1:18). Portanto, se os autores de Atos e Mateus não concordam sobre o assunto, o que realmente aconteceu é algo incógnito.

Talvez possamos olhar para esta questão de um ângulo diferente. Se a ideia de Judas ter sido crucificado no lugar de Jesus soa tecnicamente forçada, talvez não devesse soar assim; Deus é descrito como tendo reduzido a visão de dois discípulos (ou seja, companheiros íntimos que deveriam ter prontamente reconhecido o seu professor) quando encontraram o alegado Jesus "ressuscitado" na estrada para Emaús, "impedidos de reconhecê-lo" (Lucas 24:16). Outro exemplo bíblico seria que Maria Madalena teria falhado em reconhecer Jesus fora do túmulo, "julgando que fosse o jardineiro..." (João 20:15). Maria Madalena? Não deveria *ela* ter sido capaz de o identificar, mesmo à luz do amanhecer?

Curiosamente, este conceito de troca de crucificação não é inteiramente estranho ao Cristianismo. Entre os primeiros cristãos, os coríntios, os basilidianos, os paulicianos, os cátaros e os carpocracianos, todos acreditavam que a vida de Jesus Cristo tivesse sido poupada. Os basilidianos acreditavam que Simão de Cirene foi crucificado no seu lugar, o que não pode ser uma sugestão irrazoável, considerando que Simão carregou a cruz de Jesus (veja Mateus 27:32, Marcos 15:21 e Lucas 23:26). Tipicamente, todas as seitas dissidentes acima mencionadas foram julgadas como gnósticas e/ou hereges pela Igreja, e foram violentamente reprimidas pela maioria trinitária que sistematicamente queimou dissidentes até ao esquecimento durante os primeiros quinze séculos de domínio católico (o assado mais recente tendo tido lugar no México, em 1850 EC).

Para ser justo, a ideologia gnóstica existia em muitos, se não a maioria, ou mesmo todos os grupos considerados dissidentes da ortodoxia. Mas, o Gnosticismo também existe na ortodoxia, pois o que é *gnosis* se não a crença de que os seus iniciados possuem algum conhecimento esotérico, mas essencial, necessário para a salvação, que não pode ser explicada nem justificada? E o que esta discussão expôs até agora, se não a falta de fundamento bíblico para o cânone da ortodoxia trinitária?

Um dos grupos acima, os paulicianos (cujo nome foi possivelmente derivado da sua devoção a Paulo de Samósata) são de interesse especial. Paulo de Samósata supostamente tomou o seu ensino de Diodoro, chefe da Igreja Nazarena em Antioquia. Os seus ensinamentos, por sua vez, ramificaram-se do tronco da ideologia apostólica através de indivíduos como Luciano (que por sua vez ensinou Ário), Eusébio de Nicomedia, e até mesmo Nestório (cuja influência expandiu da Europa Oriental até tão Este como a China e tão Sul como a Abissínia). A influência pauliciana espalhou-se eventualmente, ocupando a maioria, se não toda, a Europa e o Norte de África. No entanto, tão completa foi a sua aniquilação pela Igreja Católica Romana durante o período de perseguição, tanto eles como os seus livros foram praticamente e completamente destruídos. Somente nos meados do século XIX foi um dos seus livros sagrados, *A Chave da Verdade*, descoberto na Arménia e traduzido. A partir deste documento, uma visão das suas crenças e práticas pode ser apreciada.

Os paulicianos podem convidar condenação pela sua ideologia dualista, pela aceitação do suicídio e pelo seu excesso de ascetismo. Notável é o conceito peculiar pauliciano de Jesus Cristo ter sido um fantasma, e não um homem. Por outro lado, os paulicianos aderem à crença na

unicidade divina, no nascimento virginal, no batismo e outros credos e práticas que datam desde a Era Apostólica. Incluído na lista das suas particularidades está a aparente falta de um sacerdócio organizado ou hierarquia de clero. Os líderes casavam-se e tinham famílias. Os seus serviços eram caracterizados pela simplicidade de adoração e pela falta de sacramentos: eles nem sequer usavam água benta. Os paulicianos recusavam-se a adotar qualquer objeto visível de adoração – não havia relíquias, não havia imagens, nem mesmo a cruz. Eles consideravam o uso de imagens, seja de duas ou três dimensões, como um ato idólatra, estranho aos ensinamentos de Jesus, e em violação do segundo mandamento. A doutrina da Encarnação parece ter sido negada, como eram as doutrinas do pecado original e da Trindade – tudo rejeitado com base em falta de fundamento bíblico. Os paulicianos negavam a suposta crucificação de Jesus, e, consequentemente, rejeitavam as doutrinas da ressurreição, expiação e redenção de pecados. Eles também repudiavam o batismo infantil como uma inovação estranha aos ensinamentos e prática de Jesus, e alegavam que era inútil, pois as crianças não têm capacidade para fé madura e arrependimento. Eles boicotavam o Natal com o fundamento de que se tratava de um feriado ilegítimo construído como uma concessão aos pagãos, que prestavam culto ao renascimento do seu deus-sol três dias após o solstício de inverno, a 25 de dezembro, no festival anual de *Sol Invictus* (O Sol Invencível). Eles não solicitavamnem aceitavam dízimos, mantinham uma dieta rigorosa, sublinhavam a devoção à adoração em todos os aspetos da vida e aspiravam à limpeza de temperamento, pensamentos, palavras e obra.

Um modelo melhor do Rei-carpinteiro seria difícil de encontrar, mas pelo seu credo, eles foram mortos. Durante um período de séculos, os paulicianos eram perseguidos onde quer que fossem encontrados. A imperatriz bizantina Teodora restabeleceu o culto de imagens em Constantinopla durante o século IX e, como Gibbon observa, "Os seus inquisidores exploravam as cidades e montanhas da Ásia Menor, e os bajuladores da imperatriz afirmaram que, num curto reinado, cem mil paulicianos foram extirpados pela espada, forca, ou pelas chamas."[215]

Os paulicianos foram finalmente expulsos da Arménia para a Trácia, e depois para a Bulgária. De lá eles espalharam-se para a Sérvia, Bósnia e Herzegóvina, depois para o norte da Alemanha, oeste da França e sul da Itália. Pelo mar, eles encontraram rotas para Veneza, Sicília e para o sul da França. A rápida expansão da teologia pauliciana, que parece ter sido reavivada nos Cátaros (que significa "os Puros") no, ou em torno do, século XI, tornou-se uma séria ameaça para a Igreja Católica, e foi condenada no Conselho de Orleãs em 1022, no de Lombardia em

1165, e no de Verona em 1184. São Bernardo de Claraval descreveu o os cátaros assim: "Se os interrogares, nada poderia ser mais cristão; quanto à sua conversão, nada poderia ser menos repreensível, e o que eles falam, eles provam por ações. Quanto à moral do herege, ele não engana ninguém, ele não oprime ninguém, ele não ataca ninguém; as suas bochechas estão pálidas pelo jejum, ele não come o pão da preguiça, o trabalho das suas mãos é para o seu sustento."[216]

No entanto, a Igreja condenou os cátaros, não por causa da sua ética e sinceridade, mas por causa da sua teologia. Não, até à Inquisição medieval do século XIII, foi a igreja capaz de agir quanto à sua condenação, mas, depois, abrindo comportas à hostilidade de vários séculos, eles aplicaram a total força do seu ódio com uma vingança suficiente para estabelecer a sua autoridade e destruir a dos seus inimigos. A perda dos paulicianos, cátaros e outras seitas cristãs "hereges" atesta a terrível eficácia da limpeza religiosa da Inquisição Medieval e períodos subsequentes de perseguição.F. C. Conybeare comenta:

> Não era nenhuma promessa vazia dos seus eleitos "ser batizado com o batismo de Cristo, tomar sobre si açoites, aprisionamentos, torturas, censuras, cruzes, golpes, tribulação, e a todas as tentações do mundo." Deles as lágrimas, deles o sangue derramou durante mais de dez séculos de perseguição feroz no Oriente; e se nós considerarmos o seu número, o melhor que pudermos, os primeiros puritanos da Europa, então a conta de atos perversos forjados pelas igrejas perseguidoras atinge dimensões que assustariam a mente. E como foi tudo feito, nominalmente, por temor ao, mas realmente em ridicularização do, Príncipe da Paz, é difícil dediscernir se os inquisidores não sabiam o que faziam.[217]

Que a Igreja Católica foi tão eficaz na eliminação da sua oposição não é nenhuma surpresa para aqueles que estudam a sua metodologia. O seu nível de barbaridade nem sequer poupou o seu próprio povo, às vezes sacrificando membros da ortodoxia para garantir a completa eliminação dos unitários. Por exemplo, a população mista de católicos e unitários do povo de

Béziers, no sul da França, foi atacada sem piedade. Na sua *História da Inquisição na Idade Média*, Henry Charles Lea traz o completo horror de invasores com excesso de zelo em foco:

> De crianças em braços até idosos cambaleantes, ninguém foi poupado – sete mil, diz-se, foram abatidos na Igreja de Maria Madalena para onde tinham fugido procurando asilo – e o número total de mortos contado pelos legados foi quase vinte mil…
>
> Um fervoroso cisterciense contemporâneo informa-nos que quando Arnaud foi questionado sobre se os católicos deveriam ser poupados, ele temia que os hereges escapassem, fingindo ortodoxia, e ferozmente respondeu: "Matem-nos todos, porque Deus conhece os seus!" Na carnificina e pilhagem loucas, a cidade foi incendiada, e o sol daquele dia terrível de julho pôs-se numa massa de ruínas fumegantes e cadáveres enegrecidos – um holocausto para uma divindade de misericórdia e amor, por quem os cátaros podem muito bem ser perdoados por considerá-lo o Princípio do Mal.[218]

Uso da tortura dos inquisidores era igualmente horrível, pois não terminava pela confissão. Uma vez que adquirissem uma confissão, eles começariam a tortura de novo, para extrair nomes de associados até à última gota de informação espremida da casca mutilada do que uma vez teria sido um ser humano.

Uma vez acusado, era garantido o sofrimento ao lamentável réu. A tortura rendia a confissão necessária - se não por verdade, então por desespero da vítima em acabar com a dor. Horrivelmente, protestos de inocência e até mesmo o juramento de ortodoxia não traziam alívio, pois os suspeitos que professavam a crença ortodoxa eram comprometidos a um teste de fé, e aqui a Igreja demonstrava a medida plena da sua criatividade. Tribulações por água e fogo eram popularizadas e sancionadas pela Igreja Católica para o teste de fé por meio de *Judicium Dei* – Julgamento de Deus, um conceito baseado em superstição. Acreditava-se que a pureza da água não aceitaria um corpo culpado dentro dela, e assim, aqueles que flutuassem seriam julgados

culpados e executados, aqueles que afundassem eram considerados inocentes, e se resgatados antes de se afogarem, eram poupados. Acreditava-se que o fogo terrestre, como as chamas do Inferno, não prejudicaria aqueles que fossem (na sua opinião) os fiéis cristãos carregadores da promessa do paraíso. O "teste de ferro quente" era o mais utilizado, pois era simples e facilmente disponível. Neste teste, o acusado era obrigado a levar uma peça de ferro em brasa por um certo número de etapas, geralmente nove. O julgamento era oferecido tanto no momento do teste (os queimados eram julgados culpados) ou vários dias mais tarde (aqueles cujas feridas estariam a cicatrizar seriam declarados inocentes, enquanto que aqueles cujas feridas ficariam infetadas seriam considerados culpados). Outras variações existiam, como determinar se uma pessoa sofreria uma queimadura com um braço imerso até ao cotovelo em água ou óleo fervente.

Para que uma pessoa não presuma que tais métodos insanos raramente eram empregados, o Conselho de Reims em 1157 ordenou "julgamentos por provação" para satisfazer todos os casos de suspeita de heresia.[219]

Agora, qual é o porquê de toda esta discussão sobre o que são agora seitas pouco conhecidas e mortas? Bem, a intenção não é glorificá-las para além dos méritos da sua ideologia, nem evocar simpatia pela sua causa, mas sim chamar a atenção para as ideologias cristãs alternativas que se tornaram obscuras na sombra do Trinitarismo prevalecente. Os coríntios, os basilidianos, os paulicianos, os cátaros e os carpocracianos podem ser pouco conhecidos hoje, mas eram ideologias cristãs dinâmicas que partilharam de uma existência significativa na história. Mas a história, como diz o ditado, é escrita pelos vencedores. "Além disso", escreve Ehrman, "os vencedores nas lutas para estabelecer a ortodoxia cristã não só ganharam as suas batalhas teológicas, mas também reescreveram a história do conflito…"[220] A Igreja Católica tentou apagar sistematicamente a memória de todas as outras seitas e escrituras contrárias às suas, e nisto, eles foram muito bem sucedidos. Dada a sua metodologia viciosa, não devemos ficar surpresos.

Além disso, tentativas históricas em difamar todas as outras religiões ou seitas cristãs prejudicaram as mentes da população. Tão bem-sucedidos foram estes esforços que os registros e livros sagrados daqueles que parecem ter sido mais próximos aos ensinamentos dos Padres Apostólicos foram em grande parte perdidos. Da mesma forma, aqueles mais próximos a encarnar as práticas e credo do profeta Jesus têm vindo a ser considerados como hereges, simplesmente porque não abraçam as doutrinas "evoluídas" dos vencedores trinitários. Noutras

palavras, eles foram condenados por não-conformidade com pontos de vista que, embora sem autoridade bíblica, foram selecionados por homens de posição e propagados por razões de conveniência política.

Um dos elementos curiosos da história trinitária reside no fato de que, em todas as suas viagens pelo mundo cristão, ela teve de ser forçadaa um povo anteriormente unitário. Os visigodos, ostrogodos e vândalos, os arianos, donatistas e paulicianos – todos tiveram de ser empurrados para o lado antes da imposição do reinado trinitário. Até na Inglaterra e na Irlanda há suspeita de que, ao contrário dos relatos históricos oficiais, uma boa percentagem da população era composta por firmes cristãos unitários antes de receber o "incentivo"trinitário. Enquanto que unitários tentavam espalhar a fé através do exemplo e do convite, a Igreja Católica espalhava a fé trinitária cortando a população com as lâminas afiadas da compulsão e da eliminação.

Ao revisar os relatos históricos sem preconceitos, uma grande população de religiosos em todo o mundo conhecido manifestaram a sua oposição ao Cristianismo Trinitário, e aqueles que negavam a crucificação e morte de Jesus Cristo não eram necessariamente uma minoria. Muitos argumentariam que, a partir de um nível instintivo, faz mais sentido Deus ter punido Judas pela sua traição do que ter torturado Jesus pela sua inocência. O argumento seria mais convincente se as doutrinas da expiação e do pecado original pudessem ser provadas como inválidas, pois estas duas doutrinas são os pilares que suportam a suposta morte de Jesus. O primeiro obstáculo para muitas pessoas ao considerar tais noções revolucionárias é a afirmação antiga de que Jesus Cristo era o "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29), pois na mente do trinitário, este versículo não pode ter qualquer relevância senão para a doutrina da expiação. Os unitários, no entanto, concebem que Jesus viveu uma vida de sacrifício, a fim de suportar um ensino de purificação que, se adotado, colocaria a humanidade no caminho do decreto de Deus.

13 – Cordeiro de Deus

Não há nada pior do que uma imagem nítida de um conceito confuso.

- Ansel Adams

Muitos cristãos afirmam encontrar a prova da crucificação e da expiação em João 1:29, que chama Jesus Cristo de "Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo". Outros são mais especulativos, e por boas razões.

Para começar, os cristãos discordam sobre o significado e a importância deste conceito de "cordeireza". Alguns questionam a tradução da Bíblia enquanto outros ainda não conseguem vincular as referências de "Cordeiro de Deus" no Antigo e Novo Testamentos numa cadeia razoável de lógica. Até João Batista, a quem este versículo cita, parecia ter problemas com o termo. A alegação cristã é que João Batista sabia quem era Jesus, e identificou-o como o "Cordeiro de Deus" em João 1:29. Mas se ele conhecia Jesus tão bem para o identificar com certeza num versículo, por que questiona Jesus anos mais tarde: "És tu Aquele que haveria de vir ou devemos aguardar outro?" (Mateus 11:3)

Entre aqueles que têm dificuldade na retificação das inconsistências do Antigo e Novo Testamentos estão os próprios clérigos católicos. A *Nova Enciclopédia Católica* admite a incapacidade em determinar a origem do título "Cordeiro de Deus", pois embora tentativas sejam feitas para rastrear o termo através de Isaías (Capítulo 53) por meio de Atos 8:32, "este texto é

incapaz de explicar a expressão…”[221]

O *Dicionário Teológico do Novo Testamento* tem a dizer: “O aramaico também pode oferecer uma base com o seu uso da mesma palavra para ambos ‘cordeiro’ e, ‘menino ou servo’. Assim, João Batista em Jo 1:29, 36 poderia estar a descrever Jesus como o servo de Deus que tira o pecado do mundo em servitude vicária (Is. 53).”[222] Desculpe-me, mas você disse *servo* de Deus? Hm… cordeiro/servo; animal/humano… Talvez devêssemos estar contentes que os tradutores confinaram as suas diferenças ao mesmo reino animal, mas mesmo assim…

Então poderia o aramaico nativo de João Batista ter sido danificado na tradução para o Novo Testamento grego *amnos*? Poderia a tradução correta ser “menino” ou “servo”em vez de “cordeiro”? Se assim for, qualquer ligação entre as referências no Antigo e Novo Testamentosao “Cordeiro de Deus” destruir-se-ia mais rápido do que uma fita num turboélice. Por isso, é com grande interesse que nos deparamos com a *Nova Enciclopédia Católica* a concordar que a palavra aramaica *talya’* pode ser traduzida para “menino” ou “servo”, bem como “cordeiro”.[223] Além disso, a proposta de que a frase dita por Batista foi “Eis o Servo de Deus”, e não “Eis o Cordeiro de Deus” é, nas suas palavras, “muito plausível” e “muito mais fácil de explicar”.[224]

Tal como acontece com *pais theou*, a primeira tradução do qual é “servo de Deus” em vez de “Filho de Deus”, poderia isto ser ainda mais um exemplo de má tradução teologicamente preconceituosa? Muito possivelmente.

Finalmente, há o padrão agora familiar de Jesus a ser rotulado de “Cordeiro de Deus” no Evangelho de João, mas em nenhum dos outros evangelhos, o que implica uma opinião minoritária ou, no mínimo, falta de comprovação. Mais uma vez, a votação é de três autores do evangelho para um de que a frase nunca foi dita em primeiro lugar, ou não declarada com o sentido em que foi traduzida. Se o significado original fosse “servo de Deus” (assumindo que a

frase foi proferida em primeiro lugar) os outros três autores do evangelho devem ser aplaudidos por se recusarem a corromper a mensagem numa receita abstrata de "cordeireza". Por outro lado, se queremos confiar na Bíblia como sendo a palavra de Deus, temos de nos perguntar por que Deus não inspirou este conhecimento aos outros três autores do evangelho. Supondo que o objetivo de Deus seja o de espalhar a Sua verdade tão amplamente e corretamente possível, temos de perguntar o que é mais provável:

1. O nosso Deus infalível falhou em propagar a Sua verdade três vezes (hmm – não).
2. O autor do livro de João, versículos 1:29 e 1:36, defendeu uma doutrina falsa duas vezes. (Possível, mas vamos assumir que não, pois se esse fosse o caso torna-se difícil confiar em qualquer parte da Bíblia.)
3. O verdadeiro significado é "servo de Deus", mas o preconceito doutrinal resultou na tradução para "cordeiro de Deus".

Talvez devêssemos considerar esta questão no contexto do credo cristão como um todo, pois a doutrina de Jesus como sendo o "Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo" sangra para as do pecado original e da expiação. Afinal, qual é a necessidade de um cordeiro sacrificial, se não para expiar o pecado (original) do mundo?

14 – Pecado Original

Aquele que cai em pecado é um homem; o que se aflige dele, é um santo; o que se gaba dele, é um demónio.

- Thomas Fuller, *The Holy State and the Profane State [O Estado Sagrado e o Estado Profano]*

O conceito de pecado original é completamente estranho ao Judaísmo e ao Cristianismo Oriental, tendo obtido aceitação apenas na Igreja Ocidental. Além disso, os conceitos de pecado cristão e islâmico são praticamente opostos em relação a certas nuances. Por exemplo, não existe o conceito de "pecar na mente" no Islam; para um muçulmano, um mau pensamento torna-se uma *boa* ação quando uma pessoa se recusa a agir de acordo com ele. Superar e ignorar os maus pensamentos que sempre atacam as nossas mentes é considerado merecedor de recompensa em vez de castigo. Islamicamente falando, um mau pensamento só se torna pecaminoso quando cumprido.

Conceber boas ações é mais contrário à natureza básica do homem. Desde a nossa criação, se não vinculada por restrições sociais ou religiosas, a humanidade tem, historicamente, jantado no banquete da vida com luxúria e abandono. As orgias de autoindulgência que alfombram os corredores da história envolvem não apenas indivíduos e pequenas comunidades, mas também grandes potências mundiais que comeram a sua parte de desvio ao ponto de

autodestruição. Sodoma e Gomorra podem estar no topo da maioria das listas, mas as maiores potências do mundo antigo – incluindo os impérios grego, romano e persa, bem como aqueles de Genghis Khan e Alexandre, o Grande – certamente carregam uma menção desonrosa. Mas, enquanto os exemplos de decadência comunal são inúmeros, casos de corrupção individual são exponencialmente mais comuns.

Então, bons pensamentos não são sempre o primeiro instinto da humanidade. Como tal, o entendimento islâmico é que a própria conceção de boas ações é digna de recompensa, mesmo que não seja posta em prática. Quando uma pessoa realmente comete uma boa ação, Deus multiplica a recompensa ainda mais.

O conceito de pecado original simplesmente não existe no Islam, nem nunca existiu. Para os leitores cristãos, a questão não é se o conceito de pecado original existe nosdias de hoje, mas se este existia durante o período das origens cristãs. Especificamente, Jesus ensinou-o?

Aparentemente não. Quem quer que tenha inventado o conceito, certamente não foi Jesus, pois ele supostamente ensinou: "Deixai as crianças e não as impeçais de virem a mim, porque de tais é o reino dos céus." (Mateus 19:14). Podemos muito bem perguntar como "porque de tais" poderia ser "o reino dos céus" se os não-batizados vão para o inferno. Crianças, ou nascem com o pecado original, ou vão para o reino dos céus. A Igreja não pode ter as duas coisas. Ezequiel 18:20 registra, "O filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho, A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele."

Deuteronómio 24:16 repete este ponto. A objeção pode ser levantada de que este é o Antigo Testamento, mas este não é mais antigo do que Adão! Se o pecado original data desde Adão e Eva, uma pessoa não o encontraria desmentido em *qualquer* escritura de *qualquer* idade!

O Islam ensina que cada pessoa nasce num estado de pureza espiritual, mas a educação e

o fascínio dos prazeres mundanos podem corromper-nos. No entanto, os pecados não são herdados e, na verdade, nem mesmo Adão e Eva serão punidos pelos seus pecados, porque Deus os perdoou. E como pode a humanidade herdar algo que já não existe? Não, islamicamente falando, todos nós seremos julgados de acordo com as nossas ações, pois "nenhuma alma pecadora arca com o pecado de outra (…) não há, para o ser humano, senão o que adquire com o seu esforço" (OSA 53:38-39), e "Quem se guia, guiar-se-á, apenas, em benefício de si mesmo, e quem se descaminha, descaminhar-se-á, apenas, em prejuízo de si mesmo. E nenhuma alma pecadora arca com o pecado de outra…" (OSA 17:15). Cada pessoa irá assumir a responsabilidade pelas suas ações, mas nenhuma criança irá para o inferno por não ser batizada e sobrecarregada com o pecado como um direito de nascença - ou deveríamos dizer torto de nascença?

15 – Expiação

Deve, então, um Cristo perecer em tormento em todas as idades
para salvar aqueles que não têm qualquer imaginação?

- George Bernard Shaw, *São João, Epílogo*

A expiação – que conceito. Quem não gostaria de passar a conta a outra pessoa por cada indulgência e transgressão? No entanto, não importa o quão boa a expiação soe, não importa o quanto as pessoas queiram que esta seja verdade, a questão fundamental é se esta é baseada na verdade revelada. Será que a expiação estará lá no Dia do Juízo para aqueles que dependem dela para a sua salvação? Ou será que os incontáveis bilhões de almas humanas ansiosas ficarão com rostos abatidos quando Deus anunciar que Ele nunca prometeu tal coisa?

Alguns acreditam que, se a expiação não estiver lá para eles no Dia do Juízo, Deus aceitará o seu pedido de desculpas. Outros entendem que a vida é um campo de provas para a próxima vida e que os nossos livros de ações fecham quando morremos. Afinal, se um pedido de desculpas no Dia do Juízo fosse suficiente para a salvação, qual a necessidade do inferno? Pois que pecador não oferecerá arrependimento sincero quando confrontado com a realidade do castigo de Deus? Mas que peso terá tal pedido de desculpas, realmente? Uma vida virtuosa exige negação de prazeres pecaminosos e sacrifício de tempo, esforço e prioridades mundanas. O renunciamento de delícias hedonistas para honrar a Deus testemunha a fé de uma pessoa. Esse

testemunho terá peso. Mas que peso terá o arrependimento de uma pessoa no Dia do Juízo, quando o jogo acabou, não deixando quaisquer pecados a serem evitados, nenhum esforço mundano ou compromisso a ser feito, nenhuma vida piedosa a ser vivida e, resumindo, nenhumas ações a serem realizadas que possam testemunhar a fé de uma pessoa?

Então autenticar a expiação é de uma importância fundamental. Se válida, é a maior bênção de Deus para a humanidade. Mas se for falsa, a expiação não tem mais valor do que um cheque forjado – pode transmitir uma sensação de segurança e satisfação, enquanto a carregamos no bolso, mas no momento em que tentamos descontá-la, revelar-se-á inútil.

Quem, então, foi o autor da expiação? Se foi Deus, nós seríamos tolos em não a apoiar. Mas se o autor foi o homem, teríamos de questionar a autoridade daqueles que afirmam falar em nome de Deus, se não os profetas.

Como discutido no capítulo anterior, a cadeia de responsabilidade é clara nesta vida. Tanto o Antigo como o Novo Testamentos, bem como o Alcorão Sagrado, enfatizam a responsabilidade individual e ensinam que ninguém carrega o fardo das iniquidades de outro. Mas onde é que *Jesus* diz que o seu caso é diferente? E se ele nunca foi crucificado em primeiro lugar (como discutido nos capítulos anteriores), a doutrina da expiação desmorona desde a fundação.

Aqueles que encontram satisfação na interpretação frouxa das supostas palavras dos discípulos, Paulo e outros personagens para-proféticos podem não pesquisar os seus códigos individuais de religião mais adiante. Aqueles que acham chão mais firme nos ensinamentos dos profetas reconhecem que Deus não promete nada de bom no futuro para aqueles que se tentam desviar da prestação de contas a Ele nesta vida. Jesus teria afirmado que a crença, por si só, *não é* suficiente para a salvação: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus,

mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mateus 7:21). Quando questionado sobre como alcançar a salvação, ele supostamente ensinou: "Se queres entrar na vida eternal [a vida eterna – ou seja, a salvação] obedece os mandamentos" (Mateus 19:17).

Mas onde, no Novo Testamento, Jesus aconselhou os seus seguidores a relaxar, pois em poucos dias ele iria pagar o preço e todos poderiam ir para o céu por nada mais do que crença? Em nenhum lugar. E, quando Jesus foi supostamente ressuscitado depois da sua suposta crucificação e voltou para os seus discípulos, por que não anunciou a expiação? Por que não declarou que ele tinha pago pelos pecados do mundo, passados, presentes e futuros, e que então naquele momento seria hora de festejar ao "estilo expiatório"? Mas ele não o fez, e nós devemos perguntar porquê. Poderia ser que a expiação não fosse verdade? Será que alguém rabiscou os seus pensamentos fantasiosos nas margens das escrituras?

Não seria a primeira vez.

Então, de onde veio a expiação em primeiro lugar? E será que alguém se surpreenderia ao ouvir o nome "Paulo"? Outra doutrina questionável proveniente da mesma fonte questionável? É o que parece. Atos 17:18 diz, "Então, alguns filósofos epicureus e estóicos começaram a argumentar com ele. Alguns indagavam: 'O que deseja comunicar esse tagarela?' Outros comentavam: 'Parece ser um anunciador de deuses estranhos', pois Paulo lhes pregava as Boas Novas de Jesus e a ressurreição."

Paulo afirma diretamente que ele concebeu a doutrina da ressurreição da seguinte forma: "Recorda-te de Jesus Cristo, ressurreto dentre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho" (2 Timóteo 2:8). Com certeza, o conceito de Jesus Cristo a morrer pelos pecados da humanidade encontra-se nas epístolas de Paulo (ex.: Romanos 5:8-11 e 6:8-9), e em mais nenhum lugar. Mais nenhum lugar? Nem de Jesus? Nem dos discípulos? Será possível que eles

negligenciaram os detalhes cruciais sobre os quais repousa a fé cristã? Mais curioso e mais curioso! – como diria Alice.

Neste ponto a que chegámos, a discussão deve certamente voltar à lei, pois ninguém pode ser acusado de suspeitar que alguém jogou rápido e alguém brincou com o desenho do pensamento cristão. Jesus, sendo judeu, viveu de acordo com a Lei (Mosaica) do Antigo Testamento. Entre os seus ensinamentos registrados estão: "Se queres entrar na vida, obedece os mandamentos" (Mateus 19:17) e "Não penseis que vim destruir a Lei ou os Profetas. Eu não vim para anular, mas para cumprir. Com toda a certeza vos afirmo que, até que os céus e a terra passem, nem um iou [do grego *iota* – a nona letra do alfabeto grego] ou mínimo traço se omitirá da Lei até que tudo se cumpra." (Mateus 5:17-18). Alguns apologistas afirmam que tudo foi "cumprido" pela suposta morte ou ressurreição de Jesus, permitindo que as leis fossem posteriormente reestruturadas. Mas esse raciocínio não funciona, pois cada cristão acredita que Jesus retornará para derrotar o Anticristo, próximo do Dia do Juízo. Então, se a missão de Jesus no planeta Terra é o ponto final, não foi tudo ainda cumprido. O mais provável é que "tudo cumprido" é exatamente o que qualquer pessoa sensata assumiria como significando a conclusão da existência mundana no Dia do Juízo. E, referenciando a citação acima, os céus e a terra ainda não passaram. Além disso, não há nenhum sinal de um regresso de Jesus no horizonte. No entanto, há dois mil anos, Paulo disse que não só um iou ou mínimo traço, mas que toda a lei tinha mudado.

A alteração de Paulo dos ensinamentos de Moisés *e* Jesus diz, "E, por intermédio de Jesus, todo aquele que crê é justificado de todas as faltas de que antes não pudestes ser justificados pela Lei de Moisés." (Atos 13:39). Uma declaração mais permissiva que esta seria difícil de conceber. Podemos facilmente imaginar a voz coletiva do público a gritar, "Por favor,

que tenhamos mais disso!" E aqui está: "Mas, agora, fomos libertos da Lei, havendo morrido [isto é, sofrido] para aquilo que nos aprisionava, para servimos de acordo com a nova ministração do Espírito, e não conforme a velha forma da Lei escrita." (Romanos 7:6). Ou, se é que posso livremente parafrasear: "Mas agora eu digo para vocês esquecerem esta lei antiga, os inconvenientes com os quais temos vivido por tanto tempo, e vivamos pela religião dos nossos desejos, e não pelos mandatos velhos e desconfortáveis da revelação". De acordo com Paulo, a lei de Deus era aparentemente boa o suficiente para Moisés e Jesus, mas não para o resto da humanidade.

Não deve ser de admirar que, uma pessoa que se considerava qualificada para negar a lei dos profetas, também se considerava capaz de satisfazer toda a gente, como ele mencionou tão claramente:

> Pois, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos para ganhar o maior número possível:
>
> Fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse eu debaixo da lei (embora debaixo da lei não esteja), para ganhar os que estão debaixo da lei; para os que estão sem lei, como se estivesse sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei.
>
> Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos.
>
> Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. (JFAA; 1 Coríntios 9:19-22)

E o qual é o problema de tentar satisfazer toda a gente? O problema é que aqueles que tentam satisfazer toda a gente deixam de ser a coisa mais importante para a pessoa mais

importante – eles deixam de ser verdadeiros com eles mesmos. Este cenário é uma artimanha infalível na política, onde os políticos mais bem-sucedidos são aqueles que se vendem para o maior número de grupos de interesse, alguns deles conflituantes. O problema é que os políticos normalmente vendem não só a verdade, mas as suas almas durante o processo.

Assim, num lado temos os verdadeiros profetas, Jesus Cristo incluído, a ensinar a salvação através da aderência às leis de Deus como transmitida por meio da revelação – ou seja, a salvação pela fé e pelas obras. No outro lado temos o desafiador, Paulo, a prometer uma salvação sem esforço seguida de uma vida ilimitada por mandamentos – noutras palavras, a salvação só através da fé. Não admira que Paulo ganhou seguidores!

Tiago ensinou que só tendo fé *não* seria suficiente para a salvação. Na passagem, por vezes, intitulada "A Fé Sem as Obras é Estéril" (Tiago 2:20), o autor condena sarcasticamente aqueles que dependem unicamente da fé para a salvação: "Crês tu que Deus é um só? Fazes bem; os demónios também o crêem, e estremecem." (Tiago 2:19). Uma paráfrase moderna pode ser lida mais como, "Acreditas em Deus? E depois? Satanás também. Como és tu diferente dele?" Tiago esclarece que "é pelas obras que o homem é justificado, e não somente pela fé." (Tiago 2:24). Porquê? Porque "assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta." (Tiago 2:26)

Jesus Cristo não comprometeu os *seus* valores para apelar ao povo. Ele ensinou a simplicidade e o bom senso, tais como: "...assim como o Pai me ordenou, assim mesmo faço…" (João 14:31) e, "Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor." (João 15:10). Repetindo: "Seguardardes os *meus* mandamentos…"(itálico meu). No entanto, Jesus não ordenou em nenhum sítio a crença na filiação divina, na Trindade, na crucificação, na

ressurreição, na expiação, e noutros princípios do dogma trinitário. Na verdade, ele ensinou exatamente o oposto.

Além disso, em contraste com Paulo, Jesus não tentousatisfazer toda a gente. Ele foi simplesmente, para todas as pessoas, um profeta carregando a verdade de Deus. Ele não tinha medo de expressar a dura verdade, de dizer o que pensava, ou de transmitir a revelação, sem tentar torná-la mais atraente. Na curta passagem de Mateus 23:13-33, Jesus rotulou os fariseus de "hipócritas" nada menos do que oito vezes, "cegos"por cinco vezes, "tolos/embotados" por duas vezes, culminando em "cobras venenosas" e "ninho de víboras". Palavras fortes? Talvez não em nações ocidentais, mas tente proferir estes insultos na Palestina, que era a terra natal de Jesus, e veja o que acontece, mesmo nos dias de hoje.

Agora *esse* é o exemplo franco de um verdadeiro profeta. E, no entanto, há aqueles que veem Paulo como a principal voz da revelação, apesar do aviso claro: "O pupilo não está acima do seu mentor, nem o escravo acima do seu amo." (Mateus 10:24)

Então, por que atribui o Cristianismo Trinitário prioridade aos ensinamentos de Paulo, que não era um discípulo ou um servo, e também nunca *conheceu* Jesus – acima dos "do mentor", apesar de a Bíblia nos ter advertido contra tais prioridades invertidas? E o que propôs Paulo em relação à doutrina da expiação? Não apenas uma alteração dos ensinamentos de Jesus. Não, é uma religião totalmente nova, e toda uma nova lei – ou falta dela! É tão fácil e sedutor, que uma pessoa *quer* acreditar. E, dada a história sangrenta da intolerância católica romana, por mil e quinhentos anos uma pessoa *tinha* de acreditar, *gostando ou não*! Consequentemente, a Igreja parece ter conseguido misturar um endurecedor, aparentemente inocente, de falsidades satisfatórias nas mentes resinosas dos povos recetivos, cimentando convicções sobre um credo sem provas – um credo longe do ensinamento de Jesus: "Em verdade, em verdade vos asseguro

que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço…" (João 14:12). Uma pessoa poderá pensar, será que Jesus realmente quis dizer coisas como viver de acordo com a lei revelada, guardar os mandamentos, orar *diretamente* a Deus – coisas assim?

O que podemos imaginar que Jesus dirá, no seu regresso, quando ele encontrar um grupo dos seus "seguidores" a preferir a teologia paulina acima da sua? Talvez ele cite Jeremias 23:32 – "'Sim! Estou contra os que proclamam falsos sonhos!', afirma o SENHOR. 'Eles os comunicam e com as suas mentiras irresponsáveis desviam o meu povo. Eu jamais os enviei, tampouco os autorizei a pregar; eles não produzem qualquer benefício a ninguém do meu povo!', assevera *Yahweh*."

Seja quando for que Jesus regresse, podemos seguramente assumir que ele dirá ainda mais coisas que surpreenderão muita gente.

16 – O Regresso de Jesus

Se Jesus regressasse hoje, as pessoas nem o crucificariam. Elas convidá-lo-iam para jantar, e ouviriam o que ele teria para dizer, e depois fariam pouco dele.

- D. A. Wilson, *Carlyle at his Zenith*
[Carlyle no seu Zênite]

Há uma coisa sobre a qual cristãos e muçulmanos concordam, e esta é o regresso de Jesus Cristo. Curiosamente, ambas as religiões esperam Jesus regressar numa vitória de fé para derrotar o Anticristo, corrigir os desvios na religião, e estabelecer a verdade de Deus em todo o mundo. Os cristãos esperam que essa verdade ecoe as suas doutrinas evoluídas, enquanto que os muçulmanos esperam que Jesus se mantenha coerente com os seus ensinamentos anteriores e refute as falsas doutrinas derivadas por aqueles que afirmavam falar em seu nome. Para este fim, os muçulmanos esperam que Jesus valide Muhammad como o último mensageiro que Jesus previu no Novo Testamento, e endosse a submissão a Deus (ou seja, o Islam) como a religião para toda a humanidade.

Na mente do muçulmano, o regresso de Jesus será duro para aqueles que abraçam as doutrinas dos homens em preferência aos ensinamentos dos profetas. Em particular, aqueles que blasfemam através da associação de um filho e parceiro com Deus, apesar de Jesus ter ensinado

o contrário, merecerão punição.

O Alcorão Sagrado registra que Allah questionará Jesus a este respeito, como se segue:

> E lembra-lhes de quando Allah dirá: "Ó Jesus, filho de Maria! Disseste tu aos homens: 'Tomai-me e a minha mãe por dois deuses, além de Allah?'"
>
> Ele dirá: "Glorificado sejas! Não me é admissível dizer o que me não é de direito. Se o houvesse dito, com efeito, Tu o haverias sabido. Tu sabes o que há em mim, e não sei o que há em Ti. Por certo, Tu, Tu és O Profundo Sabedor das cousas invisíveis. Não lhes disse senão o que me ordenaste: 'Adorai a Allah, meu Senhor e vosso Senhor'. E fui testemunha deles, enquanto permaneci entre eles. Então, quando findaste os meus dias na terra, Tu foste, sobre eles, O Observante. E Tu, de todas as cousas, és Testemunha." (OSA 5:116-117)

Até que Jesus regresse com indício de prova – nomeadamente, a sua irrefutável realidade humana – uma pergunta ataca o sistema de defesa doutrinário. É a mesma pergunta, talvez, que Jesus perguntará àqueles que afirmam ter seguido em seu nome: Onde, na Bíblia, é que Jesus disse, em termos *claros* e *inequívocos*, "Eu sou Deus, adorem-me". Em lugar nenhum. Então, por que é ele considerado divino? Será que ele se esqueceu de passar um ensinamento tão essencial, se fosse verdade? Improvável. Se Jesus nunca afirmou ser Deus e a doutrina da sua divindade foi inventada por homens, então podemos esperar que Deus se oponha. Talvez Ele repetiria Isaías 29:13 (como Jesus fez em Mateus 15:8-9 e Marcos 7:6-7) – "…este povo se chega junto a mim apenas com palavras sem atitude, e me honra somente com mover dos lábios, enquanto o seu coração está muito distante da minha pessoa. E a adoração que me prestam é constituída tão

somente de regras e doutrinas criadas por homens." Uma pessoa perguntaria que doutrinas seriam as "criadas por homens" se não a Trindade, a filiação divina, a divindade de Jesus, o pecado original, a ressurreição e a expiação. E o que diz Deus daqueles que adotam tais doutrinas? "Em vão me adoram."[225(NE)]

Em Lucas 6:46, Jesus fez uma pergunta que desafia semelhantemente os seus "seguidores": "E por que me chamais: 'Senhor, Senhor', e não fazeis o que eu vos digo?" Nos versículos seguintes, Jesus descreve a segurança daqueles que seguem os seus ensinamentos e a ruína dos que "ouvem e praticam". E, na verdade, deveríamos surpreender-nos? Recordemos Mateus 7:21-23, no qual Jesus prometeu renegar os seus seguidores heregesna próxima vida:

> Nem todo aquele que diz a mim: 'Senhor, Senhor!' entrará no Reino dos céus, mas somente o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos dirão a mim naquele dia: 'Senhor, Senhor! Não temos nós profetizado em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios? E, em teu nome, não realizamos muitos milagres?' Então lhes declararei: Nunca os conheci. Afastai-vos da minha presença, vós que praticais o mal.

É claro, existem aqueles que afirmam que fé é fé; esta não é para ser empurrada, manipulada ou fundamentada. Mark Twain abordou tais atitudes com as palavras: "Foi o jovem estudante que disse: 'Fé é acreditar no que sabes que não é verdade.'"[226] A questão é que há uma enorme diferença entre acreditar *em* Deus sem provas, e acreditar nas doutrinas *sobre* Deus que, não só têm falta de provas, mas para as quais existem provas contraditórias nos ensinamentos dos profetas. Talvez seja o último grupo que é referido em Mateus 13:13: "Por isso lhes falo por meio de parábolas; porque, vendo, não enxergam; e escutando, não ouvem, muito menos

compreendem". No entanto, eles permanecem firmes na sua crença, presunçosamente hibernando até à época do acerto de contas.

Lembre-se que a escritura dirige a nossa fé através da lógica em vez da emoção. A Bíblia diz: "... examinai [algumas versões dizem "provai"] todas as evidências, retende o que é bom." (1 Tessalonicenses 5:21). Isaías 1:18 diz-nos: "Então, sim, vinde e arrazoemos, diz *Yahweh*" Então, a crença em Deus pode ser baseada na fé, mas depois disso, a verdade deve ser buscada nos ensinamentos dos Seus profetas. E, aceitando e seguindo esses ensinamentos, a pessoa será classificada entre os justos. Ao submeter-se a ensinamentos alternativos, a pessoa perde a salvação, pois a Bíblia avisa: "Se quiserdes e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra. Contudo, se recusardes e fordes maldosos e rebeldes, sereis todos devorados à espada; porque a boca do SENHOR o disse!" (Isaías 1:19-20).

O buscador sincero, então, subirá a escada de evidências empilhadas, segurando com firmeza o corrimão da razão. Reconhecendo que, embora, nas palavras de Shakespeare, "O diabo pode citar as escrituras para os seus propósitos"[227], a verdade torna-se evidente através do exame da escritura completa. A conclusão sobre quais diabos citaram precisamente quais escrituras, e para que finalidade, variará de um indivíduo para outro. Milhares de anos de desacordo teológico nunca serão resolvidos para a satisfação de todas as pessoas, não importa o quão abrangente seja a análise. Trinitários e unitários continuarão a competir por reconhecimento como representando um "verdadeiro" Cristianismo, e os muçulmanos continuarão a afirmar que ambas as versões foram corrompidas por doutrinas não-bíblicas. Enquanto isso, os judeus permanecerão satisfeitos com sua convicção de que são "o povo escolhido".

Se esta análise não mostrou mais nada, ela expôs o fato de que tanto Moisés como Jesus ensinaram o monoteísmo puro e previram um profeta final. Poderia este último profeta ser

Muhammad, e a revelação final o Alcorão Sagrado? Até para abordar uma resposta a esta pergunta, é preciso primeiro avaliar os livros de escritura, e mover de lá para uma examinação dos próprios profetas.

Parte IV: LIVROS DE ESCRITURA

Só existe uma religião, embora haja cem versões desta.

- George Bernard Shaw, *Plays Pleasant and Unpleasant [Peças Agradáveis e Desagradáveis]*, Vol. 2, Prefácio

O tema comum que há em todas as religiões é que se nós crermos em Deus e nos submetermos ao Seu decreto – obedecendo o que nos foi ordenado e evitando o que nos foi proibido, e arrependendo-nos perante Ele pelas nossas transgressões – alcançaremos a salvação. A diferença está na definição do decreto de Deus. Os judeus consideram o Antigo Testamento como o ponto final da revelação no presente, enquanto que cristãos e muçulmanos afirmam que se os judeus seguissem a sua escritura, eles aceitariam Jesus como um profeta e abraçariam os seus ensinamentos.

Os muçulmanos levam o pensamento um pouco mais longe, afirmando que qualquer um (judeus, cristãos ou outros) que *realmente* abrace os ensinamentos de Jesus terá de reconhecer que ele ensinou o monoteísmo estrito, a Lei do Antigo Testamento, e a vinda do último profeta. Mas, na verdade, a maioria dos que dizem seguir Jesus não segue o que *Jesus* ensinou, mas sim o que os outros ensinaram *sobre* Jesus. Desta forma, Paulo (e os teólogos paulinos que seguiram na sua esteira) usurpou Jesus na derivação do cânone cristão. E, no entanto, encontramos o Antigo

Testamento a advertir-nos:

> Portanto, aplica-te a pôr em prática tudo o que eu te ordeno. Nada acrescentarás e nada tirarás da Lei.Quando surgir em teu meio um profeta ou um intérprete de sonhos, e te apresentar um sinal ou um prodígio, se essa obra maravilhosa que ele anunciou se realiza e ele te exorta: 'Vinde e sigamos outros deuses (que não é o Deus que tu conheceste) e passemos a servi-los!' Não deis ouvidos às palavras desse pregador ou sonhador. Porquanto é *Yahweh*, vosso Deus, que vos está pondo à prova para aflorar diante de todos o quanto, de fato, amais ao SENHOR de todo o coração e com toda a alma. Seguireis, pois, somente a *Yahweh,* vosso Deus, e a Ele amareis com reverência, cumprindo fielmente seus mandamentos e obedecendo à sua Palavra. A Ele tão somente servireis e vos apegareis! (Deut. 12:32-13:4).

Apesar deste aviso, Paulo proclamou uma construção de Deus que "não é o Deus que tu conheceste". O pântano teológico derivado dos misticismos de Paulo é inevitavelmente espesso e confuso. Muitos, se não a maioria, dos adoradores não estão cientes das origens questionáveis da doutrina da sua religião, e simplesmente confiam num líder carismático (pastor, padre, papa, etc.) e comprometem o seu caminho ao dele (ou dela). Assim que essa escolha é feita, os seguidores tornam-se crentes confirmados numa construção religiosa de homens, que, como vimos, entra em conflito de forma significativa com os ensinamentos do próprio Jesus. Cristãos monoteístas, por outro lado, reconhecem que líderes carismáticos, embora convincentes, são frequentemente desviados, e então lutam para aderir à escritura no seu lugar.

Isto nem sempre é fácil, como qualquer um que tente destilar os ensinamentos de Deus do

Antigo e do Novo Testamento sabe. As orientações gerais (acreditar em Deus, nos Seus profetas e na revelação) e as leis (por exemplo, os Dez Mandamentos) são claras. Os pontos mais delicados não, e para estes a enorme variedade de seitas e igrejas judaicas e cristãs, e a profundidade e amplitude das suas diferenças, atestam.

Como, então, é que isto deixa o buscador sério? A desistir da religião, como muitos têm feito? Ou a procurar um livro final e esclarecedor de revelação, como transmitida pelo profeta final previsto por ambos Antigo e Novo Testamentos?

O que se segue é uma análise do Antigo e do Novo Testamentos, não para os validar como escritura, mas sim para expor os muitos erros e inconsistências que traem a sua corrupção. O propósito deste livro não é abalar a fé daqueles que reverenciam esses textos como escritura, mas sim redirecionar essa fé para onde estes textos a dirigem. Face à crítica textual moderna, enganamos a nós mesmos (e convidamos o ridículo e a condenação) se acreditarmos no Antigo ou no Novo Testamentos como a Palavra de Deus não adulterada. No entanto, se reconhecermos os erros das Bíblias judaicas e cristãs e entendermos a significância destes erros, este entendimento poderá dirigir a nossa busca por orientação.

Depois de lerem os capítulos seguintes, aqueles que desejem continuar essa busca poderão fazê-lo na sequela a este livro, que se estende à análise primeiro do Alcorão Sagrado e, em seguida, dos profetas. Da mesma forma que as escrituras exigem análise, assim também temos de validar os profetas se formos confiar na revelação que eles afirmaram ter transmitido.

1 – O Antigo Testamento

> *[A Bíblia] contém em si poesia nobre; e algumas fábulas espertas; e alguma história encharcada em sangue; e uma riqueza de obscenidade; e mais de mil mentiras.*
>
> - Mark Twain, *Letters from the Earth [Cartas da Terra]*, Vol. II

Vamos começar por colocar "dois de cada espécie (de animal) na arca", e depois... Ah, espere. Seria "*dois* de *cada* espécie", de acordo com Génesis 6:19, ou sete de animais puros e dois de animais impuros, conforme Génesis 7:2-3?

Hmm. Bem, nós temos até 120 anos para pensar sobre isso, porque esse é o limite da vida humana, conforme a promessa de Deus em Génesis 6:3. Então, assim como Sem…

Oops. Mau exemplo. Génesis 11:11 afirma, "Sem viveu quinhentos anos…"

Oookay, esqueça Sem. Então, assim como Noé… Duplo oops. Génesis 9:29 ensina: "Toda a duração da vida de Noé foi de novecentos e cinquenta anos, depois morreu." Então vamos ver, Génesis 6:3 prometeu uma vida limitada a 120 anos, mas alguns versículos depois tanto Sem como Noé quebraram a regra?

Ih!Intervalo.

Vejamos as datas do Antigo Testamento de um ângulo diferente. Aqui está Génesis

16:16: “Abraão tinha oitenta e seis anos quando Hagar o fez pai de Ismael.” Génesis 21:5 diz-nos: “Abraão tinha cem anos quando lhe nasceu o seu filho Isaque.” Então, vamos ver, cem menos oitenta e seis, subtraindo os seis dos primeiros dez, nove menos oito... Recebo catorze. Então Ismael tinha catorze anos quando Isaque nasceu.

Um pouco mais tarde, em Génesis 21:8, lemos: “O menino [Isaque] cresceu e foi desmamado.” Ora, o desmame no Médio Oriente leva dois anos, segundo o costume étnico. Então alinhavando dois para catorze anos, e Ismael tinha dezasseis anos antes de Sarah ter ordenado Abraão a expulsá-lo (Génesis 21:10).

Tudo bem.

Por agora.

Mais um par de versículos, e Génesis 21:14-19 retrata o expulso Ismael como um bebé indefeso em vez de um jovem de dezasseis anos de idade com capacidade robusta, como se segue:

> Então, Abraão levantou cedo, tomou alguns pães e um recipiente de couro cheio de água fresca e os entregou a Hagar e, *tendo-os colocado nos ombros dela, despediu-a com o menino*. Ela se pôs a caminho e ficou vagando pelo deserto de Berseba. Quando acabou a água do odre que carregava, *ela colocou a criança debaixo de um arbusto* e *foi sentar-se perto dali*, à distância de um tiro de arco e flecha. Lastimava consigo mesma: “Não suporto *ver morrer meu menino*!” Enquanto ela se lamentava, *a criança começou a chorar ainda mais forte*.
>
> Deus ouviu os gritos *do menino*; e, lá do céu, a voz do anjo de Deus chamou Hagar e a encorajou: “Hagar! Por que te afliges? Não temas, pois Deus ouviu *o clamor do menino*, lá onde tu o deixaste. Ergue-te, pois! *Levanta o menino, segura-o pela mão*,

> porque Eu farei dele um grande povo!" Então Deus abriu os olhos de Hagar e ela pôde enxergar uma fonte de boas águas. Correu até lá, encheu seu odre e *deu para Ismael beber*.

Um jovem de dezasseis anos de idade, descrito como um "menino"? Num tempo e lugar quando jovens de dezasseis anos eram normalmente casados e à espera do seu segundo ou terceiro filho, apoiando uma família em crescimento? Além de serem caçadores, soldados e, embora raramente, até mesmo reis? Dezasseis anos eram igualados a masculinidade nos dias de Ismael. Então, como exatamente deu o seu pai um "menino" de dezasseis anos de idade, Ismael, a Hagar? E como o deixou ela a chorar (ou seja, "o clamor do menino") como um bebé indefeso sob um arbusto? E como, precisamente, a sua mãe o levantou e segurou pela mão? Por último, esperar-se-ia realmente que acreditássemos que Ismael era tão frágil, que a sua mãe teve de lhe dar de beber, porque ele era incapaz de obter isso sozinho?

Hmm, sim, isso é o que se entende aqui. Isso é o que nós devemos supostamente acreditar.

Mas espere, ainda há mais.

2 Crónicas 22:2 ensina que "[Acazias] tinha quarenta e dois anos quando começou a reinar..."

Hmm. Quarenta e dois anos de idade. Não parece digno de menção. Exceto, é claro, se notamos que 2 Reis 8:26 registra"Acazias tinha vinte e dois anos quando começou a reinar..." Então, qual foi? Quarenta e dois ou vinte e dois?

Vamos receber uma dica da Bíblia. 2 Crónicas 21:20 ensina que o pai de Acazias, o rei Jeorão, morreu com a idade de quarenta anos.

Ahã.

O rei Jeorão morreu com a idade de quarenta anos e foi sucedido pelo seu filho, que tinha quarenta e dois? Noutras palavras, o rei Jeorão tinha um filho dois anos mais velho do que ele? A aritmética, de acordo com o Rato Mickey, é "Ser capaz de contar até vinte sem tirar os sapatos". Mas entre os dedos dos pés do leitor e todos os apêndices do gato da família, não há nenhuma maneira de dar um sentido a estes números. E, embora a conclusão lógica se aproxime da velocidade de compactação, 2 Crónicas 22:1 menciona que Acazias era o filho *mais novo* do rei Jeorão, pois cavaleiros tinham morto todos os filhos mais velhos de Jeorão.

Então, se Acazias era dois anos mais velho do que o querido pai defunto, quantos anos teriam mais os seus irmãos mais velhos acima do seu pai?

Obviamente, 2 Crónicas 22:2 não pode ser confiável e 2 Reis 8:26, que ensina que Acazias tinha vinte e dois anos quando começou a reinar, deve ser a versão correta.

Então, o rei Jeorão morreu com quarenta (2 Crónicas 21:20) e foi sucedido por Acazias, que tinha vinte e dois (2 Reis 8:26). O que significa que o rei Jorão tinha dezoito anos quando Acazias nasceu e aproximadamente dezassete anos quando ele foi concebido. Não só isso, mas Jeorão tinha filhos mais velhos (2 Crónicas 22:1), então ele deve ter começado a sua família na idade de quinze anos ou menos. Lá se vai a teoria de Ismael ter sido um menino indefeso com a idade de dezasseis anos. Era um tempo em que adolescentes eram homens.

Mas e quanto a 2 Crónicas 22:2, que afirma que Acazias tinha quarenta e dois anos quando ele assumiu o trono?

Um erro de cópia, sem dúvida.

Mas essa não é a questão.

Isaías 40:8 afirma que "a Palavra de nosso Deus permanece eternamente!" Esta afirmação não desculpa erros de cópia, ou qualquer outro erro, independentemente de quão pequeno seja.

Na verdade, de acordo com Isaías 40:8, qualquer "palavra" que não tenha "permanecido eternamente" é desqualificada como tendo sido de Deus.

E isto deve fazer-nos questionar a autoria.

Se "a Palavra de nosso Deus permanece eternamente", e a "palavra" da idade de Acazias não resiste ao teste do tempo, de quem é esta palavra? De Deus ou de Satanás?

Não olhe agora, mas até mesmo o Antigo Testamento parece incerto sobre este ponto.

2 Samuel 24:1 diz: "Então, mais uma vez irou-se *Yahweh* contra Israel e moveu Davi a punir o povo ordenando: 'Vai agora e faz a contagem completa do povo de Israel e de Judá!'" No entanto, 1 Crónicas 21:1 menciona: "Então *Satan*, o Inimigo, levantou-se contra Israel e induziu Davi a fazer um recenseamento de todo o povo debaixo do governo do rei."

Então, qual foi? O Senhor, ou Satanás? Há uma ligeira (tipo, total) diferença.

Tipo, roubo de identidade...?

Mas, falando a sério, o erro é compreensível. Afinal, é muito difícil saber com quem se está a falar quando não se pode dar um rosto à revelação. E, como Deus disse em Êxodo 33:20, "Não poderás ver a Minha face, porque o ser humano não pode ver-Me e permanecer vivo!"

Então, temos isso.

Nenhum homem pode ver a face de Deus e viver.

Bem, com exceção de Jacob, é claro. Como Génesis 32:30 declara: "Então denominou Jacó àquele lugar Peniel, 'face de Deus', porquanto afirmou: 'Vi a Deus face a face e, contudo, minha vida foi poupada'".

E não devemos esquecer-nos de Moisés, conforme Êxodo 33:11: "Então *Yahweh*, o SENHOR, falava com Moisés face a face, como quem conversa com seu amigo."

Portanto nenhum homem pode ver a face de Deus, e viver.

Com exceção de Jacó e Moisés.

Mas Deus não mencionou essa exceção, não é?

Então, talvez Ele tenha mudado de ideia.

Mas, talvez não.

Por um lado, Génesis 6:6-7 sugere que Deus comete erros pelos quais Ele se arrepende, como se segue: "Então o SENHOR *entristeceu-Se muito* por haver criado os seres humanos sobre a terra, e esse sentimento feriu profundamente o Seu coração. Declarou então o SENHOR: 'Farei desaparecer da superfície do solo os seres humanos que criei, todos os homens; os grandes animais até os pequenos seres; e as aves do céu. *Arrependo-Me* de havê-los feito!" (itálico meu).

Por outro lado, Números 23:19 registra: "Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa."

A questão, se ainda não é óbvia, é que o Antigo Testamento está repleto de erros. Talvez os erros mais simples sejam numéricos, e estes são abundantes. Por exemplo, 2 Samuel 8:4 fala de Davi como tendo setecentos cavaleiros e 1 Crónicas 18:4, descreve o mesmo evento, fazendo o número como sete mil.

Nada de grave.

Setecentos num verso, *sete mil* noutro – obviamente algum escriba remendou um zero.

Errado.

O Antigo Testamento não tem zeros. Na verdade, ele nem tem numerais. No tempo do Antigo e Novo Testamentos, os algarismos árabes com os quais estamos familiarizados não eram de uso comum. Os algarismos romanos desajeitados eram a linguagem da matemática, e as primeiras evidências do zero data de 933 EC.

Em hebraico antigo, os números eram escritos *por inteiro*. Setecentos era *sheba' me'ah* e

sete mil era *sheba' eleph*. Portanto, esta diferença bíblica pode de fato representar um erro de escriba, mas não é um simples erro de um só zero. Pelo contrário, é a diferença entre *me'ah* e *eleph*.

Da mesma forma, 2 Samuel 10:18 fala de *setecentos* cocheiros e quarenta mil *cavaleiros* e 1 Crónicas 19:18 fala de *sete mil* cocheiros e quarenta mil *soldados de infantaria*. 2 Samuel 23:8 registra *oitocentos* homens, 1 Crónicas 11:11 numera-os a *trezentos*. E no caso de o leitor suspeitar que eles estão a falar sobre eventos diferentes, Josebe-Bassebete e Jasobeão são referências cruzadas, esclarecendo que as duas passagens descrevem a mesma pessoa. 2 Samuel 24:9 descreve *oitocentos mil* homens "que arrancavam da espada" em Israel e *quinhentos mil* em Judá; 1 Crónicas 21:5 coloca os números de *um milhão e cem mil* em Israel e *quatrocentos e setenta mil* em Judá. 2 Samuel 24:13 descreve *sete* anos de fome, 1 Crónicas 21:11-12 afirma que foram *três*. 1 Reis 4:26 numera as bancas do cavalo de Salomão a *quarenta* mil, 2 Crónicas 9:25 numera-as a *quatro* mil. 1 Reis 15:33 ensina que Baasa reinou como rei de Israel até ao *vigésimo sétimo* ano de Asa, rei de Judá; 2 Crónicas 16:1 afirma que Baasa ainda era rei de Israel no *trigésimo sexto* ano do reinado de Asa. 1 Reis 5:15-16 fala de 3.300 deputados para Salomão, 2 Crónicas 2:2 registra 3.600. Em 1 Reis 7:26, lemos sobre *dois* mil banhos, mas em 2 Crónicas 4:5 o número é de *três* mil. 2 Reis 24:8 menciona, "Tinha Joaquim *dezoito* anos quando começou a reinar e reinou *três meses* em Jerusalém." 2 Crónicas 36:9 relata, "Tinha Joaquim *oito* anos quando começou a reinar, e reinou *três meses e dez dias* em Jerusalém". Esdras 2:65 registra *duas centenas* de homens e mulheres cantores, Neemias 7:67 afirma que eram *duzentos e quarenta e cinco*.

Ora, são estas diferenças importantes?

Resposta: Sim e não. Para a maior parte, seria insignificante para nós quantos banhos,

cantores e soldados de infantaria havia, ou se um escriba cometeu um deslize da caneta enquanto outro arredondou números para a centena mais próxima. Da perspetiva de transmitir informações úteis, estas discrepâncias são insignificantes. No entanto, da perspetiva de validar o Antigo Testamento como a Palavra infalível de Deus, estas discrepâncias são altamente significativas.

Além disso, existem numerosas diferenças que não são numéricas por natureza.

Por exemplo, Génesis 26:34 diz-nos que as esposas de Esaú eram Judite e Basemate; Gênesis 36:2-3 registra as suas esposas como Ada, Aolíbama e Basemate. 2 Samuel 6:23 afirma que Mical não teve filhos, até ao dia da sua morte; 2 Samuel 21:8 atribuiu cinco filhos a Mical. 2 Samuel 8:9-10 fala de Toí como rei de Hamate, e Jorão como um emissário do rei Davi; 1 Crónicas 18:9-10 registra o nome do rei, como *Tou*, e o do emissário como Hadorão.

Novamente, não é nada de grave.

Mas aqui está algo que é:

2 Samuel 17:25 diz-nos que Itra (ou Itrá, ambos os nomes são referências cruzadas, de modo que sabemos que essas duas passagens falam de um mesmo indivíduo) era um *israelita*, enquanto que 1 Crónicas 2:17 identifica-o como um *ismaelita*. Ora, se os autores do Antigo Testamento não conseguiram fazer *isto* direito, nós podemos perguntar-nos como muito mais inclinados eles poderiam ter estado, sendo judeus, à troca calculada de linhagem no caso de Abraão sacrificar o seu "filho unigénito", Isaque. No capítulo "Jesus Gerado?", anteriormente neste livro, eu discuti sobre o fato de que em nenhum momento foi Isaque o único filho de Abraão. E nós encontramos aqui que os autores do Antigo Testamento substituíram "israelita" por "ismaelita" quando não havia nenhuma motivação óbvia. Quanto mais provável seria eles terem mudado as linhagens quando o seu direito de primogenitura e aliança com Deus estavam em jogo?

Aliás, uma vez que esta contradição se tornou conhecida, os tradutores da Bíblia tentaram fazê-la desaparecer. Por exemplo, a Nova Versão Revisada traduz o hebraico *yisre'eliy* em 2 Samuel 17:25 para "ismaelita", e, em seguida, reconhece numa nota de rodapé discreta que a tradução correta é "israelita". *Yishma'e'li* é "ismaelita". A prova contra a integridade dos tradutores é reforçada pelo fato de que praticamente toda a Bíblia publicada antes de meados do século XX (incluindo a Versão Padrão Americana de 1901, sobre a qual a VPR e a NVPR são baseadas) traduz *yisre'eliy* para "israelita". Só depois de a inconsistência bíblica ter sido identificada é que a tradução foi corrompida para "ismaelita".

Por este engano moderno, a Nova Versão Padrão Revisada evita o conflito na sua tradução, mas não nos documentos de origem. E nós faríamos bem em observar esta fraude, pois seria surpresa se futuras traduções da Bíblia tentarem encobrir os outros erros expostos neste trabalho presente?

Ora, aqui está a questão. 2 Reis 19 e Isaías 37 contêm uma sequência de trinta e sete versículos que correspondem praticamente ao pé da letra. Esta correspondência é tão exata que críticos bíblicos sugeriram que os autores plagiaram, quer a partir de um ou de outro documento da mesma fonte. E enquanto o plágio explicaria a consistência, uma sugestão mais generosa poderia ser que estes dois capítulos exemplificam a precisão requintada que esperamos de um livro de Deus. Se uma história é recontada uma, duas ou mil vezes, desde que a origem da tradição resida na revelação do Todo-Poderoso, esta não deveria mudar. Nem nos mínimos detalhes. O fato de que as histórias *mudam*, tanto no Antigo e como no Novo Testamentos, ameaça a pretensão à infalibilidade bíblica.

E depois há as perguntas simples. Perguntas como: "Será que alguém realmente acredita que Jacó lutou com Deus, e Jacó prevaleceu (Génesis 32:24-30)?" O Criador de um universo de

240.000.000.000.000.000.000.000 milhas de diâmetro, com todas as suas complexidades, com o miserável, de médio peso, planeta Terra sozinho pesando 5.976.000.000.000.000.000.000.000 kg – e alguém acredita que uma bolha insignificante de protoplasma não só lutou com Aquele que o criou, mas também *prevaleceu*?

Outra pergunta simples: Génesis 2:17 registra Deus a advertir Adão, "contudo, não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comeres, com toda a certeza morrerás!" Génesis 3:3 contribui, "Mas do fruto da árvore que está no centro do jardim, Deus disse: 'Dele não comereis, nele não tocareis, para que não morrais!'" Então, qual é? Adão mordeu a maçã ou não? Da forma como a história é contada, ele mordeu a maçã e viveu. No entanto, Deus prometeu a morte no *mesmíssimo dia*. Então ele mordeu-a ou não? Se ele o fez, ele deveria ter morrido, e se ele não o fez, a humanidade deveria estar ainda no paraíso. Será a palavra "morrer" um erro de tradução, uma metáfora ou uma inconsistência? Se for um erro, então deixe os tradutores admiti-lo. Se for uma metáfora, então podemos reconhecer a natureza metafórica do idioma hebraico e sugerir que Jesus, da mesma forma, não "morreu" mais do que Adão morreu. E se for uma inconsistência, bem…

Próximo ponto – quem escreveu o Antigo Testamento? A tradição conta que Moisés escreveu o Pentateuco (os cinco primeiros livros), mas podemos supor que ele encontrou uma ligeira dificuldade técnica (como o fato de que ele estava *morto*) quando ele chegou ao registro do seu próprio obituário em Deuteronómio 34:5-12. Então, quem escreveu sobre a sua morte, enterro, velório e as consequências? É este autor confiável, e o que poderá isto dizer sobre a autoria do Antigo Testamento como um todo?

Depois, há os contos de embriaguez nua, incesto e prostituição que nenhuma pessoa de modéstia poderia ler para a sua mãe, muito menos para os seus próprios filhos. E, no entanto, um

quinto da população do mundo confia num livro que registra que Noé “Bebeu do vinho que havia feito, embriagou-se e ficou [nu] dentro da sua tenda.” (Génesis 9:21), e que Ló…

> …partiu de Zoar com suas duas filhas e passou a viver nas montanhas, porque tinha grande receio de permanecer morando na pequena Zoar. Por esse motivo instalou-se numa caverna nas montanhas, ele e suas filhas. Certo dia, a filha mais velha propôs à filha mais nova: “Nosso pai já é idoso e não há nenhum outro homem nesta região que venha unir-se a nós, de acordo com o costume de todo mundo. Vem, façamos nosso pai beber muito vinho e deitemo-nos com ele; assim suscitaremos uma descendência de nosso pai!” Portanto, elas fizeram seu pai embebedar-se com vinho, naquela mesma noite, e a mais velha veio deitar-se junto a seu pai, que não percebeu nem quando ela se deitou, nem quando se levantou. No dia seguinte, a primogênita orientou a irmã: “Na noite passada eu dormi com meu pai; façamo-lo embriagar-se também nesta noite e tu te deitarás com ele; a fim de que possamos preservar a linhagem de nosso pai!” Então, outra vez deram muito vinho ao pai naquela noite, e a filha mais nova foi e se deitou com ele. Ló não tomou conhecimento quando ela se deitou nem quando se levantou. Assim, as duas filhas de Ló engravidaram do próprio pai. (Génesis 19:30-36)

Contos de deboche e desvio incluem adultério e prostituição (Génesis 38:15-26), mais prostituição (Juízes 16:1), depravação total (2 Samuel 16: 20-23), prostituição (Ezequiel 16:20-34 e 23:1-21), e prostituição temperada com adultério (Provérbios 7:10-19). O estupro incestuoso de Tamar em 2 Samuel 13:7-14 carrega uma moral mais interessante, pois Tamar foi aconselhada a “acalmar-se”, pois “afinal, ele [o estuprador, Amnom] *é* teu irmão! Cala-te e não

te angusties tanto assim!" (2 Samuel 13:20). Ah, ufa, o estuprador era irmão dela – nenhum problema, então… O *QUÊ!*? Devemos acreditar que tais "pérolas de sabedoria" são os frutos de revelação – ou o material de sonhos desviantes?

E sobre o assunto dos sonhos, 2 Timóteo 3:16 diz: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e proveitosa para ministrar a verdade, para repreender o mal, para corrigir os erros e para ensinar a maneira certa de viver". Agora *isso* faz sentido. Essa é a maneira que deve ser. Mas pode alguém conceber o "ministério, repreensão, correção ou ensino da maneira certa de viver" veiculada nas passagens acima? Aqueles que pensam que podem, provavelmente deveriam estar na cadeia.

Outra curiosidade – de acordo com Génesis 38:15-30, Perez e Zerá nasceram de Tamar depois da fornicação incestuosa com o seu sogro, Judá. Passando por cima do fato de que, de acordo com Levítico 20:12, tanto Judá como Tamar deveriam ter sido executados (e profetas não estão acima da lei), vamos inspecionar a linhagem de Perez e Zerá. Afinal de contas, a suposta "palavra de Deus" diz-nos: "Nenhum filho bastardo, nascido de união ilícita, fará parte da congregação do Eterno; e seus descendentes também não poderão entrar na assembleia do SENHOR até a décima geração." (Deuteronômio 23: 2).

Então, quem foi a décima geração de Zerá?

Ninguém importante.

Bem, então, quem era a décima geração de Perez?

Alguém *muito* importante. Alguém chamado Salomão. O seu pai (a nona geração) também tem um nome que soa familiar: Davi.

Se nós confiarmos em Mateus 1:3-6, Davi foi a nona geração de um bastardo, e como tal, não deveria de maneira nenhuma entrar na "assembleia do Senhor". O mesmo vale para

Salomão. E, no entanto, ambos são tidos como patriarcas, se não profetas.

Hmm. Um entendimento estranho, na melhor das hipóteses.

Além disso, se formos acreditar no Antigo Testamento, Salomão não foi só a décima geração de ilegitimidade através de Perez, mas também a primeira geração de ilegitimidade através do seu pai, Davi, pela união adúltera com Bate-Seba, esposa de Urias (2 Samuel 11:2-4). Mais uma vez, passando por cima da pena de morte não cumprida (Levítico 20:10), Salomão é retratado como tendo uma dose dupla de ilegitimidade.

Ou terá ele?

Algo não parece certo. Ou Davi e Salomão não foram profetas ou o Antigo Testamento não é confiável. As peças da revelação dada por Deus não deveriam exigir remodelação e força para se encaixarem. Elas devem encaixar-se em congruência com a perfeição d'Aquele que criou os céus e a terra em perfeita harmonia. Essa é a forma correta, e o cristão comum sugere que tal é precisamente o caso com o Novo Testamento.

No entanto, essa afirmação merece inspeção também. Tendo examinado o acima, podemos facilmente entender por que o autor de Jeremias lamenta: "Como podeis afirmar: 'Nós somos sábios e conhecemos bem toda a *Torá*, Lei, de *Yahweh*!', quando na realidade a pena fraudulenta dos escribas a transformou em mentira?" (Jeremias 8:8). A Bíblia Atualizada de João Ferreira de Almeida, ao contrário da Nova Versão de King James, não suaviza as suas palavras, e registra este verso como: "Como pois dizeis: 'Nós somos sábios, e a lei do Senhor está conosco?' Mas eis que a falsa pena dos escribas a converteu em mentira."

Então esse é o Antigo Testamento – tão cheio de erros que mesmo um dos autores lamenta a corrupção bíblica gerada pela "falsa pena dos escribas".

Muitos afirmam que problemas semelhantes assolam o Novo Testamento – que

fraquezas, inconsistências e contradições perturbam a afirmação da inerrância divina. Se for verdade, os cristãos enfrentam o desafio: “És tu uma pessoa de Deus, ou do Cristianismo?”

Esta questão exige testemunho.

Os seguidores de Deus irão submeter-se à verdade que Ele transmitiu, quando esclarecida, enquanto que aqueles que seguem uma religião feita pelo homem defenderão a sua doutrina contra a razão e a revelação. Uma discussão da fundação frágil ou inexistente das mais apaixonadamente defendidas doutrinas cristãs já foi oferecida. O que resta a ser examinado é a autoridade, ou a falta dela, do Novo Testamento.

2 – O Novo Testamento

Nós dois lemos a Bíblia dia e noite,

Mas tu leste escuridão onde eu li luz.

- William Blake, *The Everlasting Gospel [O Eterno Evangelho]*

Claro, o sentimento de Blake na citação acima não é nada de novo. O Novo Testamento contém inconsistências suficientes para ter gerado uma variedade estonteante de interpretações, crenças e religiões, todas alegadamente com base na Bíblia. E assim, encontramos um autor a oferecer a divertida observação:

Podes e não podes,

Deves e não deves,

Vais e não vais,

E serás amaldiçoado se o fizeres,

E serás amaldiçoado se não o fizeres.[228]

Porquê tanta variação de pontos de vista? Para começar, BeDuhn diz-nos: "Deixei claro que cada tradução foi criada por interesses escusos, e que nenhuma das traduções representam o

ideal de um projeto académico, neutro."[229] Mais importante ainda, diferentes campos teológicos discordam sobre quais livros deveriam ser incluídos na Bíblia. O apócrifo de um grupo é a escritura de outro. Além disso, mesmo entre aqueles livros que *foram* canonizados, os muitos textos de fontes variantes carecem de uniformidade. Esta falta de uniformidade é tão omnipresente que o *Dicionário do Intérprete da Bíblia* afirma: "É seguro dizer que não há nenhuma frase no NT em que a tradição do MS [manuscrito] seja totalmente uniforme."[230]

Nenhuma frase? Não podemos confiar numa única *frase* da Bíblia? Difícil de acreditar.

Talvez.

O fato é que existem mais de 5.700 manuscritos gregos de todo ou parte do Novo Testamento.[231] Além disso, "nenhuns dois desses manuscritos são exatamente iguais em todos os seus elementos… E algumas dessas diferenças são significativas."[232] Considere aproximadamente dez mil manuscritos da Vulgata Latina, adicione as muitas outras variantes antigas (ou seja, siríaca, copta, arménia, georgiana, etíope, núbia, gótica, eslava) e o que temos?

Um monte de manuscritos.

Um monte de manuscritos que não correspondem em lugares e não raramente contradizem uns ao outros. Estudiosos estimam o número de variantes de manuscrito na casa das centenas de milhares, alguns estimam até 400,000.[233] Nas palavras agora famosas de Bart D. Ehrman, "Possivelmente é mais fácil colocar a questão em termos comparativos: existem mais diferenças nos nossos manuscritos do que há palavras no Novo Testamento."[234]

Como aconteceu isso?

Pobre manutenção de registros. Desonestidade. Incompetência. Prejuízo doutrinário. Escolha o seu.

Nenhum dos manuscritos originais sobreviveu do primeiro período cristão.[235,236,237] Como

resultado, “nós nunca seremos capazes de reivindicar certo conhecimento do que era exatamente o texto original de toda a escrita bíblica.[238]

Os manuscritos mais antigos completos (Vaticano MS. Nº 1209 e o Códice Sinaítico Siríaco) datam do século IV, trezentos anos depois do ministério de Jesus. Mas, os originais...? Perdidos. E as cópias dos originais? Também perdidas. Os nossos manuscritos mais antigos, noutras palavras, são cópias de cópias de cópias de ninguém-sabe-quantas outras cópias dos originais.

Não admira que eles diferem.

Na melhor das mãos, erros de cópia não seriam nenhuma surpresa. No entanto, manuscritos do Novo Testamento *não* estavam nas melhores mãos. Durante o período das origens cristãs, os escribas eram destreinados, não confiáveis, incompetentes, e em alguns casos iletrados.[239] Aqueles que eram visualmente incapacitados poderiam ter cometido erros com letras e palavras parecidas, enquanto que aqueles que eram deficientes auditivos poderiam ter cometido um erro de registro da escritura quando esta era lida em voz alta. Frequentemente, os escribas eram sobrecarregados e, portanto, inclinados aos erros que acompanham a fadiga.

Nas palavras de Metzger e Ehrman, “Já que a maioria, se não todos, deles [os escribas] teriam sido amadores na arte da cópia, um número relativamente grande de erros sem dúvida penetrava nos seus textos enquanto eles os reproduziam.”[240] Pior ainda, alguns escribas permitiam prejuízo doutrinário, o que influenciaria a sua transmissão da escritura.[241] Como Ehrman afirma: “Os escribas que copiaram os textos mudaram-nos.”[242] Mais especificamente, “O número de alterações deliberadas feitas no interesse da doutrina é difícil de avaliar.”[243] E até mais especificamente, “Na terminologia técnica da crítica textual – que retenho por conta das suas ironias significativas – estes escribas ‘corromperam’ os seus textos por razões

teológicas".[244]

Erros eram introduzidos sob a forma de adições, exclusões, substituições e modificações, mais normalmente de palavras ou linhas, mas, ocasionalmente, de versos inteiros.[245,246] Na verdade, "numerosas mudanças e acréscimos entraram no texto"[247], com o resultado de que "todas as testemunhas conhecidas do Novo Testamento são, em maior ou menor extensão, textos misturados, e até mesmo vários dos manuscritos mais antigos não estão livres de erros flagrantes".[248] O escopo destes erros é tão grande que os duzentos estudiosos do Seminário de Jesus concluíram que "Oitenta e dois por cento das palavras atribuídas a Jesus nos evangelhos não foram realmente ditas por ele."[249]

Vejamos alguns exemplos. De acordo com o estudioso bíblico J. Enoch Powell, em relação ao livro de Mateus,

> A custo de interrupção, por vezes grave, onde quer que apareça, passagens sobre João Batista foram inseridas. Todas têm a função de mostrá-lo como tendo reconhecido em Jesus o cumprimento da sua própria missão.[250]

Pior ainda, "É de fato possível que *todos* os longos discursos colocados na boca de Jesus foram introduzidos artificialmente."[251] Isto, é claro, incluiria o 'grande sermão', a 'carga missionária', e cada parábola que o livro de Mateus registra Jesus como tendo dito.

Em *Misquoting Jesus [Citando Jesus Erradamente]*, Ehrman apresenta evidência persuasiva de que a história da mulher apanhada em adultério (João 7:53-8:12) e os últimos doze verículos de Marcos não estavam nos evangelhos originais, mas foram acrescentados por escribas mais recentes.[252] Além disso, estes exemplos "representam apenas dois de milhares de

lugares nos quais os manuscritos do Novo Testamento chegaram a ser mudados por escribas."[253]

Na verdade, livros inteiros da Bíblia foram forjados.[254] Isto não significa que o seu conteúdo é necessariamente errado, mas certamente não significa que ele está certo. Então, quais livros foram forjados? Efésios, Colossenses, 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, 1 e 2 Pedro, e João – uns gritantes nove dos vinte e sete livros e epístolas do Novo Testamento – são a certo nível suspeitos.[255]

Livros forjados? Na Bíblia?

Por que não estamos surpresos? Afinal, mesmo os autores do evangelho são desconhecidos. Na verdade, eles são anónimos.[256] Os estudiosos bíblicos raramente, ou nunca, atribuem a autoria do evangelho a Mateus, Marcos, Lucas ou João. Como Ehrman nos diz: "A maioria dos estudiosos hoje abandonou estas identificações, e reconhece que os livros foram escritos por cristãos desconhecidos, mas relativamente bem-educados, falantes da língua grega (e da sua escrita) durante a segunda metade do primeiro século."[257] Graham Stanton afirma, "Os evangelhos, diferentemente da maioria dos escritos greco-romanos, são anónimos. Os títulos familiares que dão o nome de um autor ('O Evangelho segundo...') não faziam parte dos manuscritos originais, porque foram adicionados só no início do segundo século."[258] Adicionados por quem? "Por figuras desconhecidas na igreja primitiva. Na maioria dos casos, os nomes são suposições ou talvez o resultado de votos piedosos."[259]

Então, o que é que os discípulos de Jesus têm a ver com a autoria dos evangelhos? Pouco ou nada, até onde sabemos. De acordo com Ehrman, "Moisés não escreveu o Pentateuco (os cinco primeiros livros do Antigo Testamento) e Mateus, Marcos, Lucas e João não escreveram os Evangelhos."[260] Além disso, "Dos vinte e sete livros do Novo Testamento, apenas oito quase certamente voltam para o autor cujo nome possuem: as sete cartas indiscutíveis de Paulo

(Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses, e Filemón) e a Revelação de João (embora não tenhamosa certeza de quem este João era).”[261]

E por que não estamos certos sobre quem foi o João, que escreveu o ‘Evangelho segundo João’? Vamos voltar a este assunto daqui a pouco. Por agora, é suficiente entender que nós não temos nenhuma razão para acreditar que os discípulos foram os autores de qualquer um dos livros da Bíblia. Para começar, vamos lembrar-nos que Marcos era um secretário de Pedro e Lucas um companheiro de Paulo. Os versos de Lucas 6:14-16 e Mateus 10:2-4 catalogam os doze discípulos e, embora estas listas difiram sobre dois nomes, Marcos e Lucas não estão em *nenhuma* das listas. Assim, só Mateus e João eram discípulos verdadeiros. Mas mesmo assim, estudiosos modernos desqualificam-nos como autores de qualquer maneira.

Porquê?

Boa pergunta. João, sendo o mais famoso dos dois, por que deveríamos desqualificá-lo de ser o autor do Evangelho de “João”?

Hmm… porque ele estava morto?

Múltiplas fontes reconhecem que não há provas, com exceção de testemunhos questionáveis de autores do século II, para sugerir que o discípulo João foi o autor do Evangelho de “João”.[262,263] Talvez a refutação mais convincente seja que se crê que o discípulo João morreu em ou à volta de 98 EC,[264] enquanto que o Evangelho de João foi escrito doze anos mais tarde, por volta de 110 EC.[265] Outra linha de raciocínio é que Atos 4:13 diz-nos que João e Pedro eram (e não vamos brincar com a tradução, aqui – leia isto em grego) “iletrados”. Noutras palavras, eles eram analfabetos. Então, quem quer que tenha sido Lucas (companheiro de Paulo), Marcos (secretário de Pedro) e João (o desconhecido, mas certamente não o iletrado, morto há muito tempo), nós não temos nenhuma razão para acreditar que qualquer um dos evangelhos foram

escritos pelos discípulos de Jesus.

Para este fim, Stanton coloca uma questão intrigante: "Foi a eventual decisão de aceitar Mateus, Marcos, Lucas e João correta? Hoje é geralmente aceito que nem Mateus, nem João foram escritos por um apóstolo. E Marcos e Lucas podem nem ter sido associados dos apóstolos."[266]

O Professor Ehrman é mais direto na sua afirmação:

> Estudiosos críticos são bastante unânimes hoje ao pensar que Mateus não escreveu o Primeiro Evangelho ou João o Quarto, que Pedro não escreveu 2 Pedro e, possivelmente, não 1 Pedro. Nenhum outro livro do Novo Testamento afirma ser escrito por um dos discípulos terrenos de Jesus. Há livros do apóstolo Paulo, é claro. Existem treze com o seu nome no Novo Testamento, pelo menos sete dos quais são aceites por quase todos os estudiosos como autênticos.[267]

Por que é, então, que as nossas bíblias rotulam os quatro evangelhos como Mateus, Marcos, Lucas e João? Alguns estudiosos, Ehrman sendo apenas um deles, sugerem ser algo semelhante a uma marca – o moderno termo de publicidade para a prática comercial de solicitar o apoio de celebridades para vender o produto.[268] Os cristãos do século II que favoreceram estes quatro evangelhos tinham uma escolha – reconhecer a autoria anónima dos evangelhos ou fingi-la. O bluff provou-se irresistível, e eles escolheram atribuir os evangelhos às autoridades apostólicas, assim, ilegitimamente "marcando" os evangelhos como autoritários.

Então vejamos – não temos nenhuma evidência que *qualquer* livro da Bíblia, evangelhos incluídos, tenha sido da autoria de discípulos de Jesus. Além disso, a maioria dos estudiosos aceita a autoria de Paulo em apenas metade das obras atribuídas a ele. Independentemente de quem foi o autor do quê, corrupções e inconsistências têm resultado em mais variantes de

manuscritos do que palavras no Novo Testamento. Por fim, até os estudiosos da crítica textual falham em concordar.[269] Porquê? Porque "considerações dependem, o que será visto, de probabilidades, e às vezes a crítica textual deve pesar um conjunto de probabilidades contra outro."[270] Além disso, no que diz respeito aos problemas textuais mais complexos, "as probabilidades são muito mais divididas uniformemente e às vezes o crítico deve ficar contente com a escolha da leitura menos insatisfatória ou até admitir que não existe sequer uma base clara para escolha."[271]

Ampliando este pensamento, "Ocasionalmente, nenhuma das variantes se irá recomendar como original, e uma pessoa [ou seja, um crítico textual] será obrigada tanto a escolher a leitura que é considerada como menos insatisfatória ou a entrar em emenda conjetural."[272] Hmm. Emenda conjetural, emenda conjetural – não é isso língua académica para "palpite"?

Então, talvez não devêssemos surpreender-nos que, assim como Jeremias lamentou as "falsas penas" dos escribas do Antigo Testamento, o padre da Igreja do século III, Orígenes, lamentou as "falsas penas" dos escribas do Novo Testamento:

> As diferenças entre os manuscritos tornaram-se gigantes, seja através da negligência de alguns copistas ou através da audácia perversa de outros; eles ou deixam de verificar o que têm transcrito, ou, no processo de verificação, fazem acréscimos ou supressões como desejam."[273]

Essa foi a voz de um padre da Igreja do século III, a comentar apenas sobre o primeiro par de cem anos. Nós temos de nos perguntar sobre que outras corrupções ocorreram nos dezassete ou dezoito séculos que se seguiram. Mas o que quer que tenha acontecido nos séculos que se seguiram, pelo terceiro século, os escribas confiados a copiar e preservar manuscritos do

Novo Testamento modificaram-nos.

Claro, muitos erros de cópia não foram intencionais e/ou inconsequentes. Mas Ehrman conta-nos que muitos outros não foram só deliberados, e não só significativos, mas também doutrinariamente motivados.[274] E este é o vandalismo bíblico com o qual nos preocupamos - as adições, as omissões e as alterações, deliberadas ou não, que mudaram a mensagem pretendida dos manuscritos do Novo Testamento.

Estas mudanças tiveram um tremendo impacto no curso do Cristianismo. A inserção da Cláusula Joanina (A Primeira Epístola de João, versículos 5:7-8, como discutida no Capítulo 8: Trindade) emprestou apoio falso à doutrina da Trindade. A adição dos últimos doze versículos de Marcos desviou algumas seitas apalaches a pedir assistência da cobra, e muitas denominações evangélicas à prática ininteligível de "falar em línguas". A perspectiva alterada sobre a existência de Jesus guiou a teologia em direção à deificação de Jesus e à doutrina da expiação. No processo, os escribas não transmitiram a mensagem de Jesus, eles *transformaram-na*.

Um caso em que uma corrupção foi identificada e corrigida é o de Atos 8:37. Este versículo não é encontrado nos manuscritos mais antigos, e parece ser uma inserção mais tardia por um escriba. Por este motivo, foi retirado de muitas traduções modernas, incluindo a Nova Versão Internacional e a Nova Versão Padrão Revisada. Ao procurá-lo, encontramos na NVI e na NVPR, bem como noutras traduções respeitadas, a enumeração de Atos 8:37, mas deixada em branco.

Vejamos outro exemplo. Bruce M. Metzger diz-nos que Atos 15:34 foi inquestionavelmente inserido pelos copistas.[275] Ele não está sozinho nesta opinião. Mais uma vez, tanto a Nova Versão Internacional como a Nova Versão Padrão Revisada enumeram este versículo, mas deixam-no em branco. A Nova Versão de King James, no entanto, mantém-no,

como o fazem as bíblias em latim.

De maneira semelhante, muitos outros versículos do Novo Testamento foram retirados das bíblias mais conceituadas, como a NVI e NVPR, mas mantidos na Versão Nova de King James. As omissões mais notáveis são: Mateus 17:21, 18:11; Marcos 7:16, 9:44, 9:46, 11:26; parte de Lucas 9:56, 17:36, 23:17; João 5:4; Romanos 16:24; parte de 1 João 5:7.

Enquanto inserções ilegítimas são reconhecidas e omitidas por algumas bíblias, outras ignoram-nas. Na verdade, elas não só ignoram as inserções ilegítimas, mas também as aprovam.

Se desejássemos documentar alguns destes erros, o lugar lógico para começar seria pelos livros mais respeitados do Novo Testamento, os evangelhos.

Nós já descobrimos o fato de que os discípulos de Jesus não parecem ter sido os autores dos evangelhos. No entanto, mesmo que *tivessem* sido os autores dos evangelhos, Jesus não pareceu sentir que os seus discípulos poderiam lidar com tudo o que ele lhes queria dizer (João 16:12 – "Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora."). Ele considerava-os como tendo pouca fé (Mateus 8:26, 14:31, 16:8, e Lucas 8:25), com falta de compreensão (Mateus 15:16), e desesperava por ter de suportar com aquela "geração incrédula e perversa..." (Lucas 9:41).

Por isso, talvez não devêssemos ficar particularmente perturbados ao saber que os discípulos não foram os autores dos evangelhos. Talvez eles não fossem os melhores homens para o trabalho. Afinal de contas, aqueles que deveriam ter conhecido Jesus melhor – os seus próprios parentes – achavam-no louco (Marcos 3:21 e João 8:48), e o próprio povo a quem ele foi enviado rejeitou-o (João 1:11). Então a questão de maior preocupação não deveria ser quem foram os autores dos evangelhos, mas se eles são confiáveis. A resposta, aparentemente, é "Não". As pessoas no Seminário de Jesus analisaram as palavras atribuídas a Jesus no Evangelho

de João, e “não foram capazes de encontrar um único dito que poderiam com certeza traçar até ao Jesus histórico… As palavras atribuídas a Jesus no Quarto Evangelho são, na maioria, a criação do evangelista.”[276] Agora, por que faria ele uma coisa dessas? Porque, “os seguidores de Jesus estavam inclinados a adotar e a adaptar as palavras dele para as suas próprias necessidades. Isto levou-os a inventar contextos narrativos com base na sua própria experiência, para os quais importaram Jesus como a figura de autoridade.”[277]O Seminário de Jesus documentou centenas de exemplos nos evangelhos, incluindo os casos em que “os seguidores de Jesus emprestaram livremente da sabedoria comum e cunharam os seus próprios provérbios e parábolas, que depois atribuíram a Jesus.”[278]

Lá se vai “João”. Agora, vamos olhar para algumas dificuldades específicas, começando com o livro de Mateus. Mateus 2:15 afirma que Jesus foi levado para o Egito “para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: ‘Do Egito chamei o meu Filho’”. Bem, essa foi a proposta. No entanto, qual escritura exatamente a detenção de Jesus no Egito deveria cumprir? Oséias 11:1. Então, o que Oséias 11:1 diz, exatamente? “Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei a meu filho.”

Uma boa correspondência bíblica – não é?

Não.

A correspondência só parece boa, se pararmos de ler. Se continuarmos para o próximo versículo, a passagem completa diz: “Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei a meu filho. Quanto mais eu os chamava, tanto mais se afastavam de mim; sacrificavam aos baalins, e queimavam incenso às imagens esculpidas.” (Oséias 11:1-2, JFAA). Tomado em contexto, só se poderá aplicar esta passagem a Jesus Cristo, se, ao mesmo tempo, afirmarmos que Jesus adorava ídolos.

Erros semelhantes abundam. Uns curtos dois versículos depois, Mateus 2:17 comenta sobre o genocídio dos bebés de Belém com as palavras "Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta Jeremias: 'Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, e não querendo ser consolada, porque eles já não existem.'" (Mateus 2:17, JFAA).

Um problema menor. A passagem do Antigo Testamento referenciada, Jeremias 31:15, refere-se a um evento real na história, nomeadamente o rapto das crianças de Rachel, juntamente com as da comunidade de Israel, por Sargão, rei da Assíria. O paralelo bíblico não é apenas tenso e estressado, mas também é inexistente. Assim também com Mateus 27:10, que faz referência a uma citação em Jeremias 32:6-9. Neste caso, a citação referenciada simplesmente não está lá. Além disso, Mateus 27:10 fala do campo de um *oleiro*, ao preço de *trinta* moedas de prata. Jeremias 32:6-9 fala do campo de *Hanamel*, ao preço de *dezassete* siclos de prata. Ambas foram transações reais separadas em tempo e lugar. Qualquer esforço para reivindicar o "cumprimento" da escritura anterior é caprichoso na melhor das hipóteses.

E a lista continua.

Nós podemos entender muito bem por que alguns autores do Novo Testamento podem ter procurado validação através da alegação do cumprimento das profecias do Antigo Testamento. No entanto, esta tática tem maus resultados quando a escritura referenciada acaba por ser desassociada, mal aplicada ou francamente inexistente. Em vez de conferir legitimidade, tais erros resultam num documento, bem como num autor, infelizmente suspeitos.

Tendo tocado em algum destes erros, agora vamos olhar para uma curta (e em nenhuma forma completa) lista de inconsistências transparentes.

3 – Inconsistências Dentro do Novo Testamento: Parte 1

Mesmo que seja desagradável, nós aguentá-lo-emos.

- Anúncio para o jornal *The Times,*
Agência de Anúncios Leo Burnett[279]

A lista a seguir identifica alguns dos conflitos do Novo Testamento mais gritantes. O propósito, como antes, não é caluniar a Bíblia, mas expô-la pelo que ela é. Aqueles que consideram o Novo Testamento como a palavra infalível de Deus precisam de considerar esta lista à luz do fato de que Deus não erra. Nem uma vez.

Sendo esse o caso, o reconhecimento dos erros do Novo Testamento deve motivar o buscador sério a olhar um pouco mais longe.

1. Mateus 1:16 e Lucas 3:23 - Quem era o pai de José?

Mateus 1:16: e a *Jacó* nasceu José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS, que se chama Cristo.

Lucas 3:23: Ora, Jesus, ao começar o seu ministério, tinha cerca de trinta anos; sendo (como se cuidava) filho de José, *filho de* Eli;

2. Mateus 2:14 e Lucas 2:39 – Para o Egito ou para Nazaré?

Mateus 2:14: Levantou-se, pois, tomou de noite o menino e sua mãe, e partiu para o *Egito*, e lá ficou até a morte de Herodes…

Lucas 2:39: Assim que cumpriram tudo segundo a lei do Senhor, voltaram à Galiléia, para sua cidade de *Nazaré*.

3. **Mateus 4:3-9 e Lucas 4:3-11 – Pedras em pão, lançar-se dali para baixo, *depois* a adoração a Satanás, ou pedras em pão, adoração a Satanás, e *depois* lançar-se dali para baixo?**

Mateus 4:3-9: Satanás diz a Jesus "manda que estas pedras se tornem em pães", depois "lança-te daqui abaixo" e por último "Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares."

Lucas 4:3-11: Satanás diz a Jesus "manda a esta pedra que se torne em pão", depois "se tu me adorares, será toda tua", e, por último, "lança-te daqui abaixo".

4. **Mateus 6:9-13 e Lucas 11:2-4 –Qual é a versão correta da oração do "Pai Nosso"?**

Mateus 6:9-13: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra *como no* céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes entrar em tentação; mas livra-nos do mal. Porque teu é o reino e o poder, e a glória, para sempre, Amém.

Lucas 11:2-5: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; dá-nos cada dia o nosso pão cotidiano; e perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo aquele que nos deve; e não nos deixes entrar em tentação, mas livra-nos do mal.

5. **Mateus 7:7-8 e Lucas 13:24 – Todos os que buscam encontrarão, ou não?**

Mateus 7:7-8: Pedí, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Pois *todo o que pede, recebe*; e quem busca, acha; e ao que bate, abrir-se-lhe-á.

Lucas 13:24: Porfiai por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos *procurarão* entrar, e *não poderão*.

6. **Mateus 8:5 e Lucas 7:3-7 – O centurião veio, ou enviou mensageiros?**

Mateus 8:5: Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, chegou-se a ele um centurião que lhe rogava…

Lucas 7:3-7: O centurião, pois, ouvindo falar de Jesus, *enviou-lhes uns anciãos* dos judeus, a pedir-lhe que viesse curar o seu servo. E chegando eles junto de Jesus, rogavam-lhe com instância, dizendo: 'É digno de que lhe concedas isto; porque ama à nossa nação, e ele mesmo nos edificou a sinagoga'. Ia, pois, Jesus com eles; mas, quando já estava perto da casa, *enviou o centurião uns amigos* a dizer-lhe: 'Senhor, não te incomodes; porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado; por isso *nem ainda me julguei digno de ir à tua presença*…'"

7. **Mateus 8:28 e Lucas 8:27 – Um ou dois homens?**

Mateus 8:28: Tendo ele chegado ao outro lado, à terra dos gadarenos, saíram-lhe ao encontro *dois endemoninhados*, vindos dos sepulcros; tão ferozes eram que ninguém podia passar por aquele caminho.

Lucas 8:27: Logo que saltou em terra, saiu-lhe ao encontro *um homem da cidade, possesso de demônios*, que havia muito tempo não vestia roupa, nem morava em casa, mas nos

sepulcros.

8. **Mateus 9:18 e Marcos 5:22-23 – Morta ou não?**

Mateus 9:18: Enquanto ainda lhes dizia essas coisas, eis que chegou um chefe da sinagoga e o adorou, dizendo: "Minha filha *acaba de falecer*; mas vem, impõe-lhe a tua mão, e ela viverá."

Marcos 5:22-23: Chegou um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo e, logo que viu a Jesus, lançou-se-lhe aos pés e lhe rogava com instância, dizendo: "Minha filhinha *está nas últimas*; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare e viva."

9. **Mateus 10:2-4 e Lucas 6:13-16 – Quem era um discípulo, Tadeu ou Judas, filho de Tiago?**

Mateus 10:2-4: Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Felipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e *Tadeu*; Simão Cananeu, e Judas Iscariotes, aquele que o traiu.

Lucas 6:13-16: Depois do amanhecer, chamou seus discípulos, e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos: Simão, ao qual também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; *Judas, filho de Tiago*; e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor.

10. **Mateus 10:10 e Marcos 6: 8 – Levem bordão ou não?**

Mateus 10:10: …nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de alparcas,

nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento.

Marcos 6: 8: ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, *senão apenas um bordão*; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto…

11. Mateus 11:13-14, 17:11-13 e João 1:21 - João Batista era Elias ou não?

Mateus 11:13-14: Pois todos os profetas e a lei profetizaram *até João*. E, se quereis dar crédito, *é este o Elias que havia de vir*.

Mateus 17:11-13: Respondeu ele: Na verdade Elias havia de vir e restaurar todas as coisas; digo-vos, porém, que *Elias já veio*, e não o reconheceram; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às mãos deles. Então entenderam os discípulos *que lhes falava a respeito de João, o Batista*.

João 1:21: Ao que lhe perguntaram: "Pois que? És tu Elias?" Respondeu ele: "*Não sou*".

12. Mateus 12:39 (o sinal de Jonas sendo o *único* sinal) vs. Marcos 8:12 (nenhum sinal a ser dado) vs. Lucas 7:22 e 11:20 (milagres como sinais) – qual é?

Mateus 12:39: Mas ele lhes respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal se lhe dará, *senão o do profeta Jonas*;

Marcos 8:12: Ele, suspirando profundamente em seu espírito, disse: "Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração *não será dado sinal algum*."

Lucas 7:22: Então lhes respondeu: "Ide, e contai a João o que tens visto e ouvido: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho."

Lucas 11:20: Mas, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demónios, logo é chegado a

vós o reino de Deus.

13. Mateus 15:22 e Marcos 7:26 – A mulher era de Canaã ou da Grécia?

Mateus 15:22: E eis que uma *mulher cananéia*, provinda daquelas cercania, clamava, dizendo: "Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim, que minha filha está horrivelmente endemoninhada."

Mark 7:26: (ora, *a mulher era grega*, de origem siro-fenícia) e rogava-lhe que expulsasse de sua filha o demónio.

14. Mateus 20:29-30 e Marcos 10:46-47 – Um ou dois mendigos?

Mateus 20:29-30: Saindo eles de Jericó, seguiu-o uma grande multidão; e eis que *dois cegos*, sentados junto do caminho, ouvindo que Jesus passava, clamaram, dizendo: "Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de nós."

Marcos 10:46-47: Depois chegaram a Jericó. E, ao sair ele de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, estava sentado junto do caminho *um mendigo cego*, Bartimeu filho de Timeu. Este, quando ouviu que era Jesus, o nazareno, começou a clamar, dizendo: "Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!"

15. Mateus 21:1-2 e Marcos 11:1-2 – Uma jumenta presente ou não? "trazei-o" (ou seja, o jumentinho) ou "trazei-mos" (ou seja, o jumentinho e a jumenta)?

Mateus 21:1-2: Quando se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Betfagé, ao Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: "Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis uma *jumenta* presa, e *um jumentinho com ela*; desprendei-a, e *trazei-mos*."

Marcos 11:1-2: Ora, quando se aproximavam de Jerusalém, de Betfagé e de Betânia, junto do Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois dos seus discípulos e disse-lhes: "Ide à aldeia que está defronte de vós; e logo que nela entrardes, encontrareis preso *um jumentinho*, em que ainda ninguém montou; *desprendei-o* e *trazei-o*."

16. Mateus 26:74-75 e Marcos 14:72 – Antes que o galo cante uma ou duas vezes?

Mateus 26:74-75: Então começou ele a praguejar e a jurar, dizendo: "Não conheço esse homem". *E imediatamente o galo cantou*. E Pedro lembrou-se do que dissera Jesus: "*Antes que o galo cante*, três vezes me negarás". E, saindo dali, chorou amargamente.

Marcos 14:72: Nesse instante *o galo cantou pela segunda vez*. E Pedro lembrou-se da palavra que lhe dissera Jesus: "*Antes que o galo cante duas vezes*, três vezes me negarás". E caindo em si, começou a chorar.

17. Mateus 27:5 e Atos 1:18 – Como é que Judas morreu?

Mateus 27:5: E tendo ele atirado para dentro do santuário as moedas de prata, retirou-se, e *foi enforcar-se*.

Atos 1:18: Ora, ele adquiriu um campo com o salário da sua iniquidade; e precipitando-se, *caiu prostrado* e arrebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram.

18. Mateus 27:11-14 (Jesus respondeu a Pilatos "É como dizes", e *mais nenhuma palavra*), vs. João 18:33-37 (Jesus e Pilatos tiveram uma conversa).

Mateus 27:11-14: Jesus, pois, ficou em pé diante do governador; e este lhe perguntou: "És tu o rei dos judeus?" Respondeu-lhe Jesus: "É como dizes". Mas ao ser acusado pelos

principais sacerdotes e pelos anciãos, *nada respondeu*. Perguntou-lhe então Pilatos: "Não ouves quantas coisas testificam contra ti?"E *Jesus não lhe respondeu a uma pergunta sequer*; de modo que o governador muito se admirava.

João 18:33-37: Pilatos, pois, tornou a entrar no pretório, chamou a Jesus e perguntou-lhe: "És tu o rei dos judeus?" Respondeu Jesus: "Dizes isso de ti mesmo, ou foram outros que to disseram de mim?" Replicou Pilatos: "Porventura sou eu judeu? O teu povo e os principais sacerdotes entregaram-te a mim; que fizeste?" Respondeu Jesus: "O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; entretanto o meu reino não é daqui". Perguntou-lhe, pois, Pilatos: "Logo tu és rei?" Respondeu Jesus: "Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz."

19. Mateus 27:28 (manto escarlate) vs. João 19:2 (manto de púrpura)

Mateus 27:28: E, despindo-o, vestiram-lhe um *manto escarlate.*

João 19:2: E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha sobre a cabeça, e lhe vestiram um *manto de púrpura.*

20. Mateus 27:34 e Marcos 15:23 – Fel ou mirra no vinho? Provou-o ou não?

Mateus 27:34: deram-lhe a beber vinho *misturado com fel*; mas ele, *provando-o*, não quis beber.

Marcos 15:23: E ofereciam-lhe vinho *misturado com mirra*; mas ele *não o tomou*.

21. Marcos 15:25 e João 19:14-15 – Jesus crucificado antes da terceira hora ou após a

sexta hora?

Marcos 15:25: E era a *hora terceira* quando o crucificaram.

João 19:14-15: Ora, era a preparação da páscoa, e *cerca da hora sexta*. E disse aos judeus: "Eis o vosso rei". Mas eles clamaram: "Tira-o! tira-o! crucifica-o!"

22. Lucas 1:15, 1:41, 1:67, 2:25 e João 7:39 – o "Espírito Santo" dado ou não?

Lucas 1:15: e [João Batista] *será cheio do Espírito Santo* já desde o ventre de sua mãe…

Lucas 1:41: Ao ouvir Isabel a saudação de Maria, saltou a criancinha no seu ventre, e Isabel *ficou cheia do Espírito Santo*...

Lucas 1:67: Zacarias, seu pai, *ficou cheio do Espírito Santo*…

Lucas 2:25: Ora, havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; e este homem, justo e temente a Deus, esperava a consolação de Israel; e *o Espírito Santo estava sobre ele*.

João 7:39: Ora, isto ele disse a respeito do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito *ainda não fora dado*, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado.

23. Lucas 2:10-14 e Lucas 12:49-53 – um profeta anunciado por anjos como prenúncio de paz na terra, boa vontade para com os homens, ou aquele que traz o fogo e a divisão?

Lucas 2:10-14: O anjo, porém, lhes disse: Não temais, porquanto vos trago novas de grande alegria que o será para todo o povo: É que vos nasceu hoje, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: Achareis um menino envolto em faixas, e deitado em uma manjedoura. Então, de repente, apareceu junto ao anjo grande multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo: "Glória a Deus nas maiores alturas, *e paz na terra entre os homens de boa vontade*."

Lucas 12:49-53: *Vim [Jesus Cristo] lançar fogo à terra*; e que mais quero, se já está aceso? Há um batismo em que hei de ser batizado; e como me angustio até que venha a cumprir-se! *Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não*, eu vos digo, mas antes dissensão: pois daqui em diante estarão cinco pessoas numa casa divididas, três contra duas, e duas contra três; estarão divididos: pai contra filho, e filho contra pai; mãe contra filha, e filha contra mãe; sogra contra nora, e nora contra sogra.

24. Lucas 23:39-40 e Marcos 15:31-32 – Um ladrão defendeu Jesus ou não?

Lucas 23:39-40: Então um dos malfeitores que estavam pendurados, *blasfemava dele*, dizendo: "Não és tu o Cristo? salva-te a ti mesmo e a nós". *Respondendo, porém, o outro, repreendia-o*, dizendo: "Nem ao menos temes a Deus, estando na mesma condenação?"

Marcos 15:31-32: De igual modo também os principais sacerdotes, com os escribas, escarnecendo-o, diziam entre si: "A outros salvou; a si mesmo não pode salvar; desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos". *Também os que com ele foram crucificados o injuriavam.*

25. Lucas 14:26 e 1 João 3:15 - Odiar o seu irmão ou não?

Lucas 14:26: Se alguém vier a mim, e *não aborrecer* a pai e mãe, a mulher e filhos, a *irmãos* e irmãs, e ainda também à própria vida, não pode ser meu discípulo.

1 João 3:15: *Todo o que odeia a seu irmão* é homicida; e vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele.

26. Lucas 23:26, Mateus 27:32, Marcos 15:21 vs. João 19:17 – Quem carregou a cruz,

Simão ou Jesus?

Lucas 23:26: Quando o levaram dali tomaram um certo *Simão, cireneu*, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus.

Mateus 27:32: Ao saírem, encontraram um *homem cireneu, chamado Simão*, a quem obrigaram a levar a cruz de Jesus.

Marcos 15:21: E obrigaram certo *Simão, cireneu*, pai de Alexandre e de Rufo, que por ali passava, vindo do campo, a carregar-lhe a cruz.

João 19:17: *Tomaram, pois, a Jesus; e ele, carregando a sua própria cruz*, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota…

27. Lucas 23:43 e João 20:17 – Ascenso ou não?

Lucas 23:43: Respondeu-lhe Jesus: "Em verdade te digo que *hoje* estarás comigo no paraíso". (Afirmado a um dos outros dois crucificados na noite da sua crucificação, prevendo ascensão *naquele mesmo dia*)

João 20:17: Jesus disse-lhe: "Deixa de me tocar, *porque ainda não subi* ao Pai…" (afirmado a Maria Madalena, *dois dias* depois da crucificação)

28. Lucas 23:46 vs. João 19:30 – Foram as últimas palavras de Jesus "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito"ou foram "está consumado"?

Lucas 23:46: Jesus, clamando com grande voz, disse: "*Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito*". E, havendo dito isso, expirou.

João 19:30: Então Jesus, depois de ter tomado o vinagre, disse: "*está consumado*". E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

29. João 1:18, 1 João 4:12, 1 Timóteo 6:16 (Deus *não pode* ser visto) vs. Génesis 12:7, 17:1, 18:1, 26:2, 32:30; Êxodo 3:16, 6:2-3, 24:9, 33:11, 33:23, Números 14:14, Amós 9:1 (Deus*apareceu*).

Por exemplo, em ambos João 1:18 e 1 João 4:12 lê-se: Ninguém *jamais* viu a Deus.

Génesis 12:7: Abrão, pois, edificou ali um altar *ao Senhor, que lhe aparecera*.

Génesis 32:30: Pelo que Jacó chamou ao lugar Peniel, dizendo: "Porque *tenho visto Deus face a face*, e a minha vida foi preservada."

Êxodo 6:2-3: Falou mais Deus a Moisés, e disse-lhe: "Eu sou Jeová. *Apareci* a Abraão, a Isaque e a Jacó, *como o Deus Todo-Poderoso*; mas pelo meu nome Jeová, não lhes fui conhecido…"

30. João 5:31 e João 8:14 – era o testemunho de Jesus verdadeiro ou não?

João 5:31: Se eu der testemunho de mim mesmo, o meu testemunho *não é* verdadeiro.

João 8:14: Respondeu-lhes Jesus: "Ainda que eu dou testemunho de mim mesmo, o meu testemunho *é* verdadeiro; porque sei de onde vim, e para onde vou; mas vós não sabeis de onde venho, nem para onde vou."

31. Atos 9:7 e Atos 22:9 – Os companheiros de viagem ouviram uma voz ou não?

Atos 9:7: Os homens que viajavam com ele quedaram-se emudecidos, *ouvindo, na verdade, a voz*, mas não vendo ninguém.

Atos 22:9: E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, mas *não entenderam a voz*[280](NE) daquele que falava comigo.

32. Atos 9:7 e Atos 26:14 – os companheiros de Paulo caíram ao chão ou permaneceram de pé?

Atos 9:7: Os homens que viajavam com ele *quedaram-se emudecidos*, ouvindo, na verdade, a voz, mas não vendo ninguém.

Atos 26:14: E, *caindo nós todos por terra*, ouvi uma voz que me dizia em língua hebráica: "Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões".[281 (NE)]

33. Mateus 1:6-16 e Lucas 3:23-31 – vinte e seis ou quarenta e uma gerações na linhagem entre Davi e José?

Estas duas linhagens simplesmente não se enquadram. Não existem dois nomes que correspondam *em sequência*, exceto o último, José, que por nenhum estiramento da imaginação foi o verdadeiro pai de Jesus. Além disso, o nome de Deus é deixado de fora, o que é significativo. Afinal, se Jesus fosse o "Filho de Deus", teria Deus deixado o Seu nome fora da linhagem, não uma, mas duas vezes?

O descompasso na lista de nomes é o seguinte (da Versão Nova de King James):

	MATEUS 1:6-16	**LUCAS 3:23-31**
	DAVI	DAVI
1)	SALOMÃO	NATÃ
2)	ROBOÃO	MATATÁ
3)	ABIAS	MENÁ
4)	ASSÁ	MELEÁ

5)	JOSAFÁ	ELIAQUIM
6)	JEORÃO	JONÃ
7)	UZIAS	JOSÉ
8)	JOTÃO	JUDÁ
9)	ACAZ	SIMEÃO
10)	EZEQUIAS	LEVI
11)	MANASSÉS	MATATE
12)	AMOM	JORIM
13)	JOSIAS	ELIÉZER
14)	JECONIAS	JOSUÉ
15)	SALATIEL	ER
16)	ZOROBABEL	ELMADÃ
17)	ABIÚDE	COSÃ
18)	ELIAQUIM	ADI
19)	AZOR	MELQUI
20)	ZADOQUE	NERI
21)	AQUIM	SALATIEL
22)	ELIÚDE	ZOROBABEL
23)	ELEAZAR	RESA
24)	MATATÁ	JOANÃ
25)	JACÓ	JUDÁ
26)	JOSÉ (marido de Maria)	JOSÉ (sem relação a Maria)
27)		SEMEI
28)		MATATIAS
29)		MÁATE
30)		NAGAI
31)		ESLI
32)		NAUM

33)	AMÓS
34)	MATATIAS
35)	JOSÉ (sem relação a Maria)
36)	JANAI
37)	MELQUI
38)	LEVI
39)	MATATE
40)	ELI
41)	JOSÉ (marido de Maria)

Apologistas cristãos defendem este desequilíbrio com a alegação de que uma linhagem é a de Jesus através da sua mãe, e a outra é a de Jesus através do marido da sua mãe, José. No entanto, muitos consideram esta defesa só mais uma das alegações inaceitáveis tipo "acredite no que eu digo, não no que vê com os seus próprios olhos", pois a Bíblia define claramente cada linhagem como a linhagem através do marido da Virgem Maria, José.

4 – Inconsistências Dentro do Novo Testamento: Parte 2

Os melhores, quando corruptos, tornam-se os piores.

- Provérbio latino (*Corruptio optimi pessima*)[282]

Apesar de todas as evidências em contrário, muitos cristãos acreditam que o Novo Testamento é a palavra de Deus não adulterada. Até Paulo refutou esta alegação em 1 Coríntios 7:12: "A todos os demais, eu particularmente, não o Senhor, vos digo…" – indicando que o que se segue foi dele, e não de Deus. Então, se nada mais, esta seção da Bíblia, pela própria admissão de Paulo, não é a palavra de Deus. 1 Coríntios 1:16 aponta que Paulo não conseguia lembrar se ele batizou alguém para além de Crispo, Gaio, e a família de Estéfanas. "…além destes, não me recordo se batizei algum outro irmão". Agora, soa isto como Deus a falar? Será que Deus diria: "Paulo batizou Crispo, Gaio, e a família de Estéfanas, e pode ter havido outros. Mas isso foi há muito tempo atrás, e, bem, sabe, tanta coisa aconteceu desde então. É tudo muito nevoado para mim agora"?

1 Coríntios 7:25-26 registra Paulo como tendo escrito: "Quanto aos solteiros, não tenho mandamento específico do Senhor. Dou, no entanto, meu parecer como um homem que, pela misericórdia do Senhor, tem vivido em fidelidade. *Considero*, portanto, que é saudável, devido aos problemas deste momento…" (itálico meu). 2 Coríntios 11:17 diz: "O que digo, não o digo

segundo o Senhor, mas como por insensatez…" (JFAA) Mais uma vez, alguém acreditaria que Deus fala assim? Paulo admitiu que ele respondeu, sem a orientação de Deus e sem autoridade divina, e que ele, pessoalmente, acreditava-se como sendo divinamente confiável num caso mas como falando de forma insensata noutro. Paulo justificou a sua presunção de autoridade com as palavras, "...segundo o meu parecer, e eu penso que também tenho o Espírito de Deus." (1 Coríntios 7:40). O problema é que um monte de pessoas tem alegado o "Espírito de Deus", enquanto fazem, o tempo todo, coisas muito estranhas e ímpias. Assim, deve a confiança de Paulo ser admirada ou condenada? Seja de que maneira respondamos a esta pergunta, o ponto é que, enquanto a confiança humana oscila por vezes, tal não é o caso com o omnisciente, todo-poderoso Criador. Deus nunca diria, "eu suponho que…", como Paulo o faz.

Enquanto que um homem possa ter assumido "perfeito entendimento de todas as coisas", levantado a caneta e ter sido autor de um evangelho porque lhe "pareceu bem" (Lucas 1: 3), muitas outras pessoas têm escrito sobre religião assumindo "perfeito entendimento" e porque bem lhes parecia. Mas tais sentimentos sublimes não fazem uma escritura.

A posição de recuo do defensor da Bíblia é afirmar que o Novo Testamento não é a palavra literal de Deus, mas a palavra *inspirada* de Deus. Tal afirmação é tida como tendo apoio em 2 Timóteo 3:16, que afirma o óbvio: "Toda Escritura é divinamente inspirada…" Isto não significa que algo se torna escritura apenas por nomeá-la como tal. Só porque um conselho ecuménico canonizou quatro evangelhos, à exclusão (e destruição) de outros milhares de evangelhos, isso não faz deles escritura. A evidência não está na opinião dos homens, mesmo se unânime, mas na divindade da origem, como indicada pela evidência interna e externa. Aqueles livros que falham os testes de origem e/ou inspiração divinas podem ser assumidos como tendo sido impuros do início, ou corrompidos. Simplesmente não está na natureza perfeita de Deus

revelar ou inspirar erros.

Isaías 40:8 ajuda a definir uma medida pela qual a autenticidade da revelação pode ser determinada: “Seca-se a erva, e murcha a flor; mas a palavra de nosso Deus subsiste eternamente”. Não precisamos de questionar a fonte de Isaías 40:8, pois a verdade da declaração é autoevidente, atemporal e inegável – a palavra (ou seja, os ensinamentos) de Deus *realmente* subsistem eternamente. A questão, no entanto, é que nem todos os *livros* “subsistem eternamente”, como é evidente a partir da longa lista de corrupções no capítulo anterior. E se “a palavra de nosso Deus subsiste eternamente” significa que esta não se perde, onde está o evangelho original de Jesus, se não perdido? Nenhum único verdadeiro estudioso bíblico vivo contestaria o fato de que nem uma única página do evangelho original de Jesus é conhecida como existente. Estudiosos de lado, podemos perceber esta conclusão por conta própria, ao reconhecer que Jesus falava aramaico, não grego.[283,284] Os mais antigos manuscritos conhecidos e canonizados como “verdade do evangelho” datam do século IV EC, e são predominantemente escritos numa língua que Jesus nunca falou – grego *koiné*!

Maioritariamente escritos por autores desconhecidos, com motivações desconhecidas e salpicadas com erros facilmente identificáveis e ímpios, o vazio deixado pela perda do evangelho original de Jesus é facilmente percetível e mal compensado.

Os erros e inconsistências encontrados até nos mais antigos manuscritos sobreviventes são tão numerosos que levaram C. J. Cadoux, professor de História da Igreja na Universidade de Oxford, a escrever,

> Nos quatro Evangelhos, portanto, os principais documentos a que temos de ir, se quisermos preencher de todo esse esboço nu que podemos encaixar de outras fontes, encontramos material de

> qualidade de grande disparidade no que respeita à credibilidade. Então, de longo alcance é o elemento de incerteza que é tentador a "ferramentas baixas" desde o início, e a declarar a tarefa como sem esperança. As inconsistências históricas e improbabilidades em partes dos Evangelhos formam alguns dos argumentos avançados a favor da teoria Cristo-mito. Estes são, no entanto, inteiramente superados – como foi mostrado – por outras considerações. Ainda assim, as divergências e incertezas que permanecem são sérias – e, consequentemente, muitos modernos, que não têm dúvida alguma da existência real de Jesus, consideram impossível qualquer tentativa em destilar a matéria historicamente verdadeira da matéria lendária ou mítica que os Evangelhos contêm, e em reconstruir a história da missão de Jesus fora do resíduo histórico.[285]

Cadoux não está sozinho na sua opinião. Qualquer pesquisador sério reconhece rapidamente a frustração que existe entre os teólogos cristãos, em grande parte devido à falta de uma escritura original, autores identificáveis, e orientação definitiva.

Por exemplo, nas palavras de Robert W. Funk, o estudioso fundador do *Seminário de Jesus*,

> Para aumentar o problema, não há duas cópias de qualquer um dos livros do Novo Testamento que sejam exatamente iguais, uma vez que estas foram todas feitas à mão. Estima-se que existam mais de setenta mil variantes significativas nos manuscritos gregos do próprio Novo Testamento. Essa montanha de variantes foi reduzida a um número gerenciável por edições modernas críticas que separam, avaliam e escolhem entre a miríade de possibilidades. As

> edições críticas do Novo Testamento grego usadas pelos estudiosos são de fato as criações de críticos textuais e editores. Elas não são idênticas a qualquer antigo manuscrito sobrevivente. Elas são uma combinação de muitas versões variantes.[286]

O Professor Dummelow de Cambridge atribui a falta de ética na manutenção de registros de escrituras ao modo de surgimento dos vários textos:

> Um copista, por vezes, colocaria não o que estava no texto, mas o que ele achava que deveria estar nele. Ele confiaria numa memória volúvel, ou ele mesmo faria o texto concordar com os pontos de vista da escola a que pertencia. Além disso, um número enorme de cópias é preservado. Além das versões e citações dos primeiros padres cristãos, cerca de quatro mil MSS [manuscritos] gregos[287(PT)] do Novo Testamento são tidos como existentes. Como resultado, a variedade de leituras é considerável.[288]

Para o que foi mencionado acima não seja tomado como opinião pessoal, esta citação é tirada de uma obra derivada da escolaridade combinada de quarenta e dois estudiosos cristãos de renome internacional. Podemos razoavelmente questionar o porquê de tal grupo de estudiosos ilustres criticar o seu próprio livro de orientação, se não por dedicação à verdade.

Outros estudiosos notáveis oferecem as suas explicações para os textos bíblicos muito diferentes:

> Os discursos no Quarto Evangelho (mesmo fora da primeira reivindicação messiânica) são tão diferentes daqueles nos

> Sinópticos, e assim como as observações do próprio Quarto Evangelista, que ambas não podem ser fiáveis como registros do que Jesus disse: A veracidade literária nos tempos antigos não proibia, como o faz agora, a atribuição de discursos fictícios a personagens históricos: os melhores historiadores antigos tinham a prática de compor e atribuir tais discursos desta maneira.[289]

O Rev. J. R. Findlay observa: "Nenhum dos escritos evangélicos assim produzidos, nem mesmo aqueles agora no Novo Testamento, alegaram na sua aparência como tendo autoridade canónica; todos iguais eram os filhos do desejo ao apresentar o que era conhecido ou o que se acreditava sobre Cristo, com o objetivo de satisfazer as necessidades religiosas das comunidades para as quais foram escritos separadamente."[290]

As observações de Findlay sobre os evangelhos apócrifos poderiam ser igualmente aplicadas aos evangelhos canónicos:

> O desejo naturalmente surgiria por uma apresentação dos fatos evangélicos que estariam em harmonia com o pensamento e sentimento predominante. Se este desejo fosse satisfeito, alguma manipulação da tradição geralmente aceite seria necessária, mas isso não parecia um assunto sério numa época que tinha pouca consciência quanto à obrigação de descrever as coisas como elas realmente eram. Assim, Evangelhos foram produzidos, os quais refletiam claramente as conceções de necessidades práticas da comunidade para a qual foram escritos. Por elas foi utilizado o material tradicional, mas não havia nenhuma hesitação em alterá-lo ou fazer-lhe acréscimos ou deixar de fora o que não combinava com o propósito do escritor.[291]

Ou, em linguagem simples, “Para os primeiros cristãos que passaram, de mão em mão, as histórias que temos agora nos Evangelhos, era legítimo e necessário, por vezes, alterar um fato histórico, a fim de transmitir um ponto teológico.”[292]

O fato de que os autores do evangelho modificaram o texto para se adequar ao seu propósito é tão bem conhecido entre os estudiosos, que este gerou uma metodologia específica de análise do evangelho conhecida como crítica de redação. O trabalho dos críticos de redação é adivinhar as intenções de cada autor, a sua posição teológica e o propósito evangélico através da análise da forma do evangelho e das modificações editoriais – incluindo inserções, exclusões, reinterpretações, e rearranjos – feitas às fontes das quais cada evangelho foi derivado.[293]

Quer concordemos com o argumento de que o Novo Testamento é uma fonte não confiável da verdade ou não, o silêncio das autoridades da Igreja, face a tais críticas, pode ser presumido como implicando concordância. Mas seja qual for a razão para a grande variabilidade dos relatos das escrituras, a verdade é que eles *são* diferentes, e a falta de uniformidade continua a ser uma dificuldade maligna que desfigura grosseiramente a reivindicação de infalibilidade.

Com todas as inconsistências, temos de perguntar por que foram livros conflituantes canonizados juntos. A resposta simples é que estes são os escritos cristãos que melhor serviam o propósito da Igreja primitiva.

E não é esse um pensamento assustador?

Mas isto leva então à questão de como o cânone do Novo Testamento foi derivado, por isso vamos voltar-nos para esse assunto a seguir.

5 – Problemas com o Cânone do Novo Testamento

Eu violei a história, mas pelo menos dei-lhe filhos.

- Alexandre Dumas[294]

De acordo com o *Dicionário Bíblico de Harper*, "O cânone do NT também tem uma história desigual e complexa… não há listas canónicas que apareçam antes de cerca de 150 AD…"[295] John Reumann, no seu livro *Variedade e Unidade no Pensamento do Novo Testamento*, comenta: "O cânone como uma coleção torna-se mais problemático quando se vê o quão variados são os escritos que foram incluídos (e como alguns dos que ficaram fora não são de todo intrinsecamente inferiores em estilo ou mais tardios em data) ou como opiniões divergiram sobre alguns desses escritos nos séculos patrísticos."[296]

Graham Stanton acrescenta, "A igreja primitiva manteve quatro evangelhos, apesar do constrangimento frequente quanto às diferenças…"[297]

No entanto, a *Nova Enciclopédia Católica* afirma que, "Todos os livros no cânone são inspirados, mas é debatido se há ou não, ou se poderia haver, algum livro inspirado que, por causa da sua perda, não está no cânone. A Igreja não resolveu esta questão. A opinião mais geral é que alguns livros inspirados provavelmente foram perdidos."[298]

Porquê essa suspeita à espreita de que alguns dos livros foram perdidos? Prova bíblica – 1 Cor 5:9 e 2 Coríntios 2:3-9; 7:8-12 descrevem duas das cartas de Paulo que desapareceram.[299]

Paulo também fala da "Epístola de Laodiceia" em Col. 4:16 – onde está ela? Além disso, entre 1 Crónicas 29:29, 2 Crônicas 9:29, e 2 Crônicas 12:15, um total de seis livros perdidos são revelados no Antigo Testamento.[300] Então, este material claramente foi perdido. Quanto tem sido indevidamente adicionado é mais uma questão em disputa.

Fora esses livros que foram perdidos, cinco (2 Pedro, 2 João, 3 João, Tiago, e Judas) sofreram retrocessos na aceitação por causa da sua atribuição duvidosa. Além disso, canonicidade foi reivindicada por outros livros que desde então foram afundados na obscuridade dos Apócrifos, e a legitimidade de Hebreus e Apocalipse manteve-se um tema de debate até hoje.[301] Até depois da "estabilização final" da Bíblia no século V, os cinco livros acima, bem como Hebreus e Apocalipse, permaneceram controversos.[302] Esta controvérsia mostrou-se tão problemática que um fim foi procurado. Consequentemente, depois de bem mais de mil anos de indecisão e debate, uma definição dogmática do cânone bíblico foi estabelecida no Conselho de Trento em 8 de Abril de 1564, no decreto, *De Canonicis Scripturis*.[303]

Ora, para ser justo, encontramos menção dos vinte e sete livros do nosso Novo Testamento já em 367 EC, numa carta pastoral anual escrita por Atanásio, bispo da Alexandria. Nesta carta, Atanásio definiu esses vinte e sete livros, e esses livros apenas, como escritura.[304] Infelizmente, nem Atanásio, nem mais ninguém, conseguiu estabelecer um cânone universalmente aceite. A Igreja síria excluiu cinco livros do seu cânone do Novo Testamento de vinte e dois livros, enquanto que a Igreja etíope acrescentou mais quatro, deixando um total de trinta e um.[305] Considerando os livros do Antigo Testamento, a Bíblia tradicional católica (Douay-Rheims), bem como as traduções mais modernas – a Nova Bíblia Americana e a Versão Padrão Revisada (edição católica) – listam setenta e três livros, sete a mais do que a Bíblia protestante e sete menos do que a versão ortodoxa. Assim, até hoje, o mundo do Cristianismo

permanece dividido quanto ao que constitui o Novo Testamento.

No entanto, nós concentramos a nossa discussão sobre a Igreja Católica pelo motivo da sua proeminência na história, e voltamos ao Conselho de Trento, no ano de 1564, e à cimentação do cânone do Novo Testamento. Podemos perguntar-nos com que autoridade tal canonização foi feita, quase dezasseis séculos posteriores ao ministério de Jesus. A Igreja Católica assume a posição de que "O decreto de Trento, repetido pelo Vaticano I em 24 de Abril de 1870, é a decisão infalível do magistério. No decreto, certas seções deuterocanónicas duvidosamente autênticas também estão incluídas com os livros (*cum omnibus suis partibus*): Mc 16.9-20; Lc 22.19b-20, 43-44; e Jo 7.53-8.11."[306]

Notáveis são as reivindicações persistentes de infalibilidade magistral e de autenticidade duvidosa, o que sugere que as alegações de infalibilidade são pouco mais do que propaganda papal.

Esta é, afinal, a mesma Igreja que postumamente anatematizou o Papa Honório I, no Terceiro Conselho de Constantinopla (o Sexto Conselho Ecuménico) em 680 EC. Ora, o Papa Honório governou o Vaticano durante treze anos (625-638 EC), e foi sancionado pelo sínodo de Constantinopla no ano da sua morte como "concordando verdadeiramente com a pregação apostólica".[307] No entanto, quarenta e quatro anos mais tarde, a mesma Igreja que já tinha sancionado Honório declarou-o anátema porque ele "não, ao tornar-se a autoridade apostólica, extinguiu a chama do ensino herético no seu primeiro início, mas promoveu-o por sua própria negligência", e "permitiu que a regra imaculada da tradição apostólica, que ele recebeu dos seus antecessores, fosse manchada."[308]

Então? Qual é a afirmação correta? O Papa Honório "realmente [concordou] com a pregação apostólica", ou manchou a tradição apostólica?

Em 682 o Papa São Leão II, com o apoio do Sínodo de Trullo, bem como os sétimo e oitavo conselhos ecuménicos, formalizou a condenação do Sexto Conselho Ecuménico.[309,310,311] Portanto, temos aqui dois papas opostos, e temos de saber qual deles, sequer eram infalíveis. *Alguém* está errado – ou o Papa Honório mereceu ser anatematizado de acordo com as regras da igreja, ou o Papa São Leão II anatematizou um homem inocente. Então, alguém tem de estar errado, mas de acordo com a doutrina da infalibilidade papal, a Igreja quer que nós acreditemos que ambos estavam certos!

Passando pelas crónicas da história papal, relatos semelhantes levantam mais do que algumas sobrancelhas especulativamente arqueadas. O Papa Pio IX definiu a doutrina da infalibilidade papal no Primeiro Conselho no Vaticano, que se estendeu de 1869 a 1870. Portanto, noutras palavras, a doutrina evadiu reconhecimento por mais de quinze séculos. Este atraso no reconhecimento é compreensível, no entanto, dada a história do papado. O sétimo século testemunhou a intriga colorida que circundava o Papa Honório I, como descrita acima. O século X introduziu João XII, cujos crimes contra a humanidade e a religião eram de tal amplitude, profundidade e depravação que solicitaram um autor a declará-lo como o Calígula cristão, acrescentando:

> A acusação feita especificamente contra ele foi que ele transformou o Latrão numa casa de prostituição; que ele e o seu gangue violavam peregrinos do sexo feminino na própria basílica de São Pedro; que as ofertas dos humildes colocadas sobre o altar eram arrebatadas como espólio casual. Ele era um amante excessivo de jogos a dinheiro, nos quais ele invocava os nomes dos deuses desacreditados, hoje universalmente considerados como demónios. A sua fome sexual era insaciável – um crime menor, aos

> olhos romanos. O que era muito pior era que as ocupantes ocasionais da sua cama não eram recompensados com presentes ocasionais de ouro, mas de terra. Uma das suas amantes foi capaz de se estabelecer como uma senhora feudal "pois ele estava tão cegamente apaixonado por ela que a fez governadora de cidades – e até lhe deu as cruzes douradas e os cálices do próprio São Pedro."[312]

Bento IX assumiu a cadeira de São Pedro, em 1032, apenas para vender o papado do seu padrinho, Giovanni Gratiano, pela impressionante soma de 1.500 libras de ouro.[313] Desastres semelhantes vieram à tona com papas subsequentes, tal como quando o chefe de São Pedro se tornou desconfortavelmente sobrecarregado pela trindade dos papas Bento XIII, Gregório XII e João XXIII[314(NE)] (ele mesmo um ex-pirata, como se a situação exigisse ainda mais intriga), todos a ocuparem o escritório do papado ao mesmo tempo.[315]

Talvez a peculiaridade mais notável seja a do século XIII quanto ao Papa Celestino V, sobre o qual a *Nova Enciclopédia Católica* nota, "o reinado de Celestino foi marcado por uma subserviência infeliz a Charles II e por incompetência administrativa… Percebendo a sua incompetência, Celestino emitiu uma constituição (10 de Dezembro) declara o direito de um papa a renunciar, e em 13 de Dezembro ele renunciou livremente."[316] Uma reviravolta mais interessante para o conto seria difícil de encontrar – um papa que reconheceu a sua própria incompetência e se demitiu! Os católicos reivindicam que um papa não pode fazer nada errado, mas Celestino, pelo menos assim parece, não conseguia fazer nada certo. Infalível, mas incompetente – uma proposição verdadeiramente peculiar.

Mais recentemente, em 1962, o Papa João XXIII convocou o Conselho no Vaticano II que, em última análise, emitiu o *Nostra Aetate*, proclamado pelo seu sucessor, o Papa Paulo VI

em 28 de outubro de 1965. O *Nostra Aetate* é um documento que exonerou os judeus do suposto crime de terem crucificado Jesus Cristo. Não só isso, mas o documento afirma que "De fato, a Igreja acredita que pela Sua cruz, Cristo, a Nossa Paz, reconciliou judeus e gentios, unindo-os n'Ele Mesmo."[317] Um coletivo "Agora, espere um minuto" foi ouvido em todo o mundo, e tem ecoado através dos desfiladeiros da consciência cristã desde então.

Se Jesus Cristo foi de fato crucificado ou não, não possui nenhuma relevância para este assunto. O que *é* relevante é a observação de que uma opinião defendida e apoiada por todos os papas desde o início da Igreja Católica Romana foi contestada por um papa e pelo seu conselho no século XX, e, em seguida, aprovada por todos os que se seguiram. Assim, estavam todos os papas anteriores errados por não terem reconhecido a proposta inocente dos judeus, ou o Papa João XXIII, o Papa Paulo VI, e os papas João Paulo I e II endossaram ideologias politicamente corretas do lado escuro da realidade?

Os judeus, certamente, alegram-se pela sua exoneração, pois a implicação prática é o fim de quase dois milénios de antissemitismo católico sancionado. O Papa João Paulo II pediu à Igreja para fazer *tshuva* (hebraico para arrependimento) pela sua história prolongada de antissemitismo, e para todos os católicos se absterem, doravante, de assédio e discriminação contra os judeus, por terem sido erroneamente considerados amaldiçoados e condenados por dois milénios. No entanto, assim como os outros papas "infalíveis" da história claramente não concordavam, nem todos os membros da atual ortodoxia concordam, pois,

> Durante o debate no Conselho do Vaticano II sobre a declaração quanto aos judeus, o Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa Copta comunicou a Roma o seu entendimento franco que "a Bíblia Sagrada dá um testemunho claro de que os judeus crucificaram o

> Senhor Jesus Cristo, carregaram a responsabilidade da Sua crucificação". A comunicação lembrou que "os judeus disseram repetidamente para Pôncio Pilatos: 'Crucifica-o! Crucifica-o! (Lucas 23:21) 'O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos. (Mateus 27:25).'" A Igreja Ortodoxa Copta, em seguida, deu documentação para a opinião de que os judeus continuam "condenados" de acordo com o Novo Testamento. "Disse São Pedro, o Apóstolo: 'Todavia, vós negastes publicamente o Santo e Justo, e pedistes que um assassino fosse libertado. Vós matastes o Autor da vida (Atos 3:14-15).'" Além disso, a condenação recai sobre todos os judeus na sua existência coletiva seja nos dias antigos ou neste tempo. "Esta condenação não inclui um grupo específico e não outros; pois São Pedro dirigiu-se aos judeus de todas as nações debaixo do céu (Atos 2).'"[318]

Mas será toda esta mudança de mentalidade e prevaricação tão surpreendente? Afinal, os cristãos são convidados a acreditar que os companheiros e seguidores devotos de Jesus não conseguiam concordar sobre o cânone das escrituras cristãs um mês, um ano ou dois anos após o ministério de Jesus, mas de alguma forma alguns clérigos extraordinariamente iluminados destilaram a verdade da Cristologia a partir das escrituras quinze séculos mais tarde.

Talvez devêssemos estar preocupados sobre confiar no clero progressista que inaugurou tantas inovações religiosas pelos corredores do culto tradicional. Inovações como a cruz, o crucifixo, as pinturas, os ícones religiosos, e as representações de vitral de Jesus e dos santos. Claro, muitos cristãos amam estas inovações e defendem-nas com base na sua natureza inspiradora e evocativa, e porque elas servem como lembretes religiosos. Isso pode ser verdade. Mas que julgamento humano supera os mandamentos de Deus com base em opinião? Que "pessoa de Deus" alguma vez diria, "Bem, sim, Deus proíbe isso, mas eu acho que não faz mal"?

A suprema arrogância é acreditar que, de alguma forma, Deus deixou de considerar todos os ângulos, e nós, como seres humanos temos o direito de vetar o Seu decreto com base no nosso próprio capricho.

Por exemplo, os símbolos mais conhecidos do Cristianismo são a cruz e o crucifixo. Uma pessoa pode supor que o uso, exibição, e reverência destes itens datam da época de Jesus.

Nada poderia estar mais longe da verdade.

Na verdade, a adoção da cruz e crucifixo no culto cristão foi inovada séculos depois do ministério de Jesus. A representação da cruz nua veio primeiro, durante o período de Constantino no quarto século.[319] As primeiras cenas da crucificação datam do século V, enquanto que a imagem de Cristo crucificado na cruz data do século VI; só a partir do século XIII é que o crucifixo apareceu na mesa do altar.[320] A *Nova Enciclopédia Católica* comenta, "A representação da morte redentora de Cristo em Gólgota não ocorre na arte simbólica dos primeiros séculos cristãos. Os primeiros cristãos, influenciados pela proibição do Antigo Testamento de imagens esculpidas, estavam relutantes em retratar até o instrumento da Paixão do Senhor."[321]

Raramente são duas frases tão ricas em informação. Saber que os cristãos dos primeiros séculos honravam as proibições do Antigo Testamento faz uma pessoa perguntar-se sobre o que aconteceu entre então e agora. Os primeiros cristãos evitavam imagens esculpidas por respeito às leis de Deus. Só quando amaciados por quatrocentos anos de atitudes "progressistas" é que os artistas começam a desafiar os limites da sua religião.

Outras inovações, como a colocação de estátuas, pinturas, afrescos e vitrais, posteriormente, tornaram-se comuns. Sendo estes os frutos daqueles que reivindicavam seguir em nome de Jesus – transformando Jesus, o iconoclasta, em Jesus, o ícone – o purista religioso

pode dificilmente ser responsabilizado por apontar as diferenças entre os ensinamentos de Jesus e a prática do Cristianismo. Alguns aplaudem o movimento para longe das duras e restritivas leis do Antigo Testamento. Outros tremem quanto às ramificações de seguir um caminho diferente daquele que Deus prescreve.

Homens e mulheres de Deus procurarão esclarecimentos escriturais para proteger as suas crenças. Homens e mulheres de instituições procurarão as garantias do clero, que por este ponto devem ser consideradas suspeitas, se não inconfiáveis. Ou, por que não dizer, completamente corruptas?

6 – O Antigo Testamento apoia o Novo Testamento que apoia o Alcorão Sagrado

É tão perigoso acreditar demasiado, como acreditar muito pouco.

- Denis Diderot[322]

Apesar das corrupções do Antigo e Novo Testamentos, apesar de todas as adições, omissões e alterações, apesar da falsificação de livros inteiros e das modificações doutrinariamente motivadas de textos pré-existentes, apesar do fato de que os autores dos evangelhos do Novo Testamento e de metade das cartas de Paulo sejam anónimos, apesar de não saber quem escreveu o quê, e precisamente quando, onde ou porquê, o argumento pode, contudo, ser que a palavra de Deus ainda está para ser encontrada na Bíblia. *Isto* pode ser verdade! O problema é que um monte de ensinamentos questionáveis são encontrados também. Como, então, podemos distinguir a palavra de Deus da palavra do homem?

Alguns afirmam que podemos, outros afirmam que não podemos – só Deus pode.

E esta é uma explicação para o crescente interesse na religião islâmica dentro de nações ocidentais – tanto que o Islam é hoje a religião que mais cresce no mundo.[323]

A proposta islâmica é que aqueles cujos corações e mentes estão abertos à evidência irão reconhecer tanto os elementos divinos como os elementos humanos da Bíblia. Os elementos divinos servem como um esqueleto escritural das leis, da moral, e dos códigos de conduta,

enquanto que os elementos humanos conduzem os sinceros a procurar a revelação final de Deus. Os muçulmanos propõem o Alcorão Sagrado como a revelação final que preenche o quadro de verdades espalhadas por todo o Antigo e Novo Testamentos.

Como a tradução do Alcorão Sagrado diz: "Ele fez descer sobre ti o Livro (passo a passo), com a verdade, para confirmar o que havia antes dele. E fizera descer a Tora (de Moisés) e o Evangelho (de Jesus), antes, como orientação para a humanidade; e fez descer Al-Furqan (o Critério entre o certo e o errado)." (OSA 3:3)

Muitos inferem a partir da passagem acima que o Alcorão subscreve as Bíblias judaicas e cristãs (o Velho e o Novo Testamentos) como escritura. Não é verdade. O Alcorão ensina que Deus, de fato, enviou a Lei (de Moisés) e o Evangelho (de Jesus) e que, até hoje, alguma dessa verdade permanece dentro dos livros dos cristãos e dos judeus. No entanto, onde exatamente a Lei (de Moisés), o Evangelho (de Jesus), e as verdades neles se encontram – em que passagens, e em que livros, seja na Bíblia, os livros apócrifos, ou noutro lugar – o Alcorão não especifica.

Perspetiva é um problema aqui. Podemos ler "a Tora (de Moisés) e o Evangelho (de Jesus)" e reflexivamente equacionar esta referência ao Antigo e Novo Testamentos. No entanto, a análise anterior deve convencer até mesmo o devoto mais comprometido que, seja onde estiverem as escrituras de Moisés e Jesus, elas não foram preservadas na Bíblia na pureza não adulterada em que foram reveladas. Daí a necessidade de uma revelação final para confirmar a verdade do "que havia antes", para refutar as corrupções bíblicas dos homens, e para funcionar como "Al-Furqan (o Critério entre o certo e o errado)". Daí, também, a necessidade de uma revelação que carregue o anúncio das boas-vindas,

> Ó seguidores do Livro! Com efeito, Nosso Mensageiro chegou-
> vos, para tornar evidente, para vós, muito do que havíeis escondido

> do Livro, e para abrir mão de muito disso. Com efeito, chegou-vos de Allah uma (nova) luz e evidente Livro; Allah guia, com ele, os que seguem o Seu agrado aos caminhos da paz; e fá-los sair, com a Sua permissão, das trevas para a Luz, e guia-os a uma senda reta. (OSA 5:15-16)

A corrupção infeliz do Antigo e Novo Testamentos tem dificultado a nossa capacidade de distinguir a verdadeira revelação de inserções feitas pelo homem. Alguns mal-entendidos escriturais são de natureza relativamente menor, outros catastróficos. Por exemplo, cristãos "nascidos de novo" acreditam, como registrado na Versão de King James, "se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (João 3:3), e "deveis nascer de novo" (João 3:7). Esta seita moderna depende de uma ideologia que gira à volta da frase "nascido de novo" – uma frase que é, de fato, um erro de tradução do grego *gennao anothen*, que significa "criado" ou "gerado"de cima.[324] De acordo com a verdadeira tradução, *toda* a humanidade é *gennao anothen*, quer queiramos ou não, pois onde está a pessoa que é "gerada de baixo"? Algumas bíblias modernas são mais fiéis à verdadeira tradução, outras não, e só podemos imaginar as pressões sugadoras de alma que levaram à mudança de duas palavras, a fim de vender mais alguns milhões de cópias. Por exemplo, a Nova Versão Internacional vai a meio caminho e traduz *gennao anothen* como "nascido de cima". Consequentemente, existem, literalmente, milhões de almas que partiram desta vida terrena com as suas esperanças de salvação fixadas numa frase-chave, que na verdade é inexistente no sentido do grego.

Uma infinidade de tais equívocos floresceram a partir do campo fértil dos últimos doze versículos do Evangelho de Marcos, como previamente discutido. Um autor escreve: "Como é que Marcos terminou o seu Evangelho? Infelizmente, não sabemos; o máximo que se pode dizer é que quatro finais diferentes estão em curso entre os manuscritos, mas provavelmente nenhum

deles representa o que Marcos inicialmente intencionou."[325]

Isso é "o máximo que pode ser dito"?

Dificilmente.

Estes últimos doze versículos (Marcos 16:9-20) têm sido objetos de litígio, e por boa razão. Os dois manuscritos mais antigos (MS do Vaticano n°1209 e o Código Sinaítico Siríaco) terminam em Marcos 16:8. Marcos 16:9-20 não é encontrado em quaisquer papiros conhecidos antes do sexto século EC, e mesmo assim, numa versão siríaca de 616 EC, estes doze versículos existem apenas como uma nota marginal (como pode ser confirmado nas referências marginais de Nestle, *Novum Testamentum Graece*). Para Clemente da Alexandria e Orígenes, estes versículos não existiam.[326] Eusébio e Jerônimo testemunham que este fim de Marcos não é encontrado em praticamente nenhum dos manuscritos gregos que eles conheciam.[327]O Professor Metzger elabora, "Nem um único dos manuscritos, que contêm a passagem, tem notas de escribas a informar que cópias gregas mais antigas não a têm, e noutras testemunhas a passagem é marcada com asteriscos ou obeliscos, os sinais convencionais usados por copistas para indicar uma adição espúria a um documento… É óbvio que a forma expandida do longo fim não tem nenhuma pretensão de ser original… Este provavelmente é o trabalho de um escriba do segundo ou terceiro século…"[328]

Como a VPR de 1977 reconhece numa nota de rodapé de Marcos 16:8: "Algumas das autoridades mais antigas trazem o livro a um fim no final do versículo 8."[329]A *Bíblia do Intérprete* comenta, "Foram feitas tentativas para recuperar o 'fim perdido' de Marcos nas seções restantes de Mateus ou Lucas, ou mesmo de João ou Atos; mas nenhuma destas foi geralmente aprovada, e é duvidoso se as cópias de Mateus e de Lucas de Marcos foram além de 16:8. O problema é fascinante para investigação; mas é provável que seja insolúvel no presente."[330]

A esperança é oferecida de que "novas descobertas de primeiros MSS [manuscritos] poderão ajudar em direção a uma solução."[331] Entretanto, o debate mantém-se em furor, e estes versículos, embora muito provavelmente escritos pelo presbítero Aristão do século II,[332] são retidos pela Vulgata Católica e muitas Bíblias protestantes. Consequentemente, aqueles que confiam nas suas bíblias quanto à transmissão só da "verdade do evangelho" continuam a aceitar os ensinamentos que estes versículos transmitem. Qual é o mal? Apenas este – estes últimos doze versos de "Marcos" apoiam o evangelismo, o batismo, o exorcismo, o falar em línguas, e o teste de fé através da manipulação de cascavéis. Mais de metade das mortes por picada de cascavel nos Estados Unidos são supostamente de cultos de manuseio de serpentes, não porque mais pessoas são picadas, mas porque consideram-no um ato de fé não relatar nem tratar as mordidas.

Se as bíblias modernas honrassem as fontes textuais mais antigas e eliminassem Marcos 16:9-20, as Testemunhas de Jeová ficariam mais perto de dormir até tarde nas manhãs de sábado (como o fariam os seus vizinhos infelizes), pentecostais poderiam desatar as suas línguas torcidas para o discurso nobre e inteligível, e todos os cristãos teriam menos um motivo para agonizar sobre o destino dos falecidos não-batizados.

Portanto, tudo somado, o que temos? Nós temos um Criador infalível e um Antigo e Novo Testamentos muito, muito, *muito* errantes. Como é que corrigimos estes dois? Ou fechando os olhos às deficiências textuais, ou reconhecendo estas deficiências e tentando dar-lhes sentido. E a isto, os apologéticos judaicos e cristãos falharam miseravelmente.

Entra então o ponto de vista muçulmano.

Os muçulmanos afirmam que sempre que a "palavra de Deus" registrada era corrompida pela mão do homem, Deus, na Sua misericórdia, renovava a Sua mensagem através de uma nova, esclarecedora, revelação. Desta maneira, o Antigo Testamento, uma vez corrompido, foi

substituído pelo Novo Testamento, e o Novo Testamento pelo Alcorão Sagrado. Os muçulmanos afirmam que, ao longo deste ciclo de repetição de revelação divina–corrupção humana–revelação esclarecedora, a única constante que Allah não permitiu que fosse perdida na confusão foi a Sua mensagem de unicidade divina. Este credo é a pedra angular da verdadeira fé, e como tal, Allah preservou o Seu credo ao longo do tempo e ao longo da revelação. E se este livro não provou qualquer outro ponto, ele demonstrou que se falamos de unicidade divina nos mandamentos do Antigo Testamento, nos ensinamentos de Jesus Cristo, ou na mensagem do Alcorão Sagrado, nós falamos do mesmo credo eterno: Deus é Um, sem parceiro ou co-participante na divindade.

Lembremo-nos de que cada elemento doutrinário do credo trinitário ou é baseado em evidências não-bíblicas, ou na manipulação e/ou mal-entendido de versículos ambíguos, questionáveis ou isolados do Novo Testamento. Em todos os casos, estes versículos não têm o apoio dos outros livros ou epístolas, como discutido acima, e em alguns casos são categoricamente desmentidos pelos ensinamentos registrados de Jesus.

Ora, nós podemos razoavelmente esperar que Deus não escondesse os elementos mais críticos da crença verdadeira, uma vez que o propósito da revelação é *revelar*. Afinal de contas, como a maioria dos professores sabe, a maior parte do ensino é repetição. Assim, os ingredientes da verdadeira fé podem ser esperados como tendo sido transmitidos em termos claros e inequívocos, uma e outra vez. No que diz respeito à Bíblia, este é precisamente o caso. Os ensinamentos mais repetidos, consistentes e verificáveis do Antigo e do Novo Testamentos transmitem a unicidade de Deus e o mandamento à Sua obediência, que inclui, aliás, a diretiva para aceitar o mensageiro e a revelação finais.

Ora, muitos cristãos bem-instruídos serão rápidos em apontar que a Bíblia termina com uma forte advertência no livro do Apocalipse. Não importa que “Hebreus esteve por muito

tempo sob suspeita no Ocidente, e Apocalipse foi geralmente excluído nos séculos IV e V, onde a escola de Antioquia dominava."[333] Não, isso não importa, mas apenas considere isto: os últimos versículos da Bíblia (Apocalipse 22:18-19) advertem contra qualquer pessoa que acrescente ou retire"deste livro"– um aviso de que deveria levar à pergunta: "Hmm, que livro?" A Bíblia é uma coleção de livros. É assim que se derivou o nome – do latim *biblia*, que significa literalmente "os livros". Daí "bibliografia" para uma lista de livros, "bibliófilo" para um amante de livros, "biblioteca" como usada em português– a lista continua e continua. Como F. F. Arbuthnot observa,

> Outra curta viagem leva-nos de volta ao século XIV, quando as pessoas começaram a dizer: "A Bíblia". O simples fato de que nós chamamos esta coleção de livros "A Bíblia", como se fosse um livro e não uma coleção de livros, é um fato muito importante – um fato que tem sido frutífero para mal-entendidos. Nós, naturalmente, pensamos num livro como tendo um autor, ou um génio como diretor…
>
> Antes do século XIV esta não era chamada de "A Bíblia". Esta não era considerada como um livro. Em grego não era *Ton Biblion*, mas *Ta Biblia* – os livros. E antes do século V, estes não eram chamados de livros de todo, mas escritos – escritos hebraicos e cristãos.[334]

Devemos também observar que os livros da Bíblia *não* são compilados em ordem cronológica. O livro do Apocalipse *não* foi o último livro escrito. No entanto, a colocação estratégica no final da Bíblia dá essa falsa impressão. Na verdade, Tiago, a Primeira, Segunda e Terceira Epístolas de João, o Evangelho de João, Judas, Primeira e Segunda de Timóteo, Tito, e

2 Pedro são considerados como tendo sido escritos entre cinco a sessenta e cinco anos *depois* do livro do Apocalipse.[335] Uma diferença de cinco segundos, muito menos de cinco a sessenta e cinco anos, violaria a clásula de "acrescentar algo", *se* os versículos acima mencionados do Apocalipse fossem intencionados como sendo sobre a Bíblia como um todo. Mas eles não o são, e não o poderão ser.

O mais antigo manuscrito do Novo Testamento conhecido, o *Codex Sinaiticus* do século IV, contém ambos o Pastor de Hermas e a Epístola de Barnabé – dois livros que eram reconhecidos por muitos dos primeiros cristãos como livros do Novo Testamento.[336] No entanto, estes dois livros foram posteriormente removidos e colocados na Apócrifa. A Bíblia protestante eliminou mais sete livros, bem como partes de outros, para incluir Esdras I e II, Tobias, Judite, as adições ao livro de Ester, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruc, a Carta de Jeremias, a Oração de Azarias e a Canção dos Três Homens Jovens, Susana, Bel e o Dragão, a Oração de Manassés, Macabeus I e II. Estas omissões violariama cláusula de"tirar alguma palavra" em cada exemplo, se os ensinamentos de Apocalipse se aplicassem à Bíblia como um todo.

Assim, o "livro" a que a última linha do Apocalipse se refere não pode ser outro para além dele mesmo, o *livro* do Apocalipse, e o livro do Apocalipse apenas. Caso contrário, os principais violadores do aviso quanto a omissões e inserções são os próprios cristãos do clero, pois uma boa porção foi tanto adicionada como removida da *biblia*, ou coleção de livros como um todo.

Tais argumentos não são estranhos ao clero cristão, mas são em grande parte escondidos do público leigo. Poucos estudiosos saem das doutrinas em que estão entrincheirados, e poucos leigos possuem interesse e motivação suficientes para travar a batalha intelectual necessária para confrontar autoridades cristãs com a falta de bases (e em muitos casos falsidade óbvia) das suas

crenças. Mesmo assim, fontes cristãs mais francas admitem algumas coisas surpreendentes. Por exemplo, como mencionado anteriormente, nenhum estudioso cristão de valor significativo considera o grego como tendo sido a língua original de Jesus. No entanto, muitos falam do "original grego", sabendo que, com o tempo, a imitação pública seguirá. No entanto, se questionados diretamente, a maioria dos clérigos é honesta o suficiente para admitir que Jesus falava aramaico e hebraico antigo, mas não o grego *Koiné* com o qual os manuscritos do Novo Testamento foram registrados.[337] O Reverendo J. R. Dummelow de fama no Queen's College (Cambridge, Inglaterra), é apenas um dos muitos que voluntariaram logo tal informação.[338]

Indo contra corrente ao fluxo avassalador de provas e opinião académica, um punhado de teólogos extremos têm se esforçado recentemente em sugerir que Jesus, de fato, falou grego *Koiné*. Houve uma época em que era mais fácil fazer passar tais respostas simplistas para um público ingénuo, mas esse tempo já passou. O fardo do Cristianismo, então, é aceitar dogmas de fé insustentáveis, apesar de evidências que assaltam todas as paredes do castelo enfermo da crença trinitária, até ao próprio fundamento: o que quer dizer, o Novo Testamento.

O desafio do Islam é aceitar Moisés e Jesus como profetas humanos (mas nada mais que isso), entender a infidelidade daqueles que moldaram o Judaísmo e o Cristianismo às suas formas atuais, reconhecer Muhammad como o último profeta previsto tanto no Antigo como no Novo Testamentos, e reverenciar a revelação que ele transmitiu. Os muçulmanos reivindicam que esta revelação é consistente com a escritura anterior, congruente com a natureza humana, e em conformidade com as realidades da existência mundana. Eles afirmam que esta revelação resiste aos mais altos níveis da análise crítica, sendo divina em conteúdo, design e perfeição completa. Eles afirmam que esta revelação é o Alcorão Sagrado.

Conclusão

> *Certifique-se em ir ao autor para entender o significado dele, não em encontrar o seu.*
>
> - John Ruskin, *Sesame and Lilies [Sésamo e Lílios]*

Que conclusões é que as evidências dadas neste livro sugerem?

Começámos por propor que o nome *Allah* é consistente com Antigo e Novo Testamentos, bem como com o Alcorão Sagrado, e mostrámos que estas três escrituras compartilham o plural majestático também. A análise das diferenças doutrinárias entre o Cristianismo e o Islam revela que muito do cânone cristão foi derivado mais de fontes não-bíblicas do que a partir dos ensinamentos do próprio Jesus. Surpreendentemente, muito do cânone cristão, e dos ensinamentos paulinos dos quais este foi derivado, na verdade, contradizem os ensinamentos de Jesus.

Quando pesquisamos por esclarecimento na Bíblia, encontramos que ambos o Antigo e Novo Testamentos foram corrompidos. E se não podemos confiar numa parte destes livros, em que partes *podemos* confiar?

No entanto, descobrimos uma continuidade de credo entre o Antigo e Novo Testamentos, e isso não nos admira. Num nível instintivo, esperamos que a realidade de Deus seja eterna. Então, quando encontramos tanto os ensinamentos de Moisés como os de Jesus sobre Deus

sendo um só Deus, e da vinda de um profeta final a seguir, talvez devêssemos prestar atenção.

Outro ponto crucial é que os ensinamentos de Moisés, de Jesus e de Muhammad são notavelmente consistentes. Na verdade, eles acordam com bastante frequência. Claro que os ensinamentos de Muhammad entram em forte conflito com os de Paulo, mas, assim também o fazem os de Moisés e Jesus. E esta é apenas mais uma questão sobre a qual os três profetas, e as revelações que eles transmitiram, concordam: todos os três contradizem os ensinamentos de Paulo!

Então, se não podemos confiar no Antigo e Novo Testamentos para orientação espiritual, por que devemos confiar no Alcorão Sagrado? E será que Muhammad viveu de acordo com a sua afirmação de missão profética? Estas perguntas não podem ser respondidas numa frase, num parágrafo, ou até mesmo num capítulo. Elas exigiram um livro – especificamente, uma sequela a este volume – que eu intitulei de *Guiados?*. Convido-o a lê-lo.

O absurdo apoiado por poder nunca será capaz de se defender contra os esforços da razão.

- Joseph Priestley

Apêndice: A Metodologia de *Ahadith*

O Alcorão ordena os crentes a obedecerem ao mensageiro de Allah e a seguirem o seu exemplo. Por esta razão, os primeiros muçulmanos preservaram os ensinamentos e exemplo de Muhammad nos volumes de tradições conhecidas como *ahadith*. Nenhum detalhe era muito pequeno, e daquele dia até hoje, os devotos têm modelado as suas vidas à do profeta. A partir dos registros de *ahadith*, nós não só sabemos quantas vezes Muhammad escovava os dentes (nunca menos do que cinco vezes por dia), mas em que *ordem* ele os escovava (lateralmente, começando pela direita). Nós sabemos como ele comeu, bebeu e dormiu, a sua vestimenta, maneiras e comportamento, até ao mais ínfimo detalhe. Mais importante ainda, nós sabemos como ele viveu a religião que ele transmitiu, e disto muitos precedentes legais e sociais foram estabelecidos.

Não surpreendentemente, depois da sua morte, "seguidores" ímpios tentaram modificar a religião para esta ficar mais próxima aos desejos dos seus corações, através da falsificação de *ahadith*. Ao contrário do que se poderia esperar à primeira, isto fortaleceu, em vez de enfraquecer, os registros de *ahadith*. Assim como dinheiro falsificado força governos a adotar padrões mais elevados de produção e de autenticação, falsos *ahadith* forçaram os muçulmanos a níveis mais profundos de análise de *ahadith*. Da mesma forma que especialistas podem diferenciar a moeda válida da falsa, estudiosos muçulmanos podem distinguir *ahadith* válidos daqueles que são fracos ou fabricados.

O processo de autenticação de *ahadith* tornou-se o padrão-ouro de manutenção de

registros históricos durante o seu tempo, e por séculos posteriores. Certamente, este permaneceu sem rival no Ocidente. Até este dia, nós não sabemos realmente como era a vida na Inglaterra e na Europa na virada do primeiro milénio, devido à escassez de registros confiáveis e informações verificáveis. Mas através dos registros de *ahadith*, sabemos os detalhes mais íntimos sobre Muhammad e sobre a sua vida na Arábia no início do século VII.

A seguir está uma breve visão geral dos exigentes padrões de autenticação de *ahadith*: *Ahadith* individuais são classificados numa de duas grandes categorias – *Sahih* (autêntico) e *Da'if* (fraco). *Ahadith sahih* são ainda subdivididos em quatro subcategorias, todas as quais são aceites, enquanto que *ahadith* fracos são subdivididos em mais de trinta subcategorias, todas as quais são rejeitadas. Para que um *hadith* seja aceite, o *sanad* (cadeia de transmissão) deve ser uma cadeia ininterrupta de narradores que vá até ao Profeta. Cada narrador nesta cadeia tem de ter sido uma pessoa justa e honesta, conhecido por ter uma memória forte e registros precisos. O texto do *hadith* em si não deve ter quaisquer defeitos internos, e não deve entrar em conflito com outros *ahadith* aceites ou com o Alcorão. *Cada* um dos requisitos acima tem uma infinidade de desqualificadores, totalizando vinte e cinco categorias de desqualificação. Por exemplo, um narrador teria sido desqualificado se fosse desequilibrado mentalmente, se fosse não-muçulmano (e, portanto, mais suscetível a subverter a religião), imaturo, um inovador (de religião), um mentiroso (ou mesmo se apenas acusado de mentiroso), conhecido por ter cometido grandes pecados ou ter persistido na prática de pecados menores, ou alguém que não conseguisse exemplificar valores louváveis.

A precisão era anulada por distração, como em relatar a mesma história em duas ou mais ocasiões com um palavreado diferente, mesmo se este não mudasse o significado. Registros reconstruídos depois de terem sido perdidos num desastre natural como um incêndio não são

aceites, e um narrador cuja história conflituasse com um *hadith* de autenticação mais alta encontraria *toda a sua coleção* de *ahadith* desclassificada. Até mesmo defeitos internos simples desqualificariam um *hadith*. Por exemplo, se um professor relatar um *hadith*, e explicar uma palavra sem o aluno compreender que a explicação não é parte do *hadith*, e o estudante posteriormente relatar o *hadith* completo com a explicação, a narração do *hadith* do aluno seria desclassificada. Até um erro simples, tal como a transposição de dois nomes na cadeia de transmissão (e, certamente, a perda de um nome na cadeia) traz desqualificação, mesmo que o corpo do texto permaneça inalterado.

Os *ahadith* são subdivididos pelo *sanad* (cadeia de narração) nos modos de transmissão*Mutawatir* e *Ahad*. Um *hadith Mutawatir* é um *hadith* relatado por um número suficientemente grande de narradores (um mínimo de quatro, mas normalmente dez ou mais) o que impede a criação de uma mentira, *desde o início até ao fim da cadeia de narradores*. Como seria considerado impossível que os narradores tivessem inventado uma mentira? Através de razões práticas, tais como os narradores nunca se terem conhecido, tendo sido geograficamente isolados uns dos outros, ou porque os narradores eram todos conhecidos como tendo possuído um caráter impecável, o que significaria que a mentira teria sido inconsistente com o testemunho das suas vidas.

Qualquer *hadith* transmitido através dos séculos por uma cadeia de narração menor do que *Mutawatir* é classificado como *Ahad*, que se divide em três subcategorias. Um *hadith* relatado por mil testemunhas confiáveis em cada cadeia do *sanad* da narração, com a exceção de um estágio que tem menos de quatro narradores, automaticamente é rebaixado para a classe de *Ahad*.

As duas classificações – uma por autenticidade e outra por modo de transmissão – são em

grande medida complementares, pois um hadith *Sahih* (autêntico) com uma cadeia de transmissão *Mutawatir* certamente merece mais respeito do que um *hadith Da'if* (fraco) com um *Sanad Ahad*. *Ahadith* fabricados, ao que parece, têm pouca oportunidade de passar através de qualquer um destes filtros de autenticação, mas passar pelos dois seria passar as fronteiras do impossível.

Bibliografia

Achtemeier, Paul J. (Editor Geral). *Harper's Bible Dictionary*. 1985. Nova Iorque: Harper and Row.

Aland, Kurt e Barbara Aland. 1995. *The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism*. William B. Eerdmans Publishing Co.

Aland, Kurt, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger & Allen Wikgren (Editores). 1968. *The Greek New Testament*. Segunda Edição. United Bible Societies.

Arberry, A. J. 1996. *The Koran Interpreted*. A Touchstone Book: Simon & Schuster.

Arbuthnot, F. F. 1885. *The Construction of the Bible and the Korân*. Londres: Watts & Co.

Ayto, John. *Dictionary of Word Origins*. 1991. Nova Iorque: Arcade Publishing, Inc.

Baigent, Michael e Richard Leigh. 1993. *The Dead Sea Scrolls Deception*. Simon & Schuster.

BeDuhn, Jason David. 2003. *Truth in Translation*. University Press of America, Inc.

The Bible, Revised Standard Version. 1977. Nova Iorque: American Bible Society.

Burman, Edward. 1984. *The Inquisition: The Hammer of Heres*y. Nova Iorque: Dorset Press.

Butler, Trent C. (Editor Geral). 1991. *Holman Bible Dictionary*. Nashville: Holman Bible Publishers.

Buttrick, George Arthur (Ed.). 1962 (Impressão de 1996). *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. Nashville: Abingdon Press.

Buzzard, Anthony. 2007. *Jesus Was Not a Trinitarian*. Restoration Fellowship.

Cadoux, Cecil John. 1948. *The Life of Jesus. Middlesex*: Penguin Books.

Carmichael, Joel, M.A. 1962. *The Death of Jesus*. Nova Iorque: The Macmillan Company.

Carroll, Lewis. 1905. *Alice's Adventures in Wonderland*.

Catholic Encyclopedia. CD-ROM; edição de 1914

Chamberlin, E. R. 1993. *The Bad Popes.* Barnes & Noble, Inc.

Chapman, Dom John. 1907. *The Condemnation of Pope Honorius.* Londres: Catholic Truth Society.

Cohen, J.M. e M.J. 1996. *The Penguin Dictionary of Twentieth-Century Quotations*. Penguin Books.

Conybeare, Fred. C., M.A. 1898. *The Key of Truth*. Oxford: Clarendon Press.

Cross, F. L. e E. A. Livingstone (editores). 1974. *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Londres: Oxford University Press.

Dawud, Abdul-Ahad (Anteriormente conhecido como Reverendo David Benjamin Keldani, Bispo de Urâmia). 1992. *Muhammad in the Bible*. Jeddah: Abul-Qasim Publishing House.

Douglas, J. D. (Editor Geral). *The New International Dictionary of the Christian Church*. 1978. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House.

Dow, Lorenzo. *Reflections on the Love of God*.

Dummelow, Rev. J. R. (editor). 1908. *A Commentary on the Holy Bible*. Nova Iorque: Macmillan Publishing Co., Inc.

Easton, M. G., M.A., D.D. 1897. *Easton's Bible Dictionary*. Nashville: Thomas Nelson

Publishers.

Ehrman, Bart D. 2009. *Jesus, Interrupted*. HarperOne.

Ehrman, Bart D. 2005. *Lost Christianities*. Oxford University Press.

Ehrman, Bart D. 2003. Lost Scriptures: Books that Did Not Make It into the New Testament. Oxford University Press. Ehrman, Bart D. 2005. *Misquoting Jesus*. HarperCollins.

Ehrman, Bart D. The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings. 2004. Oxford University Press.

Ehrman, Bart D. 1993. The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament. Oxford University Press.

Eisenman, Robert e Michael Wise. 1993. *The Dead Sea Scrolls Uncovered*. Penguin Books.

Encyclopaedia Britannica. 1994–1998. CD-ROM.

Encyclopaedia Judaica. 1971. Jerusalem: Keter Publishing House Ltd.

Findlay, Rev. Adam Fyfe, M.A., D.D. 1929. *The History of Christianity in the Light of Modern Knowledge*. Londres: Blackie & Son, Ltd.

Funk, Robert Walter. 1996. *Honest to Jesus, Jesus for a New Millennium*. Polebridge Press.

Funk, Robert W., Roy W. Hoover, e o Seminário de Jesus. 1993. *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus.* HarperCollins Publishers.

Gehman, Henry Snyder (editor). 1970. *The New Westminster Dictionary of the Bible*. The Westminster Press.

Gibbon, Edward, Esq. 1854. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Londres: Henry G. Bohn.

Gilbert, Arthur. 1968. *The Vatican Council and The Jews*. Nova Iorque: The World Company Editorial.

Goodspeed, Edgar J. 1946. *How to Read the Bible*. The John C. Winston Company.

Guillaume, Alfred. 1990. *Islam*. Penguin Books.

Guinness Book of Knowledge. 1997. Guinness Publishing.

Gwatkin, H.M. 1898. *The Arian Controversy*. Londres: Longmans, Green, e Co.

Hart, Michael H. 1998. *The 100: A Ranking of the Most Influential Persons in History*. Citadel Press.

Hastings, James (editor). 1913. *The Encyclopedia of Religion and Ethics*. Charles Scribner's Sons.

Hastings, James (editor); Edição revisada por Frederick C. Grant e H. H. Rowley. 1963. *Dictionary of The Bible*. Segunda Edição. Charles Scribner's Sons.

The Holy Bible, New King James Version. 1982. Thomas Nelson Publishers.

The Holy Bible, New Revised Standard Version. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House.

Huxley, Thomas H. 1870. *Discourse Touching The Method of Using One's Reason Rightly and of Seeking Scientific Truth*.

Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah*.

The Interpreter's Bible. 1957. Nashville: Abingdon Press.

Kee, Howard Clark (Notas e Referências por). 1993. *The Cambridge Annotated Study*

Bible, New Revised Standard Version. Cambridge University Press.

Kelly, J. N. D. 1978. *Early Christian Doctrines*. San Francisco: Harper & Brothers Publishers.

Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich (editores). 1985. *Theological Dictionary ofthe New Testament*. Traduzido por Geoffrey W. Bromiley. William B. Eerdmans Publishing Co., Paternoster Press Ltd.

Küng, Hans. 2007. *Islam, Past, Present and Future*. One World Publications.

Lea, Henry Charles. 1958. *A History of the Inquisition of the Middle Ages*. Nova Iorque: Russell & Russell.

Lehmann, Johannes. 1972. *The Jesus Report*. Traduzido por Michael Heron. Londres: Souvenir Press.

Lejeune, Anthony. 1998. *The Concise Dictionary of Foreign Quotations*. Stacey London.

Londres *Daily News*. June 25, 1984.

McBrien, Richard P. (Editor Geral). 1995. *HarperCollins Encyclopedia of Catholicism*. Nova Iorque: HarperCollins Publishers.

McManners, John (Editor). 1990. *The Oxford Illustrated History of Christianity*. Oxford University Press.

Meagher, Paul Kevin OP, S.T.M., Thomas C. O'Brien, Sister Consuelo Maria Aherne, SSJ (editores). 1979. *Encyclopedic Dictionary of Religion*. Philadelphia: Corpus Publications.

Metzger, Bruce M. 1963. "Explicit References in the Works of Origen to Variant Readings in New Testament Manuscripts," em J. N. Birdsall e R. W. Thomson (ed.), *Biblical And Patristic Studies In Memory Of Robert Pierce Casey*. Herder: Frieburg.

Metzger, Bruce M. 2005. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. Deutsche

Bibelgesellschaft, D–Stuttgart.

Metzger, Bruce M. and Ehrman, Bart D. 2005. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. Oxford University Press.

Michener, James A. May, 1955. "Islam: The Misunderstood Religion," in *Reader's Digest* [Edição Americana].

Motley, John Lothrop. 1884. *The Rise of the Dutch Republic: A History*. Londres: Bickers & Son.

Musnad Ahmad.

Myers, Jacob M. 1966. *Invitation to the Old Testament*. Nova Iorque: Doubleday & Company.

New Catholic Encyclopedia. 1967. Washington, D.C.: The Catholic University of America.

The New International Encyclopaedia. 1917. 2nd Ed. Nova Iorque: Dodd, Mead and Company.

Nostra Aetate. 28 October 1965. Item #4. Official publication of the Vatican website: www.vatican.va.

Nydell, Margaret K. 2006. *Understanding Arabs*. Intercultural Press. Ostrogorsky, George. 1969. *History of the Byzantine State*. (Traduzido do alemão por Joan Hussey). New Brunswick: Rutgers University Press.

Parke, David B. 1957. *The Epic of Unitarianism*. Boston: Starr King Press.

Powell, J. Enoch. 1994. *The Evolution of the Gospel*. Yale University Press.

Reumann, John. 1991. *Variety and Unity in New Testament Thought*. Oxford University Press.

Roth, Cecil B. Litt., M.A., D. Phil. e Geoffrey Wigoder, D. Phil. (editores principais). 1975. *The New Standard Jewish Encyclopedia*. W. H. Allen.

Sahih Al-Bukhari

Sale, George. 1734. *The Koran*. Londres: C. Ackers.

Scofield, C. I., D.D. (Editor). 1970. *The New Scofield Reference Bible*. Nova Iorque: Oxford University Press.

Shakespeare, William. *The Merchant of Venice*.

Shaw, George Bernard. 1944. *Everybody's Political What's What?*

Stanton, Graham N. 1989. *The Gospels and Jesus*. Oxford University Press.

Strong's Exhaustive Concordance of the Bible. 1980. World Bible Publishers.

Toland, John. 1718. *Tetradymus; bound with, Nazarenus: or, Jewish, Gentile and Mahometan Christianity*. Londres.

Tugwell, Simon OP. 1989. *The Apostolic Fathers*. Harrisburg, Pennsylvania: Morehouse Publishing.

Twain, Mark. *Following the Equator*. "Pudd'nhead Wilson's New Calendar."

Wakefield, Gilbert, B.A. *An Enquiry into the Opinions of the Christian Writers ofthe Three First Centuries Concerning the Person of Jesus Christ*. 1824. Editor's dedication.

Wallace, Robert, F.G.S. 1850. *Antitrinitarian Biography*. Londres: E.T. Whitfield.

Weiss, Johannes. 1909. *Paul and Jesus*. (Traduzido por Rev. H. J. Chaytor). Londres e Nova Iorque: Harper and Brothers.

Wells, H. G. 1921. *The Outline of History*. Quarta Edição. Volume 2. Section XXXI – "Muhammad and Islam." Nova Iorque: The Review of Reviews Company.

Werblowsky, R. J. Zwi and Geoffrey Wigoder (editores chefe). 1997. *The Oxford*

Dictionary of the Jewish Religion. Oxford University Press.

Wrede, William. 1962. *Paul*. Traduzido por Edward Lummis. Lexington, Kentucky: American Theological Library Association Committee on Reprinting.

Zahrnt, Heinz. 1817. *The Historical Jesus*. (Traduzido do alemão por J. S. Bowden). Nova Iorque: Harper and Row.

Notas Finais

---

[1] Funk, Robert W., Roy W. Hoover, e o Seminário de Jesus. 1993. *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus.* HarperCollins Publishers. p. 9.
[2] Guillaume, Alfred. 1990. *Islam*. Penguin Books. pp. 73–74.
[3] Arberry, A. J. 1996. *The Koran Interpreted*. A Touchstone book: Simon & Schuster. Prefácio, p. 24.
[4] McManners, John (Editor). 1990. *The Oxford Illustrated History of Christianity*. Oxford University Press. p. 22.
[5] Achtemeier, Paul J. (Editor Geral). *Harper's Bible Dictionary*. 1985. Nova Iorque: Harper and Row. p. 163.
[6] A abreviatura EC, significando "Era Comum" ou "Era Cristã", em grande parte substituiu AD na literatura escolar moderna, pois AD (Anno Domini, "o ano do nosso senhor") falha em acomodar religiões não-cristãs.
[7] Meagher, Paul Kevin OP, S.T.M., Thomas C. O'Brien, Sister Consuelo Maria Aherne, SSJ (editores). 1979. *Encyclopedic Dictionary of Religion*. Filadélfia: Corpus Publications. Vol 1. p. 741.
[8] Meagher, Paul Kevin et al. Vol 1, p. 741.
[9] Desde meados do século XIX, alguns têm considerado o Unitarianismo como sinónimo de Universalismo, apesar de terem teologias separadas e distintas. A união da Igreja Universalista da América com a Associação Unitária Americana, em 1961, para formar a Associação Unitária Universalista, fez pouco para aliviar esse mal-entendido. No entanto, enquanto a maioria dos universalistas podem ser unitários, o oposto não é certamente o caso, pois o conceito universalista da salvação de todas as almas é contrário ao credo do Cristianismo Unitário, que ensina a salvação condicionada à crença e prática corretas, de acordo com os ensinamentos de Jesus. Talvez por essa razão, em combinação com a diversidade de crenças universalistas, a Igreja Universalista não foi capaz de formular uma declaração de credo aceite por todos os afiliados. Além disso, a teologia universalista é mais fortemente baseada na filosofia do que na escritura, o que explica a desunião. Para os efeitos deste trabalho, "Cristianismo Unitário" refere-se à teologia unitária clássica baseada na escritura e unida em afirmar a unidade divina. O Universalismo não deve, de todo, ser inferido na menção de Unitarianismo aqui, e não será discutido neste trabalho.
[10]*Encyclopaedia Britannica*. 1994–1998. CD-ROM.
[11] Ehrman, Bart D. 2003. *Lost Christianities*. Oxford University Press. p. 260 – nota final nº1 do Capítulo 1.
[12] Nydell, Margaret K. 2006. *Understanding Arabs*. Intercultural Press. p. 83.
[13] Meagher, Paul Kevin et al. Vol 2, p. 1842.
[14] Ibid.
[15] Parke, David B. 1957. *The Epic of Unitarianism*. Boston: Starr King Press. p. 35.
[16] Sale, George. 1734. *The Koran*. London: C. Ackers. Preface, A2.
[17] Lord George Carey's cover endorsement of Hans Küng's book, *Islam, Past, Present and Future.* One World Publications. 2007.
[18] Küng, Hans. 2007. *Islam, Past, Present and Future*. One World Publications. p. 172.
[19]*Guinness Book of Knowledge*. 1997. Guinness Publishing. p. 194.
[20] Michener, James A. May, 1955. "Islam: The Misunderstood Religion," in *Reader's Digest* [Edição Americana]. p. 73.
[21]*Encyclopaedia Britannica,* CD-ROM.
[22] Huxley, Thomas H. 1870. *Discourse Touching The Method of Using One's Reason Rightly and of Seeking Scientific Truth.*
[23] Meagher, Paul Kevin et al. Vol 2, p. 1843.
[24]*New Catholic Encyclopedia*. 1967. Vol 7. Washington, D.C.: The Catholic University of America. p. 680.
[25] O Islam ensina que, como Deus nunca mudou, o Seu credo também não. Mas as Suas leis, Deus modificou-as periodicamente de acordo com as mudanças na condição humana.
[26] Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah.*
[27] Ibid.
[28]*Musnad Ahmad.*
[29] Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah.*

[30]*Sahih Al-Bukhari.*
[31]*Encyclopaedia Judaica*. 1971. Vol 2. Jerusalem: Keter Publishing House Ltd. p. 54.
[32] Ibid.
[33] Douglas, J. D. (editor geral). *The New International Dictionary of the Christian Church*. 1978. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House. p. 27.
[34]*Encyclopaedia Britannica*. CD-ROM.
[35] Ayto, John. *Dictionary of Word Origins*. 1991. New York: Arcade Publishing, Inc. p. 258.
[36] Achtemeier, Paul J. pp. 684–686.
[37] Werblowsky, R. J. Zwi e Geoffrey Wigoder (editores principais). 1997. *The Oxford Dictionary of the Jewish Religion*. Oxford University Press. p. 277.
[38]*Encyclopaedia Britannica*. CD-ROM. (Na categoria "Elohim").
[39] Hastings, James (editor). 1913. *The Encyclopedia of Religion and Ethics*. Vol. VI. Charles Scribner's & Sons. p. 248.
[40] Achtemeier, Paul J. p. 684.
[41] Ibid.
[42] Ibid.
[43]*Encyclopaedia Judaica*. Vol 7, p. 679.
[44] Douglas, J. D. p. 27.
[45]*Encyclopaedia Britannica*. CD-ROM. (Na categoria "Elohim").
[46] Achtemeier, Paul J. p. 686.
[47] Meagher, Paul Kevin et al. Vol 1, p. 1187.
[48] Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich (editores). 1985. *Theological Dictionary of the New Testament.* Traduzido por Geoffrey W. Bromiley. William B. Eerdmans Publishing Co., Paternoster Press Ltd. p. 325.
[49] Dawud, Abdul-Ahad (Conhecido anteriormente como Reverendo David Benjamin Keldani, Bispo de Urâmia). 1992. *Muhammad in the Bible.* Jeddah: Abul-Qasim Publishing House.p. 14.
[50] Carroll, Lewis. *Alice's Adventures in Wonderland*. Cap. 12.
[51] Aqueles que associam a queima de hereges ao braço punitivo da Igreja Católica Romana podem estar interessados em saber que a prática não era desconhecida para a igreja protestante também. Miguel Servet foi condenado a este destino horrível por ninguém menos que John Calvin, um dos fundadores do Protestantismo. Apesar do fato de que Servet, um espanhol, possuía uma carta de ressalva, ele foi executado em Genebra pelo suposto crime de ser um anabatista e um unitário.
[52] Wallace, Robert, F.G.S. 1850. *Antitrinitarian Biography.* Vol. III. London: E.T. Whitfield. p. 180.
[53] Ibid., p. 190.
[54] Ibid., p. 191.
[55] Parke, David B. pp. 31, 33.
[56] Motley, John Lothrop. 1884. *The Rise of the Dutch Republic: A History*. Volume II. London: Bickers & Son. pp. 155–156.
[57] Wells, H. G. 1921. *The Outline of History*. Volume II. The Macmillan Company. p. 209.
[58] O Sabelianismo era uma heresia cristã primitiva que concebia Deus em unidade, mas trino operacionalmente, sendo manifesto como Criador no Pai, Redentor no Filho, e Santificador no Espírito Santo. O Sabelianismo foi denunciado por Ário e pela igreja trinitária igualmente.
[59] Gwatkin, H.M. 1898. *The Arian Controversy*. London: Longmans, Green, and Co. pp. 32–33.
[60] Ibid., p. 34.
[61] Ibid., p. 35.
[62] Ibid., p. 35.
[63] Ibid., p. 35.
[64] Toland, John. 1718. *Tetradymus; bound with, Nazarenus: or, Jewish, Gentile and Mahometan Christianity*. London. pp. 75–76.
[65] Wells, H. G. 1921. *The Outline of History*. Volume II. The Macmillan Company. p. 91.

[66] Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. p. 1323.
[67] Ibid., p. 1322.
[68] Hastings, James (editor); edição revisada por Frederick C. Grant e H. H. Rowley. 1963. *Dictionary of The Bible*. Segunda Edição. Charles Scribner's Sons. p. 646.
[69] Por exemplo, os reis eram direta ou indiretamente referidos como "os ungidos de Deus" em 1 Samuel 2:10, 12:3, 12:5, 16:6, 23:5, 24:7, 24:11, 26:9, 26:11, 26:16, 26:23; 2 Samuel 1:14, 1:16, 19:22, 22:51, 23.1; Lamentações 4:20; Salmos 2:2; 28:8, 84:9, 132:17.
[70] Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. p. 1323.
[71] Ibid., p. 1323.
[72] Stanton, Graham N. 1989. *The Gospels and Jesus*. Oxford University Press. p. 221.
[73] Gibbon, Edward, Esq. 1854. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Vol. 4. London: Henry G. Bohn. Chapter XXXVII, p. 146.
[74] Mais uma vez, o leitor é remetido para os livros indispensáveis de Bart D. Ehrman, *Misquoting Jesus* e *Lost Christianities*.
[75] Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. p. 607.
[76] Ibid.
[77] Ibid.
[78] Meagher, Paul Kevin et al. Vol. 3, p. 2821.
[79] Werblowsky, R. J. Zwi e Geoffrey Wigoder. p. 540.
[80]*Encyclopaedia Judaica*. Vol. 11, p. 1026.
[81] Werblowsky, R. J. Zwi e Geoffrey Wigoder. p. 540.
[82] Roth, Cecil B. Litt., M.A., D. Phil, e Geoffrey Wigoder, D. Phil. (redatores chefe). 1975. *The New Standard Jewish Encyclopedia*. W. H. Allen. p. 1550.
[83] Werblowsky, R. J. Zwi e Geoffrey Wigoder. p. 540.
[84] Hastings, James. *Dictionary of The Bible*. p. 292.
[85] Myers, Jacob M. 1966. *Invitation to the Old Testament*. New York: Doubleday & Company. p. 26.
[86]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 7, p. 690.
[87] Werblowsky, R. J. Zwi e Geoffrey Wigoder. p. 653.
[88] Hastings, James. *Dictionary of the Bible*. p. 143.
[89] Stanton, Graham N. pp. 224–225.
[90] Carmichael, Joel, M.A. 1962. *The Death of Jesus*. New York: The Macmillan Company. pp. 253–4.
[91] Achtemeier, Paul J. p. 981.
[92]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 13, p. 431. É lembrado ao leitor que o aramaico, o hebraico antigo, e o não tão original "grego original" a partir do qual a Bíblia é traduzida, todos carecem de utilização de maiúsculas. Assim, maiúsculas como o S e M em "Si Mesmo" e "Seu", e a maiúscula F em "Filho" em citações a seguir, refletem o estatuto elevado ao qual os trinitários elevam Jesus Cristo na sua doutrina. Da mesma forma, a utilização da maiúscula na tradução da Bíblia é mais um resultado da convicção religiosa do que precisão escolástica, concebida mais por causa da doutrina do que pela fidelidade às narrativas bíblicas. Para um exemplo flagrante de tal manipulação textual, podemos comparar Mateus 21:9 com Salmos 118:26. Salmos 118:26 registra um "o" com inicial minúscula (por que não dizer não específica?): "Bendito *seja* o que vem em Nome do SENHOR." No entanto, quando Mateus 21:9 cita Salmos 118:26, referindo-se a Jesus como "o" que "vem em Nome do SENHOR", os tradutores da Bíblia convenientemente converteram a minúscula "o" de Salmos 118:26 para uma maiúscula "Ele", num esforço em fazer com que Jesus pareça divino. Para que uma pessoa não faça desculpas, isto não é um erro de digitação; Mateus 23:39 duplica este exagero. O problema é que esta manipulação textual é flagrante. A análise genética das manchas no tecido da história religiosa simplesmente não é necessária, pois o veredicto é óbvio – alguém corrompeu o texto. E, para que uma pessoa não defenda a Bíblia dizendo que esta é uma corrupção muito pequena, qualquer grupo que tome a Bíblia como um livro de orientação encontra-se encostado a um canto pela cautela bíblica de que, "quem é desonesto no pouco, também é desonesto no muito." (Lucas 16:10). Como, então, é que esta citação se aplica aos escribas e tradutores da Bíblia? Pois se eles, tendo sido desonestos no pouco, significa que eles são, de acordo com a

sua própria escritura, “desonestos no muito”, como podemos nós confiar no resto do seu trabalho?
[93] Achtemeier, Paul J. pp. 979–980.
[94] Hastings, James. *Dictionary of The Bible*. p. 143.
[95] Para discussão de João 10:36 – o primeiro e único versículo da Bíblia onde Jesus Cristo poderia ter chamado a si mesmo de um filho *metafórico* de Deus (mas, provavelmente não o fez) – veja o próximo capítulo.
[96] Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. p. 763.
[97] Ibid.
[98] Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. p. 765.
[99] Ibid., p. 767.
[100] Carmichael, Joel. pp. 255–6.
[101] Stanton, Graham N. p. 225.
[102]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 13, p. 426.
[103] O problema com a doutrinação cega é que esta não funciona quando uma pessoa sabe melhor. Um hipocondríaco poderá acreditar que um placebo é um medicamento, se convincentemente apresentado como tal. Através da fé cega no médico, os sintomas imaginários de um hipocondríaco podem ser superados pela convicção de que as pílulas de açúcar prescritas são “apenas o que o médico receitou”. Por outro lado, se o hipocondríaco acreditar que o placebo é um medicamento falsificado, isso não funcionará. Os unitários argumentam que a “Trindade” é um grande placebo doutrinal engolido pela maior parte do mundo do Cristianismo. Crentes abraçam a doutrina confiando à autoridade da sua igreja, não percebendo que lhes está a ser dada uma doutrina feita pelo homem, carente de autoridade divina ou comprovação bíblica.
[104] Esta afirmação pode vir como um choque, pois os cristãos geralmente acreditam que Paulo atribuiu filiação divina a Jesus. É possível que ele o tenha feito, mas dado o fato de que nenhum dos judeus o apedrejaram até à morte por blasfémia, muito provavelmente ele não o fez. A confusão reside em diferenciar os ensinamentos de Paulo dos de teólogos paulinos. Os dois não coincidem necessariamente. Enquanto que Paulo parece ter falado de Jesus Cristo como um “filho de Deus” no sentido metafórico, típico da linguagem da sua época, séculos mais tarde, os produtores da teologia paulina parecem ter manipulado as suas palavras para uma interpretação mais literal. Assim, parece que não era Paulo que considerava Jesus como um literal “filho de Deus”, mas sim aqueles que projetaram uma teologia em seu nome. No fim das contas, é um ponto pequeno e que não importa muito, pois os ensinamentos de Jesus e os de Paulo têm estado, em grande parte, em desacordo (como discutido em capítulos seguintes). Uma pessoa apenas tem de escolher entre os dois lados.
[105]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 13, p. 426.
[106]*Encyclopaedia Britannica*. CD-ROM. (No capítulo “Inquisition”).
[107]Burman, Edward. 1984. *The Inquisition, The Hammer of Heresy*. New York: Dorset Press. p. 62.
[108]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 13, p. 430.
[109]Ibid., p. 429. Veja Mateus 8:28–29 e Lucas 8:26–28.
[110]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 13, p. 429. Compare Mateus 27:54 e Marcos 15:39 com Lucas 23:47.
[111]Shaw, George Bernard. 1944. *Everybody’s Political What’s What?* Cap. 30.
[112]E eles provaram-se muito frutíferos, realmente. Tem de haver alguma razão pela qual centenas de padres católicos tenham contraído e morrido de SIDA, como relatado em *The Kansas City Star* (30 de janeiro de 2000). De acordo com o artigo de primeira página, padres estão a morrer de SIDA numa taxa entre quatro e onze vezes mais que a população geral dos EUA. Certidões de óbito enganosas e falsificadas interrompem a análise, mas “muitos padres e médicos especialistas concordam que pelo menos 300 padres morreram”. De acordo com o artigo, alguns colocam o número próximo a 1000. Excluindo as picadas de mosquito, uma pessoa tem de concluir que uma forte corrente de hipocrisia está a percorrer o clero católico romano. Além disso, no artigo de 1 de Abril de 2002 da *Time Magazine*, intitulado “Can the Church be Saved?” [“Pode a Igreja ser Salva?”], é relatado que aproximadamente 5% dos clérigos católicos são pedófilos. E, no entanto, esta é a qualidade de homens que são escolhidos para ser confiáveis líderes de congregações, conselheiros da fé, e absolvedores de pecados.
[113]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 13, p. 431.
[114]*Catholic Encyclopedia*. CD-ROM. Edição de 1914, na seção “Council of Chalcedon”.

[115]Lehmann, Johannes. 1972. *The Jesus Report*. Traduzido por Michael Heron. London: Souvenir Press. pp. 138–9.
[116]Gehman, Henry Snyder (editor). *The New Westminster Dictionary of the Bible*. 1970. The Westminster Press. p. 958.
[117]Mc Brien, Richard P. (Editor Geral). 1995. *HarperCollins Encyclopedia of Catholicism*. New York: Harper Collins Publishers. p. 1270.
[118]Buzzard, Anthony. 2007. *Jesus Was Not a Trinitarian*. Restoration Fellowship. p. 27.
[119]Cross, F. L. e E. A. Livingstone (editores). 1974. *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. London: Oxford University Press. p. 1393.
[120]Küng, Hans. 2007. *Islam, Past, Present and Future*. One World Publications. p. 509.
[121]Achtemeier, Paul J. p. 1099.
[122]Alguém poderia perguntar porquê, já que Tertuliano tinha tal influência formativa sobre a Trindade, a Igreja nunca o canonizou, como fez com outros padres da Igreja. Por que não há um "São Tertuliano"? A resposta é que Tertuliano mudou as suas opiniões mais tarde na vida, tornou-se um montanista, e morreu com crenças que a Igreja considerou heréticas. Instabilidade teológica sendo uma qualificação pobre para a santidade, a Igreja, no entanto, considerou-o qualificado para propor a teologia sobre a qual esta seria fundada.
[123]Küng, Hans. 2007. *Islam, Past, Present and Future*. One World Publications. p. 504.
[124]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 10, p. 437.
[125]Ibid., p. 433.
[126]McManners, John. p. 72.
[127]Ostrogorsky, George. 1969. *History of the Byzantine State.* (Traduzido do alemão por Joan Hussey). New Brunswick: Rutgers University Press. p. 47–48.
[128]Ibid.
[129]Ibid., p. 49.
[130]Ibid., p. 53.
[131]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 14, p. 295.
[132]Ibid., p. 295.
[133]Ibid., p. 299.
[134]Para detalhes em relação aos credos dos padres ante-nicenos e à evolução da Trindade, veja *The Mysteries of Jesus*, por Ruqaiyyah Waris Maqsood; Sakina Books, Oxford, pp. 194–200.
[135]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 14, p. 306.
[136]Jesus Cristo era mais um profeta na longa linha de profetas enviados aos israelitas extraviados. Como ele tão claramente afirmou: "Eu não fui enviado, *senão* às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mateus 15:24) Quando Jesus enviou os discípulos no caminho de Deus, ele instruiu-os: "Não vos encaminheis aos gentios, nem entreis em cidade alguma dos samaritanos. Antes, porém, buscai as ovelhas perdidas da casa de Israel." (Mateus 10:5-6). Ao longo do seu ministério, Jesus nunca foi registrado como tendo convertido um gentio, e de fato é registrado como tendo inicialmente repreendido uma gentia por ter procurado os seus favores, comparando-a a um cão (Mateus 15:22-28 e Marcos 7:25-30). Jesus era, ele mesmo, um judeu, os seus discípulos eram judeus, e tanto ele como eles dirigiram os seus ministérios aos judeus. Uma pessoa perguntaria o que é que isso significa para nós agora, pois a maioria daqueles que tomaram Jesus como o seu "salvador pessoal" são gentios, e não das "ovelhas perdidas da casa de Israel", a quem ele foi enviado.
[137]Lehmann, Johannes. pp. 125–6.
[138]Ehrman, Bart D. *The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings*. 2004. Oxford University Press. p. 3.
[139]Eisenman, Robert e Michael Wise. *The Dead Sea Scrolls Uncovered*. 1993. Penguin Books. pp. 163, 184, 212–8.
[140]Ibid., p. 234.
[141]Ibid., p. 234.
[142]Lehmann, Johannes. p. 128.
[143]Ibid., p. 134.

[144]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. pp. 97–98.
[145]Ibid., p. 184.
[146]Carmichael, Joel. p. 270.
[147]Wrede, William. 1962. *Paul*. Traduzido por Edward Lummis. Lexington, Kentucky: American Theological Library Association Committee on Reprinting. p. 163.
[148]Weiss, Johannes. 1909. *Paul and Jesus*. (Traduzido por Rev. H. J. Chaytor). London e New York: Harper and Brothers. p. 130.
[149]Baigent, Michael e Richard Leigh. 1993. *The Dead Sea Scrolls Deception*. Simon & Schuster. pp. 181–187.
[150]Hart, Michael H. *The 100, A Ranking of the Most Influential Persons in History*. p. 39 da edição de 1978 porHart Publishing Co.; p. 9 da edição de 1998 por Citadel Press. Vá-se lá perceber.
[151]Lehmann, Johannes. p. 137.
[152]Küng, Hans. 2007. *Islam, Past, Present and Future*. One World Publications. p. 492.
[153]*The Interpreter's Bible*. 1957. Volume XII. Nashville: Abingdon Press. pp. 293–294.
[154]Scofield, C. I., D.D. (Editor). 1970. *The New Scofield Reference Bible*. New York: Oxford University Press. p. 1346 (nota de rodapé para o verso 1 John 5:7).
[155]Aland, Kurt e Barbara Aland. 1995. *The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism*. William B. Eerdmans Publishing Co. p. 311.
[156]Metzger, Bruce M. 2005. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. Deutsche Bibelgesellschaft, D—Stuttgart. P. 647.
[157]Metzger, Bruce M. e Ehrman, Bart D. 2005. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. Oxford University Press. p. 148.
[158]Aqueles que procuram uma exposição mais eloquente de como isto foi feito, e as provas em apoio a esta conclusão, são encaminhados aMetzger, Bruce M. e Ehrman, Bart D. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. pp. 146–149, e a Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. pp. 647– 649.
[159]Gibbon, Edward, Esq. Vol. 4, Capítulo XXXVII, pp. 146–7.
[160]Ehrman, Bart D. 2005. *Misquoting Jesus*. HarperCollins. pp. 81–83.
[161]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 14, p. 306.
[162]Ibid.
[163]Funk, Robert W., Roy W. Hoover, e o Jesus Seminar [Seminário de Jesus]. *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus.* Pp. 36-37, 127, 270.
[164]*Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*. 1980. World Bible Publishers.
[165]Ibid.
[166]Analogias, como o ovo e o ponto triplo da água, merecem contestação, no entanto. No nível mais básico muitos recusam-se a rebaixar a majestade de Deus a uma comparação com qualquer coisa da criação, mas especialmente a algo tão baixo na lista como o produto imundo do trato cloacal de uma galinha cacarejante. Além disso, nada conhecido ao homem existe num estado trino, pois o estado trino não é definido apenas como três elementos que fazem um todo, mas três elementos consubstanciais, coeternos, e co-iguais. A água no ponto triplo pode ser consustancial - tudo de estrutura molecular equivalente. No entanto, as ligações intermoleculares são diferentes e os três estados de vapor, água e gelo não são co-iguais. Ninguém pode fazer chá com gelo ou gelado com vapor. Da mesma forma, as três partes de um ovo não são nem consubstanciais, nem coeternas, nem co-iguais. Não se pode fazer uma omelete com cascas de ovo, ou um merengue com gemas, e qualquer pessoa que coloque a teoria do "coeterno" em teste provavelmente irá encontrar que a hipótese fede depois de um tempo.
[167]Talvez valha a pena sugerir que estes teriam sido versículos extremamente ousados, se Muhammad tivesse sido um falso profeta. Se provas para a Trindade de fato existissem na Bíblia, a reivindicação do Alcorão como revelação teria sido muito facilmente refutada. Além disso, tal recusa enfática da Trindade teria sido uma forma absolutamente peculiar de tentar chamar os cristãos para o Islam. Por um lado, o Alcorão reconhece o nascimento virginal e a missão profética de Jesus, para a alienação do Judaísmo. Por outro lado, o Alcorão nega a Trindade, para a ofensa do Cristianismo. O Alcorão condena o paganismo em termos ainda mais fortes.

Se o Alcorão Sagrado foi a tentativa de um homem em reunir seguidores, certamente faltou apelo tático para judeus, cristãos e pagãos. E na Arábia do tempo de Muhammad, não havia muito mais.
[168]Veja também Mateus 24:36, Lucas 23:46, João 8:42, João 14:24, João 17:6–8, etc.
[169]Carmichael, Joel. p. 203.
[170]Homem: veja Atos 2:22, 7:56, 13:38, 17:31; servo de Deus: veja Atos 3:13, 3:26, 4:27, 4:30.
[171]No passado, alguns teólogos tentaram validar a Encarnação com base em João 1:14 e Colossenses 2: 9. No entanto, diante da moderna crítica textual estes versos têm caído em descrédito, e com razão. João 1:14 fala da "Palavra", que não implica de modo algum divindade, e "o unigénito do Pai", que de nenhuma maneira é uma tradução correta. Ambos os assuntos foram discutidos (e desacreditados) em capítulos anteriores. Quanto aos Colossenses, problemas transcendem o texto incompreensível, começando pelo simples fato de que Colossenses é agora considerado como tendo sido forjado. Para detalhes, veja *Lost Christianities* de Bart D. Ehrman, p. 235.
[172]Gibbon, Edward, Esq. Vol. 5, Capítulo XLVII, p. 207.
[173]Metzger, Bruce M. e Ehrman, Bart D. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. p. 286.
[174]Ehrman, Bart D. *Misquoting Jesus*. p. 157.
[175]Ibid.
[176]Para mais esclarecimentos, veja Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. pp. 573–4.
[177]Ehrman, Bart D. *Misquoting Jesus*. p. 113.
[178]London *Daily News*. June 25, 1984.
[179]O exercício só é válido quando se compara muçulmanos praticantes com cristãos praticantes. Infelizmente, a maioria daqueles que reivindicam o título do Islam nas nações ocidentais ou não praticam, ou são exemplos pobres de virtudes islâmicas. Assim, para ser justa, uma pessoa tem de procurar os melhores exemplos de piedade islâmica, a fim de apreciar a comparação.
[180]Gibbon, Edward, Esq. Vol. 5, Capítulo L, p. 442.
[181]Carmichael, Joel. p. 223.
[182]Para uma breve discussão da metodologia de ahadith, consulte o Apêndice. Para um estudo mais aprofundado, o leitor é encaminhado para *Hadith Literature: Its Origins, Development and Special Features*, por Muhammad Zubayr Siddiqi (Islamic Texts Society, London, 1993), e*Studies in Hadith Methodology and Literature*, por Muhammad Mustafa Azami (American Trust Publications, Indianapolis, 1977).
[183]Funk, Robert Walter. 1996. *Honest to Jesus: Jesus for a New Millennium*. Polebridge Press. p. 8.
[184]Aland, Kurt, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger & Allen Wikgren (Editores). 1968. *The Greek New Testament*. Segunda Edição. United Bible Societies. pp. x– xi.
[185]Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. Introdução, p. 14.
[186]Enquanto que os ahadith estão preservados palavra por palavra, “Há mais diferenças nos nossos manuscritos [bíblicos] do que há palavras no Novo Testamento”.Ehrman, Bart D. *The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings*. pp. 252-253.
[187]Veja *New Catholic Encyclopedia*, Vol 2, p. 395, onde Marcos 16:9-20 está listado entre as “seções deuterocanónicas de autenticidade duvidosa” incluídas na Bíblia cânone pelo decreto de Trento. Veja também as notas de rodapé para estes versículos.
[188]Ehrman, Bart D. *Misquoting Jesus*. pp. 66–67.
[189]*Strong’s Exhaustive Concordance of the Bible*.
[190]Ibid.
[191] Carmichael, Joel. pp. 202–206.
[192]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 4, p. 486.
[193]Ehrman, Bart D. *Misquoting Jesus* e *Lost Christianities.*
[194]Zahrnt, Heinz. 1817. *The Historical Jesus*. (Traduzido do alemão por J. S. Bowden). New York: Harper and Row. p. 42.
[195]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 13, p. 428.

[196]Ehrman, Bart D. *Misquoting Jesus* e*Lost Christianities*.
[197]Kittel, Gerhard eGerhard Friedrich. pp. 876–877.
[198]BeDuhn, Jason David. 2003. *Truth in Translation*. University Press of America, Inc. pp. 158-159, 162.
[199]Ibid., p. 886.
[200]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 10, p. 989.
[201]Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. p. 782.
[202]Achtemeier, Paul J. p. 749.
[203]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 10, p. 989.
[204]Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. p. 783.
[205]Hastings, James. *Dictionary of the Bible*. p. 183.
[206]Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. p. 43.
[207]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 10, pp. 990.
[208]Ibid., pp. 989.
[209]Veja 1 Samuel 10:10, 1 Samuel 11:6, Isaías 63:11, Lucas 1:15, 1:35, 1:41, 1:67, 2:25-26, 3:22, João 20:21-22.
[210]Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. p. 892.
[211]Carmichael, Joel. p. 216.
[212]McManners, John. p. 50.
[213]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. p. 2.
[214] Almeida, J. (1999). *Bíblia e Hinário Novo Cântico, Antigo e Novo Testamentos* (2ª ed.). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.
[215]Gibbon, Edward, Esq. Vol. 6, Chapter LIV, p. 242.
[216]Lea, Henry Charles. 1958. *A History of the Inquisition of the Middle Ages*. New York: Russell & Russell. Vol. I, p. 101.
[217]Conybeare, Fred. C., M.A. 1898. *The Key of Truth*. Oxford: Clarendon Press. Prefácio, p. xi.
[218]Lea, Henry Charles. Vol. I, p. 154.
[219]Ibid., p. 306.
[220]Ehrman, Bart D. 2003. *Lost Scriptures: Books that Did Not Make It into the New Testament*. Oxford University Press. p. 2.
[221]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 8, p. 338.
[222]Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. p. 54.
[223]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 8, p. 339.
[224]Ibid., p. 339.
[225] Em Mateus 15:9 lê-se: "'Em vão me adoram; pois ensinam doutrinas que não passam de regras criadas por homens.'" (Bíblia King James Atualizada)
[226]Twain, Mark. *Following the Equator*. Cap. 12. "Pudd'nhead Wilson's New Calendar."
[227]Shakespeare, William. *The Merchant of Venice*. Ato I, Cena 3.
[228]Dow, Lorenzo. *Reflections on the Love of God*.
[229]BeDuhn. p. 161.
[230]Buttrick, George Arthur (Ed.). 1962 (Impressão de 1996). *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. Volume 4. Nashville: Abingdon Press. pp. 594–595 (Subtexto, NT).
[231]Ehrman, Bart D. *Misquoting Jesus*. p. 88.
[232]Ibid., *Lost Christianities*. p. 78.
[233]Ibid., *Misquoting Jesus*. p. 89.
[234]Ibid., *The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings*. p. 12.
[235]Ibid., *Lost Christianities*. p. 49.
[236]Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. Introdução, p. 1.
[237]Funk, Robert W., Roy W. Hoover, e o Jesus Seminar. *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus.* p. 6.
[238]Ibid., p. 6.

[239]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities* e *Misquoting Jesus*.
[240]Metzger, Bruce M. e Ehrman, Bart D. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. p. 275.
[241]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. pp. 49, 217, 219–220.
[242]Ibid., p. 219.
[243]Metzger, Bruce M. e Ehrman, Bart D. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. p. 265. Veja também Ehrman, *Orthodox Corruption of Scripture*.
[244]Ehrman, Bart D. 1993. *The Orthodox Corruption of Scripture*. Oxford University Press. p. xii.
[245]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. p. 220.
[246]Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. Introdução, p. 3.
[247]Ibid., p. 10.
[248]Metzger, Bruce M. e Ehrman, Bart D. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. p. 343.
[249]Funk, Robert W., Roy W. Hoover, e o Jesus Seminar. *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus,* p. 5.
[250]Powell, J. Enoch. 1994. *The Evolution of the Gospel*. Yale University Press. p. xx.
[251]Ibid., p. xxi.
[252]Ehrman, Bart D. *Misquoting Jesus*. pp. 62–69.
[253]Ibid., p. 68.
[254]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. pp. 9–11, 30, 235–6.
[255]Ibid., p. 235.
[256]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. p. 3, 235. Veja também Ehrman, Bart D. *The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings*. p. 49.
[257]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. p. 235.
[258]Stanton, Graham N. p. 19.
[259]Funk, Robert W., Roy W. Hoover, e o Jesus Seminar. *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus.* p. 20.
[260]Ehrman, Bart D. 2009. *Jesus, Interrupted*. HarperOne. p. 5.
[261]Ehrman, Bart D. *Jesus, Interrupted*. p. 112.
[262]Kee, Howard Clark (Notas e Referências por). 1993. *The Cambridge Annotated Study Bible, New Revised Standard Version*. Cambridge University Press. Introdução ao evangelho de "João".
[263]Butler, Trent C. (Editor Geral). *Holman Bible Dictionary*. Nashville: Holman Bible Publishers. Na seção "John, the Gospel of."
[264]Easton, M. G., M.A., D.D. *Easton's Bible Dictionary*. Nashville: Thomas Nelson Publishers. Na seção "John the Apostle."
[265]Goodspeed, Edgar J. 1946. *How to Read the Bible.* The John C. Winston Company. p. 227.
[266]Stanton, Graham N. pp. 134–135.
[267]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. p. 236.
[268]Ibid., p. 235.
[269]Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. Introdução, p. 14.
[270]Ibid., p. 11.
[271]Metzger, Bruce M. e Ehrman, Bart D. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. p. 316.
[272]Ibid., p. 343.
[273]Metzger, Bruce M. 1963. "Explicit References in the Works of Origen to Variant Readings in New Testament Manuscripts," in J. N. Birdsall e R. W. Thomson (ed.), *Biblical And Patristic Studies In Memory Of Robert Pierce Casey*. Herder: Frieburg. pp. 78-79.
[274]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. p. 217, 221–227.
[275]Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. p. 388.
[276]Funk, Robert W., Roy W. Hoover, e o Jesus Seminar. *The Five Gospels: The Search for the Authentic*

Words of Jesus. p. 10.
[277]Funk, Robert W., Roy W. Hoover, e o Jesus Seminar. *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus.* p. 21.
[278]Funk, Robert W., Roy W. Hoover, e o Jesus Seminar. *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus.* p. 22.
[279]Citado de: Cohen, J.M. e M.J. 1996. *The Penguin Dictionary of Twentieth- Century Quotations*. Penguin Books. p. 273.
[280] Este versículo, na versão inglesa da Bíblia, traduz diretamente para "E aqueles que estavam comigo viram a luz e temiam, mas eles *não ouviram a voz* daquele que falava comigo."
[281]A suposta visão de Paulo (conforme discutido nos números 31 e 32 acima) é a pedra angular da qual a ideologia trinitária depende, pois se o testemunho de Paulo fosse desacreditado, de que outro autor da Bíblia teria origem a ideologia trinitária? O fato de que os três relatos da visão de Paulo diferem é motivo de preocupação. Poderiam estas inconsistências ser sinais de uma mentira? Além disso, não devemos esquecer as diferenças entre os quatro evangelhos sobre os acontecimentos que se seguiram à suposta crucificação, conforme descrito no capítulo, "Divindade de Jesus? As 'Evidências'".
[282]Citado de: Lejeune, Anthony. 1998. *The Concise Dictionary of Foreign Quotations*. Stacey London. p. 7.
[283] Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. p. 102.
[284] Funk, Robert W., Roy W. Hoover, e o Jesus Seminar. *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus.* p. 27.
[285]Cadoux, Cecil John. 1948. *The Life of Jesus*. Middlesex: Penguin Books. p. 16–17.
[286]Funk, Robert Walter. 1996. *Honest to Jesus, Jesus for a New Millennium*. Polebridge Press. pp. 94–95.
[287]Esta citação tem um século de idade. Até hoje, foram descobertos 5.700 manuscritos gregos.
[288]Dummelow, Rev. J. R. (editor). 1908. *A Commentary on the Holy Bible*. New York: Macmillan Publishing Co., Inc. Introdução, p. xvi.
[289]Cadoux, Cecil John. p. 16.
[290]Findlay, Rev. Adam Fyfe, M.A., D.D. 1929. *The History of Christianity in the Light of Modern Knowledge*. London: Blackie & Son, Ltd. p. 318.
[291]Ibid., p. 320.
[292]Ehrman, Bart D. *The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings*. p. 57.
[293]Para mais informação, veja see Stanton, Graham N. 1989. *The Gospels and Jesus*. Oxford University Press. pp. 24–26.
[294]Citado de: Lejeune, Anthony. 1998. *The Concise Dictionary of Foreign Quotations*. Stacey London. p. 72.
[295]Achtemeier, Paul J. p. 111.
[296]Reumann, John. 1991. *Variety and Unity in New Testament Thought*. Oxford University Press. p. 281.
[297] Stanton, Graham. p. 135.
[298]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 2, p. 386.
[299]Ibid., p. 386.
[300]Ibid., p. 386.
[301]Ibid., p. 391.
[302]Ibid., p. 395.
[303]Ibid., p. 395.
[304]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. p. 54, e *Misquoting Jesus*. p. 36.
[305]Ehrman, Bart D. *Lost Christianities*. p. 231.
[306]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 2, p. 395.
[307]Chapman, Dom John. 1907. *The Condemnation of Pope Honorius.* London: Catholic Truth Society. p. 25.
[308]Ibid., pp. 114–115.
[309]Ibid., p. 115.
[310]*Encyclopaedia Britannica*. CD-ROM.
[311]*New Catholic Encyclopedia.* Vol 7, pp. 123–125.
[312]Chamberlin, E. R. 1993. *The Bad Popes.* Barnes & Noble, Inc., p. 43–44. A subcitação é atribuída a

Liudprand of Cremona, *Liber de Rebus Gestis Ottonis*, traduzido por F. A. Wright. London, 1930. Capítulo x.
[313]Ibid., p. 70–71.
[314]Baldassare Cossa (1360-1419), não confundir com o Papa João XXIII do século XX. Na sua obra *History of the Decline and Fall of the Roman Empire* [*História do Declínio e Queda do Império Romano]*, Gibbon acusou o Papa João XXIII do século XV de "pirataria, assassinato, sodomia, violação e incesto." Ele foi deposto em 1415 e o seu título foi invalidado, de modo que o próximo Papa João, ou seja, do século XX, se tornou o verdadeiro Papa João XXIII aos olhos da Igreja.
[315]Chamberlin, E. R. p. 158.
[316]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 3, p. 365.
[317]*Nostra Aetate*. 28 October 1965. Item nº4. Publicação official do website do Vaticano: www.vatican.va.
[318]Gilbert, Arthur. 1968. *The Vatican Council and The Jews*. New York: The World Publishing Company. p. 7.
[319]*New Catholic Encyclopedia*. Vol 4, p. 486.
[320]Ibid., pp. 485–6.
[321]Ibid., p. 486.
[322]Citado de: Lejeune, Anthony. 1998. *The Concise Dictionary of Foreign Quotations*. Stacey London. p. 105.
[323]*Guinness Book of Knowledge*. p. 195.
[324]*Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*.
[325]Metzger, Bruce M. e Ehrman, Bart D. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. p. 322.
[326]Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. p. 103.
[327]Ibid., p. 103.
[328]Ibid., pp. 103–4.
[329]The Bible, Revised Standard Version [A Bíblia, Versão Padrão Revisada]. 1977. New York: American Bible Society. Footnote at end of "Mark."
[330]*The Interpreter's Bible*. p. 915.
[331]Ibid.
[332] Ibid.
[333]Kelly, J. N. D. 1978. *Early Christian Doctrines*. San Francisco: Harper & Brothers Publishers. p. 60.
[334]Arbuthnot, F. F. 1885. *The Construction of the Bible and the Korân*. London: Watts & Co. pp. 8–9.
[335]Goodspeed, Edgar J. pp. 226–7.
[336] Ehrman, Bart D. *The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings*. p. 14.
[337]Ibid., p. 48.
[338] Dummelow, Rev. J. R. Introdução, p. xvi.